

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS**  
**DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

Nova Iguaçu em transe: jornalismo, política e visões de cidade  
(1945-1964)

MARIA LÚCIA BEZERRA DA SILVA ALEXANDRE

Rio de Janeiro

2021

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS**  
**CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA**  
**CONTEMPORÂNEA DO BRASIL**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS**  
**CULTURAIS**  
**DOUTORADO EM HISTÓRIA, POLÍTICA E BENS CULTURAIS**

Nova Iguaçu em transe: jornalismo, política e visões de cidade  
(1945-1964)

MARIA LÚCIA BEZERRA DA SILVA ALEXANDRE

Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil como requisito para a obtenção do grau de Doutora em História, Política e Bens Culturais.

Professor orientador acadêmico: Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia

Rio de Janeiro

2021

MARIA LUCIA BEZERRA DA SILVA ALEXANDRE

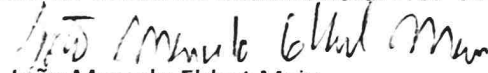
“NOVA IGUAÇU EM TRANSE: JORNALISMO, POLÍTICA E VISÕES DE CIDADE (1945-1964)”.


Tese apresentado(a) ao Curso de Doutorado em História, Política e Bens Culturais do(a) Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil da Fundação Getúlio Vargas, para obtenção do grau de Doutor(a) em História, Política e Bens Culturais.

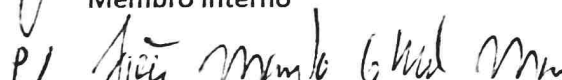
Data da defesa: 30/04/2021


ASSINATURA DOS MEMBROS DA BANCA EXAMINADORA


Presidente da Comissão Examinadora: Prof<sup>o</sup> João Marcelo Ehlert Maia

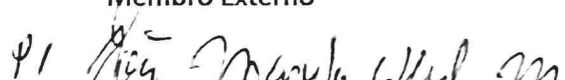
  
João Marcelo Ehlert Maia  
Orientador

  
Bernardo Borges Buarque de Hollanda  
Membro Interno

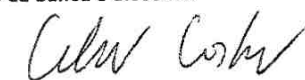
  
Ynae Lopes dos Santos  
Membro Externo

  
Felipe Augusto dos Santos Ribeiro  
Membro Externo

  
Maria Alice Rezende de Carvalho  
Membro Externo

  
Álvaro Pereira do Nascimento  
Membro Externo

Nos termos da Lei nº 13.979 de 06/02/20 - DOU nº 27 de 07/02/20 e Portaria MEC nº 544 de 16/06/20 - DOU nº 114 de 17/06/20 que dispõem sobre a suspensão temporária das atividades acadêmicas presenciais e a utilização de recursos tecnológicos face ao COVID-19, as apresentações das defesas de Tese e Dissertação, de forma excepcional, serão realizadas de forma remota e síncrona, incluindo-se nessa modalidade membros da banca e discente.



Celso Corrêa Pinto de Castro  
Diretor



Antonio de Araujo Freitas Junior  
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação FGV

Antonio Freitas, PhD  
Pró-Reitor de Ensino, Pesquisa e Pós-Graduação  
Fundação Getúlio Vargas

Instrução Normativa nº 01/19, de 09/07/19 - Pró-Reitoria FGV

Em caso de participação de Membro(s) da Banca Examinadora de forma não-presencial\*, o Presidente da Comissão Examinadora assinará o documento como representante legal, delegado por esta I.N.

\*Skype, Videoconferência, Apps de vídeo etc

Alexandre, Maria Lúcia Bezerra da Silva

Nova Iguaçu em transe : jornalismo, política e visões de cidade (1945-1964) /  
Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre. – 2021.

204 f.

Tese (doutorado) – Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio  
Vargas, Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais.

Orientador: João Marcelo Ehlert Maia.

Inclui bibliografia.

1. Imprensa – Nova Iguaçu (RJ) – 1945-1964. 2. Jornalismo – Nova Iguaçu  
(RJ) – 1945-1964. 3. Nova Iguaçu (RJ) – História. 4. História oral. I. Maia, João  
Marcelo Ehlert. II. Escola de Ciências Sociais da Fundação Getúlio Vargas.  
Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais. III. Título.

CDD – 079.8153

**Nome:** ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva

**Título da tese:** *Nova Iguaçu em transe: jornalismo, política e visões de cidade (1945-1964)*

Tese de Doutorado apresentada ao Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil como requisito para a obtenção do grau de Doutora em História, Política e Bens Culturais.

**Banca examinadora**

Prof. Dr. João Marcelo Ehlert Maia (orientador e presidente da banca)  
Fundação Getúlio Vargas/FGV

Prof. Dr. Bernardo Borges Buarque de Hollanda (titular)  
Fundação Getúlio Vargas/FGV

Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento (titular)  
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro/UFFRJ

Prof. Dr. Felipe Augusto dos Santos Ribeiro (titular)  
Universidade Estadual do Piauí/UESPI

Profa. Dra. Maria Alice Rezende de Carvalho (titular)  
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro/PUC-Rio

Profa. Dra. Ynaê Lopes dos Santos (titular)  
Universidade Federal Fluminense/UFF

Prof. Dr. Américo Oscar Guichard Freire (suplente)  
Fundação Getúlio Vargas/FGV

Rio de Janeiro, 30 de abril de 2021.

Dedico esta pesquisa a todos que fizeram da imprensa iguaçuana sua história de vida, representados aqui por Robinson Belém de Azeredo (*in memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

Agradecer passa pelo reconhecimento de que nada pode ser feito sozinho, pois uma tese, independentemente de sua autoria individual, é resultado do esforço coletivo de muitos. Por tudo isso reúno nestas breves linhas minha gratidão às instituições e pessoas responsáveis por tornarem este trabalho possível.

A todas as instituições de pesquisa – Fundação Biblioteca Nacional (FBN), Arquivo Nacional (AN), Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) – que mesmo sob ataque e descontínuo investimento me deram acesso às fontes e dados para a produção desta tese. Em contexto de refutação da ciência e descrédito do funcionalismo público, destaco a luta de todos os servidores pela preservação da história deste país, pois um povo sem memória é um povo sem futuro.

Ao Programa de Pós-Graduação em História, Política e Bens Culturais, do qual fui aluna do Doutorado Acadêmico da Fundação Getúlio Vargas desde 2017. Referência em ensino e pesquisa, o CPDOC proporcionou uma experiência única nos últimos quatro anos, por este motivo meu agradecimento a todo corpo docente, discente, funcionários e setores que contribuíram para o desenvolvimento desta pesquisa.

Ao meu orientador João Marcelo Ehlert Maia, pelo acolhimento desde o primeiro e-mail trocado. Sua gentileza e escuta atenta fizeram com que eu transpusesse as incertezas impostas pelo projeto. Pacientemente conduziu a escrita desta tese, de forma que ela não perdesse sua referencialidade à Baixada Fluminense. Também registro meu agradecimento a todos os integrantes do Laboratório de Pensamento Social (LAPES) e do corpo editorial da revista *Mosaico*, grupos com quem tanto aprendi como partilhei dúvidas sobre o ser pesquisador das Humanidades.

A todos os membros convidados para arguição deste trabalho, por acolherem uma tese que desconstrói historicamente imagens preconcebidas, a respeito de um território lembrado pela reprodução de padrões de violência e pobreza. Neste sentido, também agradeço a todos os pesquisadores que produzem conhecimento científico sobre a Baixada Fluminense, para que projetos e políticas públicas desenvolvam todas as potencialidades daqueles que residem nesta região.

À Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) e ao seu Instituto Multidisciplinar, Campus Nova Iguaçu, agradeço pelo ambiente único e amigável proporcionado durante minha formação como professora e mestre em História Social. A esta

instituição, docentes, estudantes e corpo técnico meu agradecimento por darem vida às possibilidades que hoje tenho, especialmente, a todos os professores, bolsistas e colaboradores do Centro de Documentação e Imagem (CEDIM), espaço onde pude ensinar e aprender sobre ofício do historiador sem jamais perder o afeto e a empatia com o outro.

À toda família Azeredo, sem a qual esta pesquisa seria inviável, especialmente a Robinson Belém de Azeredo (*in memoriam*), que nos deu acesso ao *Correio da Lavoura* e às suas memórias sobre o jornalismo iguaçuano. A Luis Eduardo de Azeredo, por dividir lembranças e registros deixados pelo seu avô, Luiz Martins de Azeredo (*in memoriam*), jornalista e filho da Nova Iguaçu, cidade a que tanto se dedicou. A todos os profissionais da imprensa que com seu trabalho, por vezes tão desvalorizado, ajudaram a escrever uma nova página sobre a Baixada Fluminense.

Aos meus pais, Severino e Irene, pelo amor, incentivo e apoio incondicional até aqui. A todos os meus familiares, que nos momentos de minha ausência sempre fizeram entender que o futuro é feito a partir da constante dedicação no presente. À minha avó Maria Bezerra da Silva (*in memoriam*), mulher, negra e nordestina, que nos deixou na certeza de que seria exemplo de otimismo, alegria e amor ao próximo. Aos tantos amigos de fé, companheiros de trabalhos e irmãos na amizade que fizeram parte da minha formação e que vão continuar presentes em minha vida com toda certeza.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.



“O jornalismo é, antes de tudo, e sobretudo, a prática diária da inteligência e o exercício cotidiano do caráter” (Cláudio Abramo, 1923-1987).

## RESUMO

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *Nova Iguaçu em transe: jornalismo, política e visões de cidade (1945-1964)*. 2021. 204f. Tese (Doutorado em História, Política e Bens Culturais). Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2021.

Esta tese discute a relação entre jornalismo, cidade e modernização social em um território periférico. Ela tem por objeto as disputas entre os semanários *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba*, bem como a trajetória de seus proprietários, entre os anos 1946 e 1964. Fundado em 22 de março de 1917 por Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho, no distrito-sede iguaçuano, o semanário *Correio da Lavoura* nasceu da iniciativa de um letrado negro inserido no seio da elite local. Tendo a lavoura, a higiene e a instrução como lema, o proprietário-fundador fez do seu jornal uma plataforma capaz de reverberar as demandas e iniciativas em torno da citricultura, principal atividade econômica de Nova Iguaçu entre os anos 1920 e 1940. Silvino de Azeredo escreveu a história de sua família nas páginas do hebdomadário, de forma que imagens e textos de seus descendentes agenciassem um modelo bem-sucedido do ser negro na sociedade iguaçuana. Já o *Correio de Maxambomba* foi fundado por Dionísio Bassi em 18 de dezembro de 1955, com o objetivo de descrever as mudanças socioeconômicas e políticas em curso no município de Nova Iguaçu, com destaque para fenômenos como os loteamentos, as migrações e a industrialização nascente. Bassi integrou jornais da capital federal e fez de sua experiência no Partido Comunista Brasileiro (PCB) um trampolim para vida política iguaçuana. Vereador eleito pelo Partido Social Democrático (PSD) por dois mandatos (1946-1949/1955-1958), promoveu a ideia de uma cidade pautada no desenvolvimentismo e no atendimento de pautas populares. A tese lança mão de um conjunto variado de fontes primárias para reconstruir a história dessa tensão entre elites tradicionais e modernas, com destaque para as coleções existentes desses semanários, entrevistas de História Oral, consultas a arquivos locais e acervos policiais.

**Palavras-chave:** Imprensa. Jornalismo. Baixada Fluminense. Nova Iguaçu.

## ABSTRACT

This thesis discusses the relationship between journalism, the city and social modernization in a peripheral territory. It has as object the disputes between the weekly newspapers *Correio da Lavoura* and *Correio de Maxambomba*, as well as the trajectory of its owners, between the years 1946 and 1964. Founded on March 22, 1917 by Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho, in the headquarter district of Iguassu, the weekly *Correio da Lavoura* was born from the initiative of a black scholar inserted in the midst of the local elite. With farming, hygiene and education as a motto, the owner-founder made his newspaper a platform capable of reverberating the demands and initiatives around citriculture, the main economic activity in Nova Iguaçu between the 1920s and 1940s. Silvino de Azeredo wrote the story of his family on the pages of the weekly so that images and texts of his descendants acted as a successful model of being black in Iguassu's society. The *Correio de Maxambomba*, on the other hand, was founded by Dionísio Bassi on December 18, 1955, with the objective of describing the socioeconomic and political Ongoing changes in the municipality of Nova Iguaçu, with emphasis on phenomena such as land allotment, migrations and nascent industrialization. Bassi joined newspapers in the federal capital and made his experience at the Brazilian Communist Party (PCB) a steppingstone for Iguassuan political life. Councilman elected by the Social Democratic Party (PSD) for two terms (1946-1949 / 1955-1958), promoted the idea of a city based on developmentalism and meeting popular agendas. The thesis makes use of a varied set of primary sources to reconstruct the history of this tension between traditional and modern elites, with emphasis on the existing collections of these weeklies, Oral History interviews, consultations with local archives and police collections.

**Keywords:** Press. Journalism. Baixada Fluminense. Nova Iguaçu.

## LISTA DE FIGURAS

|  |     |
|--|-----|
| Figura 1 - Charge em comemoração aos 78 anos do <i>Correio da Lavoura</i> .....                          | 14  |
| Figura 2 - Silvino de Azeredo .....  | 42  |
| Figura 3 - Sylvio Martins de Azeredo .....   | 43  |
| Figura 4 - Membros da família Azeredo na inauguração da Praça Silvino de Azeredo.....                    | 44  |
| Figura 5 - Dionísio Bassi sendo homenageado no Colégio Municipal Monteiro Lobato .....                   | 69  |
| Figura 6 - Anunciantes do <i>Correio da Lavoura</i> em 1924 .....  | 112 |
| Figura 7 - <i>Correio da Lavoura</i> em 1935 .....   | 114 |
| Figura 8 - <i>Correio da Lavoura</i> em 1943 .....   | 115 |
| Figura 9 - <i>Correio da Lavoura</i> em 1955 .....   | 116 |
| Figura 10 - <i>Correio de Maxambomba</i> em 1956 .....   | 124 |
| Figura 11 - <i>Correio de Maxambomba</i> em 1958 .....   | 127 |
| Figura 12 - <i>Correio da Semana</i> em 1963 .....   | 128 |
| Figura 13 - Anúncio do Nova Iguaçu Country Club "seja sócio proprietário" .....                          | 133 |
| Figura 14 - Inauguração da Bayer do Brasil.....  | 141 |
| Figura 15 - Gigantesca indústria de base plantada em Nova Iguaçu (I).....                                | 142 |
| Figura 16 - Gigantesca indústria de base plantada em Nova Iguaçu (II) .....                              | 143 |
| Figura 17 - "Foi comemorada em todo o município o 1º de Maio" .....                                      | 146 |
| Figura 18 - <i>Luta Democrática</i> em 1957 .....  | 148 |
| Figura 19 - Valcir Almeida e Dionísio Bassi em comemoração do segundo ano do <i>Jornal de Hoje</i> ..... | 150 |
| Figura 20 - O golpe civil militar no <i>Correio da Lavoura</i> .....                                     | 165 |
| Figura 21 - O golpe civil militar no <i>Correio da Semana</i> .....                                      | 166 |
| Figura 22 - "Baixada terá jornal diário ainda em 1968" .....   | 173 |
| Figura 23 - Anunciantes do <i>Correio da Semana</i> em 1964 .....  | 177 |
| Figura 24 - Anunciantes do <i>Correio da Lavoura</i> em 1964 .....                                       | 178 |

## LISTA DE TABELAS

|  |     |
|--|-----|
| Tabela 1 - Receita do Município de Nova Iguaçu (1950/1956) .....   | 57  |
| Tabela 2 - Relação dos vereadores eleitos em Nova Iguaçu (1947-1950) .....   | 86  |
| Tabela 3 - Relação dos vereadores eleitos em Nova Iguaçu pelo Partido Social Democrático (PSD) em Nova Iguaçu (1955-1958)..... | 98  |
| Tabela 4 - Comparação dos Itens Gráficos e Editoriais do Correio da Lavoura (1935, 1943 e 1955).....                           | 118 |
| Tabela 5 - Comparação dos Itens Gráficos e Editoriais do <i>Correio de Maxambomba</i> e Correio da Semana (1958 e 1963) .....  | 129 |

## LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

**ABI** – Associação Brasileira de Imprensa

**ACINI** – Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu

**AIL** – Arcádia Iguaçuana de Letras

**AN** – Arquivo Nacional

**ANL** – Aliança Nacional Libertadora

**APERJ** – Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro

**ARENA** – Aliança Renovadora Nacional

**CEDIM** – Centro de Documentação e Imagem

**CL** – *Correio da Lavoura*

**CM** – *Correio de Maxambomba*

**CMNI** – Câmara Municipal de Nova Iguaçu

**CNOP** – Comissão Nacional de Organização Provisória

**CPD'S** – Comitês Populares Democráticos

**CPDOC** – Centro de Pesquisa e Documentação em História Contemporânea do Brasil

**CS** – *Correio da Semana*

**DASP** – Departamento Administrativo do Serviço Público

**DIP** – Departamento de Imprensa e Propaganda

**DNER** – Departamento Nacional de Estradas e Rodagens

**DOPS** – Departamento de Ordem Política e Social

**DSPR** – Diretoria dos Serviços de Profilaxia Rural

**FBN** – Fundação da Biblioteca Nacional

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

**IHGNI** – Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu

**JB** – *Jornal do Brasil*

**LAPES** – Laboratório de Pensamento Social

**MDB** – Movimento Democrático Brasileiro

**NICC** – Nova Iguaçu Country Club

**PCB** – Partido Comunista Brasileiro

**PDC** – Partido Democrata Cristão

**PL** – Partido Libertador

**PR** – Partido Republicano

**PRP** – Partido de Representação Popular

**PSD** – Partido Social Democrático

**PSP** – Partido Social Progressista

**PTB** – Partido Trabalhista Brasileiro

**PTN** – Partido Trabalhista Nacional

**SAPS** – Serviço de Alimentação da Previdência Social

**SIAN** – Sistema de Informação do Arquivo Nacional

**SNA** – Sociedade Nacional de Agricultura

**SNI** – Sistema Nacional de Informação

**TEIF** – Teatro Experimental Itália Fausta

**UDN** – União Democrática Nacional

**UFFRJ** – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

## SUMÁRIO

|   |            |
|---|------------|
| <b>Introdução .....</b>   | <b>14</b>  |
| <b>Capítulo 1 – Jornalismo e elites numa cidade periférica: a família Azeredo e o Correio da Lavoura .....</b>                          | <b>31</b>  |
| 1.1 A família Azeredo.....  | 31         |
| 1.2 O centenário de Nova Iguassú (1933).....  | 48         |
| 1.3 O Correio da Lavoura e a reorganização das elites no contexto de periferização .....  | 55         |
| <b>Capítulo 2 – “O arauto das reivindicações da Baixada Fluminense”: Dionísio Bassi e suas redes (1946 -1958).....</b>                  | <b>69</b>  |
| 2.1 Com a palavra, Dionísio Bassi.....  | 70         |
| 2.2 A família Bassi.....  | 72         |
| 2.3 O arauto da Baixada? .....  | 75         |
| 2.4 Dionísio Bassi e o Partido Comunista Brasileiro (PCB) .....   | 79         |
| 2.5 Dionísio Bassi e o primeiro mandato no legislativo municipal (1947-1950) .....  | 89         |
| 2.6 Dionísio Bassi e o segundo mandato no legislativo municipal (1955-1959) .....   | 95         |
| <b>Capítulo 3 – Imprensa em disputa: uma comparação entre os semanários Correio da Lavoura e Correio de Maxambomba (1957-1964).....</b> | <b>102</b> |
| 3.1 Americanismo, jornalismo e cidade.....  | 103        |
| 3.2 Correio da Lavoura .....  | 107        |
| 3.3 Correio de Maxambomba .....   | 121        |
| 3.4 Correio da Lavoura versus Correio de Maxambomba (1957-1959).....  | 134        |
| <b>Capítulo 4 – O golpe na imprensa iguaçuana: o ano de 1964 nos semanários Correio da Lavoura e Correio da Semana.....</b>             | <b>150</b> |
| 4.1 A Imprensa e a Ditadura Civil Militar .....   | 150        |
| 4.2 1964 nos semanários Correio da Lavoura e Correio da Semana .....  | 154        |
| <b>Considerações finais .....</b>   | <b>184</b> |
| <b>Referências bibliográficas.....</b>  | <b>189</b> |



## Introdução

“Uma semente atirada  
Num solo tão fértil  
Não deve morrer  
É sempre uma nova esperança  
Que a gente alimenta de sobreviver”  
(*Amor à Natureza*, Paulinho da Viola)

**Figura 1 - Charge em comemoração aos 78 anos do *Correio da Lavoura***



Fonte: Acervo do *Correio da Lavoura*. Ney Crespo – 1995

Organizando ideias e papéis localizei uma charge publicada no *Correio da Lavoura* em 25 de março de 1995<sup>1</sup>. Assinada pelo cartunista Ney Crespo, a imagem é formada por um simbólico conjunto de personagens e elementos. No centro está Robinson Belém de Azeredo<sup>2</sup> e sua inseparável máquina de escrever. Ao fundo há uma placa em que diz “CL REDAÇÃO” e logo ao lado, o retrato de Silvino de Azeredo, proprietário fundador do semanário. Sorrindo,

<sup>1</sup> *Correio da Lavoura*, 25-31 mar. 1995, ed. 4.027, p. 1.

<sup>2</sup> Filho de Avelino Martins de Azeredo e Maria José Belém de Azeredo, nasceu em 29 de fevereiro de 1944. Neto de Silvino de Azeredo, fundador e proprietário do semanário *Correio da Lavoura*, o jornalista deu prosseguimento ao centenário jornal iguaçuano. De acordo com o entrevistado, a família de origem pobre fez da imprensa um caminho ímpar na história iguaçuana. Atualmente Vinicius Menezes de Azeredo dirige a redação da folha, fundada em março de 1917 (AZEREDO, Robinson Belém de, 2018).

o jornalista olha para seu ídolo Paulinho da Viola, enquanto o músico dedilha no violão um trecho da composição *Amor à Natureza* (1975). Patriarca, editor-chefe e sambista artisticamente transbordam uma negritude sem estigmas. Exibida com o orgulho, a caricatura produz um positivo conjunto de sentidos sobre a origem deste núcleo familiar negro socialmente bem-sucedido.

Entre falas acaloradas, a charge original me foi dada pelo próprio Robinson de Azeredo, na sede do *Correio da Lavoura*. Enquanto revirava a velha escrivaninha repleta de notas e recortes de jornal, o jornalista murmurava sobre fotografias e memórias da família fundadora do jornal mais antigo da cidade. Naquela candente tarde de setembro de 2018, o editor-chefe discorreu com orgulho sobre a trajetória dos Azeredo, mas não escondeu as dificuldades em manter o *Correio da Lavoura* circulando, mesmo tendo prestado serviços à comunidade por um século.<sup>3</sup> Ao final de duas horas concluímos a entrevista, na certeza de que nos reveríamos muito em breve para elucidar tantas outras questões que permeavam a escrita desta tese.

Tolamente esqueci a efemeridade da vida. Antes que eu pudesse mostrar o resultado desta pesquisa a quem tanto colaborou, quis o destino que Robinson de Azeredo nos deixasse em junho de 2020. Com sua partida, aos 76 anos de idade, a imprensa fluminense perdeu muito da memória produzida por um modelo de jornalismo que se aprendia nas redações. Assim como o jornalista, outros redatores, editores, fotógrafos e proprietários compuseram uma geração em que horas de trabalho não foram devolvidas com prestígio. Ser jornalista não era uma profissão regulamentada, por esse motivo tantos abandonaram o ofício em busca de reconhecimento em áreas financeiramente consolidadas.

Por dez anos tenho investigado homens<sup>4</sup> que fizeram da imprensa também sua história de vida, por este motivo impressos produzidos por famílias como os Azeredo corroboram com a necessidade de se reconhecer o lugar ocupado por eles e por seus escritos. Mesmo sendo

---

<sup>3</sup> Robinson de Azeredo afirmou que o *Correio da Lavoura* “refletia a mentalidade geral da sociedade iguaçuana, atrasada e mesquinha” e que por esta razão o jornal estaria vivendo “a duras penas”. A partir da entrevista concedida pelo jornalista em 2018, outros dados sobre os Azeredo e o semanário serão levantados no Capítulo 1 deste trabalho.

<sup>4</sup> Desde 2009 produzo publicações que discorrem sobre o conceito de memória e imprensa. Ainda na graduação, apresentei painéis sobre o processo de digitalização do semanário *Correio da Lavoura* e suas possibilidades de pesquisa como fonte e objeto. Tratar deste tema em comunicações e grupos de trabalho fizeram com que eu ampliasse minha percepção histórica sobre o campo jornalístico, por este motivo segui investigando matérias e colunas literárias durante o Mestrado. No Doutorado potencializei a relação entre periódicos e a história da Baixada Fluminense, de maneira que eu pudesse ampliar temporalidade e discussão. A partir desta tese pretendo definir outros caminhos para divulgação do conhecimento sobre a imprensa da região, como a produção de conteúdo audiovisual e materiais didáticos para uso nas redes públicas de ensino.

detentores da palavra na cidade, concluí que fatos circunscritos a eles e a outros núcleos familiares foram ocultados da narrativa oficial, dada a sua origem política, socioeconômica, étnica e racial. Não por acaso, é constatável que logradouros, escolas, hospitais e tantos outros prédios públicos situado em Nova Iguaçu repitam sobrenomes de comunidades imigrantes, estadistas, governadores ou políticos locais. Estar a serviço de grupos detentores do capital político e econômico iguaçuano não deu a todos um passaporte definitivo para a história local.

Neste sentido, entendo que a presente tese de doutorado tenha nascido da necessidade de se reconhecer o papel da imprensa iguaçuana na escrita da história fluminense. Por décadas e até séculos, o “quarto poder” foi o único registro produzido por indivíduos e grupos acerca de um cotidiano desconhecido por aqueles que estudam até mesmo história da região metropolitana e do estado do Rio de Janeiro. Também considero dever deste trabalho despertar em jovens pesquisadores, especialmente moradores da Baixada, o desejo em investigar tantas trajetórias, biografias e movimentos que fizeram da imprensa local um caso tão significativo ou mais simbólico do que os jornais da grande imprensa carioca. Fazer com que estudantes de graduação e pós-graduação manuseiem edições completas de jornais como o *Correio da Lavoura* (CL), o *Correio de Maxambomba* (CM)/ *Correio da Semana* (CS), *Jornal de Hoje* (JH), entre outros, de maneira que essas gerações percebam a proficuidade de notícias sobre o lugar em que se vive.

Estas e outras indagações sobre a imprensa iguaçuana surgiram sob orientação do Prof. Dr. Álvaro Pereira do Nascimento,<sup>5</sup> na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, campus Nova Iguaçu. Em 2009 integrei seu projeto de pesquisa, que tinha como objetivo reunir relatos de antigos moradores da Baixada Fluminense, contudo o plano de trabalho foi redefinido, dando enfoque ao semanário *Correio da Lavoura*, jornal fundado por Silvino de Azeredo em 22 de março de 1917, no município de Nova Iguaçu.

Financiados pela Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, fotografamos um século do *Correio da Lavoura* ao longo de dois anos.<sup>6</sup> Em 2012 lançamos um CD-ROM contendo edições comemorativas, história e depoimentos de membros e colaboradores do CL. Sistematizando as edições do semanário, identifiquei trajetórias como a de Luiz Martins de Azeredo, filho do proprietário e fundador Silvino de Azeredo. Dirigindo o jornal desde a

---

<sup>5</sup> Registro meu agradecimento a este parceiro de pesquisa que ao longo destes anos tem me ensinado os caminhos do fazer historiográfico. Esse trabalho é resultado de oportunidades dadas a uma estudante desejosa em fazer a diferença no lugar em que sempre viveu.

<sup>6</sup> O acervo do *Correio da Lavoura* encontra-se no Centro de Documentação e Imagem (CEDIM). As cinco primeiras décadas de sua existência podem ser consultadas no Repositório Institucional da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro RIMA – UFRRJ (<http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/>); e a segunda metade, localmente.

década de 1940, o jornalista produziu matérias e colunas sobre economia, política, habitação, transportes e educação iguaçuana, sendo esta última meu objeto de pesquisa monográfico.<sup>7</sup>

Durante o Mestrado segui investigando o jornal, desta vez matérias sobre a Arcádia Iguaçuana de Letras (AIL),<sup>8</sup> instituição fundada por Luiz de Azeredo e personalidades da elite iguaçuana em meados dos anos 1950. Publicações sobre o grupo me levaram ao seu neto, Luis Eduardo de Azeredo,<sup>9</sup> detentor do acervo institucional e das obras produzidas pela AIL. Entre fontes da Arcádia e matérias publicadas pela família Azeredo, outro semanário iguaçuano adentrou a pesquisa em sua fase de conclusão. O ineditismo do *Correio de Maxambomba* colocou-se em contraponto ao modelo de jornalismo proposto pelo *Correio da Lavoura*, contudo, dado o foco da pesquisa e o limite para defesa, não me ative às questões postas pela então recente descoberta.

Na ausência de estudos sobre a imprensa na Baixada Fluminense, delineei um projeto de Doutorado sobre esses jornais, por isso investiguei o *Correio de Maxambomba*, comumente mencionado em outros trabalhos, mas sem qualquer detalhamento acerca de sua origem, proprietários ou circulação. Buscas no acervo geral da Fundação da Biblioteca Nacional (FBN) permitiram identificar a existência de exemplares do jornal entre os anos de 1958 e 1962,<sup>10</sup> então solicitei que estes fossem microfilmados para consulta. Comitadamente a isso, averigui que seu diretor e proprietário, Dionísio Bassi, teve o nome fichado pela polícia política durante os anos 1940.<sup>11</sup> Pregressa a fundação do semanário, o jornalista passou pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) até a fundação do semanário em 1955,

---

<sup>7</sup> Ver: ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *A educação pelo quarto poder: um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu - 1945-1948)*. Monografia (Licenciatura em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2013.

<sup>8</sup> Ver: ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *Um cenáculo de letrados: sociabilidade, imprensa e intelectuais a partir da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu, - 1955-1970)*. Dissertação (Mestrado em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015.

<sup>9</sup> Nascido em 03 de julho de 1978, Luis Eduardo de Azeredo é filho de Ilse Bento Elias de Azeredo e Ubiraci Lima de Azeredo. Neto mais velho de Luiz de Azeredo, o descendente da família Azeredo discorreu sobre a sua proximidade com o avô e o cuidado do patriarca em preservar a memória da cidade com seus escritos. De acordo com o entrevistado, o jornalista redigiu, revisou e sistematizou informações sobre fatos e personalidades locais até o seu falecimento (AZEREDO, Luis Eduardo, 2018). O acervo produzido por Luiz de Azeredo não foi consultado em sua totalidade, por isso outras pesquisas ainda deverão ser realizadas.

<sup>10</sup> Na metade do doutoramento localizei exemplares publicados entre os anos de 1962 e 1971. As edições encadernadas estão no setor de periódicos da Fundação Biblioteca Nacional sob o nome de *Correio da Semana*, título atribuído pelo fundador a partir de 1961. Destaco que em 1968 Dionísio Bassi lançou o projeto para que o semanário se tornasse diário, movimento que se concretizou em 1970 e perdurou até 1972.

<sup>11</sup> Agradeço ao professor Felipe Augusto dos Santos Ribeiro pelas contribuições dadas ao longo desta pesquisa. Leituras e indicações de fontes sobre o Partido Comunista Brasileiro e seus personagens na Baixada Fluminense lançaram luz sobre a atuação de Dionísio Bassi e seu jornal.

momento em que se desfilou do partido e tornou-se vereador pelo Partido Social Democrático (PSD) pela segunda vez.

O antagonismo entre os jornais e suas lideranças fizeram com que eu aprofundasse a pesquisa em torno dos Azeredo e de Bassi, pois a tese vai demonstrar que o *Correio de Maxambomba* absorveu um padrão americano de impressos, adaptando-o às peculiaridades de uma urbanização periférica. Esse processo foi liderado por um personagem que articulava setores industrializantes e uma frente comunista de corte democrático, num processo que viria a ser interrompido ainda na década de 1960. Já o *Correio da Lavoura* manteve-se fiel a uma tradição patricial de noticiário, e sua resiliência na Baixada Fluminense talvez explique o peculiar padrão de urbanização local e a manutenção de um modelo de cidade em que as letras a “salvaram” do esquecimento.

Entendo que o conceito de elites se define “pela detenção de um certo poder ou então como produto de uma seleção social ou intelectual, e o estudo das elites seria um meio para determinar “quais os espaços e mecanismos do poder nos diferentes tipos de sociedade ou os princípios empregados para o acesso às posições dominantes” (HEINZ, 2006, p. 8). Ao imbuir de significado sociológico, Flávio Heinz retira do termo o peso moral e normativo, e faz com que nos centremos em uma análise das relações destes personagens, que compõe o topo da hierarquia social iguaçuana.

Pesquisas indicam que a família detentora do *Correio da Lavoura* provém de um passado escravista e de que seu fundador, Silvino de Azeredo, nasceu da relação entre um possível proprietário de terras e uma mulher escravizada na velha Iguaçu do século XIX. De acordo com Álvaro Pereira do Nascimento (2013), este homem de cor exemplifica a ascensão social de negros em Iguaçu, dada a distinção conseguida por ele e seus descendentes no jornal instituído durante o pós-abolição. Nos últimos anos, investigações no campo da História da Educação também revelaram detalhes sobre trajetória escolar e profissional desta emblemática personalidade da imprensa fluminense.

Desde a juventude, Silvino Hypólito de Azeredo Coutinho teceu uma extensa rede de possibilidades, dada sua passagem por distintas instituições de ensino. Segundo Amália Dias (2012; 2014), a múltipla formação recebida pelo jornalista fez com que ele estabelecesse vínculos com figuras influentes, dentre as quais figura José do Patrocínio. Estudos sobre o processo de escolarização de homens, mulheres e crianças negras revelam que o acesso aos bancos escolares conferiu um conjunto de possibilidades ainda pouco investigado, por isso o percurso feito por ele até a fundação do *Correio da Lavoura*, em 1917, pode não ter sido o

único na região da Baixada Fluminense. Lecionar, seguir carreira pública e constituir uma numerosa família são itens da cronologia que lhe dariam um lugar de prestígio entre as laranjas e letras iguaçuanas.

Pelas páginas do *Correio da Lavoura*, Silvino de Azeredo escreveu o nome de sua família na história local. Em defesa da lavoura, da instrução e do saneamento o letrado fez do semanário uma plataforma para que lideranças políticas defendessem seus interesses ligados à citricultura, principal atividade econômica do município de Nova Iguaçu na primeira metade do século XX. Mesmo sem estudos específicos sobre a história econômica desta região, dados veiculados sobre o auge e a decadência da produção cítrica no distrito sede iguaçuano evidenciam o papel desempenhado pelos filhos enquanto mantenedores da memória familiar, atrelada ao progresso citricultor da cidade (RODRIGUES, 2006).

A descendência dos Azeredo deu prosseguimento ao legado de parcimônia, austeridade e tradição constituído ao redor do patriarca. Através da educação e do funcionalismo público, o clã constituiu um arcabouço de sucesso, mas foi na imprensa que estes homens e mulheres se consolidaram nas décadas seguintes. Após a morte do pai, Avelino Martins de Azeredo permaneceu gerenciando as contas do jornal, enquanto Luiz Martins de Azeredo se tornou redator alguns anos depois. Anúncios provenientes do comércio local e do poder público fizeram com que o *Correio da Lavoura* seguisse sendo a voz oficial do município, mesmo sem investimentos em novidades editoriais e gráficas.

Esporadicamente, o semanário dividiu espaço com “folhas aventureiras”, mas sem concorrentes que interferissem no seu predomínio no campo jornalístico. O surgimento do *Correio de Maxambomba*, em meados dos anos 1950, fez com que o jornal liderado pelos irmãos Azeredo considerasse tanto a permanência do impresso quanto as mudanças em curso no município. Imerso no campo político iguaçuano desde a era Vargas, o *outsider* Dionísio Bassi decidiu tratar de temas e problemáticas até então “ignoradas” pelo periódico concorrente.

Como tática, atacou problemas locais das classes populares e produtoras. Sua experiência na imprensa carioca fez com que o político fundasse um jornal que falava de uma Nova Iguaçu em transe, atravessada por emancipações, loteamentos, bairros proletários e crescente produção industrial. Com passagem pelas redações cariocas, Dionísio Bassi fez do jornalismo iguaçuano um laboratório em que o *Correio de Maxambomba* tornou-se um exemplo do periodismo moderno. “Preparado, leal e disciplinado”, como bem apontaram Afonso de Albuquerque e Marco Antônio da Silva (2007), o editor provinha dos quadros do

PCB em um momento em que novos procedimentos práticos e discursivos eram evitados pelos velhos jornalistas nas redações, pois “a cultura jornalística por eles compartilhada era hostil às mudanças pretendidas” (Ibidem, p. 3).

Ainda de acordo com Afonso de Albuquerque e Marco Antônio da Silva, a modernização da imprensa no Brasil proporcionou uma boa oportunidade para que comunistas exercessem sua influência nos jornais, ao mesmo tempo em que contribuíram para a elaboração de um modelo americano e mais objetivo. Estrategicamente, a estrutura disciplinar do PCB, coligada a alianças com o empresariado local, fez com que o *Correio de Maxambomba* desempenhasse um papel único no processo de adaptação do jornalismo iguaçuano, ao narrar as transformações socioeconômicas e político-partidárias que resultaram na periferização da Baixada Fluminense.

Instaurada a disputa no campo jornalístico, identifiquei a ausência de estudos que tratassem tanto da região quanto da imprensa nos anos 1950 e 1960. As pesquisas desenvolvidas sobre a Baixada Fluminense concentram-se em períodos específicos de sua história, em especial: a Primeira República, quando consolidou-se a citricultura no município (MORAES, 2016); as décadas que sucedem o golpe civil militar de 1964, circunstância em que se catalisou a organização de movimentos sociais, associações e lideranças religiosas em prol dos direitos humanos (SALES & FORTES, 2016); e por fim, a segunda onda emancipatória das décadas de 1990 e 2000, momento em que municípios como Belford Roxo se organizaram politicamente em torno de personagens históricos, vinculados a grupos de extermínio (ALVES, 2003). Cabe destacar que considero Baixada Fluminense a região formada a partir da Grande Iguaçu no século XX (MARQUES, 2006; SIMÕES, 2007; ROCHA, 2013; SILVA, 2013), por isso estudos que tratem de uma temporalidade anterior a essa não serão tratados neste estudo.<sup>12</sup>

Atualmente, historiadores têm realizado múltiplos esforços de pesquisa, entretanto o número de questões sobre a região é bem maior que produção do campo, por isso muitas investigações ainda têm a imprensa apenas como fonte, e não como objeto. Existem amplas discussões sobre jornais da capital federal durante o todo o Império e a Primeira República, contudo poucos trabalhos sobre impressos na segunda metade do século XX. Pesquisas sobre

---

<sup>12</sup> Inúmeros trabalhos já foram produzidos sobre o Recôncavo da Guanabara, termo usado para definir o “território adjacente à cidade do Rio”, bem como sobre as relações estabelecidas nesta localidade antes do século XX. De acordo com Lucia Silva (2013), narrativas históricas tentam ligá-lo à Baixada Fluminense, contudo este último é um conceito associado às Comissões de Saneamento e à expansão das linhas férreas na região. Sobre o Recôncavo da Guanabara ver: NASCIMENTO, Álvaro Pereira do; BEZERRA, Nielson Rosa (orgs.). *De Iguassu à Baixada Fluminense: histórias de um território*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2019.

a produção jornalística e temas correlatos são igualmente maiores para cidade do Rio de Janeiro, mas para a Baixada Fluminense este tipo de estudo ainda é raro ou inexistente, por isso os questionamentos permanecem diversos.

Quando olhamos para historiografia em âmbito nacional, os saberes produzidos sobre o sistema midiático na Baixada Fluminense são escassos ou inexistentes, a depender da temporalidade e abordagem. Se ajustarmos o foco para os trabalhos desenvolvidos sobre o assunto no estado do Rio de Janeiro, especialmente sobre os municípios fluminenses, o volume de pesquisas torna-se ainda menor. Os principais estudos sobre o tema são datados do final da década de 1990 e início dos anos 2000, não tendo surgido grandes produções acadêmicas e/ou perspectivas nos últimos anos.

Desta forma, para que um estudo sobre a imprensa, política e intelectuais iguaçuano fosse desenvolvido, foi necessário dialogar com autores que analisaram o campo jornalístico, tanto do ponto de vista histórico como técnico e estrutural. A história da imprensa pode ser delimitada a partir de múltiplas perspectivas metodológicas, ou seja, através de fatos políticos, mudanças de caráter institucional, reformas linguísticas, revoluções tecnológicas, reformulação dos padrões culturais e socioeconômicos de uma época.

Dentre os marcos historiográficos está a obra de Nelson Werneck Sodré, *História da Imprensa no Brasil* (1966) e responsável por situar como as mudanças institucionais ocorridas no país – o fim do sistema escravocrata e a implantação do republicanismo – e o avanço do sistema capitalista influenciaram o meio jornalístico, desde o final do século XIX. Quando o autor estabelece o lugar da imprensa dentro deste quadro em mutação, ele está afirmando “a passagem da imprensa artesanal à imprensa industrial, da pequena à grande imprensa” (Ibidem, p. 449).

Para Sodré, a introdução de novas técnicas e formas de produção levaram a indústria do jornal e da revista a um novo patamar, ou seja, no alvorecer do século XX o campo esteve submetido às novas condições universais, dentre as quais o modo norte-americano de fazer e divulgar jornais, que influenciaram o desenvolvimento da imprensa brasileira, sobretudo, nas décadas de 1920 e 1930. Contudo, o fim desta imprensa artesanal, caracterizada pelo individualismo e pelo empreendimento isolado, deve ser tomado com cuidado quando se analisa o caso iguaçuano.

De acordo com a historiografia, os jornais criados entre 1808 e a promulgação da República deixaram de ser artesanais e tomaram vulto industrial, ou seja, as gráficas rudimentares se encaminharam rumo aos padrões industriais. Entretanto, essa proposição se



aplica em menor escala quando olhamos para o caso iguaçuano. O período em que se enquadra a criação do *CL*, assim como o momento do seu auge editorial, não o tornou um periódico com anúncios em cores, aprimoramento de mão de obra gráfica e formato *standard*.<sup>13</sup> As constatações dadas por Werneck Sodré (1966) e Juarez Bahia (1990) indicam que o semanário não acompanhou estas transformações da mesma forma que outros jornais da capital federal.

Mesmo não seguindo todas as mudanças técnicas e estilísticas, o *Correio da Lavoura* se manteve sob controle de opinião do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) durante toda a Era Vargas. Em *História Cultural da Imprensa* (2007, p. 112), Marialva Barbosa afirma que as empresas jornalísticas que não aderissem ao regime estadonovista poderiam ser censuradas e até mesmo fechadas. Como detentor do aparato político e ideológico, o Estado Novo levou adiante seu projeto “formação do estado burocrático e a criação do Departamento de Imprensa e Propaganda”. Contudo, a partir da Assembleia Constituinte de 1946, o país reuniu outros aspectos importantes como o fim da Segunda Guerra Mundial, o pluripartidarismo e o desenvolvimento industrial/urbanístico. Segundo Eliane Basso (2004, p. 51),

o cenário do pós-guerra proporcionou um período em que as empresas jornalísticas passaram a viver uma fase denominada de transição pelos historiadores, que vai refletir no jornalismo praticado até os dias de hoje com a incorporação de técnicas redacionais e os valores imprensa como produto.

Ainda de acordo com a autora, a imprensa nacional recebeu influência do jornalismo norte-americano e “assumiu a feição de uma crença na modernização dos valores sociais e nas representações simbólicas” (Ibidem, idem). O modelo estadunidense foi substituindo o europeu, sobretudo o francês, especialmente nos anos 1950.

Entretanto, quando olhamos para o caso iguaçuano, este conjunto de mudanças se apresenta de forma bem definida. Ao compararmos o *Correio de Lavoura* e o *Correio de Maxambomba*, observa-se no segundo e não no primeiro, o que Alzira Alves de Abreu definiu por “imprensa em transição”. A autora identificou que o jornalismo deste período marcou

a entrada em cena de novas ideias e novos atores, ou a continuidade e permanência de um pensamento social, política e cultural. Isso porque a imprensa tem um duplo papel: ela revela [...] as mudanças que estão

---

<sup>13</sup> O impacto das mudanças técnicas no *Correio da Lavoura* será investigado a partir de entrevistas com o atual proprietário e tataraneto do fundador, Robinson Belém de Azeredo. Outros membros desta rede familiar, netos e sobrinhos, também podem revelar características da redação e produção do jornal.

ocorrendo na sociedade, mas por outro lado, a obriga a acompanhar as transformações (ABREU, 1996, p. 17).

Confluindo com esta perspectiva, Ana Paula Goulart Ribeiro (2003, p. 148) afirmou que as técnicas “americanas impuseram ao jornalismo noticioso um conjunto e restrições formais que diziam respeito tanto à *linguagem* quanto à estrutura do *texto*”. Para Abreu (1996) e Ribeiro (2003), a imprensa brasileira, sobretudo a carioca, foi espaço de modernização e discussão de questões, sem jamais deixar de cumprir sua função claramente política. Em direção oposta ao *CL*, o semanário fundado por Dionísio Bassi posicionou-se a favor da indústria e do comércio para se manter agenciado por representantes destes setores e, ao mesmo tempo, se tornar símbolo integrante do progresso em curso.

Concomitantemente a estas questões, a queda do Estado Novo e o reestabelecimento de um sistema democrático representaram o momento da história fluminense em que a imprensa ganhou mais liberdade para atuar junto aos debates eleitorais. Isto permitiu que outras figuras, como Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque,<sup>14</sup> o homem da capa preta, despontassem no cenário político da Baixada Fluminense. Ao fundar o jornal *Luta Democrática*, esta importante figura da política caxiense fez da imprensa sua plataforma política. O jornal, “[...] que alcançou grande tiragem, diariamente enaltecia o trabalho de Tenório em favor dos mais fracos e oprimidos tinha como slogan a frase: ‘Um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar’” (PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO, 2005, p. 36).

Sendo parte deste processo de modernização da imprensa, estes periódicos exemplificam o que Carla Vieira de Siqueira (2002, p. 183-184) denominou diários sensacionalistas. A partir dos jornais *Última Hora*, *O Dia* e *Luta Democrática*, Siqueira afirma que

tanto em sua forma quanto em seu conteúdo a imprensa sensacionalista trabalhava com elementos da cultura do público que as lideranças populistas desejavam atingir. Neste sentido, os jornais sensacionalistas ligados a lideranças populistas na década de 1950 constituíram um lugar de interseção entre cultura popular, cultura de massa e cultura política.

---

<sup>14</sup> Nascido no sertão alagoano, migrou para o Rio de Janeiro e começou sua ascensão na política fluminense. Advogado, Tenório Cavalcanti se fez deputado estadual pela União Democrática Nacional em 1947 e foi eleito para o cargo a nível federal em 1950, 1954, 1958 e 1962. Em 1954, seu segundo ano de mandato, ele e Hugo Baldessarini fundaram, em 03 de fevereiro de 1954, o jornal *Luta Democrática*.

Portanto, estes jornais são fruto de seu tempo, ou seja, evidenciam quanto a desnacionalização da imprensa fez com que o número de jornais em circulação na capital da República fosse ampliado. Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006, p. 79) afirmam que isto fez com que a competição entre linhas editoriais evidenciassem as tensões, “mesmo a censura – ‘ainda que em período conhecido como de experiência democrática’ – e esta não se fez tardar”. Neste sentido, o papel da democracia parlamentar se mostrou fundamental para a consolidação de novas forças econômicas e políticas, ou a manutenção de antigos laços clientelistas.

Assim como Alzira Abreu (1996) e Ana Paula Goulart Ribeiro (2003), Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006) consideram que o afastamento da tradição francesa de fazer jornal não significou que a prática jornalística americana-empresarial não estivesse imbuída de fins políticos. Estabelecer ou manter posições dentro do jogo político fluminense, nos anos 1950 e 1960, significou agir partidariamente, assim como fizeram os proprietários dos jornais da Baixada Fluminense neste momento da história do estado. Portanto, a disputa travada entre o *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba/Semana* passa pelas transformações editoriais em curso, sem abandonar sua conotação política.

Também cabe destacar que a *transição do jornalismo partidário para o jornalismo de informação*, analisada por Henrique Moreira (2014), não pode ser tomada como um movimento uniforme. Com dificuldades, o jornalismo brasileiro avançou no momento de sua profissionalização, na segunda metade do século XX. Contudo, o surgimento de conglomerados de comunicação, como os liderados por Assis Chateaubriand e Roberto Marinho, não foram a regra, mas sim a exceção, se olharmos para o Brasil como um todo. Os semanários iguaçuanos não se afastaram da política partidária, pelo contrário, mantiveram sua sustentação econômica em redes tecidas a partir do campo político e empresarial da cidade. Matérias e colunas produzidas pelos jornais evidenciam que tensões político-partidárias, bem como ações da indústria e do comércio local, moveram a receita necessária para que ambos circulassem em uma região como a Baixada Fluminense, mesmo tendo à disposição tantos jornais da capital federal.

Mesmo sem passarem pelo processo de modernização da grande imprensa, os jornais iguaçuanos refletiram, indiscutivelmente, diferenças editoriais na forma de produção de notícias. Permanências e descontinuidades nas práticas textuais e gráficas destes impressos ficam evidentes quando “os textos jornalísticos começaram a possuir características filológicas próprias, e esse fenômeno discursivo podia ser identificado nos textos que

formavam o discurso jornalístico” (CHALABY, 2003, p. 2). Segundo Jean Chalaby, as práticas e as estratégias criadas nos Estados Unidos, e em menor escala na Inglaterra, deram forma ao jornalismo como conhecido até hoje. O autor discute, inclusive, como a produção jornalística norte-americana e anglo-saxã influenciou a forma com que a imprensa europeia passou a produzir notícia.

No caso brasileiro, a relação entre imprensa, vida urbana e capitalismo foi tratada por Maria Alice Rezende de Carvalho em *Irineu Marinho: imprensa e cidade* (2012). Nesta obra, a autora destaca como o fundador do jornal *O Globo* tornou-se um símbolo da profissionalização do campo jornalístico na capital federal. Atento às oportunidades, o patriarca da família Marinho fez sua trajetória na modernização do jornalismo carioca. Associado às influências do jornalismo anglo-americano, o contexto de transição do Império para a República “lhe conferiu um campo de atuação mais amplo do que àqueles que tinham na reprodução do passado sua condição de sobrevivência” (Ibidem, p. 21), de maneira que a “urbanização acelerada, o crescimento e a pauperização da população residente em cidades, a concentração de homens pobres e pouco escolarizados [...] o interesse dessa população por notícias sensacionalistas [...] justificaram a emergência de um novo tipo de jornal” (Ibidem, p. 39).

Dada a multiplicidade de fatores em torno desta disputa, acionei um amplo conjunto de fontes sobre os jornais e seus diretores. Autor de livros e colunas de jornal, Luiz Martins de Azeredo<sup>15</sup> tem muito a nos informar sobre a história e a memória resultantes das transformações sofridas pela cidade de Nova Iguaçu. Morador da região por quase toda sua vida, ele ocupou espaço de destaque entre os homens locais mais poderosos e se manteve atento às mudanças e aos acordos políticos locais, participando diretamente dos principais acontecimentos da cidade.

Defensor de projetos de educação rural para o desenvolvimento e modernização da lavoura local, participou de inúmeros eventos sociais (saraus, inaugurações, festas cívicas, esportivas e religiosas) e incentivou a criação de teatros, bibliotecas públicas e grêmios literários. Estas incursões abriram-lhe um leque de poderosas associações pessoais, capaz de aumentar seus canais de escuta e influência, através de diversos escritos, que serão apresentados e analisados nesta tese.

---

<sup>15</sup> Presidiu a Arcádia Iguaçuana de Letras entre os anos de 1959 e 1962 e ocupou a cadeira de número 5 da mesma instituição, sob o patronato de seu pai. Contribuiu com a obra *Primeira antologia do escritor iguaçuano* e narrou, em uma pequena biografia, a trajetória do Padre João Musch, liderança religiosa expoente na região.

Para analisar sua trajetória, nos debruçaremos sobre variadas fontes. Analisaremos as obras do autor, principalmente as *Efemérides Iguaçuanas*<sup>16</sup> e as atas da Câmara Municipal de Nova Iguaçu,<sup>17</sup> sobre as quais falaremos adiante, e suas colunas na imprensa, intituladas “Luiz Martins escreveu...” e “Cheguei, ouvi e anotei”. A primeira retrata o cotidiano da cidade e a segunda comenta os debates travados na Câmara de Vereadores, ambas sobre fatos ocorridos nos anos 1940. Completamente digitalizada, esta documentação reúne os principais fatos e personagens do cotidiano iguaçuano ao longo de todo o século XX.

Homem público, combativo e autor de matérias sobre a modernização da cidade, Dionísio Bassi foi jornalista e vereador por dois mandatos em Nova Iguaçu. O primeiro se deu entre 1947 e 1950, período durante o qual ocupou a cadeira de 1º secretário pelo PSD, sigla que o reelegeria com 978 votos para o mandato de 1955 a 1958, o que o qualificou como um dos vereadores mais bem eleitos pela sua legenda. Mesmo filiado ao PSD, Bassi esteve vinculado ao PCB nos anos 1940 através dos Comitês Populares Democráticos (CPD’S). Os comitês fortaleceram melhorias nas condições dos moradores de bairros do Rio de Janeiro e da Baixada Fluminense. Liderança expoente no processo de instalação do comitê comunista iguaçuano, o jornalista Bassi exerceu grande influência junto à imprensa da capital federal, através de seu semanário *Correio de Maxambomba*.

Concorrente do *Correio da Lavoura*, o tabloide liderado por Dionísio Bassi fez críticas incisivas ao *CL*, principal plataforma do grupo ruralista e veículo oficial do município. Acusou o periódico chefiado por Luiz de Azeredo de encobrir ilegalidades dos poderes executivo e legislativo municipal, com o objetivo de cassar seu mandato na metade dos anos 1950, haja vista seu posicionamento contra o aumento dos subsídios dos vereadores do município, além de outras inúmeras denúncias.

Portanto, analisar a atuação dos diretores dos principais semanários do município também pode nos revelar as articulações dos representantes e núcleos de poder, frente às mudanças urbanas, políticas, econômicas, sociais e culturais em curso na cidade. Com base no ponto de vista destes jornalistas, privilegiaremos a análise do conteúdo e da diagramação destes jornais entre os anos de 1946 e 1964, período recortado por três razões. A primeira diz respeito ao processo de reabertura democrática e atuação política de Dionísio Bassi por dois mandatos na Câmara de Vereadores em Nova Iguaçu.

---

<sup>16</sup> As *Efemérides Iguaçuanas* foram digitalizadas, transcritas e podem ser consultadas no Centro de Documentação e Imagem (CEDIM).

<sup>17</sup> A atas das sessões do poder legislativo foram consultadas no arquivo da Câmara Municipal de Nova Iguaçu (CMNI). Ver: <http://www.cmni.rj.gov.br/site/>.

Com base na dissertação de Felipe Augusto dos Santos Ribeiro (2009), levantei o nome do jornalista nas atas do legislativo.<sup>18</sup> A pesquisa realizada por Felipe Ribeiro na Câmara Municipal de Magé forneceu instrumentos metodológicos para investigar detalhes sobre debates, projetos e comissões integradas pelo jornalista. Ao monitorar as atividades de Dionísio Bassi, reuni dados sobre sua frequência bem como mudanças e permanências em seus discursos na tribuna. As atas contemplam os dois mandatos, por isso revelam motivações para sua saída do PCB, para sua permanência no PSD e nas disputas travadas entre seu jornal e o *Correio da Lavoura*.

A segunda razão refere-se às datas das principais matérias e colunas assinadas pelo jornalista Luiz de Azeredo, em meados da década de 1940, momento em que o autor mais escreve sobre a cidade. A terceira se deu pelo número de exemplares do *Correio de Maxambomba* localizados na FBN. Os exemplares de 1957 e 1961 encontram-se microfilmados, mas foram digitalizados e compilados nos formatos *pdf* e *ocr*, assim como ocorrido com o *Correio da Lavoura*, e podem ser pesquisados através de busca de palavras. A partir de 1961, o *Correio de Maxambomba* tornou-se *Correio da Semana* e seus exemplares também foram localizados na FBN. As publicações situadas entre 1961 e 1971 estão depositadas na FBN e foram digitalizadas para realização desta pesquisa.

Por sua vez, a documentação sobre a atuação do jornalista junto aos comitês democráticos será igualmente analisada adiante. Esta fonte encontra-se depositada no fundo do Departamento de Polícia Política do Estado do Rio de Janeiro (DOPS) e Memórias Reveladas, ambos depositados no APERJ. Por fim, a trajetória deste personagem poderá ser amplamente investigada por meio dos dossiês nos quais solicita a reintegração de cargo público estadual. Juntos, os processos totalizam mais de 300 páginas e encontram-se disponíveis para consulta no Sistema de Informação do Arquivo Nacional (SIAN), mais precisamente, na Divisão de Segurança e Informações do Ministério de Justiça.

Por estas razões, o debate travado entre os semanários se dará comparativamente no período citado, pois estes jornais tornaram-se plataformas a serviço das forças em competição naquele dado momento. Situar o discurso destes jornalistas sobre o desenvolvimento de Nova Iguaçu a partir deste contexto é fundamental para que situemos o que a região se tornará nos anos 1970 e 1980. Compreender estas narrativas sobre a cidade, a partir de um contexto

---

<sup>18</sup> Consultei os seguintes anos: Livro 4 – 18/10/1947 – 12/03/1948, Livro 5 – 12/03/1948 – 06/07/1948, Livro 7 – 27/03/1953 – 16/11/1955, Livro 8 – 18/11/1955 – 11/11/1957, Livro 9 – 08/11/1957 – 04/02/1960. Todo o acervo foi acessado no arquivo da Câmara Municipal de Nova Iguaçu (CMNI).

fluminense mais amplo, pode elucidar as permanências e os silenciamentos destas falas na formulação de um saber histórico sobre a cidade.

A tese se divide em quatro capítulos, que narram a trajetória de vida dos jornalistas Luiz Martins de Azeredo e Dionísio Bassi e a criação dos jornais *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba*. Entendo que o percurso destas personagens pode reconstruir a história do campo jornalístico ao qual pertenciam, pois não se deve estar interessado “numa história de vida de cunho psicológico e individualista, ou até com função terapêutica. Pelo contrário, está interessado em reconstruir a trajetória sociológica e histórico-estrutural de um determinado grupo social (ou vários, no caso de estudo comparativo)” (MARRE apud SILVA, 2002, p. 28-29).

No Capítulo 1, apresento a trajetória intelectual e política do jornalista Luiz Martins de Azeredo, filho de Silvino de Azeredo, proprietário do semanário *Correio da Lavoura*, por isso esboço um histórico sobre este periódico criado em 22 de março de 1917, no distrito-sede de Nova Iguaçu, município da Baixada Fluminense. Fundado por uma família de intelectuais negros e ruralistas no alvorecer da República, pretende-se aqui mapear a atuação de seus dirigentes, especialmente as redes de sociabilidade e relações clientelísticas estabelecidas por Luiz de Azeredo e seu núcleo familiar por meio da imprensa local. Tendo o *CL* como principal fonte, faço um levantamento da produção deste jornalista sobre citricultura, transporte, saneamento básico, processos emancipatórios, bem como anotações sobre as sessões na câmara legislativa municipal. Seus escritos ajudarão a compreender a relação mantida entre o jornalismo praticado pelo semanário *Correio da Lavoura* e o contexto de reestruturação territorial e social da região, na primeira metade do século XX.

O Capítulo 2 versará sobre a trajetória intelectual e política do jornalista e político Dionísio Bassi entre os anos de 1946 e 1958, temporalidade em que este personagem estabeleceu sua rede de sociabilidade a partir da imprensa e do poder legislativo municipal. Filho de imigrantes italianos, Dionísio Bassi nasceu no estado da Guanabara em 1911. Nomeado auxiliar de recebedoria do município de Nova Iguaçu em 1937, Bassi fez carreira no serviço público ao mesmo tempo em que atuava na militância do PCB. Eleito vereador pelo PSD por dois mandatos (1947-1950/1955-1959), Bassi fundou em 1955 o *Correio de Maxambomba*, semanário que se tornou concorrente do *Correio da Lavoura*, por meio de seu discurso combativo e incisivo contra “velhas práticas” políticas e figuras tradicionalmente atreladas ao passado citricultor e à Era Vargas. A partir da imprensa e do ambiente político, pretendo tecer como Dionísio Bassi estabeleceu uma ampla rede de sociabilidade, formada

por jornalistas, lideranças políticas e empresariais em favor do desenvolvimentismo e do progresso de Nova Iguaçu.

No Capítulo 3 faço uma análise comparativa dos jornais *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* entre os anos de 1957 e 1964. Ao versar sobre a composição gráfica e editorial desses semanários, discuto de que maneira forma e conteúdo expuseram as disputas em torno das transformações socioeconômicas e políticas em curso no município de Nova Iguaçu. Fundado em 22 de março de 1917 por Silvino de Azeredo, o *Correio da Lavoura* se fez porta-voz de sujeitos e instituições vinculados à citricultura iguaçuana. O padrão jornalístico praticado pela família Azeredo permaneceu inalterado nas décadas seguintes, de modo que o estilo quase literário reforçara o lugar dos tradicionais colaboradores na escrita da história iguaçuana. Na contramão do *CL*, o *Correio de Maxambomba* se espelhou no jornalismo norte-americano, com o objetivo de acompanhar as manifestações do contexto urbano, de maneira criativa, e com isto produzir resultados que impactassem diretamente na produção de saberes sobre a cidade. Neste sentido, reúno algumas das capas publicadas pelos periódicos para que se estabeleça a relação entre padrões jornalísticos e produção de notícias sobre a região.

Por último, no Capítulo 4 investigo o posicionamento dos semanários *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* com relação ao golpe civil militar de 1964. Embora não existam ainda estudos sobre o jornalismo iguaçuano e a ditadura militar, dados apontam que os jornais tratados neste estudo se posicionaram distintamente sobre o fato. Além do histórico dos semanários, analiso de que maneira os jornalistas articularam personagens e instituições, dentre as quais a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI), em seu favor. Secretário de governo em Nova Iguaçu nos anos 1970, Luiz de Azeredo fez com que a família e o poder público estabelecessem uma relação “apolítica”, a fim de que o *Correio da Lavoura* não perdesse a confiabilidade junto aos seus apoiadores. “Ex-comunista”, Dionísio Bassi passou a difundir ideias da “revolução” em seu jornal, dada sua exoneração do cargo público que ocupava até então e à permanente perseguição política do Sistema Nacional de Informação (SNI). Neste sentido, pretende-se compreender como estes editores lidaram com demandas socioeconômicas e políticas em seus jornais, frente ao autoritarismo e ao cerceamento da liberdade de imprensa nos anos de chumbo.

Portanto, o que emerge deste estudo é a constatação de que o campo jornalístico iguaçuano e suas disputas, entre os anos 1950 e 1960, integraram um processo de transformações socioeconômicas, políticas e culturais, marcado por fatores como a



desruralização do distrito-sede, a emancipação política dos seus distritos e o retalhamento do território pelos loteamentos. As tensões firmadas entre o *Correio da Lavoura* e o *Correio de Maxambomba* revelam que a periferação da Baixada Fluminense foi testemunhada de forma diversa por estes impressos, que lhe conferiram distintos sentidos: desenvolvimentismo e progresso para o *Correio de Maxambomba*; reiteração da tradição por meio de trabalho de memória local, no caso do semanário da Lavoura. Na certeza de que este trabalho será uma “semente atirada em solo tão fértil”, desejo a todos uma excelente leitura.

## Capítulo 1 – Jornalismo e elites numa cidade periférica: a família Azeredo e o *Correio da Lavoura*

*O apurado cronista que registrou os principais fatos da história iguaçuana no século passado*

Dos dezesseis filhos de Silvino de Azeredo e Avelina Martins de Azeredo (Filhinha), doze nasceram em Paty dos Alferes, então distrito do Município de Vassouras. Manoel, Luiz, Ruy e Avelina – que herdou da mãe o apelido de filhinha – nasceram em Nova Iguaçu. Mas é necessário frisar que desses quatro o mais apaixonado pela outrora terra dos laranjais era Luiz, que veio ao mundo neste sítio quando era denominado Maxambomba, em 17 de outubro de 1911 (*Correio da Lavoura*, 25-31 mar. 2017, ed. 5.079, p. 3).

LUIZ MARTINS escreveu: POLITIQUICE?...

Esta folha, em sua longa jornada através de decênios, em que pesem os detratores que sempre há, e os que não querem ver, que são os piores cegos, sempre se manteve equidistante dos embates e das paixões partidárias, em que os políticos não raro, desprezando programas honestos de governo, procuram destruir-se reciprocamente, em busca só de posições de mando e grandeza. [...] Manter-se nesta posição, como temos feito até hoje, defendendo o patrimônio moral que nos legou o inolvidável fundador do CORREIO DA LAVOURA tem-nos custado, só Deus o sabe, um esforço quase sobrehumano para vencermos os obstáculos que se nos antepõem de quando, hoje felizmente mais amenizado que ontem pela crescente aceitação desta folha no seio do povo iguassuano, que a prestigia em todos os sentidos (*Correio da Lavoura*, 09 nov. 1947, ed. 1.599, p. 1).

### 1.1 A família Azeredo

Luiz Martins de Azeredo nasceu em 17 de outubro de 1911, exatamente seis anos após seu pai deixar o funcionalismo público e fundar o semanário *Correio da Lavoura*, onde seguiria a carreira como jornalista por toda uma vida. Ele e seu irmão, Avelino Martins de Azeredo, deram prosseguimento ao jornal após o falecimento de Silvino de Azeredo ocorrido em 25 de setembro de 1939, aos exatos 80 anos de idade. Quando olhamos para fatos publicados nas páginas do semanário, fica evidente como a trajetória dos Azeredo se confunde com a história do município de Nova Iguaçu. Nascimentos, casamentos, formaturas e falecimentos elencados em colunas sociais se entrelaçam em alguns momentos com as referências dadas pelos familiares como, por exemplo, o ano em que Luiz de Azeredo tornou-se oficialmente redator do *CL*:

Internado nas oficinas do jornal desde a infância, já na adolescência começou a trabalhar também na redação ensaiando os seus primeiros escritos. Mas foi a partir da morte de Silvino de Azeredo, em 1939, que Luiz assume a função de redator-chefe do CL na qualidade de diretor secretário. Ao lado de Avelino (diretor-gerente), Luiz definiu os rumos do jornal, ele na redação, no que hoje se define como editoria, e Avelino na gestão comercial e no trabalho manual interno, de encarte, dobragem e empacotamento para a distribuição em bancas (*Correio da Lavoura*, 25-31 mar. 2017, ed. 5.079, p. 3).

De acordo com o levantamento feito por esta pesquisa, Luiz de Azeredo iniciou suas atividades neste cargo em 1937, e não em 1939. É provável que ele já desempenhasse múltiplas tarefas dentro da redação, haja vista a necessidade de compreender o funcionamento do jornal desde a concepção de seu conteúdo até a comercialização nas bancas. Isto nos revela dados importantes, como o fato de Luiz e seus irmãos herdarem a interlocução social acumulada por seu pai, assim como o seu capital cultural e simbólico. Outro aspecto se refere à ausência de informações precisas sobre a trajetória de ambos, sobretudo de Luiz de Azeredo. Quando perguntado sobre a infância e juventude de seu avô, Luis Eduardo de Azeredo (2018) reiterou que ela se manteve pautada no trabalho e sob a rigidez das ordens do patriarca:

Ele tinha a visão do pai realmente como um verdadeiro capitão, né, um verdadeiro general que era postura do Silvino de Azeredo tinha realmente tanto que ele ganhou esse título de capitão Silvino de Azeredo<sup>19</sup> então sempre foi um cara muito patriarcal, aquele paizão mesmo de família, aquele coronel que tinha mesmo aquela característica [...].

Em decorrência do número de filhos e filhas, Luis Eduardo afirmou que a vida de seu avô e dos irmãos e irmãs não foi marcada apenas pelas letras, mas pela mão de obra nas plantações de laranja iguaçuanas. Ao ser indagado sobre o tipo de atividade desempenhada por seu antepassado, o entrevistado disse não poder afirmar sua função na lavoura. A presença de crianças na citricultura iguaçuana não foi uma exceção, mas uma constante na história do trabalho e da educação municipal. Para a historiadora Amália Dias (2014, p. 186-188), o uso da força de trabalho infantil durante a colheita foi um dos principais fatores que levaram ao abandono das cadeiras escolares:

---

<sup>19</sup> Segundo Marcos Paulo Mendes Araújo (2010, p. 61-66), durante a Primeira República era comum que figuras ligadas à vida política iguaçuana recebessem patentes da Guarda Nacional. Criado em 18 de agosto de 1831, o grupo tinha por objetivo defender a “constituição, a independência e o império”.

No curso do processo de institucionalização da escola primária, o lugar e o tempo da escola na vida cotidiana das pessoas, desde a infância, esbarraram nos modos como a vida estava organizada, precisaram inserir-se, tornar-se prioritários, condição prévia para o exercício de outras atividades. [...] Em Iguaçu, os registros dos embates entre escolarização e trabalho foram apreendidos pelas queixas e denúncias dos professores acerca dos alunos que deixavam a escola, ou a frequentavam sazonalmente, em função da colheita das laranjas e dos serviços de beneficiamento para exportação (realizado nas *packing-houses*).

No entanto, quando consideramos os cargos públicos e a prática jornalística no *Correio da Lavoura*, é possível indagar até que ponto os filhos da família Azeredo conseguiram esse “afastamento” do trabalho braçal e deram prosseguimento aos estudos. Esse distanciamento das memórias acerca dos ofícios manuais é um elemento a ser considerado quando olhamos para as trajetórias destes homens e mulheres negras, sobretudo, no contexto da Primeira República em um município como Nova Iguaçu. Suponho que os estigmas atrelados à cor e à profissão eram parte de um passado recente para este núcleo familiar, criado em uma cidade essencialmente rural.

Hebe Maria Mattos (2005, p. 58) afirma que as relações de trabalho e o contexto político do campesinato negro do século XIX marcaram a primeira geração nascida em condição de liberdade. Em certa medida, isto explica a resignificação dada pelos filhos à experiência pessoal e à tradição familiar, fomentadas a partir do acesso à educação. De acordo com a autora, há um deslocamento dos sentidos produzidos por esses

novos agentes de formação da memória social [que] começam [...] a se esboçar como releitura alternativa da memória familiar”. “Produziram, como resultado, um verdadeiro “diálogo dos tempos [...] a partir do qual emprestaram significados à narrativa de suas histórias de vida e construíram um novo discurso [...].

Não há maiores informações sobre a trajetória escolar e profissional de Luiz de Azeredo, mas é sabido que este personagem da imprensa iguaçuana cresceu em um contexto no qual “o ser iguaçuano” se deu à luz de uma memória em que a produção cívica era o centro. Nas palavras de seu neto, a paixão de seu avô pelas letras aconteceu de forma muito rápida, graças à sua imersão no jornal fundado pelo pai. É provável que o fazer jornalístico tenha sido aprendido com o patriarca e com o irmão mais velho, Avelino Martins de Azeredo, figura que também desempenhou múltiplas tarefas dentro do *CL*.

Avelino não era jornalista de formação, nem acessou outro curso de ensino superior, entretanto, herdou junto a seu irmão a rede de contatos e benesses construídas pelo capitão

Silvino de Azeredo em sua longa existência. Assim como as relações de parentesco, a vida conjugal de nosso personagem também esteve atrelada ao exercício do jornalismo. Sua esposa, Romana Laura Tôrres, era funcionária do Correio da Lavoura quando se conheceram, embora o neto relate que seus avós nunca tenham sido oficialmente casados. De acordo com Luis Eduardo:

parece que minha vó na adolescência tinha aquela coisa dos casamentos arranjados e tudo, e minha vó foi casada aos 13 ou 14 anos, foi casada com um marinheiro já bem idade que veio a falecer, então ela chegou a ser casada. Por isso que quando meu avô já a conheceu no *Correio da Lavoura*, minha vó era funcionária do *Correio da Lavoura*, escrevia no *Correio da Lavoura*, e tudo, eles se conheceram, mas não chegaram a se casar. [...] por mais de sessenta anos. [...] escrevia no jornal, tinha uma caligrafia excelente, português também muito apurado, o que era muito difícil para época uma mulher negra ter essa cultura toda (AZEREDO, Luis Eduardo, 2018).

Romana e Luiz de Azeredo teriam se conhecido ainda muito jovens na sede do semanário, uma vez que a funcionária trabalhou por mais de vinte anos no jornal. Nunca oficializaram a união, talvez pela manutenção da viuvez e consequente aposentadoria deixada por seu primeiro marido, então marítimo.<sup>20</sup> Também pode-se afirmar que o trabalho na imprensa não teceu apenas relações familiares, mas boa parte de toda sua rede social e política dentro da sociedade iguaçuana. Em edição de março de 1935, a ligação entre a família, o jornal e o projeto político administrativo para Nova Iguaçu se revela:

O CORREIO DA LAVOURA entrou no 19º. Anno

O que tem sido a vida deste jornal? A luta para o desenvolvimento de um programa.

O desenvolvimento deste programa apresentou resultados positivos? Respondam os factos no domínio público, falem as realizações na economia particular. Quando a vontade, para que um ideal germine, se associa ao entendimento, torna-se uma força. O CORREIO DA LAVOURA tem sido uma consequência dessa força, na terra iguaçuana.

Produção e finanças, hygiene e trabalho, educação e civismo, bem como os assumptos que com estes se relacionam, vêm sendo ventilados semanalmente, neste 18 annos. E si rebrilhos e trôpos, opulencia e scintillação tem faltado à nossa linguagem, na firmeza em o objectivo que nos traçamos em 1917, o amor à terra natal, o desejo de ve-la engrandecida, pelo trabalho de seus filhos, o senso de suas necessidades e aspirações, não tem sofrido alterações (*Correio da Lavoura*, 28 mar. 1935, ed. 940, p. 1).

<sup>20</sup> 1º Ofício do Registro Civil de Pessoas Naturais do Município de Nova Iguaçu: Assento de óbito. Livro 1946, Jul-1948, registro n.13945, f 73. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/3:1:3QS7-L93M-CC55?cc=1582573&wc=9G59-BZ3%3A113333301%2C113334204%2C116542401>. Acesso em: 07 set. 2018.

Estrategicamente, a missão do *Correio da Lavoura* atrelou-se a uma elite predominantemente agrária, cujos interesses Silvino atendeu nas três primeiras décadas do século XX. Tendo a lavoura, a instrução e a higiene como lemas, o semanário encabeçou a propaganda do movimento ruralista em suas páginas e contribuiu para inúmeras intervenções de caráter sanitário e educacional na região da Baixada Fluminense. O periódico corroborou a campanha de inspeção e saneamento, de forma que estes mecanismos fossem os “únicos” e capazes de revigorar o desenvolvimento econômico local.

O jornal reverberou o projeto ruralista, “movimento político, [de] debates de ideias e política pública institucionalizada” fomentado durante a Primeira República, para diversificação e modernização do campo (MENDONÇA, 1997, p. 13). Em certa medida, o *CL* fez parte do que Juarez Bahia (1990, p. 107) definiu por imprensa mais sólida, ou seja, o jornalismo consolidado “nos anos da Abolição e da República, [a] uma tipografia mais bem reaparelhada [...] As empresas têm menos de comum a improvisação, buscam fixar posições de mercado duradouras, mediante organização”.

Em *Jornal, História e Técnica*, Bahia afirma que a estruturação do campo também se deu na virada do século XIX, sobretudo entre os anos de 1880 a 1930, momento em que o ruralismo se tornou expoente, junto ao advento da Primeira República. Amália Dias (2012, p. 208) esclarece como medidas modernizadoras, direcionadas pela interventoria estadual nas décadas seguintes, permitiram que melhorias feitas nos distrito-sede<sup>21</sup> de Nova Iguaçu consolidassem o potestado local. Ela afirma que:

[...] Além das medidas modernizantes para beneficiar o escoamento da produção de laranjas, favorecendo o barateamento da produção e da exportação, nota-se um forte empenho, nos grupos locais do município, em tornar Nova Iguaçu, de um espaço, em um lugar. Isto é, há fortes investimentos em construir uma identidade local entre a história do município (a partir da história do distrito-sede) e a valorização da função da citricultura para o almejado progresso da região.

O entendimento entre o poder federal e estadual durante a Primeira República permitiu que medidas de proteção ao setor agrário fossem tomadas, ainda que a indústria também tenha sido incentivada. No caso do estado do Rio de Janeiro, a pauta de recuperação da máquina estatal pelo viés agropecuário permaneceu, principalmente, durante a intervenção de Amaral Peixoto entre os anos de 1937 e 1945 (FERNANDES, 2009). Em Nova Iguaçu, o plano nilista

---

<sup>21</sup> A mudança do centro administrativo do município, da antiga Vila de Iguassú para as margens da ferrovia no povoado de Maxambomba, foi oficializado em 1891. Com o novo centro administrativo Maxambomba, tornou-se Nova Iguaçu em 1916. Posteriormente, com a reforma ortográfica passou-se a escrever Iguaçu.

esteve pautado na implementação da citricultura, e para isto contou com o apoio de diversos sujeitos, instituições e veículos da imprensa.

Segundo Amália Dias (2012; 2014), assim como a Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), o *Correio da Lavoura* difundiu a vocação agrária na Baixada Fluminense e tornou-se um capítulo à parte na história local, sendo o principal veículo de comunicação do município. Tendo a escrita literária por referência, a segunda geração editorial do periódico, representada pelo jornalista Luiz Martins de Azeredo, deu prosseguimento ao projeto deixado pelo pai e fundador. A presença de ligas de saneamento, escolas rurais e obras públicas demonstra que os investimentos adquiridos a partir desta propaganda pró-lavoura, principalmente nos anos 1920 e 1930 do século passado, trouxeram ganhos de infraestrutura para o distrito-sede e posições políticas e de trabalho para aqueles que circunscreveram o projeto citricultor.

Dado esse quadro, a presença dos filhos de Silvino de Azeredo na imprensa e em cargos públicos vinculados à ordem, à higiene e à educação não foram acaso. Em edição de 22 de março de 1926, Silvino de Azeredo Filho foi citado na coluna social do *Correio da Lavoura*, como filho do diretor do jornal e funcionário da “Directoria de Saneamento Rural, com exercício no posto de Anchieta” (*Correio da Lavoura*, 22 mar. 1926, ed. 471, p. 2, grifo meu).

Não se sabe ao certo quando ele alcançou esta colocação, apenas é conhecido que, em meados dos anos 1940, Silvino Filho ocupou um novo cargo público, desta vez como subdelegado<sup>22</sup> do primeiro distrito do município de Nova Iguaçu. Thadeu Marcelo Quintanilha Martins (2012, p. 60) afirma que, após a instauração do sistema republicano em 1890, o cargo se tornou sinônimo de honra, geralmente destinado a sujeitos dignos de confiança e com importante atuação política na conjuntura local:

Seus filhos casavam-se entre si, reafirmando os laços; homens poderosos apadrinhavam os mais desafortunados, controlando sua renda e até mesmo seu futuro. Era o caso dos delegados e seus auxiliares. Essa cadeia, multiplicada, formava um emaranhado de lealdades que pareciam naturais e espontâneas, onde muitos preferiam se incorporar a classe dominante por meio do sistema de clientela, ao invés de se oporem a ela.

Ainda de acordo com Martins, o sujeito que se tornava delegado “não dependia do cargo para sobreviver e via na atividade policial apenas um grau para deslanchar na vida pública ou nos negócios, embora em todos tivesse condições de alçar voos mais altos” (Ibidem, p. 39). Além de sua trajetória no serviço público, Silvino de Azeredo Filho também

---

<sup>22</sup> Cargo que seria reassumido em 07 de abril de 1946.

integrou diversas associações, comissões no distrito-sede iguaçuano e fundou o jornal *A Crítica*.<sup>23</sup> Outro irmão, Silvino Martins de Azeredo, foi jornalista e fundador, nos anos 1930, do jornal *14 de dezembro* e atuou como Caixa Geral da Cia Geral Aeropostal (*Efeméride Iguaçuana*, 06 mar. 1932, p. 17).<sup>24</sup>

Estácio Martins de Azeredo, por sua vez, foi primeiro fiscal de rendas da Estrada de Ferro Central do Brasil nos anos 1940, cargo vinculado ao antigo Ministério da Aviação e Obras Públicas, que nos anos 1960 tornou-se Ministério dos Transportes. João Martins de Azeredo, segundo nesta descendência, foi funcionário do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens (DNER), lotado no município de Seropédica (*Efeméride Iguaçuana*, 10 maio 1931, p. 34).

Manoel Martins de Azeredo também exerceu cargo federal, mas sem colocação identificada até o momento. Já Ruy Barbosa Martins de Azeredo, um dos irmãos mais novos, atuou no Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS), durante sua existência da repartição, entre 1940 e 1967 (EVANGELISTA, 2010). Na efeméride de 14 de setembro de 1949, Luiz Martins de Azeredo escreveu que “[a]través da portaria nº.719 o major Umberto Peregrino – diretor geral do SAPS, admite Ruy Barbosa Martins de Azeredo, atual chefe do posto de subsistência de Nova Iguaçu, para exercer a função de fiscal dos órgãos regionais” (*Efeméride Iguaçuana*, 14 set. 1949, p. 126).

Anteriormente ao serviço público, Ruy de Azeredo atuou na Pantaleão Rinaldi e Cia,<sup>25</sup> exportadora de laranjas iguaçuana, de propriedade do fruticultor Pantaleão Rinaldi (SILVA, 2013). O influente comerciante também exerceu um mandato como vereador (1936-1939).

A permanência dos filhos de Silvino de Azeredo no serviço público é decorrente de uma conjuntura caracterizada por intensas mudanças, sobretudo nas questões que tangem o trabalho no Brasil. De acordo com Angela de Castro Gomes (1999, p. 55), os anos 1930

<sup>23</sup> O jornal seria retomado anos depois por seu irmão Avelino Martins de Azeredo. O semanário circulou novamente entre 1928 e 1938. Nesta nova etapa, Silvino de Azeredo Filho colaborou na função de redator do periódico.

<sup>24</sup> Cia. Aéreo Postal ou *Compagnie Générale Aéropostale* foi uma companhia de aviação fundada em 1919, na França. A proposta da Aeropostal era, a partir da popularização mundial da aviação, estabelecer linhas de conexão para o serviço aéreo postal. Aproveitando o serviço de pilotos veteranos da Primeira Guerra Mundial, a *Aéropostale* ofereceu rotas aéreas entre a França, África e, posteriormente, América do Sul, onde serviu às cidades de Recife e Rio de Janeiro (Cf. BARROS, Alexandre. “Compagnie Générale Aéropostale (Brasil)”. In: *Portal Aviação Brasil*, 26 jun. 2008. Disponível em: [https://www.aviacaobrasil.com.br/Compagnie\\_Generale\\_Aerospotale\\_Brasil/](https://www.aviacaobrasil.com.br/Compagnie_Generale_Aerospotale_Brasil/). Acesso em: 20 out. 2018).

<sup>25</sup> Na publicação de 27 de maio de 1945, edição 1.471, p. 2, o *Correio da Lavoura* informou em nota que “Ruy Barbosa Martins de Azeredo, tendo transferido sua residência desta cidade para Taubaté, á Rua Quintino Bocaiuva, 51, despede se por este meio de todos os seus amigos, inclusive os da firma Pantaleão Rinaldi & Cia, em que trabalhou, ficando ao seu inteiro dispôr naquela cidade do Vale do Paraíba. Nova Iguaçu, 22 - V - 1945”.



estabeleceram novas relações entre trabalho, riqueza e cidadania. A partir deste momento, a historiadora identifica uma “ordenação do mercado de trabalho, materializada na legislação trabalhista, previdenciária, sindical e na instituição da Justiça do Trabalho”. O Estado pós-1937 estava pautado na “política de amparo ao homem brasileiro, o que significava basicamente o reconhecimento de que a civilização e o progresso eram um produto do trabalho” (Ibidem, p. 57).

A nacionalização do trabalho passou por políticas públicas que materializaram o acesso, ainda que restrito e seletivo, à educação, à saúde, à previdência social e aos bens materiais. De modo geral, a diminuição da pobreza e a ampliação das condições mínimas de sobrevivência demandou o aumento da responsabilidade governamental no campo do ensino, do saneamento e da infraestrutura. Na década de 1930, pós-revolução, o Estado elegeu estas esferas como prioridade, por isso estes setores-chave foram extremamente valorizados. O movimento sanitarista e a implementação da Diretoria dos Serviços de Profilaxia Rural (DSPR) exemplificam algumas das ações introduzidas pelo Estado. De acordo com Gilberto Hochman e Cristina Fonseca (1999, p. 90) houve uma expressiva mudança no processo

de constituição do Estado pós-30: intenso processo de organização, profissionalização, despolitização, burocratização e centralização das atividades de saúde e saneamento vinculadas ao Ministério da Educação e Saúde Pública.<sup>26</sup>

Em artigo mais recente, Gilberto Hochman (2005, p. 131) indica como as transformações nas políticas públicas ocorridas no primeiro governo de Getúlio Vargas (1930-1945) foram um marco no país, pois “Com essas reformas a saúde pública passava a espelhar as orientações mais gerais da política varguista de centralização política e administrativa e verticalização das ações estatais”. Hochman ainda destaca como o apelo ideológico reforçou a elaboração de um projeto nacional, no qual estados e municípios desenvolviam políticas de saúde e saneamento com foco na coletividade, e “deixando para a assistência médica previdenciária e para a assistência pública as ações mais individualizadas” (Ibidem, p. 136).

Por isso, a partir de conceitos como saúde, trabalho, educação e progresso, os Azeredo alicerçaram suas trajetórias com base em uma agenda que atendesse a si e aos interesses dos grupos locais – citricultores, produtores e exportadores – através da citricultura. A laranja

---

<sup>26</sup> HOCHMAN, Gilberto e FONSECA, Cristina M. O. “O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937-45” In: PANDOLFI, Dulce (org.) *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p.90.

tornou-se um símbolo de prosperidade e de mudanças “positivas”, mas principalmente de estabilidade e distinção social para os membros de uma família negra em um recente contexto abolicionista. Isto suscitou uma geração “criada no Estado”, ou seja, orientada a partir do funcionalismo público e do treinamento de caráter técnico em setores como os supracitados acima.

Existia a tendência em consolidar uma carreira em consonância com a estruturação de reformas e departamentos criados ou ampliados por ações do Estado, sobretudo, na área da saúde pública, educação, infraestrutura etc. Portanto, este movimento reafirmou a necessidade de condições mínimas para a conformação de especialidades como a medicina, por exemplo, ao mesmo tempo em que esses indivíduos intervieram na construção da máquina estatal, deliberando sobre investimentos públicos e vivenciando o cotidiano de trabalho em cada município e região do Brasil.

Nesta perspectiva, a opção pelo serviço público configurou-se enquanto um caminho viável e profícuo. Uma combinação de dedicação e imersão em círculos sociais importantes da cidade fez com que estes homens e mulheres estrategicamente acessassem a elite local sem deixar de transparecer sua negritude nas páginas do jornal. Tal prática pode ser ponderada à luz de achados de Thales de Azevedo (1955), que analisou meios adotados por não brancos para ascensão social na sociedade baiana dos anos 1950. Segundo Azevedo, a ascensão social dada por fatores educacionais e estruturais estava condicionada a absorção de valores e padrões da classe dominante por mulheres e homens de cor.

Quando nos voltamos para o caso da família Azeredo, há evidências que sustentam a hipótese de Thales de Azevedo, na medida em que condições socioeconômicas e escolares foram fundamentais para a mobilidade desses personagens. Devemos ponderar que a imersão da família na “Society Iguaçuana” foi parte de uma tática em que tensões sobre a “boa convivência” podem ter sido silenciadas. Não há registros de caráter íntimo como diários e álbuns que confirmem esta hipótese, entretanto a presença de um único grupo familiar negro no recente contexto republicano pode emudecer detalhes, bem como outras possíveis trajetórias negras, dado o interesse do próprio clã em se posicionar como principal fiador dos interesses políticos e econômicos dessa elite citricultora (NASCIMENTO, 2019; BARROS & BEZERRA, 2020; COSTA, 2020).

Para Thales de Azevedo (1955, p. 179), as regras de “boa convivência” utilizadas entre os brancos e homens de cor na Bahia da primeira metade do século XX podem explicar a manutenção de “relações pessoais e familiares [...] nos negócios, na administração pública,

na política”. No entanto, o acesso às profissões liberais e ao serviço público pelos membros da primeira geração dos Azeredo não implicaram um apagamento total dos símbolos e das representações de sua negritude, como evidencia, por exemplo, a presença de colaboradores negros, ícones, imagens e fatos que associassem positivamente o clã à história local.

O “distanciamento dos pares negros”, mencionado por Ivo de Santana, não pode ser confirmado para o caso iguaçuano, pois a aparente perfeita integração ao modo de viver da classe média iguaçuana não fez com que o grupo familiar deixasse de celebrar coletivamente momentos importantes da carreira de cada um. A ausência de referências feitas à população negra como um sujeito coletivo não diminui a rede simbólica constituída por pai e filhos, uma vez que estes agregaram colaboradores e correspondentes negros ao jornal, como veremos mais adiante. De acordo com Santana, existe uma tendência em denominar esse processo “branqueamento” social, mas pelo contrário, é possível apontar também que esses sujeitos “sofrem processo de enegrecimento, visto que a classe dominante sempre lhes mostra que são negros e que, portanto, deveriam ocupar outro espaço na sociedade, ratificando a posição de inferioridade” (SANTANA, 2014, p. 170).

Talvez não tenham faltado amizades não-brancas no círculo social constituído por essa família iguaçuana, mas apenas uma ausência de visibilidade de sujeitos e instituições constituídas por sujeitos negros. O distanciamento de causas político-partidárias, sindicatos e outras instâncias de reivindicações não significa que seus membros não tenham feito isto de maneira subjetiva em textos, fotografias e eventos publicados na imprensa local. A mobilidade social pelo funcionalismo público e pelos espaços de escolarização reforça que personagens como Luiz de Azeredo optaram por outros caminhos, que não necessariamente o colocaram na vanguarda de um movimento em favor da negritude em Nova Iguaçu, mas é inegável que a condição de funcionário público e diplomado contribuiu para que se desconstruíssem representações de negros como ocupantes exclusivamente de cargos de trabalho subalternos de baixa escolarização.

Neste sentido, destaco o acesso ao sistema educacional por parte dos membros desta família. É provável que Luiz de Azeredo e seus irmãos tenham usufruído dessas políticas públicas já na infância, ou seja, tenham acessado a ampliação da escolarização datada do início do século XX. O projeto educacional gestado para o Brasil da Primeira República até o primeiro governo de Getúlio Vargas (1917-1945) foi pautado em um modelo de educação universal, capaz de embranquecer o país e livrá-lo da “degeneração” por meio da higiene, da instrução, do comportamento e da cultura. Jerry Dávila (2006, p. 32) afirma que, embasados

em teorias que circulavam internacionalmente e no próprio país, médicos, cientistas, intelectuais e professores conceberam parte da população brasileira – pobres, negros – como parte de um processo degenerativo, que comprometia o sucesso da nação. Pautados em um esforço de “aperfeiçoar” a população, o autor afirma que:

Esses reformadores estabeleceram uma visão de valor social que privilegiava aparência, comportamento, hábitos e valores brancos, de classe média. Eles transformaram o sistema escolar em máquina que, de modo tanto deliberado (fornecendo aos brasileiros pobres e não-brancos as ferramentas da branquidão) quanto inconsciente (estabelecendo barreiras ao reificar seus valores estreitos) criou uma hierarquia racial no sistema escola que espelhava sua própria visão de valor social.

Esse modelo de educação, pautado por “nacionalismo, saúde, higiene, forma física e treinamento vocacional”, aparece tanto na formação de nosso personagem quanto no principal meio de comunicação dirigido por ele e seus irmãos. Fruto dessas reformas que expandiram o sistema educacional nas três primeiras décadas do século XX, os Azeredo cresceram em um meio social e escolar em que as referências positivas estavam atreladas aos ideais europeus. O progresso, o sucesso, a beleza e a virtude estavam relacionados a postos e instituições formadas por pessoas brancas da sociedade iguaçuana. A ascensão social dos seis filhos se deu em uma conjuntura na qual a ideia de democracia racial “foi abraçada com grande facilidade por indivíduos que tinham plena confiança de que suas instituições públicas eram meritocráticas, técnicas e racionais” (Ibidem, idem). Esse modelo, pautado no pressuposto de que a possibilidade é para todos, não se confirma quando olhamos para a história da cidade e não identificamos a presença negra para além dos Azeredo. Retomando a conclusão de Ivo de Santana (2014, p. 177-178):

Muitos desses negros não se posicionam frontalmente contra o racismo em seu cotidiano, o que parece não significar uma alienação ou ingênua visão de como se dão as relações raciais no Brasil. Mesmo que alguns comportamentos pareçam conformismo e individualismo, entendo que eles precisam ser compreendidos na dimensão da existência dessas pessoas, nos contextos sociais que vivenciaram e nas formas como foram e são vistas em nossa sociedade.

O vínculo estabelecido entre a família e a elite local foi, antes de tudo, uma estratégia do patriarca em adequar sua percepção racial a uma conjuntura histórica favorável, ou seja, fazer com que a rede de familiares e colaboradores negros do jornal integrasse o conjunto de fatores que os associassem ao desenvolvimento do município entre os anos 1920 e 1930.

Silvino de Azeredo não silenciou o legado sobre si e sua descendência negra, mas atrelou a cor ao academicismo e ao desempenho profissional exemplar. A fotografia posada foi um dos recursos comumente usados pela direção do semanário. Nesse sentido, Aline Mendes de Lima (2009) analisa como um grupo de negros constituiu a imagem de si em álbuns de fotografias entre as décadas de 1930 e 1960.

De acordo com a historiadora, os registros fotográficos feitos em estúdio pelos moradores da cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, foram ressignificadas quando passaram a integrar álbuns de família: “Nesse momento deixaram de ser apenas um meio padronizado de identificação e adquiriram também um caráter único por representarem o laço afetivo com um ente querido” (Ibidem, p. 90). No caso em questão, o *Correio da Lavoura* tornou-se um grande álbum da primeira geração dos Azeredo, quando múltiplas imagens dos filhos foram publicadas em sucessivas edições do semanário. Posadas, as fotografias davam credibilidade a personagens como Silvino Filho e Sylvio de Azeredo, dois jovens negros em ascensão na carreira pública e jornalística.

**Figura 2 - Silvino de Azeredo**



Fonte: *Correio da Lavoura*, 22 mar.1920, ed. 157, p. 4.

**Figura 3 - Sylvio Martins de Azeredo**



Fonte: *Correio da Lavoura*, 11 out. 1917, ed. 30, p. 2.

Fotografias de outros filhos também foram publicadas, de forma que o núcleo familiar negro se afirmava perante o meio social. Além de imagens individuais, o jornal também investiu em momentos públicos da família, como a inauguração da praça em homenagem a Silvino de Azeredo. Tendo a presença da matriarca, dos filhos e das noras, o evento perpetuou a representação de que a rede familiar constituída a partir de um homem e uma mulher negra conseguiu se manter através de laços de sociabilidade, trabalho e prestígio. Na descrição feita pelo jornal, a foto reuniu da esquerda para direita:

Avelina Martins de Azeredo (D. Filhinha) com o neto Sergio de Azeredo Lucínio, Luiz, Prof. Joaquim Elydio da Silveira, Estácio Martins de Azeredo e sua esposa, Martha Mury Machado de Azeredo, José Licínio, Delfina Belém de Azeredo e Avelino Martins de Azeredo (*Correio da Lavoura*, 08-14 nov. 1997, ed. 4.155, p. 2).

**Figura 4 - Membros da família Azeredo na inauguração da Praça Silvino de Azeredo**



Fonte: *Correio da Lavoura*, 08-14 nov. 1997, ed. 4. 155, p. 2.

De acordo com a edição publicada em 17 de setembro de 1944, a praça era um “Admirável exemplo de amor ao trabalho, à família e a pátria”. Na matéria, o filho e jornalista Luiz Martins de Azeredo discorre sobre a trajetória do pai e destaca a importância dos colaboradores na história do jornal (*Correio da Lavoura*, 17 set. 1944, ed. 1.455, p. 1). Figuras como Joaquim Elydio da Silveira e Silvino Silveira<sup>27</sup> são exemplos de autores negros que escreveram por anos para o *Correio da Lavoura*. O primeiro foi casado com Ester de Azeredo e professor de importantes instituições de ensino na capital federal, o segundo teve uma das colunas mais longevas do semanário. Em *A lápis*, Silvino Silveira discorreu sobre assuntos de âmbito nacional e internacional, sendo a história do patriarca e da cidade um dos temas mais abordados por ele. Uma semana após a morte do proprietário e fundador da folha, o colunista discorreu sobre o seu caráter:

<sup>27</sup> Silvino Silveira e Joaquim Elydio da Silveira foram importantes colaboradores da folha ao longo de toda primeira metade do século XX. De acordo com o semanário, o primeiro era dentista e figura influente em seu campo de atuação na América Latina. Também assinou a coluna *A lápis* e contribuiu com diversas matérias desde a fundação do *CL*. O segundo era professor e foi casado com Ester de Azeredo, irmã de Luiz de Azeredo, com teve um filho por nome de Aylton Azeredo da Silveira. Segundo as *Efemérides Iguaçuanas*, em setembro de 1933 o colaborador foi nomeado pelo então interventor para “o cargo de orientador do ensino particular, no recém-criado departamento de educação do Distrito Federal” (*Efemérides Iguaçuanas*, 08 set. 1933, p. 82).

resoluto e enérgico, um amigo leal e dedicado, amando a Família e a Pátria com verdadeira abnegação. Companheiro do grande José do Patrocínio, sempre se bateu com denodo pela pela sublime causa do abolicionismo, a benemérita cruzada da redempção dos captivos no Brasil. Pobre, sempre pobre, com os pesados encargos da prole numerosa, trabalhando sempre sob os augúrios do Christianismo, sem alardes, sem jactância, Silvino de Azeredo lega aos seus filhos, um nome honrado, uma memória digna do máximo respeito (*Correio da Lavoura*, 05 out. 1939, ed. 1.176, p. 1).

Nas décadas seguintes, Silvino Silveira escreveu outras tantas vezes sobre o “pai” da imprensa iguaçuana. O destaque dado à família e às causas abolicionistas era elemento recorrente nas inúmeras homenagens publicadas no jornal. A presença de colaboradores negros também reforça a preocupação do fundador, e posteriormente dos filhos, em manter a produção intelectual de figuras de sucesso externas à família, de maneira que o clã reiterou a continuidade desta rede de sociabilidade negra.

Nos anos 1950, Silvino Silveira mudou-se para Argentina, mas não descontinuou sua coluna, que também trataria de assuntos como raça e racismo. No artigo “A raça escrava”, o colunista discorre sobre o aniversário da Lei Aurea e a “gloriosa colaboração” de Silvino de Azeredo na “memorável cruzada do abolicionismo”. Para isso, o autor reproduz um artigo do escritor maranhense Humberto de Campos, publicado no jornal *A Noite* a 31 de outubro de 1934:

A raça abandonou, pode-se dizer as poucas mesas de estudo que lhe haviam sido entregues e saiu para a rua, vestida de “baiana”, ou levando à frente um estandarte de setim azul bordado de lantejoulas fazendo piruetas rítmicas ao rugido soturno e cavo do seu urucungo africano. E, no entanto em nenhum país entre aqueles em que a raça negra se aclimatou, o branco lhe oferece tantas e tamanhas oportunidades para a sua transformação em poderosa força social e econômica no conjunto da coletividade nacional. Que proveito, por exemplo, teria ela tirado, ainda agora, da luta que se travou entre os brancos, para a posse do poder!... Imaginemos que os pretos do Brasil se tivessem confederado e alistado os seus homens. Êstes, excluindo os analfabetos seriam duzentos ou trezentos mil. Com êsse eleitorado dependente de chefes negros, poderiam êles negociar com os políticos, recebendo dêles em paga do seu apoio nas urnas, escolas para o negro, hospitais para o negro, elementos, em suma, para dar ao negro, no Brasil, uma situação equivalente a que êle conquistou nos Estados Unidos. [...] O branco, sob a alegação de uma salsa fraternidade, está, entre nós, destruindo o negro, pelo descaso, pelo abandono, deixando o entregue a si mesmo. [...] (*Correio da Lavoura*, 10 maio 1959, ed. 2.199, p. 1).



Nesta publicação, o *Correio da Lavoura* explorou a temática da negritude em uma conjuntura histórica de tensões raciais, mas sem descuidar de sua apresentação como órgão independente e orientado para o progresso da cidade. Em 22 de março de 1932, a capa do semanário liderado pelo capitão Silvino Azeredo reúne escritos de, pelo menos, mais três colaboradores exaltando o compromisso do jornal com o município. As manifestações também seguem nas páginas consecutivas e destacam a aceitação do “jornalzinho” pelos iguassuanos:

#### 16 ANNOS

Reconhecida sua independência por quantos o conhecem e acolhem, o CORREIO DA LAVOURA reafirma nesta phase de reconstrução nacional, em que a realidade se tem de irmanar o ideal, para que se quebrem de vez todos os grilhões e se destruam todas as bastilhas [...]

Saudemos, pois, nesta data o nítido e alegre “Correio da Lavoura” pelo final de seu terceiro lustro de victoria, e, lembremos que, em todo esse tempo vem beneficiado aos seus assignantes, aos seus constantes leitores com a instrução de problemas agrarios, além do educacional com realce de doutrinas moral e cívica, oferecendo-nos igualmente a boa literatura, assim enlaçando em agradável conjuncto de interesses geraes vasto programma traçado desde o inicio dessa folha que o sustenta até o presente. Cultuemos o ente que trabalha para o bem estar social [...]

PROF. JACOBINO FREIRE

(*Correio da Lavoura*, 22 mar. 1932, ed. 784, p. 1).

#### O 16º aniversario do Correio da Lavoura

Jornal independente, noticioso e literário, o CORREIO DA LAVOURA, como nenhum outro órgão de publicidade, tem vivido orphão dos poderes públicos, vivendo esclusivamente da sympathia do povo de Iguassú e de muita gente de fora. O CORREIO DA LAVOURA festejando o seu 16º anniversario de vida trabalhosa e fecundanos dá o exemplo o exemplo vivo do esforço, trabalho e intelligencia desse vulto inconfundível no jornalismo pátrio que se chama Silvino de Azeredo. [...] A prova mais evidente do que afirmo foi numa festa em casa de abastado negociante Sr. Francisco Gentil Baroni, onde eu tive a oportunidade de saudar o velho jornalista e o no meu discurso inflamado do mais justo desejo da queda das oligarchias que sempre empobreceram o município de Iguassú, Silvino de Azeredo me respondeu que de facto achava que as oligarchias muito contribuíram para o anniquilamento e progresso de Iguassú, mas, que o seu jornal não era político, e que por isso não atacava a quem que seja.

MATTOS GOMES

(Ibidem, p. 5, grifo meu).

A sequência de relatos extraídos do *Correio da Lavoura* na comemoração do seu 16º aniversário, apresentada acima, evidencia a articulação política de Silvino de Azeredo com a elite local. A defesa do campo, da instrução e da higiene não escondem a ausência de neutralidade, pelo contrário: tanto criador quanto criatura revelam de que forma a folha estruturou-se para que as demandas dos detentores econômicos e políticos do município fossem atendidas, e ao mesmo tempo, os Azeredo permanecessem ativos neste círculo social.

Logo, o reordenamento da estrutura administrativa viabilizou que personagens da família Azeredo adentrassem o serviço público, como proponentes de políticas para diversos setores – vide a defesa do ensino, saneamento e saúde pelo semanário fundado pelo capitão Silvino de Azeredo em 1917 – e como implementadores de políticas para a Baixada Fluminense, especialmente para o distrito-sede iguaçuano. As intervenções sanitárias e educacionais direcionadas para produtividade não tornaram Nova Iguaçu apenas moderna e urbanamente aparelhada, mas também lugar de respaldo político e social para o capitão Azeredo e sua família.

É por isso que, quando nos voltamos para a historiografia que trata da relação entre cor e lugar social, identificamos como Luiz de Azeredo e seus pares se atrelaram a essa aparente contradição circunscrita à trajetória de outros negros que alcançaram destaque no âmbito jornalístico, literário e político. Nesse sentido, Ana Flávia Magalhães Pinto (2014, p. 1) identificou que diversos pensadores e literatos negros inseridos nos debates do final do século XIX:

forjaram suas trajetórias, vivenciaram incertezas, estabeleceram suas estratégias e alianças e, sobretudo, construíram seus entendimentos sobre o país do qual se consideravam parte e participantes – mesmo que, não raras vezes, tivessem esse pertencimento atacado em virtude de sua origem racial. [...] buscaram de diferentes modos conquistar e manter seus espaços no debate público sobre os rumos do país.

Sem estarem alheios aos debates de seu tempo, literatos, jornalistas e pensadores estabeleceram seus caminhos, dúvidas, táticas e redes, mas elaboraram, principalmente, uma determinada compreensão sobre a sociedade à qual pertenciam. Entretanto, em muitos casos este movimento foi contrário ao que Ana Flávia Pinto denominou origem racial. De acordo com a historiadora, homens como Machado de Assis, Luiz Gama e outros “homens livres de cor buscaram de diferentes modos conquistar e manter seus espaços no debate público sobre os rumos do país” (Ibidem, p. 1-2).

Neste sentido, a imprensa foi central para o desenvolvimento de seus interesses, pois ao ocuparem as colunas e capas dos jornais “eles tanto localizavam suas particularidades no cenário amplo quanto contribuía para evidenciar o quão estreitos podiam ser os caminhos criados para os futuros passos do país” (Ibidem, idem). Assim como alguns destes personagens da literatura brasileira, Luiz de Azeredo compôs uma rede de informações e prestígio a partir de meios como a imprensa. A intermediação se deu através dos familiares, amigos, mas sobretudo pela relação forjada com a elite citricultora.

Portanto, houve diferentes formas de traduzir essa condição étnico-racial no engajamento dentro do debate intelectual e da vida pública. Luiz de Azeredo o fez a partir de sua vivência como um homem negro, letrado e “interiorano” nas primeiras décadas do século XX. Tendo em vista que senhores da terra operavam a máquina pública ao seu favor, na mesma proporção em que o faziam no passado escravocrata, é compreensível a estratégia de ocultamento descrita por Ana Flávia Pinto (Ibidem, p. 117) em relação aos significados atribuídos aos traços físicos dos indivíduos, que tinham tanta importância que uma saída emergencial seria tentar dissimular o óbvio, ou pelo menos agir como que suavizando a importância dos significados atribuídos à cor da pele e outros traços fenotípicos. A tensão vivida nesse jogo de “me veja, mas não me enxergue” me parece, justamente, a chave para entender as múltiplas tentativas de saída individual empreendidas pelas pessoas observadas nesta pesquisa.

O semanário, enquanto plataforma deste grupo político formado por citricultores e detetores da máquina pública local, foi responsável pela elaboração da narrativa histórica desta Iguassú em desenvolvimento a partir do agrário. Suas edições narram a história de como o distrito-sede crescia graças aos investimentos certos no campo e ao comprometimento dos “homens da terra” com o bem-estar desta “civilização da laranja”. A relevância dos Azeredo neste processo fica evidente na produção de conteúdo e de imagens sobre o auge da produção cítrica e das lideranças à frente deste movimento encampado por Silvino de Azeredo.

### **1.2 O centenário de Nova Iguassú (1933)**

A celebração do centenário da cidade, ocorrida em janeiro de 1933, confirma os investimentos realizados ao longo daqueles anos, que mais tarde seriam considerados a “idade de ouro iguaçuana”. A consolidação de uma perspectiva de desenvolvimento em função da atividade citrícola e de personalidades vinculadas à máquina pública ficou a cargo do *Correio da Lavoura*, por isso suas páginas estão repletas de colunas, matérias e imagens que revelam a

construção deste imaginário de prosperidade e benesses, alcançadas por meio de instituições e de sujeitos atrelados ao campo. Em publicação de 15 de janeiro de 1933, o semanário discorre sobre as construções erguidas na sede do município. A praça, o monumento, o hospital e o fórum são alguns dos marcos exaltados pelo jornal:

Nova Iguassú ainda não se pode orgulhar de constituir, actualmente, um grande centro urbano, mas caminha incontestavelmente para tal. Torna-se, por isso, muito necessário evitar erros que constituam de futuro embaraços para o seu normal desenvolvimento. As praças desta cidade são duas. Outras, porém, hão de vir, e como medida de precaução, os dirigentes devem pensar desde já, na reserva de áreas bastantes para as mesmas. Abaixo descrevemos a fisionomia moderna e agradável. Bem ao centro, ergue-se o grandioso monumento, marco brilhante com que se perpetuará a data festiva de hoje e que na concepção symbolica, nos lembra da grandeza histórica deste município, as aspirações raiosas, a fé suprema e imperecível nos gloriosos destinos reservados a este fecundo torrão. Agora, mas que nunca, será como sempre, a preferida pela nossa elite para seus encontros e passeios recreativos e, certamente, encher-se-á, aos domingos, do riso álaire da mocidade. [...] Rodeiam-na modernos, numerosos e confortaveis bancos de cimento armado. Dois edifícios importantes erguem na mesma: o Forum e o Hospital de Iguassú (*Correio da Lavoura*, 15 jan. 1933, ed. 826, p. 2).

O papel desempenhado por figuras como Arruda Negreiros, o “Hausmann da Baixada” (SILVA, 2017), fez com que as comemorações instituídas pelo chefe do executivo ganhassem proporções memorialísticas, que se tornaram referências, como o livro *Memória da Fundação de Iguassú. Comemorativa do primeiro centenário da fundação da Villa em 15 de janeiro de 1833* de José Matoso Maia Forte (Rio de Janeiro: Typografia Jornal do Comércio, 1933), obra encomendada pelo prefeito junto à *Polyanthéa Comemorativa ao Primeiro Centenário do Município no Governo Arruda Negreiro* (Nova Iguaçu: Sem editora, 1933). A *Polyanthéa* agrupou textos e imagens sobre o município como principal temática, de forma que sua administração foi marcada pela capacidade de articular o que Lucia Silva (2017, p. 214) denominou

ideário de modernização e progresso do grupo citricultor à política local, à dinâmica de ocupação que ocorria no município e à (nova) relação que estava sendo estabelecida, a partir de uma imagem, com a capital federal, em função de sua proximidade geográfica.

De acordo com a autora, Arruda Negreiros conseguiu que o pequeno centro urbano do distrito sede ganhasse “novas feições nos anos de 1930, momento em que a citricultura estava no auge e o prefeito-interventor dirigia-se somente ao governador, também interventor” (Ibidem, p. 223). Durante o Estado Novo, o interventor constituiu a infraestrutura necessária

para reestruturação econômica das atividades agrárias, reafirmando a “vocação” agrícola. Isto foi possível graças ao alicerce político criado por Amaral Peixoto, junto aos grupos municipais do interior do estado.

Em Nova Iguaçu, a parceria entre governo federal, interventoria estadual e forças locais se fez por meio de ações que enalteceram o sucesso da citricultura. O distrito-sede do município tornou-se um exemplo da modernidade, com inauguração de estradas, postos de profilaxia, escolas rurais, hospitais, praças e monumentos. As presenças de Getúlio Vargas e de Amaral Peixoto em eventos municipais foram emblemáticas do Amaralismo e do Pessedismo Fluminense. Lucia Silva (Ibidem, idem) ainda lembra que Arruda Negreiros:

soube, através de um amplo programa de obras, modernizar a estrutura urbana do distrito-sede, assim como construir uma rede viária dentro do município, permitindo a ligação de várias localidades    cidade, tornando-a de fato em um pequeno centro urbano “moderno” de uma hinterlândia rural.

O aparelhamento urbano e produção de narrativas e imagens sobre personagens como Arruda Negreiros, Silvino Azeredo e membros da classe rural definitivamente compuseram “a história oficial” do distrito sede iguaçuano. Esta foi perpetuada pelas décadas seguintes, mesmo quando o território ganhou contornos completamente distintos daqueles dos tempos da citricultura. De acordo com a historiadora Natália Crivello (2012, p. 123), essa memória produziu o que poderíamos denominar “mito da classe citricultora e seus descendentes”:

O traçado urbano indica a nova ordem hierárquica que é estabelecida na cidade. No mesmo espaço urbano, encontram-se mais de uma cidade, esboçando-se a distinção entre as frações de classes dominantes e dominadas, o que é traduzido na relação centro-periferia.

Foi neste contexto de pujança da elite citricultora que a família Azeredo consolidou o semanário *Correio da Lavoura* como principal meio de comunicação da cidade, enquanto seus membros estabeleceram suas carreiras a partir do jogo político e social posto pelas relações firmadas neste centro agroexportador (SOUZA, 2015). Ser aceito na esfera burguesa era uma estratégia racional, e para isto as melhores referências educacionais “garantiam” benefícios das relações firmadas com figuras abastadas da sociedade iguaçuana. Estrategicamente, a representação positiva e confiável para os membros da classe dominante, branca e citricultora local se mostrou importante para que os traços negroides fossem “compensados” por outras qualidades, como a boa instrução e o sucesso profissional.

Os interesses dos grupos locais – citricultores, produtores e exportadores – pela consolidação da citricultura foram atendidos e a laranja tornou-se símbolo de prosperidade e

de mudanças “positivas”. As intervenções sanitárias e educacionais direcionadas para a produtividade do campo tornaram Nova Iguaçu aparelhada e moderna, contudo este movimento gerou tensões entre o rural e o urbano. Assim, ao final dos anos 1930 este projeto ruralista já não era o eixo econômico do município, fato que foi recorrentemente noticiado pela imprensa local. Não cabe reduzirmos de maneira simplista a relação entre campo e cidade, mas é importante problematizar que a

interrupção acentuou a dependência dos recursos originários “da laranja”; para investir na região com objetivo de transformar o grande celeiro rural em espaço urbano, necessitava-se encontrar alternativas que viessem substituir, com as devidas proporções, os retornos financeiros escasseados no início da Segunda Guerra (CRIVELLO, 2012, p. 108).

No final dos anos 1930, estas contradições foram postas à prova pela “crise” na comercialização da laranja, “bode expiatório” determinado pela elite citricultora para justificar a queda na produtividade da laranja e o rearranjo do quadro socioeconômico e político do distrito-sede. É fato que a produção do fruto esvaziou as receitas municipais nos primeiros anos após a reabertura democrática do país, mas deve ser considerado que essa explicação é simplista, pois não lança luz sobre as demais fissuras que levaram a velha Iguassú a se tornar Nova Iguaçu.

O cenário reúne uma complexidade de fatores que o *Correio da Lavoura* e sua rede de colaboradores não resolveram. A expansão da região metropolitana do Rio de Janeiro pela industrialização e urbanização reconfigurou o subúrbio e a Baixada Fluminense, e com isto as chácaras, antes ocupadas pela citricultura, foram loteadas. Segundo Sonali Maria de Souza (1992, p. 93), esse retalhamento das antigas chácaras reordenou o espaço urbano: “Embora articulados às necessidades de habitação popular, eles representaram a invenção de um mercado específico, assim como desencadearam um processo de especulação em lotes”. Os loteamentos iguaçuanos atraíram migrantes e investidores, haja vista sua proximidade à cidade do Rio de Janeiro pela malha férrea e a rede de acesso aos setores de comércio e indústria.

Em contrapartida, o setor industrial adquiriu uma fatia importante da receita municipal. Aspectos como os baixos valores dos lotes, a abertura de rodovias, a disponibilidade de recursos hídricos, a abundância de mão-obra e incentivos fiscais favoreceram a incorporação de novas áreas para instalação de indústrias. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em 1956 o município de Nova Iguaçu

contava com “285 estabelecimentos industriais e faturamento de 1 bilhão de cruzeiros; 15 empresas de ônibus [sendo] 10 interdistritais, 12 intermunicipais. [...] 6.225 ligações elétricas domiciliares e 5.696 domicílios com água [...]” (IBGE, 1959, p. 353-354). Durante a administração de Juscelino Kubitschek, o capital estrangeiro<sup>28</sup> adentrou o país principalmente pelas empresas transnacionais e automobilísticas (CARVALHO, 2015; MENDONÇA, 2017).

Na Baixada foram concluídas “as grandes unidades fabris estatais [...] como a CSN e a Álcalis e instaladas novas unidades como a REDUC em Duque de Caxias” (SIMÕES, 2011, p. 153). Adrianno Oliveira Rodrigues afirma que as indústrias de bens de consumo duráveis e de bens de capital foram estimuladas por uma estratégia econômica: “A região Sudeste, especialmente São Paulo e Rio de Janeiro, naquele momento representavam um papel importantíssimo e por isso tinham a maior parte do setor industrial” (RODRIGUES, 2006, p. 57).

A chegada de industriais e a crescente presença dos comerciários na Baixada Fluminense mobilizaram novas demandas e frentes de atuação. A modernização do município já não passava só pelo campo, mas pelo desenvolvimento da indústria, do comércio e urbanização da cidade. Portanto, as práticas e narrativas atreladas ao ruralismo dos anos 1920 e 1930 estavam ameaçadas pela interlocução entre setores políticos e empresariais em ascensão, uma vez que as esferas industrial e comerciária se organizaram em grupos como Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI),<sup>29</sup> sindicatos de diversas categorias e clubes. Dar voz a representantes destes segmentos em cargos públicos, associações e meios de comunicação mostrou-se fundamental, e implicou fazer oposição às vozes oficiais da cidade.

A prática jornalística do *Correio da Lavoura* ditou a tônica da história iguaçuana até os anos 1940, contudo a ascensão dos núcleos de poder locais, potencializada pela emergência dos industriais durante o pós-guerra na Baixada Fluminense, mobilizou novas demandas e setores de atuação, dentre os quais o comércio. O retorno do eleitorado nas urnas pós-1946 provocou um acirramento político entre o PSD (Partido Social Democrático) e a UDN (União Democrática Nacional), o PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) e o PCB (Partido Comunista Brasileiro). Tanto a plataforma política da UDN quanto as do PTB e do PCB ganharam

<sup>28</sup> Na década de 1950, as seguintes empresas estrangeiras e locais instalaram-se no município: Companhia Compactor de Canetas; Bayer do Brasil Indústrias Químicas S.A.; Indústrias Granfino; USIMECA – Usina Mecânica Carioca S.A.; Fábrica de Cigarros Souza Cruz; Forjas Brasileiras S.A.; S.A. Marvin; Rupturis S.A.; Fábrica de Tecidos Cachambi; Cia. Mercantil e Industrial Ingá e Cia; Dirce Industrial.

<sup>29</sup> A ACINI originou-se do Sindicato dos Comerciantes de Iguassu no final dos anos 1930, contudo a Associação Comercial e Industrial foi oficializada em 23 de maio de 1945 (MELO & MELO, 1997).

espaço junto aos eleitores, especialmente após as emancipações de distritos pertencentes a Nova Iguaçu, e esse novo alinhamento político teve impacto sobre os personagens como os Azeredo.<sup>30</sup>

Figuras como Tenório Cavalcanti exploraram economicamente a venda de loteamentos em Duque de Caxias, com o objetivo de ampliar o número de votantes pós-emancipação (BELOCH, 1986). O crescimento do eleitorado e a instalação de novas indústrias nos distritos também abriram oportunidades políticas para lideranças em Nilópolis e em São João de Meriti. Neste sentido, os desmembramentos reestruturaram os núcleos administrativos e de poder e, com isto, remodelaram o cenário político da Baixada Fluminense. Estabelecer a aproximação entre a população e certas lideranças políticas se mostrou um caminho viável para atingir uma fatia do eleitorado.

Mesmo não existindo um estudo específico sobre a descendência que dominaria a difusão dos principais acontecimentos iguaçuanos, fica evidente a existência de um projeto editorial e de vida assumido por Luiz de Azeredo em favor da manutenção do semanário, especialmente em momentos de “crise” como este. A decadência da citricultura, o surgimento de movimentos emancipatórios, a expansão dos loteamentos e disputas eleitorais nesta região colocaram em xeque o lugar social de lideranças, por isso o jornalista usou novamente da palavra para que a rede social em torno do jornal permanecesse dominante economicamente e para que a receita do semanário não fosse reduzida. De acordo com Robinson Belém de Azeredo (2018), neto de Silvino de Azeredo, o número de anunciantes no século passado era elevado e formado sobretudo por comerciantes, empresários e órgãos do poder municipal:

Anunciantes tinham bastante. Se você pegar o jornal daquela época comparado com o de hoje é coisa assim de dez vezes superior o número de inserção publicitária [...] todo comércio local de um modo geral e tinha um anunciante poderoso que era o poder judiciário naquela época obrigatoriamente todo edital tinha que ser vinculado pela imprensa local, como o *Correio da Lavoura* era o único jornal, para você ver a massa de material oriundo dos cartórios que o *Correio da Lavoura* veiculava. Durante muito tempo tanto só a prefeitura que também que veiculava muita coisa, *Correio da Lavoura* durante muito tempo diário oficial da prefeitura e o poder judiciário utilizava muito para publicar edital, balanços, atas [...] naquela época publicavam as atas, os balanços eram todos publicados pelo *Correio da Lavoura*.

---

<sup>30</sup> Marlucia Santos de Souza (2003, p. 37) indica que em 1943 “os distritos de Caxias, São João de Meriti, Xerém e Estrela se emanciparam, compondo o Município de Duque de Caxias. O novo município passou a ser composto por três Distritos: Duque de Caxias, S. João de Meriti e Imbariê. Em 1947, São João de Meriti se emancipou de Duque de Caxias e em 1954, o Distrito de Imbariê deu origem a outros dois distritos, o de Xerém e o de Campos Elíseos”.



O lugar do *Correio da Lavoura* na elaboração da memória desta Iguassú em mutação foi posto à prova, assim como o papel daqueles que se beneficiaram da urbe moderna e fruticultora. No início do século XX, Silvino de Azeredo fez de seu jornal uma plataforma a favor da educação, da higiene e do campo e firmou posição única para um homem negro e sua família, em um território marcado pela mão de obra escravizada e poucas referências sobre trajetórias similares à sua. A defesa e a circulação destes princípios consolidaram um modelo de cidade que não mais se sustentava, por isso o semanário mais uma vez interveio em favor dos pares que permitiram sua continuidade em termos econômicos e políticos.

O discurso em torno da “crise” da citricultura evidenciou a perda da preponderância de figuras políticas e comerciais e resultou em uma intervenção que reforçava o papel da agricultura e de todas atividades e personagens atrelados a ela. Esse momento mascarava um processo mais profundo de retalhamento do território, ou seja, o fim da produção citrícola se relacionava aos loteamentos das propriedades e ao processo de periferização da região que se daria nos anos seguintes. Luiz de Azeredo estava inserido em diversos espaços associativos,<sup>31</sup> todos intermediados pela imprensa. A partir do quarto poder, o secretário-editor interveio a favor da hegemonia de uma elite patricia em crise, e para isto, fez uso de colunas e pseudônimos<sup>32</sup> no jornal da família.

Desta vez pelas mãos dos sucessores do capitão e no auge de sua juventude, Luiz de Azeredo se fez porta-voz desta rede de citricultores, proprietários e agentes políticos, firmada pelo proprietário do *CL*. Essa interlocução, composta por prestígio, barganhas políticas e benesses socioeconômicas, poderia ser mantida e, ao mesmo tempo, o modelo de município fomentado por este grupo se manteria pela permanência de seus membros à frente da máquina pública, e, principalmente, no imaginário dos habitantes desta cidade. As trocas firmadas entre o *Correio da Lavoura* e o poder local se exemplificam quando mapeamos o número de atos oficiais e balancetes de empresas lotadas no município. Robinson de Azeredo (2018) informa que o jornal se manteve década após década, principalmente pela receita gerada por esses anunciantes. Por isso, foi fundamental manter tais relações no contexto tão diverso quanto o pós-1945.

---

<sup>31</sup> Luiz Martins de Azeredo integrou clubes desportivos, grêmios literários e institutos históricos, que saudosamente estavam atrelados a personalidades, famílias e instituições do passado citricultor da cidade.

<sup>32</sup> Sob o pseudônimo Arauto, o jornalista assinou diversas matérias no jornal *Correio da Lavoura*. Ainda não é possível precisar quando ele iniciou a escrita com este nome, mas sabe-se que os artigos discorriam sobre questões de caráter político e desenvolvimentista da cidade.

### 1.3 O *Correio da Lavoura* e a reorganização das elites no contexto de periferização

Nas suas colunas, o jornalista abordou questões sobre a cidade em mutação e trouxe a público as discussões do poder legislativo municipal. Na coluna “Luiz Martins escreveu...” ele discorreu sobre assuntos que afetavam a vida do povo iguaçuano, mas é sabido que a tônica de sua escrita se manteve atrelada às demandas do grupo de proprietários, comerciantes e políticos do qual fez parte. O primeiro artigo dessa coluna, publicado a 23 de setembro de 1945, teve como título “Nova perspectiva para laranja” e sinalizou a necessidade de que a Comissão Executiva de Frutas desse amparo aos produtores de laranjas.

O jornalista afirmou que, com o fim da Segunda Guerra Mundial, o município de Nova Iguaçu poderia novamente exportar laranja. De acordo com o colunista, conversas estabelecidas entre o governo brasileiro e britânico demonstraram o interesse deste último em negociar a compra da laranja iguaçuana, contudo isto não seria possível pelo progressivo abandono dos laranjais. Luiz Azeredo sugere que a Comissão Executiva de Frutas, estabelecida para dar suporte aos produtores, tomasse providências para retomada da cultura:

#### Novas Perspectivas para a Laranja

a maioria dos laranjais iguaçuanos, cujos proprietários não dispunham de recursos bastantes para deles cuidar como era aconselhado, sem garantias de uma colocação regular do seu produto, numa safra que logo pudesse compensar seus esforços e cobrir tôdas as suas despesas, ficou em completo abandono [...] Urge, portanto, nesta conjuntura, que as autoridades competentes da Comissão Executiva de Frutas dêem amparo aos produtores, auxiliando-os por todos os meios possíveis e restaurarem os seus laranjais abandonados ao tempo. Essa medida colocaria o Município de Nova Iguaçu, senão em melhores, pelo menos nas condições anteriores a 1940 (*Correio da Lavoura*, 23 set. 1945, ed. 1488, p. 1).

No ano seguinte, ele seguiu publicando artigos sobre o desamparo à agricultura e o abandono do campo. Em coluna datada de 16 de maio de 1946, Luiz de Azeredo indica que as grandes problemáticas do Brasil são: saúde, educação e produção agrícola. Assegura que a deterioração da produção de alimentos em nosso país se devia à estagnação da agricultura brasileira e isto resultaria no êxodo do homem do campo que, sem apoio técnico e financeiro à mão de obra, não permaneceria na lavoura, por isso:

Nada se fará sem antes nos dispormos, com tôda a coragem e patriotismo, a olhar de frente essas proposições básicas, cuja falta de solução é uma prova do estado de verdadeiro desgoverno em que nos encontramos há anos. [...] Nesta cidade está sendo construído um Mercado Municipal. Parece que será pequeno para o número de lavradores que vendem na feira livre, às quintas e

aos domingos, o produto de sua pequena lavoura (*Correio da Lavoura*, 16 maio 1946, ed. 1522, p. 1).

A coluna, que se estendeu até 26 de dezembro de 1948, prosseguiu com temas relacionados à cidade e a esses anos de significativas mudanças no campo administrativo e político de Nova Iguaçu. O discurso sempre envolveu temas relacionados às necessidades das lideranças atreladas à produção citrícola e às tensões ocasionadas pelas disputas na máquina eleitoral pós-Estado Novo. A permanência de artigos sobre estes assuntos e a contínua exposição de dados sobre a laranja, por exemplo, ratificam o momento de instabilidade econômica, em que o plantio fora completamente abandonado e Nova Iguaçu deixava de ser rural.

Em publicação de 21 de setembro de 1947, Luiz de Azeredo redigiu sobre um certo produtor, com pomar de 70 mil pés e uma produção para o ano de 1947 de 28 mil caixas, que já teria gastado 400 mil cruzeiros para manter o cultivo. O valor da caixa seria de 8 a 12 cruzeiros, mas que se valesse 20 cruzeiros o prejuízo seria coberto. Nas palavras do autor, a festa da laranja, celebrada no mês de setembro, traria novos investimentos técnicos e financeiros para a região, desta forma a produção em grande escala seria retomada e a cidade adentraria novamente no mercado internacional, porque isto dá “a prosperidade de produtores e exportadores, engrandece o Município de Nova Iguaçu e é fonte de renda das melhores para o estado do Rio” (*Correio da Lavoura*, 21 set. 1947, ed. 1592, p. 1-2).

Dados levantados em minha dissertação, defendida em 2015, demonstraram que nos anos seguintes a produção cítrica na “cidade perfume” permaneceu elevada, mesmo que notícias sobre seu declínio fossem publicadas há pelo menos uma década. A potencialidade da crise causada pela ausência de exportação e pelo apodrecimento dos frutos não condizem com os números publicados pelo IBGE na década de 1950 e, por isso, deve ser ressignificada:

**Tabela 1 - Receita do Município de Nova Iguaçu (1950/1956)**

| Anos | Receita Arrecadada (Cr\$ 1.000) - 1950/1956 |          |           |            | Despesa Realizada no Município |
|------|---|----------|-----------|------------|--------------------------------|
|      | Federal                                     | Estadual | Municipal |            |                                |
|      |   |          | Total     | Tributária |                                |
| 1950 | 14.988                                      | 25.549   | 10.786    | 7.799      | 11.666                         |
| 1951 | 22.257                                      | 42.493   | 13.889    | 9.712      | 14.695                         |
| 1952 | 27.029                                      | 42.654   | 18.418    | 12.206     | 18.838                         |
| 1953 | 30.757                                      | 54.250   | 27.385    | 15.907     | 25.882                         |
| 1954 | 35.142                                      | 73.808   | 24.463    | 16.314     | 27.143                         |
| 1955 | 62.373                                      | 96.985   | 46.216    | 31.757     | 40.689                         |
| 1956 | 104.059                                     | 127.881  | 56.233    | 38.429     | 58.759                         |

Fonte: ALEXANDRE, 2015, p. 80.

Estes dados revelam não um colapso, mas sim um rearranjo do que Nova Iguaçu se tornaria nos anos posteriores. De acordo com o IBGE, no fim do Estado Novo a região metropolitana do Rio de Janeiro ganhou novos contornos físicos e objetivos macroeconômicos definidos pelo jogo político. Nesse sentido, a *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* aponta que Nova Iguaçu “estaria diante de possibilidades industriais marcantes” e reabilitar o campo não estava mais na linha do horizonte do Estado. No relatório produzido pelo Instituto é dito que:

Na Baixada, o então, fluxo negativo na exploração agrícola é até mais acentuado. É que o espraçamento do Distrito Federal por alguns municípios do estado do Rio, como Nova Iguaçu e Caxias, transformou muito a fisionomia desses municípios, onde os loteamentos e as novas facilidades de transporte foram impressionantemente retalhado a gleba. [...] O preço das terras subiu assustadoramente e, em consequência, não pôde mais servir de suporte a uma agricultura por mais evoluída que ela pudesse se apresentar. Assim, todos os laranjais de Nova Iguaçu, ontem esperança e riqueza das terras fluminenses, veem-se como que dizimados (IBGE apud ALEXANDRE, 2015, p. 79).

Com as considerações necessárias, a leitura do IBGE mostra que Nova Iguaçu e os municípios recém-criados – Duque de Caxias (1943), Nilópolis e São João de Meriti (1947) – deram início ao seu processo de periferação. As terras usadas apenas para fins agrícolas foram tomadas por loteamentos, abertura de rodovias, eletrificação da rede ferroviária e crescente valorização comercial. A supressão dos laranjais pelas construções e inchamento populacional dos distritos e municípios vizinhos reordenou o papel da Iguassú datada pelos Azeredo. Nas palavras de Maria Helena Segadas Soares, o processo de redefinição do lugar

ocupado por Nova Iguaçu dentro da região metropolitana se deu pelo fato da primeira ser absolvida por esta última:

A expansão da área suburbana do Rio de Janeiro já ultrapassou os limites administrativos do estado da Guanabara e ganhou as municipalidades vizinhas, atravessadas pelo feixe de ferrovias e rodovias que estabelece as ligações entre a metrópole e o interior [...] Da expansão da cidade sobre a baixada resultou a ocupação contínua, de caráter suburbano, de ampla área que abrange os municípios vizinhos de Nilópolis e São João de Meriti, assim como parte dos municípios de Duque de Caxias e Nova Iguaçu, os quais podem ser considerados partes integrantes do Grande Rio de Janeiro (SEGADAS apud ALEXANDRE, 2015, p. 80).

Este movimento entre os anos 1950 e 1960 revela que a incorporação dos municípios circunscritos à metrópole foi parte de uma solução para os habitantes mais pobres, ou seja, a concepção do Grande Rio mascarou um modelo de centro-periferia que acomodava as classes populares de forma que estas se mantivessem “inclusas” pela ideia de que moradores do Rio de Janeiro e Nova Iguaçu, por exemplo, estavam integrados em uma mesma região denominada Baixada Fluminense.

Portanto, a Nova Iguaçu economicamente centrada dos anos 1920 e 1930, saneada por Comissões Federais (SOUTO, 2016) e potência citricultora situada nesta Baixada, como conceituada geograficamente pelo IBGE (SILVA, 2019), seria reconfigurada a partir dos anos 1940. Até esta década, “o *Correio da Lavoura* manteve essa reprodução de Baixada enquanto conceito geográfico, ou seja, definido pelo modelo das políticas sanitárias e não como uma região formada a partir de relações socioeconômicas e políticas bem mais complexas” (ALEXANDRE, 2020, p. 228) dadas pelos processos emancipatórios e pela periferização.

Sob a direção de Luiz de Azeredo, o *Correio da Lavoura* entendeu que a nova conjuntura traria outros desafios para lideranças e instituições situadas a partir da citricultura, por isso a defesa do distrito-sede foi ampliada em suas colunas, especialmente por meio de temáticas ligadas à receita municipal e ao desmembramento territorial. Após a instalação da Câmara Legislativa Municipal Iguaçuana em 19 de outubro de 1947, Luiz de Azeredo inaugurou a coluna “Cheguei, ouvi e anotei” para discorrer acerca dos principais assuntos tratados pelo poder legislativo.

Nesta mesma edição, a instalação da Câmara de Vereadores em Nilópolis também ganhou destaque ao lado da vitória de Eduardo Silva Junior, ex-guarda sanitário, para o exercício da vereança. O lugar ocupado por outras figuras não tradicionais na política local

concretiza o cenário imposto pelas emancipações políticas na década de 1940 e a construção de uma periferia. Lucia Silva (2018, p. 21) afirmou que:

O que o censo de 1940 ratificava era a existência de uma população urbana descolada da citricultura, que vivia em localidades sem investimentos da prefeitura de Nova Iguaçu em infraestrutura, e que o ambiente urbano e a crescente migração criaram oportunidades de negócios e incorporaram novas lideranças à vida política e econômica dos distritos.

Neste momento, foi dada a largada para que personagens dissidentes dos municípios recém-criados se fortalecessem politicamente e o velho grupo de citricultores redefinisse seu papel, neste novo horizonte dado pela integração política e econômica do então Distrito Federal. Optar por um projeto de cidade era um imperativo. Ainda nas palavras de Lucia Silva, “consolidar-se como um grande cinturão verde da metrópole, seja como grande exportador de laranja ou produtor de hortifrutigranjeiros [ou] como periferia urbana, fruto do grande estoque de terra produzido pelo saneamento” (Ibidem, p. 22).

A preocupação com os rumos da Iguaçu contada pelo semanário ganhou espaço na coluna “Cheguei, ouvi e anotei”, na qual Luiz de Azeredo evidenciou sua inquietação política em comentários sobre a atuação dos vereadores e do prefeito. Na contramão da neutralidade e da independência do veículo herdado de seu pai, o colunista deixou evidente suas preferências e seus descontentamentos acerca da administração municipal neste contexto de intensas mudanças. Na edição publicada em 18 de maio de 1947, ele revela sua preocupação com os movimentos distritais e com a perda de renda municipal:

Se Belford Roxo tivesse um representante na Assembléia como o sr. Lucas de Andrade Figueira, por exemplo, levaria também a plenário uma emenda facilitando a separação daquele próspero distrito de Nova Iguaçu, que estaria amanhã sem Nilópolis e Belford Roxo. como está hoje sem Vila Meriti e Caxias (*Correio da Lavoura*, 18 maio 1947, ed. 1574, p. 1).

Dadas as circunstâncias, o jornal mais antigo do município reforçou sua função enquanto produtor da história oficial sobre o distrito-sede, nesta conjuntura de desmembramento, decadência dos pés de laranja e disputas dos poderes locais sobre o destino dessa população de migrantes trabalhadores instalada nas franjas da região. Mesmo que a imprensa afirmasse que a narrativa histórica constituída sobre a laranja não seria minimizada ou esquecida, o discurso dos municípios recém-criados foi ampliado pela consolidação de novos núcleos de poder.

O destaque dado a personagens da vida pública iguaçuana fica evidente em algumas destas publicações, especialmente sobre os “filhos” desta geração citricultura. Durante o levantamento realizado por esta pesquisa, constatou-se que estas figuras nasceram nas duas primeiras décadas do século XX e circunscreveram o círculo de amizade do jornalista. Quando a laranja estava em seu auge, por exemplo, o *árcade*<sup>33</sup> mais novo tinha 11 anos de idade e o mais velho 27 anos. Estes médicos, advogados, professores e políticos viveram momentos diferentes do desenvolvimento iguaçuano, no entanto, a relação estabelecida com a “história da citricultura” gerou memórias resultantes de uma experiência coletiva. Isso confirma a potência do discurso elaborado por esta elite sobre si e sobre o município, pois a rede estabelecida pelo jornalista é resultado do que Regina Maria Marteleto (2001, p. 72) descreve:

os indivíduos, dotados de recursos e capacidades propositivas, organizam suas ações nos próprios espaços políticos em função de socializações e mobilizações suscitadas pelo próprio desenvolvimento das redes. Mesmo nascendo em uma esfera informal de relações sociais, os efeitos das redes podem ser percebidos fora de seu espaço, nas interações com o Estado, a sociedade ou outras instituições representativas.

Tornar-se uma figura influente exigia relações que ultrapassava a posse de um diploma de curso superior. Getúlio Barbosa de Moura foi uma das figuras que manteve uma intrínseca relação com Luiz de Azeredo, enquanto esteve à frente de cargos públicos. Getúlio foi vereador da Câmara Municipal de Nova Iguaçu e presidente da casa (1936-1937) até a instauração do Estado Novo. Retomou em 1945 e permaneceu até o fim do segundo governo de Getúlio Vargas, quando reeleito em 1950 e 1954 pela mesma legenda. Em 1958, concorreu ao cargo de governador do estado do Rio de Janeiro, mas perdeu para Roberto Silveira, representante do PTB. Em 1959, concluiu o mandato na Câmara e assumiu a presidência da Rede Ferroviária Federal durante o governo Juscelino Kubitschek (1956-1961). Em 1962 se elegeu novamente deputado federal pelo PSD e em 1966 foi reeleito pela legenda do MDB.

Nascido em Itaguaí, mas “iguaçuano de coração” como tantos outros atores locais, Getúlio de Moura foi um dos grandes colaboradores do jornal e integrante das associações das quais Luiz de Azeredo também fez parte, dentre as quais figura a Arcádia Iguaçuana de Letras

---

<sup>33</sup> Na Arcádia Iguaçuana de Letras (AIL) estes profissionais liberais produziram memórias, poemas e peças teatrais sobre a Nova Iguaçu dos anos 1920 e 1930. Obras como *A sombra dos laranjais* (1953), *A tradição de um nome (A vida social do esporte Clube Iguaçu)* (1956) e *Imagens Iguaçuanas* (1960) exemplificam a proposta dos autores de “resguardar” representações e sentidos sobre espaços, instituições e personagens do distrito-sede.

(AIL), fundada em 11 de agosto de 1955, com o objetivo de congregar homens que pudessem contribuir com a produção de uma literatura que “preservasse a memória” do município.<sup>34</sup>

Luiz de Azeredo foi um dos membros-fundadores e tomou posse da cadeira de número 5 em 17 de junho de 1959, cujo patrono era seu pai, tendo presidido a Arcádia entre os anos de 1959 e 1962. Colaborou na escrita de obras como *Primeira antologia do escritor iguassuano* (sem data) e redigiu o livro intitulado *Padre João Musch Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu* (1980), em que narra a vida e atuação do pároco no município na primeira metade do século XX.

Luiz de Azeredo foi igualmente influente junto a outras instituições, dentre elas a ACINI, que teve origem no final dos anos 1930, a partir do Sindicato dos Comerciantes de Iguassú. A Associação Comercial e Industrial foi oficializada somente em 23 de maio de 1945. De acordo com seu estatuto:

Nascia – conforme refere a ata de fundação de fundação que nos serve de roteiro – a Associação Comercial e Industrial de Nova Iguassú como organização civil, constituída de comerciantes, industriais, agricultores, banqueiros, proprietários comissários, trapicheiros, corretores de mercadorias e de fundos públicos, leiloeiros, diretores e gerentes de empresas de seguros, construtores, diretores e gerentes de sociedades anônimas, de cooperativas, despachantes, e quaisquer outros contribuintes de impostos, sem distinção de nacionalidade e sexo (MELO & MELO, 1997, p. 16).

A obra citada acima, organizada por A. Borges de Melo e Carlos Melo, contou com a colaboração de Luiz de Azeredo. Além da coparticipação do jornalista, a publicação contou com a colaboração de outros escritores da elite iguaçuana, dentre os quais o também árcade Ruy Afrânio Peixoto. Este último foi seu confrade na AIL e professor igualmente engajado na produção de uma narrativa sobre a região, pautada em fatos e personagens históricos locais. Ruy fundou sua própria instituição de ensino, o Colégio Ruy Afrânio Peixoto, tradicional grupo escolar iguaçuano. Também foi um dos fundadores do Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu (IHGNI), instituição que visava zelar pela história de “vultos” históricos e reunir importantes documentos sobre a história do município.<sup>35</sup> Ambos destacaram a importância da ACINI, das figuras atreladas a ela, como por exemplo Getúlio de Moura, e de

<sup>34</sup> A AIL nunca teve sua própria sede, contudo sabe-se que o antigo fórum da cidade foi o primeiro endereço a sediar as reuniões do grupo graças à influência de Getúlio de Moura.

<sup>35</sup> Fundado em 15 de janeiro de 1962, o IHGNI representou mais um movimento pela instauração de uma unidade acerca da história municipal (Cf. *Correio da Lavoura*, 25 nov. 1962, ed. 1.384, p. 1, 7).



como findada a fase agrícola do grupo o meio industrial figurou novas possibilidades para o futuro do município.

Cabe destacarmos a ausência de estudos sobre a ACINI que revelem mais sobre as intersecções desta associação com Luiz de Azeredo, e com representantes do setor industrial e comerciário de Nova Iguaçu, que esteve em expansão nos anos 1950 e 1960. Isto fica subentendido na missão traçada pelo grupo, transcrita no livro comemorativo dos 50 anos que o órgão de caráter civil contemplou um “amplo leque profissional, e não somente comerciantes e industriais. As preocupações com os agricultores e com a agricultura emergem flagrantemente como tônica residual da grande força que a citricultura representou entre nós” (Ibidem, p. 18-19).

A rede estabelecida entre memória e progresso ficou evidente quando o jornal *Correio da Lavoura* destacou a primeira exposição industrial do município, evidenciando a relevância de figuras como Antonio Pinheiro Guimarães Victory,<sup>36</sup> Antonio de Freitas Quintella<sup>37</sup> e Sylvio Coelho,<sup>38</sup> todas preocupados em liderar o desenvolvimento do município a partir do comércio e da indústria, mas sem desconsiderar o lugar de pessoas como Luiz de Azeredo. Neste sentido, era importante criar oportunidades que reforçassem a “tradição” desta “aristocracia” rural, ainda tão influente nas decisões que levariam adiante novos projetos. Portanto, espaços como Nova Iguaçu Country Clube (NICC), fundado em 1958, Rotary Clube, ACINI e IHGNI sugerem a recomposição entre os grupos consolidados politicamente (Arcádia) e os setores industriais em ascensão.

A sociabilidade estabelecida por Luiz Martins de Azeredo revela um homem imerso em um campo ideológico formado por signos e valores de uma elite branca, em especial por conta de seu engajamento na imprensa. Logo, há que se considerar as relações de poder, as centralidades, a circulação de influências e as disputas mantidas por esta rede social. Analisar essas redes significa considerar as relações de poder que podem gerar uma nova ordem, instituição ou movimento. No caso de Luiz de Azeredo, isto lhe proporcionou a manutenção de sua posição social enquanto portador dos principais valores da classe política iguaçuana.

---

<sup>36</sup> Português de nascimento, fundou a ACINI e foi membro do Sindicato do Comércio Varejista, Loja Maçônica Mestre Hiran e da Companhia Telefônica Fluminense. Também foi mentor do Banco Comércio Indústria de Minas Gerais S/A.

<sup>37</sup> Fundador do Rotary Club, presidente da ACINI e do Aeroclube de Nova Iguaçu. Antonio Freitas também impulsionou a criação de empresas como a Imobiliária SACIL, Olaria Gigante, Quintella & Cia, Cisa Comercial Iguaçu S/A e Companhia Telefônica Brasileira.

<sup>38</sup> Nascido em 27 de julho de 1918, o filho de Antônio Coelho e Josefa Rita Nogueira dirigiu a Indústria Granfino a partir de 1963 e se destacou no ramo atacadista de cereais. Foi presidente da ACINI de 1961 a 1963, 1967 a 1975 e de 1981 a 1983.

Em texto sobre redes sociais e decisão política, Mafalda Soares da Cunha indica que, ao analisarmos a rede de um indivíduo, devemos considerar sua operacionalidade em um dado contexto. Para que determinados objetivos fossem alcançados, Luiz de Azeredo fez uso dos laços firmados a partir do jornalismo, sobretudo, das conexões criadas por seu pai no início do século XX. A sua capacidade de controle e apropriação do principal meio de comunicação da região demonstrou, portanto

outros tipos de relações que nascem diretamente da iniciativa e da vontade expressa dos atores sociais. Serão os casos das associações de natureza econômica, da amizade de alguns laços de dependência [como] clientelismo ou a fidelidade (CUNHA, 2010, p. 120).

Portanto, a centralidade deste jornalista negro na rede social analisada só faz sentido quando inserida em contexto. Ainda de acordo com Mafalda Cunha, a sobrevivência de uma rede depende da sua organização interna, mas também, da “existência de estratégias bem-sucedidas e vantajosas para o conjunto dos elementos que a constituem” (Ibidem, p. 121). A posição de Luiz de Azeredo foi resultado de uma planejada mobilidade social por meio do letramento e da imprensa, de forma que diversas vantagens políticas e simbólicas fossem alcançadas em favor do clã como, por exemplo, o acesso a cargos públicos e políticos, a inserção em associações e a obtenção de prestígio social.

O caso deste membro da família Azeredo vai ao encontro da trajetória de um indivíduo como Gaspar José Soares, “homem negro, polivalente em sua lida, político assíduo [que] traçou suas escolhas com as alternativas que a vida lhe disponibilizou” (PESSOA, 2018, p. 23). Valdirene Pessoa aponta a invisibilidade deste homem de cor na história iguaçuana, sobretudo no campo político. Sua figura exerceu grande influência na Câmara Legislativa Municipal, haja vista seus quatro mandatos consecutivos: 1917-1918, 1919-1921, 1924-1927 e 1929-1930. Nascido em 17 de junho de 1864, o filho de pai português e mãe iguaçuana foi um caso de mobilidade social, pois:

Gaspar José Soares foi uma importante figura no município de Nova Iguaçu. Assíduo em missas, o encontramos muitas vezes nomeado como testemunha de casamentos, assinava a rogo dos nubentes que não sabiam ler nem escrever. Além de participar ativamente da política local, ser comerciante, pretenso advogado e sócio em empresas com negócios diversificados (Ibidem, p. 32).

Mesmo com poucas informações sobre sua vida, a autora averiguou que o vereador foi registrado como branco em seu atestado de óbito, datado de 14 de maio de 1955. Valdirene

Pessoa aponta que isto explicita uma apropriação do discurso de branqueamento, mesmo que suas poucas fotografias revelem sua evidente negritude. Assim como Luiz de Azeredo, “Gaspar José Soares foi um agente modificador de sua vida e do contexto, em um comportamento não mecânico, mas antes agindo nos interstícios deste sistema, de forma dinâmica, de acordo com os recursos que dispunha” (LEVI apud PESSOA, 2018, p. 33).

Assim como o membro da família Azeredo, o capitão Gaspar José Soares fez do acesso à educação um importante instrumento para alcançar cargos públicos e para diversificar suas funções dentro do quadro político e social da cidade. O distanciamento destes personagens dos estereótipos atribuído ao homem negro demonstra que, na individualidade de suas trajetórias, ambos constituíram uma relação singular com a sua cor. Mesmo não estando organizados coletivamente, a jornada destes sujeitos diz muito sobre os entraves e as oportunidades para a mobilidade dos homens negros no Brasil, em especial por conseguirem posições sociais dentro de instituições de elite em um momento da história brasileira em que a memória do trabalho escravo ainda era tão latente.

O desmantelamento do Império e a promulgação da República impulsionou debates sobre o fim do sistema escravista e a ascensão de uma nova ordem política. Luiz de Azeredo soube alcançar um razoável status político, social e intelectual por meio de estratégias individuais e familiares, talvez por acreditar que estratégias organizadas coletivamente poderiam criar mais estigmas e empecilhos a ele. É possível que o silenciamento da sua etnia tenha ganhado novas definições à medida que o seu “lugar social da cor” (MATTOS, 2000) era reformulado na sociedade iguaçuana.

Em um período marcado por teorias racialistas (FERNANDES & BASTIDE, 1971; CARDOSO, 1977; FREYRE, 1980; ANDREWS, 1997), cogito que o jornalista Luiz de Azeredo esteve ligado a homens das letras e política como parte de uma estratégia que assegurava a sua visibilidade enquanto porta-voz desse estrato da sociedade. Sua presença em associações, principalmente de caráter cultural, evidencia a preocupação do jornalista em demarcar seu papel no meio ao qual pertencia. O exercício da atividade intelectual agrega um significado importante quando analisamos a história da educação brasileira, especialmente o acesso à população negra do país até a segunda metade do século XX (DOMINGUES, 2009).

O ingresso de Luiz de Azeredo em diferentes espaços associativos, como AIL, a Associação Iguaçuana de Imprensa, o Teatro Experimental Itália Fausta (TEIF), a diretoria da Associação Iguaçuana de Esportes, a Sociedade Iguaçuana de Tiro ao Alvo, dentre outras, evidencia a preocupação desse personagem em manter alianças com políticos, empresários e

representantes dos diferentes setores. Enquanto jornalista do principal veículo de comunicação da cidade, Luiz de Azeredo centralizou boa parte de seus contatos e ações na sede do *Correio da Lavoura*. Isto fez com que muitos movimentos de caráter intelectual nascessem no CL, como por exemplo a Arcádia. Em matéria publicada em 17 de julho de 1955, Deoclécio Dias Machado Filho, membro da AIL, afirmou que:

A Arcádia e o jornal

O sr. Luiz de Azeredo tem sido incansável no apôio à Arcádia, organização incipiente que já conta com regular número de participantes e colaboradores. Sobre os reais benefícios que trará às letras iguassuanas, é coisa de que se não poderá duvidar. [...] aliás, na história das nações, não há movimento social de alguma importância sem a participação verdadeira das letras e da imprensa. Pois tem ela constituído, desde que Gutemberg a criou, uma função pública decisiva, tornando-se, juntamente com as nossas forças constitucionais, a sentinela dos brios nacionais, a preservadora dos nossos costumes e tradições, a vanguardeira das aspirações coletivas. É bem verdade, Nova Iguassú, pelo aprêço de muitos à literatura, não pode ainda sustentar jornais diários, pela triste prevenção de que os que escrevem são metidos a <<sabidos>> E do apelido de "peninha de ouro" até hoje se conserva no pensamento de vários, como debique oriundo de um tempo em que era completo o desprezo às boas coisas do espírito... Mas dia virá em que o respeito ao trabalho e dedicação ao estudo haverão se tornar este órgão tão lido e difundido quanto o merece, pela justa preocupação de se colocar a literatura no lugar que lhe cabe, como instrumento de educação, de elevação da alma, como meio de desviar o homem do vício e conduzi-lo à virtude. Nessa ocasião, a Arcádia e o jornal apresentar-se-ão ainda mais estreitados, por haverem nascido sob o mesmo signo (*Correio da Lavoura*, 17 jul. 1955, ed. 2000, p. 1).

Como bem afirmou Maria Regina Marteleto (2001, p. 72), “Um indivíduo é central em relação à informação, quando seu posicionamento, recebe informações vindas da maior parte da rede, o que o torna, entre outras coisas, uma fonte estratégica”. Na rede da AIL, os árcades com maior centralidade foram aqueles com muitas ligações com os seus demais. O grupo fundador da Arcádia estava composto por: Alcindo Rafael, Altair Pimenta de Moraes, Cial Brito, Deoclécio Dias Machado Filho, Francisco Manoel Brandão, Getulio Barbosa de Moura, Heitor Pinto da Silva, Humberto Gentil Baroni, Ibicuí Tinoco de Magalhães, João Barbosa Almeida Ribeiro, Leopoldo Machado de Souza Barbosa, Luiz Martins de Azeredo, Newton Gonçalves de Barros, Raul Figueiredo Meireles, Ruy Afrânio Peixoto, Waldemiro de Faria Pereira e Zilmar de Paula Barros.

Oito dos dezessete árcades fundadores tiveram suas datas de nascimento localizadas por esta pesquisa.<sup>39</sup> Constatou-se que eles haviam nascido nas duas primeiras décadas do século XX. Quando a citricultura atingiu seu auge durante os anos 1920 e 1930, o árcade mais novo tinha 11 anos de idade e o mais velho 27 anos. Estes advogados, médicos, professores, jornalistas e membros do corpo político iguaçuano viveram experiências profissionais distintas, mas atuaram para que a instituição se consolidasse enquanto interlocutora e parte da história da cidade. Para isto, o *Correio da Lavoura* se mostrou de fundamental importância, especialmente na figura de Luiz de Azeredo, pois coube a ele difundir as atividades do grupo no principal veículo de comunicação da cidade.

O *Correio da Lavoura* foi um espaço fundamental, pois era símbolo da hegemonia, da intelectualidade e do prestígio intelectual dessa geração. Por estas razões, a posição de Luiz de Azeredo no centro desta rede foi reconhecida pelos seus pares. Para análise de rede, a alta centralidade faz com que esses sujeitos se tornem referências do campo, cada um desenvolvendo sua função. No caso específico, Azeredo conseguiu manter o maior número de contatos, sobretudo pelo exercício na imprensa local. Em outra publicação do mesmo ano, o árcade Deoclécio Machado apontou a centralidade do jornal *Correio da Lavoura* e de seu diretor na promoção das letras e da cultura no município:

#### Arcádia Iguassuana ou Academia Iguassuana de Letras

A idéia nasceu nas reuniões da "Revista Brasileira", núcleo intelectual fundado pelo eminente espírito de José Veríssimo, do mesmo modo que se pode fundar a nossa, proveniente do grupo que gira em torno do CORREIO DE LAVOURA. [...] Para presidi-la e isso é apenas um exemplo - teríamos um Leopoldo Machado Barbosa, [...] Teríamos um Althair Pimenta de Moraes, com seu tão inspirado livro de poesias "Vitória de Samócrática", um Newton Gonçalves de Barros, emérito educador, com suas numerosas crônicas e poesias; um Ibicuí Tinoco Magalhães, com sua veia poética e

<sup>39</sup> As datas e locais de nascimento, bem como as profissões dos Árcades estão aqui apresentadas, em ordem alfabética: Alcindo Rafael (advogado); Altair Pimenta de Moraes (nascido em 30/08/1919, natural de Nova Iguaçu – RJ, advogado); Cial Brito (advogado e professor); Deoclécio Dias Machado Filho (natural de Nova Iguaçu – RJ, médico); Francisco Manoel Brandão (nascido em 10/04/1907, natural do estado do Pará, advogado e professor); Getúlio Barbosa de Moura (nascido em 10/06/1903, natural de Itaguaí – RJ, advogado e político); Heitor Pinto da Silva; Humberto Gentil Baroni (natural de Nova Iguaçu – RJ, médico); Ibicuí Tinoco de Magalhães; João Barbosa Almeida Ribeiro (nascido em 04/12/1911; natural de Nova Iguaçu – RJ, advogado e professor); Leopoldo Machado (natural de Cepa Forte – Bahia, professor); Luiz Martins de Azeredo (nascido em 17/10/1911, natural de Nova Iguaçu – RJ, jornalista); Newton Gonçalves de Barros (nascido em 13/09/1915, natural de Cachoeira Paulista – SP, professor e jornalista); Raul Figueiredo Meireles (advogado); Ruy Afrânio Peixoto (nascido em 13/06/1918, natural de Rio de Janeiro–RJ, advogado e professor); Waldemiro de Faria Pereira (advogado) e Zilmar de Paula Barros (As datas e locais de nascimento e as profissões omitidas são aquelas que não foram localizadas por esta pesquisa. Fontes: *Efemérides Iguaçuanas* e Arquivo Privado Luiz Azeredo).

contos infantis, além de outros trabalhos [...] Luiz de Azeredo jornalista, com centenas de crônicas e comentários, seria outro elemento apreciado (*Correio da Lavoura*, 15 maio 1955, ed. 1991, p. 3, 7.).

A figura de Luiz de Azeredo era acionada, de um modo geral, para eventos, cerimônias e atividades de caráter político e associativo. De acordo com Luis Eduardo de Azeredo (2018), seu avô era um homem muito influente na sociedade iguaçuana, por isso sua constante presença em solenidades, sobretudo naquelas que homenageavam personalidades da cidade. O neto ainda relata que o jornalista gostava de “escrever sobre gente”, por isso inúmeros discursos e imagens registram sua capacidade de integração com prefeitos, deputados, escritores etc.

Mesmo com todo investimento memorialístico de Luiz Azeredo e sua rede, o crescimento populacional, a partilha do território pelas emancipações e ampliação de setores como indústria e comércio não contiveram a elaboração de outras narrativas sobre a cidade. O projeto político para a região operado até os anos 1940 não foi suficiente para atender as demandas impostas por aqueles que se instalaram neste território a partir dos anos 1950 e 1960, o que significou o acirramento da disputa entre os filhos da velha Iguassú e da Nova Iguaçu.

Dados da Agência Municipal de Estatística do IBGE revelam que a população de Nova Iguaçu saltou de 22.382 habitantes em 1940 para quase 70 mil pessoas em 1950. A agência ainda destacou uma estimativa de 94.099 homens e mulheres para o ano de 1956. O crescimento populacional em seus distritos é ainda mais expressivo quando olhamos para dígitos de Mesquita e Belford Roxo. Nos anos 1940, o primeiro saltou de 12.298 habitantes para 23.544, e o segundo cresceu de 7.734 para 23.750 pessoas na década de 1950 (IBGE, 2015, p. 87).

A Iguassú foi absorvida pela Nova Iguaçu periférica, ou seja, tornou-se parte definitiva de uma região responsável por acomodar de maneira barata a mão de obra em descolamento para o Rio de Janeiro. A compra de lotes por trabalhadores e a formação de bairros proletários nos distritos e municípios recém-criados era uma via de mão única. A especulação imobiliária por aqueles que não destituíram os pés de laranja tornou-se o centro da disputa por antigas e novas lideranças políticas.

Mais uma vez, o desenvolvimento da região não foi acompanhado de investimentos em educação, saúde, transportes ou abastecimento de água e energia, por esta razão o

momento despontava novas possibilidades e personagens no campo político. A restauração da democracia em 1946 fez com que esta conjuntura fosse marcada pelo fortalecimento de siglas partidárias como o PTB e o PCB em um reduto marcado pelas forças tradicionais do PSD, sobretudo na figura de Ernani do Amaral Peixoto durante a interventoria (1937-1945) e depois como chefe do executivo estadual (1951-1954).

Na década posterior, a mudança do capital do país para Brasília e o redirecionamento dos investimentos da agricultura para o nacional desenvolvimentismo industrial redefiniram o papel dos municípios desta Baixada até então geográfica:

A democracia recém-instalada e a crescente industrialização e a urbanização transformaram as massas citadinas em setor social fundamental [...] O Estado era compelido a atender a algumas demandas populares e [...] os interesses ruralistas foram desprezados (MOREIRA apud ALEXANDRE, 2015, p. 192).

Foi neste contexto de disputas que a figura de Dionísio Bassi emergiu no meio político. Filho de imigrantes italianos, o *outsider* chegou a Nova Iguaçu como funcionário público municipal e adentrou o poder legislativo pelo PSD nas eleições de 1946. Com experiência no campo jornalístico carioca, o jornalista fundaria em dezembro de 1955 o semanário *Correio de Maxambomba*, momento em que exercia seu segundo mandato como vereador, desta vez já proprietário da folha “em defesa da Baixada”.

A concorrência com o periódico *Correio da Lavoura* estava posta, com o projeto de cidade que Nova Iguaçu se tornaria dali por diante. No próximo capítulo, mostro como Dionísio Bassi ganhou influência na elite política local e tornou-se um “perigo vermelho” a ser contido naqueles anos de consolidação da redemocratização. A filiação ao PCB, seu trabalho junto aos Comitês Democráticos, a vereança e os seus conflitos serão alguns dos pontos tratados sobre a trajetória deste indivíduo em disputa com a memória citricultora estabelecida pelos Azeredo, na pessoa do jornalista Luiz Martins de Azeredo.

## Capítulo 2 – “O arauto das reivindicações da Baixada Fluminense”: Dionísio Bassi e suas redes (1946 -1958)

**Figura 5 - Dionísio Bassi sendo homenageado no Colégio Municipal Monteiro Lobato**



Fonte: Arquivo Nacional.

Col. Monteiro Lobato homenageia seu fundador no Jubileu de Prata

[...] Nas festividades programadas, iniciadas dia 24 e que se prolongarão até hoje, dia 29, constou uma série de atividades e inaugurações de melhoramentos no colégio, culminando com as homenagens prestadas aos beneméritos da instituição, destacando-se o discurso do jornalista Dionísio Bassi, autor na época, como vereador, da resolução que criou o Colégio (*Jornal de Hoje*, Nova Iguaçu, 29 set. a 2 out. 1973, ed. 140, p. 3).

### Mensagem

Ao completar o Colégio Municipal Monteiro Lobato o seu Jubileu de Prata – a magnífica jornada de um quarto de século – me é grato (atendendo a lembrança de sua atual Diretora, a emérito educadora, Prof.<sup>a</sup> DILMA IGNEZ CARDOSO) como fundador desta expressiva Casa de Ensino e com o mais justificado e sadio orgulho enviar à sua Diretoria, ao seu Corpo Docente e ao seu Corpo Discente, esta Mensagem de Congratulações. A ela junto elementos que possam contribuir para a fixação da sua história, enriquecida com o esforço e a abnegação dos Mestres que têm passado pelo Educandário: o Projeto por mim elaborado, apresentado em 23 de março de



1.948 Câmara Municipal [...] Finalmente, na data de hoje, nesta cerimônia do mais alto teor cívico, ao reverenciarmos a memória de Monteiro Lobato – e o fazemos, repito, com a mais justificado e sadio orgulho patriótico –, identificamos nele o paradigma do patriotismo nacional, para quem o Brasil se sobrepôs a todos os interesses, e cuja glória está defende-lo até o sacrifício, conservando-o íntegro, forte, soberano e livre!<sup>40</sup>

## 2.1 Com a palavra, Dionísio Bassi

Publicada em 1973, a Figura 5, que traz o jornalista e vereador iguaçuano Dionísio Bassi cumpre, antes de tudo, uma função política, pois a imagem “garante transmissão de uma mensagem para dar visibilidade às estratégias de poder, ou ainda, às disputas de poder” (MAUAD, 2013, p. 13). Os registros do jubileu dessa escola aparecem tanto na capa do *Jornal de Hoje* como no dossiê sobre Bassi, conservado no Arquivo Nacional e sobre o qual falaremos a seguir. Segundo Ana Maria Mauad, uma foto é composta por elementos que lhe dão forma, a começar pelo local retratado: no caso, o Colégio Municipal Monteiro Lobato. Oriunda de um projeto<sup>41</sup> encaminhado por Bassi, a instituição de ensino aparece na ata de 23 de março de 1948 da Câmara de Vereadores de Nova Iguaçu:

Em seguida o citado vereador solicitou ao presidente a manutenção de sua palavra, para apresentar um projeto de resolução tratando da criação do Ginásio Municipal de Nova Iguaçu, lendo em seguida a justificação de motivos, pedindo a devida atenção dos senhores vereadores por se tratar de um assunto de importância fundamental para a melhoria do nível cultural dos moços de Iguassú. Encerrado sua justificação de motivos que constituía um circunstanciado estudo sobre tão relevante problema. Terminou declarando aguardar confiante pronunciamento patriótico dos ilustres colegas com assento nesta Casa, sobre tão importante assunto (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 23 de março de 1948. Livro: 5, p.21v).

Para Dionísio Bassi, a escolha de Monteiro Lobato para patrono se deu por sua devoção à invenção do futuro e que se vivo fosse estaria “contemplando com muita alegria” suas bandeiras a favor da “invenção do futuro”. No discurso proferido, o jornalista afirmou que o escritor veria suas preocupações quanto:

[...] Assim, no dia imediato ao falecimento desse vulto de nossa história pátria, apresentávamos aos nossos pares da Câmara Municipal proposição homenageando postumamente sua memória, através do Projeto, que após rápida tramitação, era aprovado e transformado em Resolução nº 2, de 19 de

<sup>40</sup> Uma fotografia similar ao ângulo da Figura 5 integra a capa da edição semanal do *Jornal de Hoje* (Nova Iguaçu, 29 set. a 2 out. 1973, ed. 140).

<sup>41</sup> Sancionado pelo então prefeito Sebastião Arruda Negreiros em 04 de maio de 1948.

julho de 1948, designando de “Monteiro Lobato” o nosso atual Educandário. O desaparecimento do inolvidável patrício, ocorrido a 4 de julho (o projeto foi apresentado dia 5, inspirou-me a dar o seu honrado nome ao ginásio que assim, nasceria sob a tutela de uma figura ímpar, que, na justa apreciação dos Mestres do educandário de agora – “em termos de ensino é o próprio exemplo de integração entre as ciências” (ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça: 1995-1987. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1996, p. 164).

Neste sentido, o recorte espacial processado nesta fotografia<sup>42</sup> confere com o que a autora estabeleceu por unidade cultural, ou seja, “é simplesmente toda e qualquer coisa culturalmente definida e individuada como entidade. Pode ser pessoa, lugar, coisa [...] significa compreender a linguagem como fenômeno social” (ECO apud MAUAD, 1996, p. 96). Mais do que registrar os vinte e cinco anos do grupo escolar, a produção dessa fotografia evidencia a preocupação de que a figura de Dionísio Bassi<sup>43</sup> estivesse associada ao desenvolvimento do município. Sua presença em um evento quase cívico corrobora o cuidado do jornalista em manter-se ideologicamente alinhado ao regime militar, dada a histórica tensão entre ele e a polícia política.

Segundo o Departamento Geral de Investigações Especiais do Rio de Janeiro, em 18 de abril de 1964 Dionísio Bassi foi exonerado do cargo de Agente Fiscal do estado com base em um decreto do então governador Badger da Silveira e do Ato Institucional de número 1. O ex-membro do PCB travou uma longa luta judicial para seguir na carreira pública, pois seu afastamento era justificado pelo “extremismo vermelho”.

Neste capítulo, discutiremos sobre como a trajetória de Dionísio Bassi entrelaçou-se politicamente à história iguaçuana entre os anos 1940 e 1950. Sua passagem pelo “partidão”, bem como sua vereança por dois mandatos, revela muito da participação deste personagem no campo político e socioeconômico municipal. Assim como no caso de Luiz Martins de Azeredo, veremos de que forma o exercício do jornalismo estabeleceu ligações de Bassi com algumas das principais lideranças da cena pública local.

---

<sup>42</sup> A fotografia que abre este capítulo encontra-se no dossiê produzido por Dionísio Bassi nos anos 1970, momento em que o jornalista acionou a justiça para reaver seu cargo de inspetor fiscal junto ao estado do Rio de Janeiro. Acusado de exercer práticas subversivas nas décadas de 1940 e 1950, Bassi teve seu posto caçado após o golpe civil-militar de 1964. Por esta razão, ele reuniu diversas informações, reportagens e imagens que comprovassem seu compromisso com a pátria e afastamento de atividades “suspeitas”. Neste sentido, é possível que as imagens também tenham sido encomendadas com a finalidade de serem parte da matéria e do acervo pessoal do jornalista.

<sup>43</sup> É provável que o Colégio Municipal Monteiro Lobato tenha ofertado o curso de formação de professores nos anos 1970, contudo não localizamos estudos específicos sobre o tema (Cf. ASSIS, 2012, p. 327-328).

Elucidarei detalhes das ações desde sua chegada a Nova Iguaçu até a fundação do semanário *Correio de Maxambomba*, passando também pela sua condição de membro do PCB e dos Comitês Populares Democráticos na Baixada Fluminense. As discussões travadas por ele na Câmara Legislativa serão igualmente tratadas,<sup>44</sup> por isso discorro sobre as demandas populares propostas no primeiro mandato (1945-1948) e os detalhes de sua segunda vereança (1955-1958), momento em que atrelou sua carreira jornalística aos interesses das “classes produtoras” do município, ao desenvolvimentismo e ao progresso pautado na indústria e no comércio.

## 2.2 A família Bassi

Aos seis de outubro de mil novecentos e dezoito em cartório compareceu José Bassi; italiano, casado; operário, de trinta e quatro anos; à rua residente a Estrada Dona Castorina duzentos e trinta, perante as testemunhas abaixo designadas declaram que hontem às doze na sua casa sua esposa Dona Maria Dejena; italiana de trinta anos de idade deu à luz uma criança branca do sexo masculino que recebeu o nome de Floriano. Ao paterno de Sabbatini Bassi; e de Felicia Manjassi; falecida; e materno, de Alfonso Dejena e de Laura Guadani; aquelle fallecido [...]<sup>45</sup>

### FALECEU A SRA. MARIA BASSI

Com avançada idade de 81 anos, faleceu nesta quarta-feira última, na Guanabara, a viúva Maria Bassi, genitora do diretor dêste jornal, Sr. Dionísio Bassi. A veneranda senhora deixou cinco filhos, Srs. Alberto Bassi casado com a Sra. Juraci Bassi; Nair Bassi Brayner, casada com o Sr. Paulo Lima Brayner; Floriano Bassi, casado com a Sra. Zilda Bassi; e, Darcília Bassi Coutto e Cruz, viúva do Sr. Heloíso Coutto e Cruz. Deixou ainda nove netos, todos maiores. O sepultamento da estimada dama foi realizado quinta-feira, às 16 horas, no Cemitério de São Francisco de Paula, Catumbi, Estado da Guanabara. A missa de Sétimo Dia será realizada dia 26, quarta-feira, às 9 horas, na Igreja da Candelária, na vizinha capital (*Correio da Semana*, 22 mar. 1969, ed. 695, p. 1).

<sup>44</sup> Para a construção deste capítulo analisei um total de cinco livros, dois produzidos durante o primeiro mandato de Bassi e os demais ao longo do segundo. O livro 4 contempla discussões realizadas entre 18 de outubro de 1947 a 12 de março de 1948 e o de número 5 agrupa atas de 12 de março de 1948 a 06 de julho de 1948. Já os livros 7, 8 e 9 compilam sessões na seguinte ordem: 27 de março de 1953 a 16 de novembro de 1955; 18 de novembro de 1955 a 11 de novembro de 1957; e 08 de novembro de 1957 a 04 de fevereiro de 1960. Mesmo sem os registros dos anos de 1949, 1950, 1951 e 1952, averigui que os debates contidos nas demais atas revelam muito das tensões e caminhos tomados por Dionísio Bassi enquanto vereador.

<sup>45</sup> 5º Ofício de Registro Civil de Pessoas Naturais do Município do Rio de Janeiro 1829-2012: Assento de Nascimento. Livro 1918 agosto-outubro, v. 106-108, registro n. 1697, f.186. In: Portal Family Search. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:79C3-91N2>. Acesso em: 07 jan. 2019.

Nascido em 08 de abril de 1911,<sup>46</sup> no estado da Guanabara, Dionísio Bassi era filho de José Bassi e Maria Genaro Bassi. Na contramão de seu concorrente, Luiz Martins de Azeredo, estas eram as únicas informações sobre a origem familiar do jornalista e político, proprietário do semanário *Correio de Maxambomba*. A partir do seu registro de casamento e de dados da certidão de nascimento de seu irmão, Floriano Bassi, averiguou-se que seus pais e avós eram de origem italiana.<sup>47</sup>

Não foram localizadas informações sobre o desembarque dos Bassi no Brasil, mas registros de nascimento, casamento, óbito e notícias publicadas na imprensa carioca viabilizaram que parte das conexões familiares fosse reconstituída. No primeiro momento desta investigação, a documentação cartorial apontou que o clã italiano viveu na cidade do Rio de Janeiro, mais precisamente em bairros entre o Centro e a Zona Norte da capital federal. No único registro de nascimento desta família que foi localizado, o patriarca afirmou que em 1918 ele, mulher e filhos moravam na “Estrada Dona Castorina duzentos e trinta”, endereço situado no Alto da Boa Vista, bairro da Tijuca.

De acordo com os registros dos livros cartoriais, José Bassi se declarava operário e sua esposa, Maria Genaro Bassi, não teve a profissão mencionada, por isso acredita-se que exercesse serviços do lar. Lucia Lippi Oliveira (2002, p. 27) indica que “[p]ortugueses, espanhóis e italianos por serem brancos, católicos e faltantes de línguas próximas, podiam ser assimilados mais rapidamente e, como já mencionamos, correspondiam ao perfil do imigrante desejado”. Esta parcela de estrangeiros engrossou a população mais pobre de uma cidade em processo de transformação urbana.

Tendo em vista que José Bassi se declarou operário e residiu no Alto da Boa Vista no início do século XX, é plausível supormos que o pai de Dionísio Bassi trabalhou em uma destas fábricas instaladas na região da Tijuca. É igualmente possível que sua esposa tenha sido mão de obra no setor fabril, uma vez que boa parte do operariado têxtil era formada por mulheres e crianças. Estas hipóteses demandam novas pesquisas, embora ao analisar os dados levantados pelos autores pode-se afirmar que o patriarca foi um dos muitos imigrantes a formarem estes bairros entre os anos de 1906 e 1920.

---

<sup>46</sup> Há controvérsias sobre a data de nascimento de Dionísio Bassi, pois em seu registro de casamento consta 08 de abril de 1908, enquanto em outras fontes como jornais, processos e documentos da polícia política o ano é 1911. Não há outro documento que confirme esta informação.

<sup>47</sup> Registros de nascimento e/ou casamento contendo os nomes dos avós de Dionísio Bassi foram localizados no site Family Search. Há muitas dúvidas se as pessoas documentadas são de fato familiares do jornalista. A dificuldade em precisar os sobrenomes se dá em razão destes serem alterados quando escritos em português.

O trabalho de Lená Medeiros de Menezes (2012), por sua vez, demonstrou que muitos destes imigrantes conseguiram melhorias de vida, promoção socioeconômica, ou pelo menos a ascensão de seus filhos e netos. De acordo com a autora, houve um forte investimento na educação dos filhos dos imigrantes, de maneira que muitos dos descendentes não deram continuidade ao negócio dos pais e avós. Por isso, suponho que os Bassi tenham sido um destes casos de sucesso. Segundo Menezes, estes exemplos bem-sucedidos foram resultado “de abertura de negócio próprio [ou] anos de trabalho e poupança forçada” (Ibidem, p. 80). No caso de José Bassi, notas sociais e publicações localizadas em jornais cariocas, sobretudo nos anos 1920 e 1930, sinalizam que o patriarca se tornou um negociador, ou seja, ele pode ter atuado na área comercial.

Em 01 de abril de 1932, o jornal *Correio da Manhã* publicou nota na coluna “A vida social” em que dizia: “Faz annos hoje a senhorita Nair Bassi, alumna laureada da Escola Amaro Cavalcante filha do negociante sr. José Bassi e d. Maria Bassi” (*Correio da Manhã*, 01 abr. 1932, ed. 11442, p. 7). O jornal *Diário de Notícias* fez o mesmo em 01 de abril de 1934, desta vez na coluna aniversariantes “Faz annos hoje a senhorita Nair Bassi, filha de d. Maria Bassi e do sr. José Bassi” (*Diário de Notícias*, 01 abr. 1934, ed. 022242, p. 10, grifo meu).

Sua família seria mais uma vez citada pelo *Diário de Notícias*, desta vez na edição de 01 de abril de 1936. Desta vez nota se refere à Nair Bassi, irmã do colega Dionísio Bassi:

Senhorita Nair Bassi, filha do sr. José Bassi e de d. Maria Bassi e irmã do nosso prezado companheiro de trabalho Dyonisio Bassi. Por esse motivo haverá á noite, na residência da anniversariante, uma festa íntima (*Diário de Notícias*, 01 abr. 1936, ed. 02848, p. 9).

As notas chamam atenção, sobretudo a publicada em 1932, na qual José Bassi é tratado como negociante. Este dado supõe que ele tenha alcançado uma determinada posição social a partir do comércio. Em outras duas publicações, desta vez nos anos de 1938 e 1939, a primeira solicita o comparecimento de um certo José Bassi no Instituto dos Commerciarios e a segunda, de 1939, para que ele se apresentasse no Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Comerciários para restituição de contribuição.<sup>48</sup>

Mesmo existindo escolas primárias italianas no Rio de Janeiro,<sup>49</sup> Nair Bassi frequentou uma tradicional instituição escolar carioca e tornou-se aluna de destaque, o que revela a valorização dada à escolarização e a possibilidade de ascensão desta geração por esse

<sup>48</sup> Em 12 de abril de 1939, o jornal *A Noite* também convocou os contribuintes do Instituto dos Comerciários a comparecerem a sede para restituição de valores.

<sup>49</sup> Cf. NICÁCIO, 2018.

meio. Infelizmente, não há maiores dados sobre a infância e juventude dos outros filhos e filhas de José e Maria Bassi, incluindo o próprio Dionísio. No entanto, as investigações feitas sobre o casal de imigrantes italianos apontam que eles tiveram cinco filhos ao todo, duas mulheres<sup>50</sup> e três homens: Alberto Bassi, Dionísio Bassi, Floriano Bassi, Nair Bassi e Darcília Bassi.

Onze anos mais velho que sua irmã Nair, Dionísio Bassi foi servidor municipal/estadual e jornalista em um jornal carioca. Ao publicar nota sobre o aniversário de Nair Bassi, o jornal *Diário de Notícias* mencionou que a jovem era irmã do “prezado companheiro de trabalho Dionysio Bassi”. Citadas anteriormente no início deste capítulo, as notas foram publicadas na década de 1930, mais precisamente nos anos de 1933 e 1936. As datas sugerem que o jovem Bassi iniciou sua carreira aos vinte anos no campo jornalístico, o que significa que acompanhou momentos importantes da vida política do país.

Na próxima seção acompanharemos a trajetória de Dionísio Bassi na imprensa, o seu ingresso no funcionalismo público e sua atuação na vida política. A partir desta narrativa, pretende-se elucidar como este personagem nascido no estado da Guanabara adentrou a vida social e política iguaçuana a partir do jornalismo, e principalmente, os impactos desse ingresso na construção de uma determinada narrativa sobre si e sobre a cidade.

### 2.3 O arauto da Baixada?

Saudação da A.B.I ao Correio de Maxambomba  
Outras Mensagens e Congratulações pelo Transcurso Do Nosso Segundo Aniversário

Do sr. Herbert Mosse presidente da Associação Brasileira de Imprensa recebemos a seguinte mensagem por motivo de aniversário dêste jornal transcorrido no dia 8 último:

“Prezados confrades do CORREIO DE MAXAMBOMBA:

Ao assinalar- mais um aniversário do CORREIO DE MAXAMBOMBA, órgão que, sob a direção do confrade Dionísio Bassi, se edita na cidade de Nova Iguaçu, - próspero Município fluminense, a Associação Brasileira de Imprensa e seu Presidente saudando a grata efeméride, enviam cumprimentos e votos de prosperidade. HEBERT MOSSE”.

Os srs. Francisco Assis Melo (Queimados) e Geraldo Luciano da Silva (de Areia Branca), estiveram pessoalmente nesta redação, para apresentar ao

---

<sup>50</sup> Durante a pesquisa localizou-se o registro de casamento de Felícia Anaira Bassi, filha de José Bassi e Maria Genaro, ambos italianos. No entanto, o nome da mesma não é citado na nota de falecimento da matriarca. Ao confrontarmos as informações contidas no registro – nascimento, endereço e filiação – com outros dados apurados até aqui, é possível afirmarmos que Felícia seja irmã do jornalista Dionísio Bassi, no entanto, outras investigações sobre o parentesco devem ser feitas.

nosso diretor, vereador Dionísio Bassi, os seus cumprimentos pelo transcurso do segundo aniversário dêste jornal (*Correio de Maxambomba*, 22 dez. 1957, ed. 109, p. 1, 7, grifos meus).

O filho de imigrantes italianos, nascido no estado da Guanabara, não publicou informações ou imagens sobre a infância, a juventude ou a família. Na verdade, a trajetória profissional se sobrepõe à vida privada, para que seu nome se mantivesse estritamente ligado ao jornalismo e à vida política e pública. Sua carreira na imprensa, até onde se apurou, teve início no *Diário de Notícias*, periódico matutino da então capital federal, fundado em 12 de junho de 1930 por Orlando Ribeiro Dias.

De acordo com o *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930* (2001), este jornal nasceu no contexto da “revolução de 1930” e definiu por objetivo “lutar contra “a estrutura oligárquica” da República Velha, colocando-se como porta-voz de um “espírito revolucionário”, que visava a transformação da sociedade”. A revolução caminhou em direção ao reformismo, de maneira que o antiliberalismo fosse superado. Coerentemente, o jornal discutiu pautas de caráter social, econômico e político, por esta razão seria alvo de repressão governamental, especialmente após a ascensão de Getúlio Vargas.

Foi neste contexto, marcado por grandes tensões políticas, que o nome de Dionísio Bassi surgiu atrelado ao diário carioca. Não há informações sobre quanto tempo ele atuou no periódico e quais matérias foram produzidas por ele, mesmo assim podemos afirmar que o jornalista é parte de uma geração que fez carreira na imprensa dos anos 1950. Bassi compôs um grupo de profissionais que fez do ofício jornalístico um caminho para a máquina pública e partidária. Abreu, Lattman-Weltman e Rocha (2003, p. 12) indicam que esta geração viveu um momento marcado pelo:

crescimento econômico, com predomínio da política de substituição das importações, e pela vigência do regime democrático e da liberdade de imprensa. Essa geração conheceu e participou das transformações que, sob a influência da imprensa norte-americana, começaram a ser introduzidas nos jornais e revistas dos principais centros urbanos do país no pós Segunda Guerra Mundial. Assistiu-se então a uma renovação da linguagem, ensaiaram-se inovações na cobertura jornalística e surgiram novas técnicas de apresentação gráfica. Foi um período em que novos jornais foram lançados e alguns já existentes foram renovados.

A fim de reunir as experiências de alguns dos jornalistas, Abreu, Lattman-Weltman e Rocha entrevistaram figuras expoentes como Alberto Dines. Influente no campo jornalístico, Dines foi um dos responsáveis por modernizar o jornalismo brasileiro, instaurar importantes

padrões de qualidade nas redações e, com isto, mudar a forma de fazer imprensa no país (“A trajetória inovadora e influente de Alberto Dines”, 2018). Além do aspecto geracional, a trajetória deste profissional se aproxima da história de vida de Dionísio Bassi. Ambos nasceram no Rio de Janeiro e tiveram pais de nacionalidade europeia – no caso de Dines, os progenitores nasceram na Ucrânia. Diferentemente do patriarca dos Bassi, o pai do jornalista carioca foi um ativista político e secretário da Sociedade de Amparo aos Imigrantes no Rio de Janeiro; sua mãe, uma mulher instruída, de origem rica e mais recolhida.

Alberto Dines não teve nenhuma formação acadêmica e iniciou sua vida profissional no cinema, mais precisamente executando tarefas de assistência de direção, roteirista e documentarista. Dionísio Bassi, por sua vez, adentrou o mundo do jornalismo ainda muito jovem e posteriormente no serviço público, mais precisamente em 1937. Sabe-se que nesta mesma década o jornalista casou-se com Maria Aparecida Siqueira, em 20 de maio de 1933, no distrito de Nilópolis.<sup>51</sup>

O registro diz que ambos residiram no município de Nova Iguaçu, mas que sua esposa era natural de Barra Mansa, estado do Rio de Janeiro. Filha de João Siqueira e Olga Siqueira, Maria Aparecida Bassi casou-se aos 22 anos de idade e Dionísio com 25 anos de idade,<sup>52</sup> e juntos tiveram uma única filha chamada Maria Helena Bassi de Siqueira.<sup>53</sup> Não há informações sobre seu nível de formação ou espaços de ensino frequentados. Em *curriculum* elaborado por ele consta:

1937 – Nomeado Auxiliar da Recebedoria de Nova Iguaçu  
 1938 – Promovido a Escriturário- Datilógrafo.  
 1939 /1940 - Designado pelo Chefe da Recebedoria de Rendas de Nova Iguaçu para julgar de processos de infração fiscal.  
 1941/1942 – Chefe de Seção da Recebedoria de Rendas de Nova Iguaçu.  
 1943/1945 – Assistente-Fiscal da Recebedoria de Rendas da 7ª Zona – Barra do Piraí.  
 1946 – Promovido a Oficial Administrativo e, em 1958, transferido, ex-officio, para a carreira de Agente Fiscal

<sup>51</sup> Registro Civil - 1921-1941: Livro de Matrimônios. ago1932-dez1934, v. 1-3, 1B-9B, registro n. 30, f.66f e 66v. Portal Family Search. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:QGJB-B31H>. Acesso em: 05 mar. 2019.

<sup>52</sup> Aqui a divergência de idade de Dionísio Bassi aparece mais uma vez, pois em seu registro de casamento consta que o jornalista nasceu em 08 de abril de 1908, e não 1911. Outra informação interessante deste documento diz respeito à profissão de Bassi, pois ele é descrito como comerciante, mesma área de atuação de seu pai.

<sup>53</sup> Informações sobre o nascimento, casamento e morte de Maria Helena Bassi não foram localizadas, mas os óbitos de dois recém-nascidos em que ela consta como mãe foram identificados pela pesquisa. O primeiro se refere à Bassi Siqueira, menina nasci-morta em 18 de junho de 1959. O segundo pertence à Sandra Bassi de Siqueira, nasci-morta em 08 de maio de 1961. Ambas nasceram em Nilópolis e são filhas de Getulio Miranda Siqueira (Portal Family Search. Disponível em: <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:77JS-VSMM>; <https://familysearch.org/ark:/61903/1:1:77JS-G56Z>. Acesso em: 05 mar. 2019).



(ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos da Divisão de Segurança e Informações do Ministério da Justiça: 1995-1987. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1996, p. 81).

O ingresso e ascensão de Dionísio Bassi no serviço público exemplifica as políticas implementadas durante o Estado Novo (1937-1945). Segundo Maria Celina D'Araújo (2000, p. 8):

O “novo” aqui representava o ideal político de encontrar uma “via” que se afastasse tanto do capitalismo liberal quanto do comunismo, duas doutrinas políticas que, desde meados do século XIX e mais intensamente a partir da revolução soviética, competiam entre si no sentido de oferecer uma nova alternativa política e econômica para o mundo.

Maria Celina D'Araújo (1999, p. 7) explica que a Era Vargas foi caracterizada por aspectos como o “desenvolvimento econômico, o nacionalismo, o controle sobre trabalhadores e sobre sindicatos, planejamento estatal. A legislação social, os investimentos públicos e sobretudo, pelo papel atribuído ao Estado”. Isto produziu um padrão socioeconômico e institucional que se perpetuaria de forma impressionante. Dentre os aspectos mais marcantes deste período, destaca-se o par técnica *versus* política, ou seja, o saber técnico e administrativo como instrumento para combater os interesses privados e inovar o *modus operandi* de lidar com as questões nacionais.

Maria Celina Soares D'Araújo (2000, p. 31) afirmou que isto significou a centralidade do comando político e administrativo da esfera executiva, a subordinação dos estados ao poder central, ausência de eleições, ou seja, a “autonomia do estado em relação às forças sociedade”. Neste sentido, um dos principais legados do Estado Novo foi a criação de inúmeros aparelhos estatais, que consolidaram a centralização do Estado e o poder de intervenção direta. Do ponto de vista da administração pública, Frederico Lustosa da Costa (2008, p. 845) esclarece que a criação do Departamento Administrativo do Serviço Público (DASP), em 1938, foi uma das ações mais emblemáticas para:

definir e executar a política para o pessoal civil, inclusive a admissão mediante concurso público e a capacitação técnica do funcionalismo, promover a racionalização de métodos no serviço público e elaborar o orçamento da União. O Dasp tinha seções nos estados, com o objetivo de adaptar as normas vindas do governo central às unidades federadas sob intervenção.

O DASP configurou um modelo administrativo capaz de centralizar reformas em diferentes níveis, na tentativa de diminuir a influência de figuras locais junto a tomadas de decisões. De Maria Celina D'Araújo (2000), isto se deu pela criação dos “daspinhos”, nos quais os diretores entravam permanentemente em contato com o presidente por meio de interventores. Isto significou que durante a Era Vargas a seleção de candidatos e promoção de funcionários civis na máquina pública foi uma política recorrente. Por este e outros aspectos, ficam evidentes as razões para que o jornalista Dionísio Bassi tenha ingressado no funcionalismo público municipal e, posteriormente, tenha sido promovido para o cargo de Agente Fiscal do estado do Rio de Janeiro, posto que lhe seria cassado no pós-1964.

Deve-se destacar que as regras estabelecidas pela elite burocrática nem sempre foram aplicadas, por entrarem em conflito com as práticas políticas e pessoais já existentes. O corpo técnico do DASP, por exemplo, atuou até 1945, quando Getúlio Vargas foi afastado do poder e Simões Lopes deixou a direção do departamento. De acordo com a cronologia estabelecida por nossa personagem, ele distanciou-se por completo do funcionalismo público para adentrar de vez no jogo político partidário iguaçuano. A carreira pública o aproximou ainda mais dos problemas municipais, que foram a tônica de suas discussões no primeiro mandato, por isso a documentação do Comitê Municipal do Partido Comunista em Nova Iguaçu<sup>54</sup> revela a centralidade de Dionísio Bassi na organização de ações do partido na Baixada Fluminense nos anos 1940.

## **2.4 Dionísio Bassi e o Partido Comunista Brasileiro (PCB)**

De acordo com Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro (2014, p. 27), o ano de 1945 foi marcado por uma “euforia democrática” em todo mundo. O fim da Segunda Grande Guerra Mundial (1939-1945), o papel da URSS e a derrota do nazifascismo redesenharam as correlações de forças nacionais e internacionais. Foi neste desenrolar da política brasileira e do processo de redemocratização que o:

Partido Comunista emergiu como importante novidade, transformando-se no partido das ruas, das praças, das festas populares, dos bairros operários, das fábricas. O partido demonstrou considerável capacidade de organização e mobilização dos trabalhadores. Grandes comícios e manifestações foram realizados por todo o Brasil, com a presença de Luiz Carlos Prestes.

Neste contexto do pós-guerra, o PCB agiu em duas importantes frentes:

---

<sup>54</sup> Este conjunto documental encontra-se no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro (APERJ).

A primeira dizia respeito à inserção no sistema político brasileiro, definindo-se por uma linha pacifista e de “ordem e tranquilidade” para solucionar os grandes problemas nacionais, dentro dos quadros da legalidade.

[...] A segunda frente de atuação dos comunistas brasileiros referia-se à luta pela hegemonia no movimento operário, enfrentando as crescentes demandas da classe trabalhadora brasileira (Ibidem, p. 32-33).

Sem um acordo quanto à orientação política, no geral a ordem era de manter a aproximação junto aos sindicatos, mas sem greves, a partir da aproximação de associações e espaços de caráter operário para mobilização e vínculo dos trabalhadores com o Partido Comunista. Ainda segundo Marcos Cesar de Oliveira Pinheiro, através dos Comitês Populares Democráticos, os membros do PCB articularam a pequena política com a grande política, ou seja, as demandas cotidianas com as questões nacionais. Por isso o historiador afirma que:

os Comitês Populares Democráticos seriam de fundamental importância para a mobilização e organização dos setores populares. Deveriam constituir-se em organismos que, unidos, pouco a pouco, de baixo para cima, se tornariam as organizações democráticas populares de cidades, de região e de estado, até a grande união nacional, aliança de todas as forças, correntes, grupos e partidos políticos que aceitassem o programa mínimo de unificação nacional. Consequentemente, esses organismos populares escolheriam como seus candidatos aos cargos eletivos homens que lhes parecessem capazes de defender aquele programa (Ibidem, p. 35).

Os CPD's se deram em duas frentes de trabalho, a primeira ligada aos problemas de bairro, e a segunda aos comitês profissionais. Marcos Pinheiro afirma que os comitês também foram constituídos com base em critérios associativos como cor, religião e gênero. Os comitês ganharam grande espaço no Rio de Janeiro, especialmente os comitês de bairro, uma vez que estes “eram mediadores entre as demandas da população local e as instituições públicas, dando visibilidade aos problemas a serem debatidos em espaços públicos e incorporados nas agendas dos que decidiam” (Ibidem, p. 39).

Os comitês profissionais foram extremamente profícuos para o PCB, dada a aproximação junto aos trabalhadores e aos sindicatos. Com vários subcomitês, os grupos de trabalho “levantavam questões dentro da classe, com a finalidade de colocar a diretoria em dificuldade” (Ibidem, p. 38). No caso da Baixada Fluminense, os comitês de bairro conseguiram adentrar com facilidade na realidade local, haja vista a presença destes em diversos municípios como Mesquita, Nilópolis, Nova Iguaçu etc. Os CPD's mobilizaram a sociedade em geral, pois desenvolveram a aproximação das “classes nacionais progressistas” e organizaram localmente as reivindicações mais imediatas da população como falta d'água,

luz, saneamento, educação, saúde e acesso ao transporte público. Pinheiro resumiu a estruturação dos comitês de bairro da seguinte forma:

Quanto à organização de um comitê de bairro, inicialmente, caberia a uma pessoa ou mais formar um grupo de interessados que se transformaria numa comissão provisória de organização eleita, para dar encaminhamento a uma fase de estrutura definitiva do comitê, com dirigentes democrática e periodicamente eleitos. [...] Após a estruturação definitiva do comitê, havia a proposição de ir constituindo-se aos poucos um conselho diretor, “de forte conteúdo nacional progressista”, para auxiliar eficazmente na boa direção do comitê. [...] Em relação às tarefas práticas, os Comitês Populares não deveriam abraçar de imediato um grande número de tarefas, desproporcionais às suas forças e à sua experiência, mas escolher cuidadosamente as tarefas “com grande senso de responsabilidade e sentido de exequibilidade imediata”, aumentando gradativamente de acordo “com as demonstrações concretas da capacidade do comitê de cumpri-las” (Ibidem, p. 40-41).

A formação desses comitês populares em bairros de municípios como Nova Iguaçu foi estratégica nos anos 1940. Foi um importante movimento de politização e educação de um espaço urbano em transformação como a Baixada Fluminense. Constituíram-se “quadros de pressão no atendimento de reivindicações populares, uma nova esfera de interlocução entre o poder político e a sociedade civil” (Ibidem, p. 42). Foi neste contexto de exigências e de “educação do povo” que Dionísio Bassi emergiu como uma das principais lideranças no PCB e dos CPD’s municipais. Infelizmente, não há como precisar o ano de sua filiação ao partido, mas pressuponho que tenha ocorrido no pós-guerra. Datada de 24 de março de 1946, uma lista<sup>55</sup> reúne os nomes dos integrantes e suas respectivas funções:

Exem. Sr. Dr. Delegado Regional  
Nova Iguassú.

Em resposta ao pedido de V. Exc., verbalmente, sobre a constituição do diretório municipal do PCB (Comitê Municipal), informo que o mesmo está assim constituído:

---

<sup>55</sup> Uma extensa tabela reúne nome, profissão e endereço de cada membro do partido em Nova Iguaçu. Para conhecimento de todos listo aqui os integrantes, são eles: Dionísio Bassi, Antonio Cavalieri, Dulcídio Pimentel, Nanime Amaréa, João de Andréa, José Benedito Marcondes, Vicente Rodrigues e família, José Mansone, Gilberto Silvestre dos Santos, Profeta do Nazareno, Ruben Belém, Mario da Silva Feijó, Hamilton da Silva Feijó, Guacina da Silva Bastos, João Ribeiro, Roberto Cabral, Paulista, Julio Rabelo, Cresio Tide Araujo Cavalcanti, Ismael Ramos, Nilo de Oliveira, João Amaral, Dr. José Brigagão, Dr. Paulo Froés Machado, José Marcelino Mendes, Joaquim da Silva Freitas, Joaquim Guimarães, Virgílio Domingos Vaz, Altair Moddon Pinto, Benedito Amorin Machado, Luiz Vieira, Nicano Rangel dos Santos, Valdemar Maurílio Bonfim, Moysés Augusto Miranda, Álvaro dos Santos, Zacarias Felipe Gabriel, Dr. Noel Guimarães, Laudelino F. Carneiro Barros, Dr. Emerson de tal, José de Matos, Coaracy Pinto Duarte, Ruth Bezerra de Albuquerque, Paulo Coutinho, Florinda de Tal, Sinfrônio Muniz Corrêa, Antonio Lins Maia Gomes, Isaac de tal, Trindade de tal (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). DOPS/ RJ, PSV, NI, 1403. 03, 04 de junho de 1946, p. 1, 4-6).

Secretário – Sinfrônio Muniz Corrêa;  
 Organização – Antonio Lins Maia Gomes;  
 Eleitoral - Vivaldo da Cruz e Melo;  
 Divulgação – Cid do Couto Pereira;  
 Sindical – Abdias Borges;  
 Tesoureiro – Dionísio Bassi

Sem outro assunto no momento, aproveite a oportunidade, para apresenta a Vossa Excelência os meus protestos de estima e elevada consideração. O SECRETÁRIO GERAL DO COMITÊ MUNICIPAL. Sinfrônio Muniz Corrêa  
 (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). DOPS/ RJ, PSV, NI, 1403, 03, 04 de junho de 1946, p. 1, grifo meu).

Segundo David V. Fleischer (1981, p. 56), o PCB “foi um dos primeiros partidos a se organizar ainda na década de 1920, e foi muito ativo a partir de 1934 como carro chefe da Aliança Nacional Libertadora (ANL)”. Com a instauração do Estado Novo, em novembro de 1937:

acentua-se a repressão aos opositores, em especial aos comunistas. Em 1940 todos os membros do Comitê Central e a maioria dos dirigentes regionais foram presos. No final desse mesmo ano, pequenos grupos isolados partem para uma gradual reestruturação do partido, destacando-se os grupos da Bahia e do Distrito Federal, ligados a Luiz Carlos Prestes. Em 1942 foi organizada a Comissão Nacional de Organização Provisória (CNOP). Em agosto de 1943, sob a orientação da CNOP, realiza-se a II Conferência Nacional, conhecida mais tarde como Conferência da Mantiqueira. A nova linha política do partido defendia a estratégia da “União Nacional” em torno do Governo Vargas, na luta contra a ameaça nazifascista (ARQUIVO DE MEMÓRIA OPERÁRIA DO RIO DE JANEIRO, 2007, p. 7).

Com a saída de Getúlio Vargas do poder em 1945, o PCB experimentou um novo momento de sua história, pois “com a abertura política e a anistia, os opositores ao governo, especialmente os comunistas, são beneficiados. Inicia-se para o partido uma nova fase de reestruturação” (Ibidem, p. 2). A legalidade permitiu ao PCB se organizar em células por todo país e fez com que a sigla fosse o maior Partido Comunista da América Latina. A legenda conseguiu números expressivos nas eleições federais de 1945 e fez o mesmo em 1947, quando 46 candidatos se tornaram deputados estaduais e vereadores em diversos municípios (Ibidem, idem).

Para Rodrigo Patto Sá Motta (1999, p. 74), o reestabelecimento do Estado democrático e a anistia do pós-1945 fez com que o PCB ganhasse expressão política e se reestruturasse em pouco tempo. Dentre os fatores que possibilitaram a ascensão da sigla, o autor afirma que:

Tal sucesso se deveu, em grande parte, ao já mencionado “clima” de pós-guerra. Parcelas expressivas da opinião pública mundial tornaram-se simpáticas aos ideais reformistas e de esquerda, situação em parte decorrente do enorme prestígio alcançado pela União Soviética, identificada corretamente como principal responsável pela vitória aliada sobre os exércitos nazistas. A expansão do PCB deveu-se também à competente exploração da imagem popular de Luiz Carlos Prestes agora acrescida de um elemento importante, o martírio.

Com base nesta conjectura, fica evidente que Dionísio Bassi aproveitou o bom momento do PCB, provavelmente o melhor momento da história desta sigla, para atuar junto aos CPD's. De acordo com Henrique Buy dos Santos (2013, p. 52), os comitês foram difundidos por Luiz Carlos Prestes para “conseguir um maior número de informações a respeito das condições enfrentadas pela população e a partir daí permitir a elaboração de uma plataforma política, que se baseava na condição de vida das classes populares”.

Ainda segundo Buy, o Partido Comunista Brasileiro se manteve atento às questões socioeconômicas e políticas da legenda, por esta razão os CPD's fortaleceram melhorias nas condições de bairros no Rio de Janeiro e em municípios da Baixada Fluminense. Os Comitês Progressistas Democráticos detinham aspectos administrativos análogos e objetivos também parecidos como, por exemplo, o combate a problemas ligados aos setores da saúde, da educação, do saneamento e do transporte público. A criação de comitês no município de Nova Iguaçu e em seus distritos de Mesquita e de Nilópolis corrobora a percepção de que a região foi “ocupada” pelos comunistas, a partir de intervenções políticas e sociais.

As atividades políticas exercidas por Dionísio Bassi expressam uma liderança conectada às diretrizes determinadas pelo PCB. Isto fica evidente em alguns dos principais jornais da cidade do Rio de Janeiro. O jornal *Tribuna Popular*,<sup>56</sup> impresso conhecido por sua linha editorial progressista, reúne diversas publicações sobre a atuação de Bassi no comitê municipal do partido em Nova Iguaçu. Dentre as matérias veiculadas na imprensa carioca, Bassi foi enaltecido pela inauguração de escola gratuita na Posse, bairro iguaçuano:

Uma feliz iniciativa do Comité Democrático local \* Compareceu à solenidade grande número de camponeses e moradores da zona

Conforme anunciamos, realizou-se ante-ontem, às 20 horas na localidade de Posse (Município de Iguaçu), a inauguração de uma escola noturna de alfabetização destinada às crianças e adultos. Essa escola que é uma louvável iniciativa do Comité Democrático Progressista da Posse, tem a capacidade para 150 alunos e conta com um corpo docente de quatro professores que são

<sup>56</sup> Segundo Luís Eduardo de Oliveira (2011), o *Tribuna Popular* foi palco da militância do PCB entre 1945 e 1946. A partir deste órgão de propaganda, a sigla ampliou sua influência política e eleitoral.

os seguintes: Dulcídio Pimentel, José Castor, Gilberto Alves dos Santos e Paulo Fróes Machado. Compareceu à solenidade eminentemente patriótica grande número de lavradores, camponeses e moradores da localidade bem assim como representantes dos comitês democráticos de Nova Iguaçu [...] e o representante do P.C.B de Nova Iguaçu, sr. Dionísio Bassi [...] OS ORADORES – Durante o ato, falaram, entre outros enaltecendo o significado da cerimônia, os srs. Dulcídio Pimentel, Jorge A. Cabral, Capitão Paulino Barbosa, Wilson Dantas, presidente do Comité Democrático da Posse, José Castor, o nosso colega de imprensa Luiz Azeredo, do “Correio da Lavoura”, Dionísio Bassi e o sr. Vicente Rodrigues da Costa, que representou a TRIBUNA POPULAR (*Tribuna Popular*, 11 nov. 1945, ed. 147, p. 5, grifos meus).

Suas ações também se deram em outros municípios e distritos da Baixada Fluminense. Ainda no *Tribuna Popular*, Dionísio Bassi aparece em uma segunda nota, desta vez sobre o Comitê Democrático de Nilópolis. A publicação discorre sobre as reivindicações de moradores sobre a desapropriação de terras:

#### COMITÉ PRÓ-REIVINDICAÇÕES DEMOCRÁTICAS DE NILÓPOLIS

Este Comité se reuniu anteontem, à rua Mena Barreto, 240, em Nilópolis, e os moradores presentes fizeram as seguintes reivindicações: desapropriação e divisão das terras do Morgado do Marapicú, para cuja, campanha foi escolhida uma comissão composta dos srs. Laudelino Barros, Alvaro Martins Jaime Branco; voto para os militares em geral, para os analfabetos e estrangeiros com mais de dez anos de residência no Brasil. Entre outros usaram da palavra os srs. Laudelino de Barros, Jaime Branco, Alvaro Martins, Valentim Fernandes, Arlindo Teles da Silva, Dionísio Bassi e João de Melo (*Tribuna Popular*, 20 jun. 1945, ed. 026, p. 5).

Bassi parece despontar dentre os membros do partido desta região. Graças à sua capacidade articuladora, o jornalista foi citado pela participação em comício organizado no distrito de Nilópolis. Na ocasião, Luiz Carlos Prestes falou aos membros, depois de visitar os municípios de Magé e Engenheiro Paulo de Frontin:

Prestes Falará Hoje em Magé  
Amanhã em Nilópolis

Pela primeira vez o povo de Magé e Santo Aleixo ouvirá a palavra do Senhor Luiz Carlos Prestes num comício [inelegível] que se realizará às 20 horas de hoje, na praça, Nilo Peçanha. Para tanto é intensa a mobilização do povo fluminense destas localidades que hoje aclamará o senador do Povo, querido líder do proletariado e do povo brasileiro. Tal visita servirá, além do mais, para incentivar a Campanha Pró-Imprensa Popular, que vem recebendo o mais entusiástico e caloroso apoio de todo povo mageense. Amanhã, o dirigente máximo do P.C.B falará noutro município fluminense em Nilópolis. Antecedendo ao comício que se realizará às 20 horas na praça Paulo de Frontin [...] No grande comício, além do senador Prestes, falarão as seguintes pessoas: Stela Gregory de Oliveira, Dionísio Bassi, Walkirio de

Freitas e dr. José Brigagão Ferreira (*Tribuna Popular*, 26 out. 1945, ed. 429, p. 8, grifo meu).

Não por acaso, a Departamento de Ordem Política e Social (DOPS) demonstrou preocupação com as ações organizadas pelo CDP de Nova Iguaçu, célula da qual Bassi foi secretário. Isto foi resultado de sua influência junto à imprensa carioca e, principalmente, pela capacidade de mobilização a partir dos Comitês Populares Democráticos da Baixada Fluminense. No documento intitulado “verificação de jornais”, fica evidente a atenção dada pelo departamento de investigação:

DO COMITÉ MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU, DO PCB

O Comité Municipal de Nova Iguaçu do PCB dirigiu o seguinte telegrama ao senador Luiz Carlos Prestes e demais membros da Banca da Comunista: “O Comité Municipal de Nova Iguaçu solidário com os heroicos portuários santistas protesta energicamente contramedidas reacionárias fechamento do Sindicato dos Portuários de Santos e prisões operários (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). DOPS/ RJ, PSV, NI, 1403, 03, 04 de junho de 1946, p. 21).

A polícia política registrou, inclusive, a grande concentração de pessoas no comício realizado pelo PCB no centro do distrito-sede iguaçuano:

Três mil pessoas participaram do Comício de Nova Iguaçu

Comemorada pelo povo, com extraordinário entusiasmo, a Quinzena da Legalidade – Usou da palavra o deputado Oswaldo Pacheco

Como vinhamos noticiando realizou-se ante-ontem, às 19horas, na Praça 14 de Novembro, em Nova Iguaçu, um comício de comemoração à Quinzena da Legalidade do Partido Comunista do Brasil. Dificuldades diversas tiveram de ser transpostas pelos elementos encarregados da organização do “meeting”, uma vez que a Secretaria de Segurança Pública do Estado do Rio havia impedido o comício. Mas o “meeting” se realizou, a ele comparecendo cerca de 3 mil pessoas que aplaudiram calorosamente todos os oradores (Ibidem, p. 22).

A presença do Partido Comunista causou efeitos nos resultados do pleito iguaçuano para a esfera estadual e federal no ano de 1947. De acordo com o jornal *Correio da Lavoura*, no município de Nova Iguaçu o PSD atingiu 4.298 votos; a UDN, 3.653, o PCB, 3.044 e o PTB 2.351 (*Correio da Lavoura*, 02 fev. 1947, ed. 1.559, p. 2). Estes números atestam o crescimento da legenda comunista a nível nacional e fluminense, mas principalmente evidencia que os CDP’s implantados na década de 1940 atingiram seus fins junto à população iguaçuana. Ao desenvolver soluções para as precariedades dos bairros mais pobres e tornar



clara a proposta da sigla, o PCB fez o que Marcelo Badaró Mattos (2012, p. 123) denominou “desenvolvimento de ferramentas autônomas de produção e disseminação de informações, bem como de espaços de formação política”.

Como membro do PCB e dos Comitês Populares Democráticos, Dionísio Bassi teve suas ações largamente monitoradas pela polícia política, haja vista as inúmeras menções a seu nome em relatórios e processos investigativos. Mesmo adjetivado como “extremamente perigoso”, “subversivo” e “potencial agitador”, o jornalista se elegeu pela primeira vez para o cargo de vereador em Nova Iguaçu. Vinculado à sigla do PSD e não ao PCB, dada a ilegalidade deste último, Bassi ingressou na Câmara Legislativa com pautas vinculadas à cartilha política do PCB, mesmo estando sob forte ataque. Segundo o *Correio da Lavoura*, dezessete vereadores e dois suplentes foram eleitos no pleito municipal de 1947, são eles:

**Tabela 2 - Relação dos vereadores eleitos em Nova Iguaçu (1947-1950)**

| <b>Vereadores eleitos no pleito municipal - 1947</b> |                |
|--|----------------|
| Nomes  | Total de Votos |
| José Haddad (PSD)                                    | 799            |
| Luiz Guimarães (UDN)                                 | 781            |
| Humberto Gentil Baroni (UDN)                         | 560            |
| Paulo Machado (PSD)                                  | 548            |
| Juvenal Pereira dos Santos (PSD)                     | 485            |
| Ari Schiavo (PSD)                                    | 476            |
| Sebastião Reis (PSD)                                 | 462            |
| Jesus de Castro Vieira (UDN)                         | 403            |
| Manoel Almeida (UDN)                                 | 387            |
| Manoel Passos (PSD)                                  | 374            |
| Carmelita Brasil (PSD)                               | 356            |
| Antonio Gotelip (PSD)                                | 329            |
| Antonio dos Santos (UDN)                             | 322            |
| Otavio José Soares (PTB)                             | 320            |
| Manoel Oliveira (UDN)                                | 310            |
| Alcebíades Melo (PSD)                                | 281            |
| Dionísio Bassi (PSD)                                 | 247            |
| 1º suplente do PSD – Válder Freitas                  | 241            |
| 1º suplente da UDN – Joaquim Quaresma                | 286            |

Fonte: *Correio da Lavoura*, 12 out. 1947, ed. 1595, p. 2.

De acordo com a mesma publicação, o PSD reuniu 5.332 votos, a UDN 4.443, o PTB 1.207, o PDC 467 e o PRP 62 votos. Abaixo da relação elaborada pelo semanário, há um parágrafo que diz:

O PSD, majoritário, fez dez vereadores, sete pela legenda partidária e três pelas sobras, que são Antonio Gotelip, Alcebíades Melo e Dionísio Bassi, A

UDN conseguiu fazer seis vereadores e o PTB um. O PDC e o PRP não puderam eleger vereadores. Dos eleitos para constituírem o Poder Legislativo, isto é, Câmara Municipal só alcançaram o quociente partidário os vereadores José Haddad e Luiz Guimarães (Ibidem, idem, grifo meu).

O *Correio da Lavoura* destaca que Antonio Gotelip, Alcebíades Melo e Dionísio Bassi se elegeram pelas “sobras do PSD”. Os três vereadores foram alvo de investigações da polícia política nos anos que precederam as eleições, e se mantiveram no centro das atenções após a instalação da Câmara Legislativa, graças ao vínculo com o PCB. Os primeiros meses de mandato de Dionísio Bassi revelam que o fazer político não se mostrou fácil na conjuntura de ilegalidade. Tanto a publicação do semanário quanto a ata da sessão ordinária descrevem que a eleição para composição da presidência revelou surpresas após a votação. O *CL* relatou que:

Procedeu se em seguida à eleição da Mesa, que ficou assim formada para surpresa da maioria dos pessedistas: Presidente Humberto Gentil Baroni; Vice-presidente, Antonio Gotelip; 1º Secretario, Otavio José Soares, e 2º Secretario Manoel de Almeida. A chapa derrotada, do PSD, era formada pelo Paulo Machado, Carmelita Brasil, Dionísio Bassi e Alcebíades S. de Mello, para respectivamente, presidente e vice, 1 e 2 secretários. [...] Falou primeiro o vereador Gotelip, por uma questão de princípio, para renunciar irrevogavelmente, pois prometera inteiro apoio ao PSD para formação da Mesa. Seguiu-se lhe com a palavra o líder do PSD, Paulo Machado, candidato derrotado de seu partido ao cargo, mas que se sentia triste ao verificar eu na sua bancada havia dois traidores, dois Silverio dos Reis a quem faltara moral, pois não cumpriram com o que tiveram ajustado, causando essa declaração visível mal-estar entre os pessedistas, colocados em situação difícil (*Correio da Lavoura*, 19 out. 1947, ed. 1596, p. 2).

Na edição seguinte, Luiz Martins de Azeredo escreveu que a eleição da mesa foi marcada por traições, pois mesmo o PSD sendo maioria, candidatos udenistas haviam vencido o pleito interno. Isto causou muitos ruídos junto aos vereadores, pois na ata da segunda parte da sessão de instalação da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, realizada em 18 de outubro de 1947:

o vereador Antonio Gotelip que fez uma exposição sobre a sua eleição para Vice-Presidente e na qualidade de membro do extinto Partido Comunista e tendo que honrar suas palavras, porque era fiel ao Partido Social Democrático, não [ilegível] outro caminho senão renunciar ao cargo de Vice-Presidente. Logo, após o vereador Paulo Fróes Machado pediu a palavra e disse haver no seio do Partido Social Democrático, dois traidores, dois Silvério dos Rei, pois não cumpriram a sua palavra, anteriormente empenhada com (inelegível) a sua eleição para o cargo de Presidente da Mêsca [...] Falou também o vereador Manoel José dos Passos, dizendo que em vista da traição havida no seio de seu partido, entregava o cargo nas mãos do senhor Presidente (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 18 de outubro de 1947. Livro: 4, p.2v e 3f).

A 02 de novembro de 1947, na coluna “Cheguei, ouvi e anotei”, o mesmo Luiz de Azeredo sinalizou que os nomes dos traidores na eleição da presidência da Câmara Municipal foram revelados e, mais uma vez, o termo comunista apareceu:

Logo no princípio daquela sessão que prometia e veio mesmo “tempestade, ficaram todos sabendo quais os vereadores que votaram com a UDN, sendo por isso considerados traidores: Juvenal dos Santos, que mudara de lugar e se encontrava naquele momento entre os vereadores udenistas e comunistas, e a vereadora Carmelita Brasil, acomodada entre os pessedistas. Aquele confirmava a sua resolução: ainda era traidor; esta voltava a hipotecar solidariedade a seu chefe: não era mais traidora (*Correio da Lavoura*, 02 nov. 1947, ed. 1598, p. 1).

Na sessão seguinte, Antonio Gotelip formalizaria sua desistência do cargo, proferida verbalmente em encontro anterior:

O vereador Antonio Gotelip pediu a palavra e apresentou um requerimento solicitando a sua renúncia do cargo de Vice-Presidente para qual fôra eleito por ocasião da instalação desta Câmara Municipal confirmando desta forma o seu pedido verbal feito na sessão do dia 18 do corrente requerimento este que foi aceito. Em seguida o senhor Presidente suspendeu a Sessão por cinco minutos afim de que os vereadores se munissem de cédulas para procederem a eleição para vice-presidente (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 27 de outubro de 1947. Livro: 4, p.3v e 4f).

Segundo a vereadora Carmelita Brasil, ela teria sido forçada a tomar tal atitude, pois uma tentativa de suicídio teria ocorrido em sua residência. Juvenal dos Santos, acusado de passado comunista, justificou-se assim:

O VEREADOR Juvenal dos Santos, quando de sua explicação pessoal, declarando que se desligava de seu antigo partido, sustentou acalorados debates com os vereadores Machado, Schiavo, Passos, Gotelip e Haddad. Este, quando mencionou que sentia ter o orador resolvido fazer só naquele momento a sua declaração de rompimento com o PSD e o chefe, respondeu o representante de Cava calmamente: “E” que já acordei e v. excia ainda está dormindo...” O vereador mais votado do Município achou ruim, estrilou (Ibidem, p. 1).

Em novembro de 1947, o suplente e líder de uma liga camponesa em Nova Iguaçu, Isaac Freire Barroso, sofreu agressões da polícia no distrito de Vila de Cava. O fato foi relatado em sessão ordinária da câmara e causou comoção junto aos vereadores “vermelhos”. De acordo com a coluna “Notícias da Câmara Municipal”, o presidente da casa comunicou o

fato e solicitou que os colegas sugerissem medidas cabíveis para o caso. O vereador Paulo Fróes Machado afirmou que a prisão de Barroso era um desrespeito à democracia e que “poderiam matar um liberal, mas não matarão a liberdade”. Por fim, o jornal destacou que Dionísio Bassi usou da palavra:

também para protestar contra a prisão de Barroso e as brutalidades de que ele fôra vítima. Leu uma carta do trabalhista Byron de Almeida, relatando-lhe os fatos apartando Juvenal que os acontecimentos não se passaram como os contava Bassi. Este disse que os comunistas têm apanhado e sofrido bastante, mas iam reagir, Bassi, que aceitou apartes de Machado, Guimarães, Passos, Juvenal e Jesus, quando denunciava a exploração do jogo, requereu fosse enviada uma moção de desgosto ao Governador pelo espancamento de Barroso e que se comunicasse o fato ao Juiz e ao Promotor da Comarca.

A não posse de Antonio Gotelip, as agressões sofridas por Isaac Barroso e os incômodos causados pelos posicionamentos de Dionísio Bassi nas sessões – apresentados neste capítulo – evidenciam uma perseguição a estas peças do jogo político local no contexto pós-1947. Ao mapear as atas da Câmara Legislativa Municipal,<sup>57</sup> identificou-se que figuras ligadas ao PCB seguiram sendo rotuladas como “comunistas”, “subversivos” ou como “vereadores com passado comunista”. Infelizmente, o Arquivo da Câmara Municipal de Nova Iguaçu contém muitas ausências em sua coleção, especialmente sobre o período de clandestinidade do PCB e de seus membros em Nova Iguaçu.

## **2.5 Dionísio Bassi e o primeiro mandato no legislativo municipal (1947-1950)**

Durante seu primeiro mandato, Bassi se ateu a muitas demandas das camadas populares, tais como questões de cunho trabalhista, perseguição à imprensa, enaltecimento do funcionalismo, melhorias nos serviços públicos e intensa cobrança junto ao Poder Executivo. O perfil dos requerimentos, cargos e comissões integradas por ele confirmam que o vereador permanecia atento às diretrizes do Partido Comunista e de que a legenda pessedista foi apenas a porta de entrada para aquele momento de cassação da legalidade do PCB.

---

<sup>57</sup> Destaco o levantamento feito por Letícia Siqueira Costa, bolsista CNPq e discente do curso de Licenciatura em História da UFFRJ – Instituto Multidisciplinar – Campus Nova Iguaçu. A estudante mapeou as ações do jornalista Dionísio Bassi durante seus dois mandatos como vereador (1947-1949 e 1955-1959) e transcreveu as principais discussões e fatos contidos nos livros de Atas do Poder Legislativo iguaçuano neste período. Seguindo um roteiro estruturado, a bolsista apurou detalhadamente informações descritas em requerimentos, comissões, conflitos e projetos integrados por Bassi na tribuna, bem como aproximações e distanciamentos entre nossa personagem e figuras e/ou instituições da região. Registro meu agradecimento à Letícia pelo trabalho entregue e ao meu orientador João Marcelo Ehlert Maia, que custeou por dois meses o valor de uma bolsa para que a estudante investigasse as fontes aqui citadas.

Nas sessões subsequentes, na instalação da Câmara, Bassi demonstrou assiduidade e expressiva atuação, vindo a se tornar membro da Comissão de Finanças e Orçamento, junto aos colegas Carmelita Brasil Monteiro e Jesus de Castro Vieira. O jornalista também compôs a Comissão de Constituição, Justiça e Redação junto aos vereadores Paulo Machado e Luiz Guimarães. Contudo, suas exigências junto ao prefeito udenista Sebastião de Arruda Negreiros ganharam destaque nos primeiros meses de mandato, assim como sua atenção para o orçamento municipal de 1948.

Sobre isso, Bassi trabalhou em conjunto com outros vereadores para que cobranças ou pareceres fossem constantemente encaminhados. “O Presidente da Casa leu um Memorial que foi endereçado dos senhores vereadores Paulo Machado, Antonio Gotelip e Dionísio Bassi, com relação a Lei Orçamentária para 1948” (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 13 de novembro de 1947. Livro: 4, p. 30v). Infelizmente, informações sobre as mensagens enviadas pelo prefeito à Câmara não constam nas atas, que apenas indicam que essas mensagens foram “lidas”.

Ainda sobre as mensagens oficiais do Executivo, constatou-se um momento de tensão entre os membros da bancada do PSD, pois eles foram acusados por Luiz Guimarães, membro da UDN, de “prejudicarem o prefeito”, vista a morosidade dos membros pessedistas da Casa. De acordo com a liderança udenista, a votação do Regimento Interno era uma desculpa para avaliar o conteúdo da mensagem 3, item de grande importância para a Administração Municipal, uma vez que dela depende grande número de serviços de execução, os quais não poderiam sofrer solução de continuidade, e terminou acusando o senhor vereador Dionísio Bassi de ter tratado de assuntos de menor importância à política nacional, dentre os quais o caso Barroso. Segundo Paulo Machado,

em nome da bancada do PSD e da Comissão de Constituição, Justiça e Redação a votação do Regimento Interno não prejudicou de forma alguma a mensagem nº3 e se alguma culpa houve esta cabe somente ao senhor Dionísio Bassi (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 26 de novembro de 1947. Livro: 4, p. 56v).

Também há um pedido de renúncia de Bassi e de Machado, de quando estes foram alvo de ataques por pressionarem o chefe do Executivo. O episódio terminou com uma reeleição, em que ambos foram novamente votados para o cargo da Comissão da qual integravam. Assim, Machado pede desculpas pela perda de tempo e retorna ao cargo junto ao colega. Nesta ocasião, Bassi é criticado por Carmelita, quem:

pediu a palavra e disse que de fato fez críticas ao vereador Dionísio Bassi, em face do mesmo reter, por muito tempo, os documentos encaminhados a Comissão de Finanças e Orçamento adianta que o mesmo foi deselegante, despachando para si mesmo a mensagem nº3 e continuando falou sobre o requerimento formulado pelo Lar de Jesus que também se achava em poder daquele vereador e terminou dizendo que achava justas as críticas ao senhor vereador Dionísio Bassi (Ibidem, p. 57v-58f).

Este episódio configurou um dos conflitos entre Carmelita Monteiro e Dionísio Bassi, membros da mesma Comissão. No final desta ata, a divergência entre os vereadores também se revela pelo fato de Monteiro considerá-lo “comunista” e preferir o distanciamento de alguém com sua posição política. O componente ideológico, atrelado ao rigor dos procedimentos legais dentro da Câmara Legislativa, foi objeto de agitação permanente entre Bassi e os demais vereadores. Sua austeridade e aproximação constante com causas operárias e das camadas populares, junto a seu colega Antonio Gotelip, lhe deram uma imagem de agitador, preocupado em disseminar os ideais comunistas.

Seus discursos eram longos e permeados por trechos de pronunciamentos de Luiz Carlos Prestes, postura incômoda para os colegas de tribuna. Em uma de suas primeiras falas como vereador eleito, Dionísio Bassi falou sobre a cassação dos mandatos dos parlamentares eleitos sob a legenda do extinto Partido Comunista e, em seguida, leu um manifesto escrito pelo senador Luiz Carlos Prestes. O vereador Luiz Guimarães pediu a palavra e fez um apelo para que seu colega não trouxesse assuntos que estivessem sendo debatidos em Câmaras altas, em face de estes não interessarem ao município. De acordo com Guimarães, o município teria temas mais importantes e de impacto imediato na vida da população iguaçuana. Em resposta ao udenista, Dionísio Bassi afirmou que todos os assuntos em debate no Parlamento Nacional interessavam a qualquer parte do povo brasileiro (Ibidem, p. 3v).

Sua preocupação com causas populares também ganhou destaque nos registros da Câmara. O retorno de linhas de ônibus, a criação de cemitérios e a construção de bebedouros em escolas eram pedidos constantes em seus requerimentos. É provável que Bassi tivesse conhecimento dos problemas locais dada sua aproximação através do Comitês Populares Democráticos de bairro, em certa medida isto garantiu que sua pauta se mantivesse próxima do *script* delimitado pelo PCB. Dionísio Bassi permaneceu próximo de trabalhadores lotados em fábricas da região e combateu o que chamou de “barões do lucro”. Em março de 1948, a greve instaurada por operários na Metalúrgica Laminação Brasileira de Ferro, em Mesquita, causou uma longa discussão dentro da Câmara.

O vereador Antonio Gotelip falou sobre o ocorrido e defendeu ser uma greve pacífica, por melhores salários. Afirmou que um telegrama deveria ser enviado ao Secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro e ao governador, solicitando a soltura de homens simples, honestos e trabalhadores. Sobre os grevistas, Gotelip disse que tendo sido um dos dirigentes do PCB em Mesquita, assegurava que nesta fábrica não havia nenhum trabalhador comunista (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 12 de março de 1948, Livro: 4, p. 144v). Dionísio Bassi apontou a existência de campanhas em todo o Brasil que propagavam a ideia de que os comunistas conspiravam contra as instituições do país, mas que, na verdade, a então classe dirigente é quem conspirava contra instituições e contra a democracia.

O colega de tribuna Manoel José dos Passos pediu a palavra e afirmou ser contra a greve, pois soubera que o movimento era obra dos comunistas, sabotadores de máquinas de grande valor, e que operários da Laminação teriam sido ameaçados pelos grevistas. Durante sua fala foi aparteado pelos vereadores Dionísio Bassi e Antonio Gotelip, que defendiam o direito dos trabalhadores de se utilizarem da greve pacífica prevista pelo artigo 158 da Constituição. Dada a complexidade da circunstância, o presidente da casa formou uma Comissão Especial, a pedido de Carmelita Monteiro Brasil, para que o ocorrido na fábrica fosse apurado.

O grupo composto por Carmelita Monteiro, Manoel José dos Passos, Luiz Guimarães, Manoel de Almeida e Dionísio Bassi se dirigiu até a metalúrgica para a visita técnica. De acordo com a vereadora, o colega Antonio Gotelip não estava dentre os membros escalados para a comissão, contudo ele foi até à fábrica e junto a Dionísio Bassi abordou os operários e os incentivou a seguir com a postura contra o governo e os patrões. Instigavam que eles prosseguissem na luta, pois a

greve é um direito que vocês têm, assegurados pela Constituição, o governo do General Dutra que é responsável por tudo isto. O salário dos trabalhadores é um salário de fome. Vocês devem reivindicar o descanso remunerado, referente aos domingos. Os seus colegas foram presos, porque queriam aumento de salário para vocês (Ibidem, 1948, p.146v-150f).

Desde a visita à fábrica, dissidências políticas se acentuaram nas sessões da Câmara, especialmente após Carmelita Monteiro acusar Dionísio Bassi de agressão. Ao depor sobre o ataque, a vereadora afirmou em um longo discurso:

Senhores, a página negra que enoda a história do legislativo iguassuano foi escrita no dia 19 do corrente mês as 2 horas da madrugada juntamente

quando terminava de fazer as minhas declarações como relatora da Comissão Especial para apurar as irregularidades havidas na Laminação Brasileira de Ferro S/A, situado em Mesquita, pelo fanático comunista Dionísio Bassi, que me agredido com as mãos entendidas para o meu rosto, blasfemando, “es uma desvergonhada, queres cassar o meu mandato (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 23 de março de 1948, Livro: 5, p. 16-20v).

Carmelita também relatou que o vereador Manoel José dos Passos partiu em sua defesa contra Bassi e que, no momento da confusão, o “comunista” teria até sacado um revólver, mas que logo fora desarmado. No seu discurso, a vereadora afirmou que não correu e nem teria gritado, alegando que não era covarde, e que mesmo após o episódio não se sentia intimidada pelo vereador:

Atônita, exausta pelo avançado da hora não me ocorreu um revide de afronta tendo esta seria se desenrolado na presença do Presidente da Câmara, Dr. Humberto Gentil Baroni, do líder do Partido Social Democrático, Dr. Paulo Machado e dos demais membros da Comissão Especial, quando [palavra incompreensível] o vereador Manoel José dos Passos, em minha defesa, chamando o vereador comunista de covarde, que faltava com o respeito a uma moça e vereadora que ela tinha amigos e por isso ia lhe partir a cara, insurgindo-se contra o vereador comunista que covarde procurou fugir pela janela, voltando atrás quando viu uma orla comunista subir as escadas da Câmara e então sacou de um revolver sendo desarmado por todos os presentes que não permitiram a briga (Ibidem, idem).

E a vereadora completou:

“Vermelhos” embora sejam humanos, devem ser tratados com o mesmo tratamento dispensado aos Tuberculosos e aos leprosos, conservando-os isolados [...] resta-nos a satisfação de por meio da medicina, constataremos o soberbo espetáculo da cura. Porém o mal que corrompe e avassala os elementos comunistas é um mal incurável, são transformados incoerentes fanático”. Além disso, chamando-os de materialistas, afirmou que vivem afastados de Deus (Ibidem, idem).

O caso não teve repercussão na imprensa ou ganhou contorno legais, contudo Dionísio Bassi seria preso no mês seguinte, mais precisamente na localidade de Caramujos, bairro situado no distrito de Japeri. De acordo com o vereador, a prisão se deu não por um crime como homicídio ou chantagem, mas por ele estar “ao lado de trabalhadores humildes que estavam querendo fundar uma sociedade” (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 26 de abril de 1948, Livro: 5, p.50f). A “cicatriz” do



comunismo sempre veio à tona quando ele se envolvia em questões de caráter sindical, grevista ou popular.

O estigma do vereador comunista também ressurgiu em ocasiões diferentes, a exemplo de quando Bassi assumiu a presidência da Casa, por ausência de Humberto Gentil Baroni, em 17 de maio de 1948. No momento de retificação da ata, o vereador Manoel José dos Passos se retirou porque “houve atritos entre êle e o vereador Dionísio Bassi, ora na presidência dos trabalhos, declarando antes de se retirar que não se sentaria na Tribuna, estando a Casa sob a Presidência de um comunista” (Ibidem, p. 59v).

Bassi também se colocou como um combatente dos privilégios e denunciou os “tubarões do lucro” em caso envolvendo um vereador da Casa. Em seu relato, tal atitude dificultaria a construção de moradias para pessoas humildes do município. De acordo com o vereador, “o certo e esta é a verdade, é que alguns privilegiados, alguns tubarões dos lucros extraordinários, [teve] lucros fabulosos com o cimento, justamente baseados na divulgação e manutenção dessa propalada falta” (Ibidem, p. 69v). Estas e outras ações encaminhadas por Dionísio Bassi revelam posturas incisivas e ajustadas às diretrizes do PCB, no entanto, alguns pontos sobre sua vereança devem ser considerados.

Ao mapear as discussões do legislativo, um caso chama atenção, dado o “não envolvimento” de Dionísio Bassi com as classes dirigentes. A discussão sobre o empréstimo no valor de seis mil cruzeiros, com juros a 6%, concedido pela ACINI para a Prefeitura Municipal de Nova Iguaçu tomaria as páginas das atas de dezembro de 1947. Como membro da comissão de finanças, Bassi tomou a palavra, em agradecimento pelo empréstimo concedido por “uma instituição tão importante” quanto a ACINI.

O vereador disse ver com muita satisfação uma associação de classe oferecer à Administração Municipal um empréstimo para que a última resolvesse um dos cruciantes problemas de Nova Iguaçu, o abastecimento d’água. Também terminou dizendo que o legislativo estava ali para defender o povo iguaçuano nas suas necessidades mais imediatas e que, dado os benefícios do empréstimo, congratulava a entidade local. Em ata de 19 dezembro de 1947, o vereador Paulo Machado comentou que alguns dos vereadores foram convidados pela Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu para estarem presentes em um jantar, que seria oferecido pela organização junto ao prefeito.

Não há menções sobre a participação de Dionísio Bassi, mas o evento foi motivo de discussão entre alguns vereadores que, em solidariedade às palavras de Machado, concordaram em não participar pelo motivo de choque de interesses, ou nas palavras de

Machado, por ser “representante do povo” e por haver um processo transitando na Câmara e que envolvia a Associação. Essa proximidade entre nosso personagem e figuras ou entidades tradicionais do município tornou-se ainda mais tênue nos anos que sucederam o primeiro mandato, especialmente na segunda metade dos anos 1950, quando fundou o *Correio de Maxambomba*.

## 2.6 Dionísio Bassi e o segundo mandato no legislativo municipal (1955-1959)

A segunda legislatura de Dionísio Bassi foi marcada por mudanças e consolidação dentro do campo político iguaçuano, a começar por sua desfiliação do PCB. Em 03 de dezembro de 1954, Dionísio Bassi enviou carta ao desembargador secretário de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro, solicitando “o cancelamento de nota existente a seu respeito na Divisão de Ordem Política e Social, vêz que, desde junho de 1950 deixou de pertencer ao Partido Comunista do Brasil” (ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. DOPS RJ, BR RJAPERJ, XX DRJ.0.PSV.1403-3, f. 44 e f. 44v).

O jornalista pediu que o atestado de ideologia lhe fosse concedido quatro anos antes,<sup>58</sup> momento em que findava o seu primeiro mandato como vereador pelo PSD. O jornal *Imprensa Popular*<sup>59</sup> publicou em setembro de 1950 uma nota do PCB, na qual Dionísio Bassi foi acusado de traição:

O indivíduo Dionísio Bassi é um renegado e traidor

O ESCRITORIO Central dos Candidatos de Prestes no Estado do Rio comunica-nos:

“Está inscrito como candidato a Vereador no município de Nova Iguaçu, sob a legenda do Partido Socialista Brasileiro o sr. Dionísio Bassi que pertenceu ao Partido Comunista do Brasil. Esse senhor não é candidato de Prestes, não fala em nome do glorioso partido de Prestes e só usa sua situação anterior para enganar o povo. Deve ser tratado com um renegado, um traidor, um candidato anti-comunista, qualquer que seja a fraseologia que utilizar, porque não aceitou o programa de Prestes e se recusou a levar á prática a política da Frente Democrática de Libertação Nacional. Preferiu agachar-se á legenda dos trotsquistas para, para, ajudando-os na obra de divisão da classe operária pretender uma reeleição que o povo lhe recusará”.

<sup>58</sup> No verso deste documento constam informações de que Dionísio Bassi foi detido duas vezes por questões de caráter político. A primeira detenção se deu em 20 de fevereiro de 1942, por motivo de Ordem Política, mas foi solto no mesmo dia. O segundo episódio transcorreu em 18 de abril de 1948, enquanto participava de uma reunião de caráter comunista, contudo, também foi solto na mesma data do ocorrido.

<sup>59</sup> O jornal carioca *Imprensa Popular* também foi instrumento para os comunistas, pois veiculou matérias sobre os problemas sociais da cidade. Dedicado a noticiar conteúdos sobre os sindicatos, organizações e movimentos populares, o periódico circulou até 02 de agosto de 1958 (RIBEIRO, 2011).

Pelo Escritório Central dos Candidatos de Prestes no Estado do Rio de Janeiro. a) Pedro Maia Filho

(ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. DOPS RJ, BR RJAPERJ, XX DRJ.0.PSV.1403-3, f.46).

Este recorte de jornal é parte da documentação reunida pela polícia política sobre Dionísio Bassi, por isso as duas páginas seguintes parecem atender ao requerimento do vereador, uma vez que a secretária Almerinda Teixeira Pacheco redigiu um memorando para Sylvio Selen Ribeiro, chefe da Seção de Serviço Secreto, em que diz “o Dr. Delegado, nesta data, mandou cancelar a nota existente nessa secção contra Dionísio Bassi” (Ibidem, f. 47). Subsequente ao texto, o chefe da seção responde que cumpriria o despacho solicitado, uma vez que o cidadão fichado em seu setor não mais era membro do Partido Comunista do Brasil.

Os relatórios, memorandos e despachos produzidos pelo DOPS sobre a vida política de Dionísio Bassi entre os anos 1948 e 1950 revelam uma trajetória marcada por altos e baixos. Tendo em vista as orientações do partido após cassação em 1947, Fernando Teixeira Silva e Marco Aurélio Santana (2007, p. 117) destacam que a sigla incentivou seus membros a substituírem o reformismo por uma linha mais radical, no entanto, o contexto de “atritos entre ativistas mais diretamente ligados ao trabalho nas empresas e as determinações do PCB, o retorno de Vargas ao poder, em 1950, e abertura sindical por ele promovida” criaram uma “aliança extraoficial” com os trabalhistas. Neste sentido, a linha do Manifesto de Agosto de 1950<sup>60</sup> foi mantida de forma oficial, mas na prática foi alterada.

É provável que o endurecimento da perseguição política e a radicalização do próprio partido tenham feito com que Dionísio Bassi se desfiliasse do PCB e adotasse uma postura moderada. Por outro lado, cabe uma análise mais densa sobre seu segundo mandato como vereador, nos anos 1950, dada a sua aproximação com personagens da elite tradicional e instituições influentes como a ACINI. Seu percurso dentro do jogo político distanciou-se das pautas populares, do combate aos “tubarões do lucro” e da luta junto ao operariado. Neste momento de sua trajetória, o jornalista e vereador esteve atrelado aos interesses das “classes produtoras” do município, ao desenvolvimentismo e ao progresso, pautados na indústria e no comércio.

---

<sup>60</sup> De acordo com Anita Leocadia Prestes (2013), o Manifesto de 1950 foi um documento marcado por um esquerdismo de linha revolucionária, que deveria se distanciar de qualquer inclinação à reforma burguesa.

Bassi retornou à cena pública na segunda metade da década de 1950, mais precisamente em 1955, quando se tornou mais uma vez vereador pelo PSD. Na contramão dos 247 votos que o levaram ao cargo nos anos 1940, o jornalista foi o segundo candidato mais bem votado pelo partido e tornou-se liderança da sigla na Câmara Municipal. Segundo o semanário *Correio da Lavoura*, mais de 44 mil eleitores compareceram às urnas para escolherem seus representantes em outubro de 1954. Na edição de 21 de novembro de 1954, noticiou-se que “A Câmara Municipal será constituída por 8 vereadores do PSD, 5 da UDN, 2 do PSP, 2 do PR, 1 do PTN e 1 do PL. Os outros não atingiram o quociente eleitoral” (*Correio da Lavoura*, 21 nov. 1954. ed. 1966, p. 1). Dionísio Bassi foi eleito com 978 votos pelo Partido Social Democrático e teve um mandato legitimado por diversos projetos.

**Tabela 3 - Relação dos vereadores eleitos em Nova Iguaçu pelo Partido Social Democrático (PSD) em Nova Iguaçu (1955-1958)**

| <b>Resultado oficial das eleições neste Município - 1954</b> |      |
|--|------|
| Vereadores eleitos pelo Partido Social Democrático (PSD)     |      |
| José de Lima   | 1066 |
| Dionísio Bassi   | 978  |
| Finamore Marques   | 913  |
| Marinho H. de Oliveira                                       | 772  |
| Antonio dos Santos Neto                                      | 698  |
| Gumercindo C. da Silva                                       | 676  |
| Joaquim A. de Freitas  | 617  |
| José Nain Fares  | 604  |
| Suplentes  |      |
| Russani Elias José   | 599  |
| Ademar Costa   | 590  |
| Benjamin Chambarelli   | 586  |
| Salustiano Brito Cunha                                       | 578  |

Fonte: *Correio da Lavoura*, 21 nov. 1954, ed. 1966, p. 1.

Lucia Lippi Oliveira (1981) informa que o PSD era uma legenda marcada por seu pragmatismo, sua capacidade de articulação e sua base eleitoral, por estas razões suas principais lideranças ficaram conhecidas por sua grande habilidade e pragmatismo. Caracterizados por suas bases nas regiões rurais, os pessedistas tendiam a ter muitos eleitores nas pequenas localidades, dentre as quais Nova Iguaçu. Lucilia de Almeida Neves Delgado (2016, p. 138-139) revela que o PSD foi criado “de dentro para fora do Estado, reuniu em seus quadros os interventores do período do Estado Novo, alguns segmentos da classe média urbana e, principalmente, representantes das oligarquias estaduais”. Dionísio Bassi provinha do setor público, atuou na imprensa carioca, adentrou o poder legislativo iguaçuano pelo PSD e concebeu propostas que o aproximaram de setores em ascensão, como os industriais e comerciários, por exemplo.

As primeiras sessões dentro da Câmara revelam a boa relação de Bassi com o prefeito, o também pessedista Ary Schiavo, e com seus colegas de tribuna, uma vez que o jornalista foi eleito primeiro secretário na Comissão Executiva permanente do Legislativo. Nas reuniões de instalação da Câmara, Bassi se dirigiu a Ary Schiavo, recém-empossado prefeito, e aos demais sobre as dificuldades com as quais ele se depararia e de que sua missão como vereador seria uma tênue linha entre os problemas do povo e as demandas partidárias.

Isto se evidencia quando nos voltamos para o caso do imposto predial da cidade. A temática foi posta para discussão pelo vereador Sebastião Ferreira da Silva que apresentou um abaixo-assinado dos moradores de Engenheiro Pedreira, bairro de Japeri, distrito de Nova

Iguaçu, pedindo minoração do imposto predial. Sobre esse assunto, Dionísio Bassi expôs longamente sobre as vantagens e obrigações da municipalidade com relação ao problema de impostos e, no fim, se mostrou contra o requerimento do colega. Suas tensões com a bancada da UDN foram sobretudo através da figura do vereador Manoel Quaresma, opositor de Bassi e comentarista recorrente de seu passado comunista.

Dentre as discussões, destaco uma ocorrência em sessão de 29 de março de 1955, quando Manoel Quaresma, rebatendo a fala do colega, afirmou “que acusava o vereador Dionísio Bassi de comunista, porque a U.D.N, partido do qual seguia a orientação e ao qual pertencia, tinha o vereador Dionísio Bassi como comunista” (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 29 de março de 1955, Livro: 7, p.109v). No episódio, é citado que o pessedista voltou a tribuna e “que com grande revolta lançou um repto ao vereador Manoel Quaresma de Oliveira e a U.D.N para que provasse que êle era comunista; criticou a seguir acerbamente a U.D.N e ao vereador em apreço” (Ibidem, idem). Seus ânimos se mantiveram exaltados ao longo de todo o segundo mandato, sobretudo em sessão de 29 de fevereiro de 1957, quando seu mandato foi posto em xeque após abertura de inquérito para cassação. Nas palavras do vereador, o processo era, antes de tudo, movido por uma motivação pessoal:

[..] que quanto a alegada tentativa de chantagem, a acusação não tem consistência, fato que obteve o assentimento de vários vereadores interpelados pelo orador, na Casa, presentes no momento: que se em sessenta dias a Comissão não conseguiu provar a acusação, era porque essa era falsa; que quando a Cia. Industrial Ingá, e a acusação de que teria o vereador com a palavra trocado m projeto por dinheiro, esclareceu que fizera o projeto por sugestão de Deputado Getulio Moura [...] (Ibidem, idem).

Em sua defesa, Dionísio Bassi alegou que:

[...] verificou não ter chegado até ontem as certidões que requerera; que a presente situação era o fruto de exacerbação de espírito de alguns senhores vereadores; que o processo não estava concluso pois que não apresentava sua defesa escrita, e nem lhe fora dado a estudar o processo; que sua defesa só poderia partir do momento em que as certidões chegassem a sua mão; que não lhe foram dadas as garantias constitucionais de defesa; que na qualidade de vereadores e de homem de bem, tem a obrigação moral de responder as acusações [...] (Ibidem, idem).

Ainda de acordo com Bassi, esse ato de “perseguição” ao seu mandato seria resultado de uma publicação em seu jornal sobre o aumento dos subsídios do legislativo municipal que:

o caso partiu da publicação no “Correio da Maxambomba”, da questão de aumento de subsídios, em contraposição ao aumento dos trabalhadores

diarista da Prefeitura, que recebiam salário de fome; que dado a atitude firme que tomou nesse sentido é que surgiram as acusações contra si; que surgiu uma tôrpe acusação, de vereadores de Casa com relação a uma pretensa chantagem [...] (Ibidem, idem, grifo meu).

O semanário *Correio de Maxambomba* foi alvo constante de críticas desde sua fundação por Dionísio Bassi, em 18 de dezembro de 1955, embora na edição de 01 de abril de 1956 Paulo de Lima Brayner<sup>61</sup> seja citado como diretor do periódico. Informações igualmente indicam que Brayner foi cunhado de Dionísio Bassi, entretanto, não apuramos outros dados sobre sua origem familiar ou profissional. A única edição de 1956 localizada na Associação Brasileira de Imprensa (ABI) dá o tom do jornalismo praticado pelo semanário, que em 1957 teria Bassi como seu principal dirigente.

O *Correio de Maxambomba* se manteria com este nome até 1961, ano em que passou a se chamar *Correio da Semana*. Ele circulou sem interrupções até novembro de 1971, quando se tornou *Correio Diário*, sendo Dionísio Bassi diretor do semanário durante todas estas fases. O jornal seguiu a tendência de modernização da imprensa brasileira dos anos 1950, por isso tanto o conteúdo quanto a diagramação reuniram elementos como: grandes manchetes, fotojornalismo, seções e publicidade. A existência do semanário se confunde com a própria trajetória de seu mentor, uma vez que o jornalismo praticado por ele foi o ponto de tensão entre seu semanário e o concorrente, o *Correio da Lavoura*.

Ao produzir uma narrativa pautada no desenvolvimentismo, mas com tinturas progressistas, veremos no próximo capítulo que o jornalista colecionou conflitos que o levariam, inclusive, a ser exonerado do cargo público de inspetor fiscal do estado após o golpe civil militar de 1964. Por esta razão, os anos que se sucederam foram igualmente marcados por prisões, ataques ao governo e aproximações que o levariam à readmissão de seu cargo no funcionalismo público, em 1971. Com base na história do *Correio de Maxambomba/Correio de Semana*, a trajetória de Bassi convergirá com a modernização da imprensa e com elaboração de uma narrativa que o elege como personagem central.

Desde sua criação, o semanário dirigido por Bassi “estremeceu” a imprensa iguaçuana pela sua abordagem combativa, mas, principalmente, pela concorrência estabelecida com o *Correio da Lavoura* nos anos 1950. O campo jornalístico tornou-se cenário de intensas disputas, ao ter ambos os periódicos circulando em nome da “sociedade de bem iguaçuana”, por isso a tensão entre os jornais se concretizou em discussões dentro da própria Câmara

---

<sup>61</sup> Informações sobre Paulo de Lima Brayner não foram localizadas até conclusão desta tese.

Legislativa. A presença de Luiz Azeredo, diretor do *CL*, e a vereança de Dionísio Bassi desde os anos 1940 tiveram o conflito acentuado a partir de 1955, com a criação do *CM*.

As críticas e os “pitacos” de Bassi ao jornal dos Azeredo ganharam proporções nunca analisadas até a redação deste trabalho. De um lado, o *Correio da Lavoura*, tradicional, “imparcial”, a favor dos interesses da terra iguaçuana e seu ilustres cidadãos, do outro, *Correio de Maxambomba*, “arauto das reivindicações da Baixada”, agressivo e a favor do desenvolvimentismo de Nova Iguaçu. Para os Azeredo, mais que um concorrente, Dionísio Bassi era um “forasteiro”, capaz de redirecionar o capital político e a receita publicitária em poder do *Correio da Lavoura* por mais de meio século.

Para o fundador do *Correio de Maxambomba*, o modo de fazer jornalismo do *CL* era ultrapassado e defendia um modelo de cidade estagnado, a favor apenas dos interesses de uma “elite atrasada”, mas igualmente necessária para que ele se estabelecesse enquanto uma figura influente. Será neste contexto de narrativas em disputa que elucidaremos como estes jornais traduziram a Iguaçu em transe dos anos 1950 e 1960, através de elementos gráficos e linguísticos.



### **Capítulo 3 – Imprensa em disputa: uma comparação entre os semanários *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* (1957-1964)**

Haike Roselane Kleber da Silva esclarece que o método biográfico desenvolvido pelas Ciências Sociais nos anos 1920 deslocou o eixo de análise para o indivíduo, ou seja, a chamada história de vida “com o desenvolvimento do método, buscou-se descentrar o foco do indivíduo para “reconstruir, através de histórias devida, a história estrutural e sociológica de determinados grupos sociais” (MARRE apud SILVA, 2002, p. 28). Na carona do método biográfico, as trajetórias “entrelaçadas e constitutivas das várias posições e itinerários” de dois ou mais sujeitos podem dizer muito sobre um determinado grupo. No caso da tese aqui apresentada, os elementos constitutivos da trajetória de vida dos jornalistas Luiz Azeredo e Dionísio Bassi têm muito a nos dizer sobre o campo jornalístico iguaçuano.

A performance de ambos na vida pública é resultado de uma combinação entre trânsito na política iguaçuana e articulação a partir da imprensa. De forma quase simbiótica, os jornalistas constituíram uma carreira que se confunde com a composição do jornalismo e a história da região, uma vez que o trabalho editorial destes personagens escreveu a narrativa histórica oficial, ao mesmo tempo em que se colocaram a serviço do desenvolvimento e da preservação dos “valores e tradições” locais. Mesmo motivados por razões socioeconômicas e políticas distintas, os jornais de ambos os intelectuais produziram representações quase estereotipadas sobre a cidade, o primeiro sobre a Iguassú citricultora e próspera dos anos 1920 e 1930; o segundo sobre a Iguaçu industrial e desenvolvimentista da segunda metade do século XX.

Dado este contexto, analisar as clivagens entre o *Correio da Lavoura* e o *Correio de Maxambomba* nos anos 1950 e 1960 pode nos revelar como distintos projetos de poder, calcados nos interesses políticos e econômicos para o município, integravam o modelo editorial e gráfico destes jornais. Por esta razão, pretende-se investigar sistematicamente o conteúdo – leiam-se colunas, matérias e autores – e a disposição de elementos como fontes, cores, imagens e páginas destes periódicos, a fim de elaborar uma narrativa comparativa, inédita nos estudos sobre a imprensa iguaçuana. A proposta editorial destes jornais, associada à influência dos Azeredo e de Bassi, nos oferta um panorama único sobre os embates e as confluências de uma Nova Iguaçu em processo de periferização no contexto pré-ditadura militar.

O capítulo aqui apresentado se subdivide em três seções. Na primeira, faço uma breve análise dos conceitos de jornalismo e cidade. Combinados, estes campos podem elucidar a produção de sentidos sobre a Nova Iguaçu do final da primeira metade do século XX. A mescla do modelo citadino latino-americano de Beatriz Sarlo (2010) e o processo de modernização do periodismo brasileiro abordado por Maria Alice Rezende de Carvalho (2012) lançam luz sobre o caso iguaçuano, de forma a esclarecer o jogo de aproximação e distanciamento do modelo jornalístico anglo-saxão. Sobre o jornalismo americano e suas influências na imprensa, destacarei a contribuição de David Paul Nord (2006) sobre modernização e produção de conteúdo para o grande público.

Na segunda seção, os jornais *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* terão algumas de suas edições analisadas. Três publicações de cada periódico, entre os anos 1950 e 1960, serão depuradas de forma que texto e imagem sejam compreendidos em sua totalidade. Com dados sobre vendagem, tamanho, matérias e autores, explico as razões que levaram seus proprietários a manterem ou não um determinado formato em circulação, assim como sua proximidade com personalidades e instituições anunciantes. Dada a quantidade de edições, optei por calcar essa etapa em exemplares que contemplem o aniversário de cada semanário.

Por fim, na terceira seção trato de que maneira Luiz Azeredo e Dionísio Bassi mantiveram seus jornais influentes, na disputa por circulação entre os anos de 1957 e 1959, período que contempla parte do mandato exercido por Dionísio Bassi na Câmara Legislativa e a fundação do *Correio de Maxambomba*. Aqui pretendo analisar como o jornal da família Azeredo lidou com as implicações resultantes de um periódico concorrente, dirigido por uma influente figura pública e política. Posteriormente, as folhas serão cotejadas entre 1960 e 1964, período em que o semanário de Dionísio Bassi muda de nome e o jornalista se lança candidato a deputado estadual. A proposta é que tenhamos um panorama da imprensa iguaçuana até o ano do golpe civil militar de 1964, conjuntura a ser investigada ao final da tese, de maneira que se tenha uma dimensão do alinhamento tomado pelos jornais pré-1964 e das consequências enfrentadas ou não por seus diretores.

### **3.1 Americanismo, jornalismo e cidade**

Para que se discorra sobre o jornalismo e as visões de cidade propostas neste capítulo, alguns conceitos devem ser teorizados para sua elaboração. Deste modo, o conceito de modernidade periférica empregado por Beatriz Sarlo (2010) nos revela possibilidades para o entendimento do caso iguaçuano. Para elucidar as peculiaridades na formação urbana da

cidade de Buenos Aires, a autora discute como as tensões estabelecidas entre o mundo rural e urbano caracterizam algumas das contradições na formação das cidades latino-americanas. Para isto, Sarlo analisou como intelectuais da época leram essas transformações nas primeiras décadas do século passado.

Beatriz Sarlo define por mescla os entrelaçamentos entre a cultura europeia e as especificidades do mundo americano, ou seja, “modernidade europeia e especificidade rio-platense, aceleração e angústia tradicionalismo e espírito renovador; *criollismo* e vanguarda. Buenos Aires: o grande cenário latino-americano de uma cultura mesclada” (Ibidem, p. 32). No caso de Nova Iguaçu, esta realidade se repetiu em certa medida quando “o impacto destas transformações tem uma dimensão subjetiva que se manifesta num intervalo de tempo relativamente curto” (Ibidem, p. 36).

Para que a coalizão entre campo e modernidade fosse inculcada na memória coletiva, o *Correio da Lavoura* divulgou incessantemente dispositivos modernizadores como praças, cinemas, cafés e praças, que desta forma se tornaram símbolos de modernidade e progresso, proporcionados pela laranja e seus representantes. Na contramão destas publicações, outras matérias afirmam que, concomitantemente ao desenvolvimento do aparelhamento urbano, as taxas de analfabetismo e de doenças, como malária e febre amarela, se alastravam na população mais pobre do distrito iguaçuano.

As incongruências deste discurso são evidentes, uma vez que os benefícios gerados a partir do campo não atenderam às demandas da população mais pobre, mas sim às exigências das lideranças da moderna Nova Iguaçu. A urbe, citada pelo jornal, atendeu às reivindicações de produtores e de agroexportadores, e com isto consolidou a infraestrutura necessária para que se firmasse a reciprocidade entre campo e cidade.

A partir da citricultura, este grupo político estabeleceu uma narrativa, na qual eram os autores e os personagens, ou seja, ao tomarem a imprensa como palanque, estes atores se colocaram como porta-vozes da história local. Diferentemente das décadas anteriores, os anos 1940 foram caracterizados pela crise no setor agrícola e isto fez com que o projeto liderado pelo *Correio da Lavoura* se tornasse um passado recente na memória de seus participantes. A cidade adquiriu novos significados, uma vez que a centralidade da lavoura foi gradativamente substituída pela “velocidade” do progresso.

Em certa medida, a historicidade elaborada pelo jornalismo literário dos Azeredo perdeu espaço para a avidez das transformações deste espaço “mesclado”. Firmada a partir da laranja, a reciprocidade entre campo e cidade foi redefinida, uma vez que a citricultura perdeu

a centralidade econômica. A significação de rural e urbano foi posta em oposição pelos projetos de cidade fomentados por novos atores políticos e empresariais, nas décadas de 1950 e 1960.

Nesta perspectiva, a proposta de Maria Alice Rezende de Carvalho (2012, p. 39) sobre o jornalismo praticado na cidade do Rio de Janeiro, no início do século XX, vai ao encontro dessas mudanças no campo da imprensa. A partir do caso de Irineu Marinho, fundador do jornal *O Globo*, a autora destaca como este personagem vivenciou a profissionalização do campo e uma nova forma de conceber o jornal. Isto se deu pelas influências do jornalismo anglo-americano e, também, pelas mudanças no contexto urbano carioca, ou seja, “urbanização acelerada, o crescimento e a pauperização da população residente em cidades, a concentração de homens pobres e pouco escolarizados [...] o interesse dessa população por notícias sensacionalistas [...] justificaram a emergência de um novo tipo de jornal”.

Esse conglomerado de aspectos contribuiu para a constituição do jornalismo moderno e urbano, como feito pelo *Correio de Maxambomba* nas décadas posteriores, ou seja, o semanário dirigido por Dionísio Bassi definiu um marco na imprensa iguaçuana e se contrapôs ao modelo praticado por seu mais antigo concorrente, o *Correio da Lavoura*. O jornalismo analisado por Maria Alice Rezende foi praticado na virada do século XIX para o XX, sendo marcado pelo abandono do estilo artesanal em prol da maior funcionalidade empresarial, o que fez com que a relação entre jornalismo e cidade moderna criasse uma imprensa reinventada pelas mãos de Irineu Marinho e seus contemporâneos.

Enquanto o *Correio da Lavoura* se manteve atrelado às famílias tradicionais e às relações clientelísticas locais, periódicos do Rio de Janeiro tornaram-se empreendimentos. Como um “negócio, os jornais precisavam se tornar competitivos, o que significou incorporar avanços tecnológicos, mas sobretudo, investir no recrutamento de gente audaz, dinâmica, disposta a aprender e a crescer como a empresa” (Ibidem, p. 40). O *CL* não conseguiu adquirir essa dinâmica e se manteve atrelado às demandas e às falências dos senhores detentores da terra e da administração da máquina pública iguaçuana, mesmo o município tornando-se urbano-industrial.

Dionísio Bassi viu no crescimento do setor secundário e terciário a possibilidade de estreitar relações com seus representantes, que desejavam um espaço que proporcionasse visibilidade aos seus empreendimentos na cidade. Distante do modelo francês de jornalismo e próximo do padrão estadunidense, o *Correio de Maxambomba* teve seu projeto editorial e gráfico estruturado com base nas necessidades de seu público-alvo: o empresariado

iguaçuano. Estas mudanças se deram de forma modesta no Brasil, haja vista que a “experiência urbana, portanto, terá sido desfalcada do tipo de leitor que impulsionou a democratização da imprensa em outras partes do mundo” (Ibidem, idem).

O *Correio de Maxambomba* estabeleceu um determinado padrão, que tornou o modelo do *Correio da Lavoura*, derivado do século XIX, obsoleto aos interesses das lideranças políticas e empresariais em ascensão no pós-1946. Com a agilidade de sua reportagem, desenvolveu matérias que cobriam os “fatos mais noticiosos” da cidade, que se comunicavam diretamente com o leitor e que formavam uma grande comunidade, composta por um vasto e diverso público. Essa relação entre jornalismo e cidade pode ser verificada no debate de David Paul Nord (2006) sobre o fenômeno instaurado na imprensa norte-americana no final do século XIX.

A partir do jornal *The Chicago Daily News*, o pesquisador discute a reconfiguração da sociedade americana. Neste estudo, a cidade de Chicago foi incorporada pelo jornalismo de maneira que as práticas capitalistas, a industrialização e a lógica de mercado passaram a ditar a dinâmica de como e o que seria veiculado. Fundado em 1875, o *Daily News* contrastava com seu principal concorrente, o *Chicago Tribune*, periódico influente nas altas camadas sociais da cidade. Famoso por um estilo de escrita agressivo, o *Daily News* ficou conhecido por ter sido vendido durante muitos anos pelo valor de um centavo. Seu conteúdo e inovação passavam pela necessidade de atender às novas demandas que se colocavam com a metropolização.

“*He professed to believe that a newspaper should be independent of party politics, devoted you the presentation of ‘facts’ rather than be manipulation of public opinion*” (Ibidem, p. 120). Havia uma preocupação em se escrever um jornalismo urbano, ou seja, que não se mantivesse atrelado aos interesses privados e familiares, mas ao mercado e a como ser uma empresa capaz de concorrer e apurar com imparcialidade necessária às demandas de uma metrópole em mudança.

O direcionamento dado ao jornal norte-americano se aproxima do modelo adotado pelo *Correio de Maxambomba*, pois este projetou em suas manchetes e imagens a Nova Iguaçu urbana, ou seja, feita pelos representantes do comércio e da indústria. Apresentou fatos sobre trabalhadores, bem como as mazelas e problemas de uma região hoje designada por Baixada Fluminense. A perspectiva de uma imprensa condicionada ao processo de urbanização estabeleceu a diferença com o concorrente *Correio da Lavoura*, capaz de constituir uma narrativa diferenciada acerca das mudanças em curso.

### 3.2 Correio da Lavoura

De acordo com Maria Helena Capelato (2015), a importância do jornal como fonte e objeto de pesquisa sobre o passado se deu a partir dos anos 1970, momento em que mudanças foram postas por novas questões e temas demandados pela pesquisa histórica. Vencidas as críticas ao uso de periódicos como fonte, a historiadora da USP afirma que a imprensa proporciona amplas possibilidades de estudo, dada a versatilidade de temas do cotidiano de uma sociedade, de maneira que um pesquisador possa contemplar as relações de indivíduos e grupos abastados ou não. Dito isto, o uso do jornal na historiografia tem de considerar “as circunstâncias históricas em que a análise foi produzida, os interesses em jogo e os artifícios utilizados pelos seus produtores” (Ibidem, p. 115).

Acompanhar a trajetória de um periódico ao longo do tempo é tarefa árdua, por isso requer o que a historiadora definiu por análise interna e externa, sendo a primeira composta por informações “a compreensão do conteúdo (textos opinativos e informações) e da forma (diagramação, imagens, anúncios)” e a segunda “a uma série de dados referentes ao periódico que não estão disponíveis no jornal” (Ibidem, p. 131, 133). A metodologia proposta se refere ao que a autora define por “grande imprensa”, ou seja, jornais consolidados nacionalmente e disponíveis para consulta em instituições públicas ou em arquivo da própria empresa, contudo, neste estudo ressalto que muitas destas informações de caráter editorial e principalmente técnico não estão disponíveis.

Dados o ineditismo das fontes, a carência de elementos sobre sua origem e a ausência de um acervo sistematizado, a pesquisa sobre o *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* mostrou-se um desafio, no entanto, em uma amostragem de exemplares reúno dados sobre o que Maria Helena Capelato definiu por pesquisa interna e externa de ambos na primeira metade do século XX, temporalidade dentro da qual tive acesso aos semanários para analisar suas características editoriais, gráficas e de circulação pela cidade. Dito isto, faço um panorama sobre a fundação do *Correio da Lavoura*, seus compromissos político-partidários, anunciantes, enfim, seus elementos de caráter técnico.

Fundado em 22 de março de 1917, em Nova Iguaçu, o semanário *Correio da Lavoura* reúne características peculiares sobre sua história. Ao recobrar a origem do pai e fundador do jornal, Luiz Azeredo afirmou<sup>62</sup> que “Ele, Silvino Hipólito de Azeredo Coutinho, filho de

---

<sup>62</sup> Composto por uma página, o texto faz um breve histórico da origem familiar. De acordo com o neto Luis Eduardo de Azeredo, o material foi confeccionado para uma homenagem sobre seu avô, Silvino de Azeredo.

Cândido Almeida de Azeredo Coutinho<sup>63</sup> e Teresa Joaquina da Conceição Coutinho,<sup>64</sup> nascido no lugar chamado Cachimbau, na vila de Iguaçu, a 17 de junho de 1859” (AZEREDO, sem data). Os dados sobre a origem do patriarca corroboram o levantamento feito por Amália Dias, que indica que a trajetória do capitão e proprietário do *Correio da Lavoura* foi ampla e diversificada. Ao reconstituir a formação profissional e escolar de Silvino de Azeredo, Amália Dias afirma que, ao fundar o jornal, o proprietário do semanário já contava com 58 anos de idade:

Notas biográficas esparsas, comentários e homenagens feitos por colaboradores do jornal revelam parte do percurso desse intelectual, que passou por diversas instituições de ensino e de formação profissional, exerceu diversos tipos de trabalho, incluindo o ensino, e circulou pelo ambiente literário da cidade do Rio de Janeiro (DIAS, 2014, p. 45).

Dias se refere à homenagem feita para Silvino de Azeredo, na edição de 17 de junho de 1920 de seu semanário. Com uma grande fotografia do fundador ao centro da primeira página da edição de número 170, a matéria intitulada “O herói do dia” faz uma longa narrativa acerca de sua vida. Nela afirmou-se a existência de possíveis erros sobre seus dados biográficos, mas que o diretor “dispõe de vinte columnas para rectificar-os, não incluindo páginas d’supplemento!” (*Correio da Lavoura*, 17 jun. 1920, ed. 170, p. 1). A matéria referenciada por Dias também afirma que Silvino Azeredo provinha de “pobreza honrada” e se distanciou de Iguaçu para o município de Vassouras “onde perdeu seus queridos progenitores aos 8 annos”.

“De 1880 a 1882, deixando Paty do Alferes, em demanda do Rio de Janeiro, matriculou-se no Externato Jasper [...] De 1882 a 1884 foi alumno do reputado Collegio Aquino” (Ibidem, idem)”. Antes mesmo de concluir a respectiva formação, Silvino Azeredo ingressou na Escola Politécnica no ano de 1887. Na mesma época, lecionou matemática no Liceu Literário Português e foi revisor do jornal *Diario do Brazil*.<sup>65</sup> Nas notas biográficas do *Correio da Lavoura*, lê-se que “[c]om a saude combalida, pelo excesso de trabalho, regressou a Paty do Alferes [e a] 22 de junho de 1889 contraiu nupcias com a exma. sra. Avelina

<sup>63</sup> Os Azeredo Coutinho eram uma família influente na região do Vale do Paraíba no século XIX, contudo ainda não se encontrou dados que liguem o pai de Silvino Azeredo, Candido Azeredo Coutinho, à genealogia deste importante clã oitocentista. Estas e outras informações deverão ser aprofundadas em futuras pesquisas.

<sup>64</sup> Livro de Registro de Casamentos (Paróquia de Paty do Alferes, Município de Vassouras), anos de 1888 a 1894, f 24 e 24v (NASCIMENTO, 2013, p. 10).

<sup>65</sup> De acordo com Lusirene Celestino França Ferreira (2010), o periódico fundado pelo deputado Antônio Alves de Sousa Carvalho era conservador, antiabolicionista e dialogava com os interesses de proprietários de terra.

Martins de Azeredo”<sup>66</sup> (*Correio da Lavoura*, 17 jun. 1920, ed. 170, p. 1). De encontro aos dados do jornal e de Amália Dias, Luiz de Azeredo afirmou em sua narrativa que o casal se fixou em Tatuí e que seu pai exerceu a atividade de lavrador e, posteriormente, de secos e molhados e hotelaria:

Em 1904 (27/9) Silvino emprega-se nas Capatazias da Alfandega do Rio de Janeiro<sup>67</sup> [...] Em 1908 (30/8) transfere-se com a família para Maxambomba<sup>68</sup> [...] Aluga então um sítio na Estrada da Prata, de propriedade do capitão Antônio da Silva Chaves.<sup>69</sup> E no ano seguinte (1909) muda-se para uma casa bem maior, no centro de uma chácara enorme, situada próximo à linha de transmissão da Light, local que mais tarde seria denominado Bairro Califórnia, chácara também propriedade do Capitão Chaves (AZEREDO, sem data).

Luiz de Azeredo também afirmou em seus escritos que o “pai se preocupou com o futuro de seus filhos maiores” – João, Silvino Filho e Estácio – e, por esta razão, trouxe um de cada vez para o Rio de Janeiro, para que trabalhassem e estudassem. Entretanto, ao analisar a genealogia<sup>70</sup> redigida pelo próprio jornalista nos anos 1990, é possível averiguar quais dos dezesseis filhos nasceram enquanto Silvino e Avelina de Azeredo ainda residiam em Paty dos Alferes. É plausível afirmar que alguns dos irmãos e irmãs de Luiz de Azeredo tenham nascido na cidade do Rio de Janeiro, possivelmente durante a atuação de seu pai na Alfândega, ou ainda no município de Nova Iguaçu, quando a família se transferiu em definitivo para a cidade fluminense.

Desde sua instalação em Nova Iguaçu até a data de fundação do *Correio da Lavoura*, não há informações sobre as atividades exercidas por Silvino Azeredo, contudo as primeiras edições do jornal indicam sua influência junto a figuras, famílias e instituições da região. Dadas as características rurais do município nas primeiras décadas do século XX, pressupõe-se que um periódico dirigido por um homem negro e letrado tenha sido um marco sem

<sup>66</sup> Filha de João Alves Martins Coimbra e Maria Alexandrina da Conceição Silveira, Avelina Martins de Azeredo nasceu em 18 de janeiro de 1870 no município de Paty dos Alferes e morreu em Nova Iguaçu em 02 de outubro de 1974, aos 104 anos de idade.

<sup>67</sup> De acordo com os escritos de seu filho, Luiz de Azeredo, também foi membro relator da Comissão de Revisão dos Estatutos da Caixa Auxiliadora dos empregados na Capatazia. Em 22 de março de 1914, eleito a 16, tomou posse como presidente da Caixa, instalada no armazém 6. Em virtude da extinção das Capatazias, Silvino de Azeredo foi transferido para a polícia do Distrito Federal, na função de arquivista, sem data citada.

<sup>68</sup> Sede administrativa do município de Nova Iguaçu a partir de 1916.

<sup>69</sup> Capitão Antônio da Silva Chaves representa uma figura política influente em Nova Iguaçu no início do século XX. Foi presidente da Câmara Legislativa Municipal de Iguaçu entre os anos de 1900 e 1917, em 1918 atuou como terceiro suplente do cargo de juiz de direito no mesmo município (MORAES, 2016).

<sup>70</sup> Luiz de Azeredo afirmou que “Esta genealogia da Família Azeredo, organizada no primeiro semestre de 1977, e reorganizada, transcorridos quase 19 anos, nos indicadores numéricos, e atualizada mesmo assim parcialmente, tanto quanto me foi possível reunir os dados necessários.” Datada de junho de 1996, a documentação encontra-se datilografada e foi gentilmente cedida por um de seus netos, Luís Eduardo de Azeredo.



precedentes em um contexto recém-abolicionista e republicano. Por isso, essa conjuntura nos revela muito dos objetivos e do público-alvo do jornal, a começar pelo seu nome.

Nas décadas de 1920 e 1930, Silvino Azeredo integrou o projeto ruralista responsável por desenvolver a citricultura no distrito-sede iguaçuano. Como já mostramos no Capítulo 1, pautados na produção cítrica, representantes deste movimento usaram da máquina pública e das associações de caráter civil para que o “progresso” municipal estivesse vinculado à imagem destes “ilustres iguaçuanos” e à produção da laranja. Ao *Correio da Lavoura* coube a promoção da lavoura, da educação e da saúde como eixos estruturantes deste projeto, por isso inúmeras matérias, colunas, anúncios e fotografias reuniram fatos e ações promovidos por estes políticos, citricultores, comerciantes e profissionais liberais. Boa parte do espaço dado à própria família fundadora do jornal também explica como o semanário tornou-se uma plataforma comprometida com a política econômica fruticultora e com a promoção das conquistas educacionais, trabalhistas e pessoais de membros do extenso clã negro dos Azeredo.

Não há muitas informações sobre as fontes de financiamento do periódico, mas pressupõe-se que elas provinham da assinatura de seus leitores, em especial dos citricultores, dos políticos locais e do espaço direcionado aos anunciantes. De acordo com Robinson Azeredo (2018), a manutenção do jornal não foi uma tarefa fácil, dados os custos para impressão de um semanário considerado interiorano. Quando olhamos as edições veiculadas nos anos 1920 e 1930, auge da produção cítrica do município, fica evidente o comprometimento do jornal em publicar anúncios vinculados ao “mundo rural”, à alimentação, ao vestuário, à saúde, mas, principalmente, à prestação de serviços cartoriais e à administração municipal.

A publicação de inúmeros balancetes, editais e ganhos revelam o imbricamento entre o público e privado, ou seja, como o poder executivo municipal privilegiou o semanário dos Azeredo e tornou-se uma importante fonte de renda para o funcionamento do periódico. De acordo com Robinson Azeredo (2018), o *Correio da Lavoura* também publicou informações sobre o poder judiciário, mas ressaltou que o jornal poderia ter lucrado muito mais com a venda do espaço publicitário. Nas palavras do então diretor do CL, tanto seu avô quanto seu pai cobravam valores menos pelo retorno financeiro e mais pelo capital político e simbólico acumulado ao longo dos anos. Nesse sentido, Maria Helena Capelato (2015) informa que os anúncios publicitários encomendados por instituições públicas ou privadas tem muito a nos

dizer sobre os fins socioeconômicos e políticos firmados pelos representantes de um periódico.

No caso do *Correio da Lavoura*, fica evidente que os recursos mantenedores do semanário passam muito mais por uma relação de benefícios e manutenção de uma dada rede social. Silvino Azeredo preocupou-se menos com as cifras e mais com as benesses que ganharia ao nutrir um convívio com personalidades expoentes da Iguassú do início do século XX. A trajetória de Silvino Azeredo na imprensa e de alguns de seus filhos e filhas no serviço público demonstram como esses laços eram reforçados, conforme a necessidade daqueles que custeavam o jornal e o consumiam enquanto leitores. O conteúdo e a estrutura gráfica do *Correio da Lavoura* nos anos 1920 evidenciam como as edições eram formatadas para dar voz a estas personagens e espaço para seus negócios.

A edição de 22 de março de 1924 exemplifica como os dados externos ao jornal inferem diretamente na sua composição. A página de número doze é completamente dedicada a anúncios que se repetiriam por anos e, em alguns casos, décadas. O Açougue Ideal e a companhia Ludolf & Ludolf são exemplos destes anúncios, que se perpetuaram por várias edições sem quaisquer mudanças. O açougue estava localizado em uma das principais ruas do distrito-sede de Nova Iguaçu, enquanto a olaria Ludolf & Ludolf era uma das grandes produtoras de cerâmica da região, mais precisamente de telhas. De acordo com Maria Fátima de Souza Silva (2005, p. 50), a empresa localizada no distrito de Mesquita foi vendida a um descendente de alemães de nome Alfredo Ludolf e funcionaria até os anos 1950.

Figura 6 - Anunciantes do *Correio da Lavoura* em 1924

**"CORREIO DA LAVOURA"**

**TELHA TYPO MARSELHEZ**  
 Marca Registrada  
**LUDOLF & LUDOLF**  
 FABRICADA PELA  
**Companhia Materiaes de Construção**  
 Não tem rival em qualidade e em preço - Vende-se em todos os negociantes de madeiras e outros materiaes.  
 Peçam amostras  
 RUA DO HOSPICIO, 25  
 Telephone, 2871-Norte  
 Rio de Janeiro

**HOTEL GONÇALVES**  
 Estabelecimento para famílias e viajantes  
 Clima saudável - Altitude: 620 metros  
**NELSON DANTAS GONÇALVES**  
 O proprietário vende no fimcoço, no balcão e Hotel Quilômetro, por meio de telefonemas  
 LINHA AUXILIAR - PATY DO ALFENES - E. DO RIO

**FEBRES**  
 :: Palustres, Maleitas, Intermittentes, Seções  
**PILULAS**  
 de  
**CAFERANA**  
 Alceu Sobrinho  
 Rua da Lapa, 6 - Rio

**SAL DE MACAU**  
 APLICACÃO VANTAJOSA NA INDÚSTRIA DE LACTÍCIOS  
 A MELHOR PROPOSTA A VENDA NO MERCADO  
 Ed. de todos os tipos e qualidades  
 IMPORTADO EM GRANDE QUANTIDADE  
 CALA DAS SUAS SALINAS DE MACAU NO RIO GRANDE DO NORTE A MAIS IMPORTANTE DO BRASIL

**PEREIRA CARNEIRO & C.**  
 COMPANHIA COMERCIO E NAVEGACAO - Avenida Central 111  
 Caixa Postal 363 - Telephone Central 4462  
 Endereço: Telegraphico «UNIDOS»

**PADARIA ITALIANA**  
 Casa fundada em 1884 por José Carlos Lemos  
 Bolachinhas, Biscoitos de todas qualidades etc. - Vende-se a granel e em quantidade  
 Depósito de farinha e outros produtos  
**André Bellucci**  
 Rua Bernardino Mello, 233, da Rua Calça d'Água  
 NOVA GUASSUP - ESTADO DO RIO

**TIPOGRAPHIA DO Correio da Lavoura**  
 Executa-se qualquer trabalho typographico  
**NOVA GUASSUP**  
 E. do Rio

**PRAIA DE GUARATIBA**  
 Deliciosos passeios  
 Vinde todos conhecer estas ruínas e pittorescos passagens da Estação de Campo Grande a Praia de Pedra, Ilha, Ilho da Praia e Calção, em bonitos e confortáveis viagens rápidas e confortáveis com uma série interminável de lindos e surpreendentes panoramas!  
 Vinde ver uma Nova e Grande cidade que surge com rapidez maravilhosa! - Solos encantadores para pic-nic, jardins nos campos e no mar, o melhor serviço de Bar, Restaurant, Bote Mar na Praia de Pedra.  
 Trem de E. F. C. do Brasil  
 RAMAL DE SANTA CRUZ - ESTACAO DE CAMPO GRANDE  
 Horário dos bondes em correspondência com os trens  
**Ferro Carril Campo Grande e Guaratiba**  
 HORARIO  
 LINHA DA PEDRA  
 IDA  
 5,40-7,25-8,35-9,35-11,35-13,05-14,05-15,45-17,15-18,25-22,35  
 VUELTA  
 5,10-6,50-8,25-10,15-11,35-13,25-14,45-17,05-18,15-21,30  
 LINHA DO RIO DA PEDRA  
 IDA  
 5,40-7,25-8,35-9,35-11,35-13,05-14,05-15,45-17,15-18,25-22,35  
 VUELTA  
 5,05-6,50-8,30-10,05-11,35-13,30-14,25-17,05-18,15-21,30  
 LINHA DO RIO DA PEDRA  
 IDA  
 5,40-7,25-8,35-9,35-11,35-13,05-14,05-15,45-17,15-18,25-22,35  
 VUELTA  
 5,05-6,50-8,30-10,05-11,35-13,30-14,25-17,05-18,15-21,30

**ACOUQUE IDEAL**  
 rise  
 E' que não soffrêis de  
 do a  
 José N  
 &  
 RUA MARCHEL PLO

Fonte: *Correio da Lavoura*, 22. Mar. 1924, ed. 366, p. 1, 8.

Se compararmos itens como anúncios, capa e número de colunas publicados durante os anos 1930, 1940 e 1950, nota-se a ausência de mudanças no padrão editorial e gráfico do *Correio da Lavoura*. Fundado no século XX, mas atrelado ao modelo do século XVIII, o jornal dirigido pelos Azeredo se atentava mais em divulgar opiniões e menos com o lucro. No Brasil, esse padrão jornalístico pautado no viés político e opinativo, em que proprietários estavam mais preocupados em propagar ideias do que em obter receitas, duraria até meados do século XIX, momento em que jornais se tornaram empresas e tarefas comerciais e editoriais foram divididas.

Segundo Maria Helena Capelato (2015, p. 117), a expressão “grande imprensa” foi cunhada nesse contexto de formação das empresas jornalísticas que surgiram na Europa na segunda metade do século XVIII e no Brasil a partir da segunda metade do XIX. Em nosso país, esse modelo de imprensa ganhou espaço no início do século XX, dada as profundas transformações socioeconômicas e políticas em curso com a urbanização, a abolição da escravidão e a instauração da República. Com base na imprensa norte-americana, a imprensa brasileira tomava moldes de empresa, com proprietários preocupados em melhorar tecnicamente seus jornais e com uma orientação jornalística em que a informação ganhasse espaço em lugar dos ideais e paixões políticas, mas sem que leitores perdessem o interesse pelos periódicos. No caso iguaçuano, observei que os parâmetros adotados não seguiram as mudanças abraçadas pela imprensa carioca.

O jornalismo opinativo se manteve como preceito do *Correio da Lavoura* nas décadas que sucederiam sua fundação, assim como a composição editorial e gráfica. A produção de um noticiário que tratasse da lavoura, dos citricultores e do corpo político local não foi alterada em detrimento do lucro. É evidente que matérias pagas ou a “capitalização” do jornalismo não retiraram o teor político da imprensa quando olhamos o quadro mais geral. Contudo, o semanário de Silvino Azeredo perpetuou esse modelo quase oitocentista até os anos 1950, momento no qual a cidade ganhou novos contornos físicos e políticos. Nem mesmo a concorrência do *Correio de Maxambomba* na metade dos anos 1950 pareceu “abalar” as certezas simbólicas e culturais firmadas pelo clã dos Azeredo em quase meio século de existência.

Ao compararmos a capa de três edições, constatou-se que o *Correio da Lavoura* não fez nenhuma mudança significativa entre os anos de 1917 e 1957. O modelo do cabeçalho com nome, proprietários, data e edição foi quase que inalterado, enquanto títulos, colunagem e formato mantiverem o padrão. O uso de fotos, imagens e gravuras também é quase nulo, quando comparamos com outros periódicos da mesma época, dentre os quais o jornal fundado por Dionísio Bassi. Nas imagens estes aspectos ficam mais evidentes:

Figura 7 - Correio da Lavoura em 1935

**CORREIO DA LAVOURA**  
ORÇÃO INDEPENDENTE  
Director-Proprietario: Silvino de Azeredo  
QUINTA-FEIRA, 28 DE MARÇO DE 1935  
ESTADO DO RIO N. 940

**CORREIO DA LAVOURA entrou no 19º. anno**

**Louvavel esforço**

O que tem sido a vida deste jornal? A luta para o desenvolvimento de um programma.

O desenvolvimento desse programma tem apresentado resultados positivos? Responderão os factos no dominio publico, fides as realizações na economia particular.

Quando a vontade, para que um ideal germine, se associa ao entendimento, torna-se uma força. O CORREIO DA LAVOURA tem sido uma consequencia dessa força, na terra iguassuana.

Produção e finanças, hygiene e trabalho, educação e civismo, bem como os assumptos que com estes se relacionam, vão sendo ventilados semanalmente, nestes 19 annos. E si retribuições e tributos, opulencia e escintillação tem faltado a nossa linguagem, na firmeza em o objectivo que nos traçamos em 1917, o amor à terra natal, o desejo de ver a engrandecida pelo trabalho de seus filhos, o senso de suas necessidades e aspirações, não tem soffrido alteração.

A fidelidade a esses pontos de vista, de outro lado decorre da persistencia dos problemas, cuja solução é hoje ainda mais presente.

A boxada em volta da Capital da Republica, de que Iguaçu occupa a maior extensão, guarda o nascimento da terra infectada, onde mais habitantes, de sangue empobrecido, ainda assim fazem da municipal um dos baluartes da riqueza fluminense. Batendo-nos pela

restauração physica do homem, vamos ao encontro da pendur das populações para a actividade. Entendemos que na organização do paiz o agricultor se ha de destacar como o soldado do trabalho por excelencia, bravo e triumphador, e, como Anteu, avigorando-se ao contacto da mão gheia.

E desse modo fazemos côro com os que preconizam uma politica economica, capaz de empolgar o animo docil das massas trabalhadoras, levando-as à vida sa do interior, ao labor grandioso da terra, porque a essa coragem blindada de serenos heróis que tira do solo os thesouros incomparraveis do reino verde.

Recatada sobre os moços na successão evolutiva, as responsabilidades do trato dos negocios e actividades, temos sido uma voz entre as que pugnam pela educação das gerações que surgem. Sua orientação segura na trama dos interesses e dos sentimentos, força o apanheir que nossos anseios violumbram ainda—alvorada radiosa em que os hymnos de enthusiasmo e de victoria ecoarão, annunciando a feitura da grande patria brasileira.

Esse o dever que nos impuzemos. Continuaremos a cumpril-o. A compensação, si a merecermos, Deus nol-a dará com prodigalidade.

Aproveitando o ensejo, registramos aqui, com prazer, o nosso agradecimento aos assignatnos, amigos e annunciantes do CORREIO DA LAVOURA.

Vimos mais uma vez, em sua pontual e regular edição semanal.

Depois d'elle, muitos e muitos outros jornais surgiram neste municipio, e todos, sem excepção de um só, — quarenta e cinco, se não nos falta a memoria — naufragaram, isto é, desapareceram.

Só elle se conserva até hoje, impavido e sereno, vencendo galharda e sobranceiramente, dia a dia, os impecilhos e escolhos com que se vem deffrontando, desde o inicio.

Os formalisaveis obices enfrentados e vencidos sempre, para muitos talvez estabelecessem barreiras insuperaveis, constituiram para elle, o estímulo ou fôrça, onde, prazerosamente, retemperava seu ardor combativo, redobrando, assim, suas actividades.

Para finalizar, sem nos alongarmos em demasias que, bem sabemos, feririam a modestia de Silvino de Azeredo, vamos reproduzir um trecho do artigo da apresentação desta folha, publicado em seu primeiro numero, comprovando das asserções acima feitas.

Definindo os objectivos deste jornal, ha dezannos annos passados já dizia, então, seu director:

Jornal independente sem pretensões tolhas, sem má vontade contra quem quer que seja, é seu principal fim, concorrer à medida de suas forças e cheio de boa vontade, para o progresso intellectual, moral e material deste municipio, de cujo alto interesse se tornará valente defensor.

Que tem cumprido devotadamente sua nobre finalidade, ali está a pujante afirmação de sua util e longa carreira.

JOTA HESS

**Iguassuanos!**

O CORREIO de Iguaçu grande defensor da LARANJA, que é a maior riqueza desta Municipalidade.

**AS CRIANÇAS DE PEITO CUJAS MÃES OU AMAS SE TONIFICAM COM O VINHO BIOGENICO FICAM BELLAS E ROBUSTAS**

PEÇA COM ESTE ANUNCIO A RESPECTIVA LITERATURA FRANCISCO GIFFONI & C.—RUA 1ª DE MARÇO, 17 RIO

**DE VENTO EM POPA... Imposto de Indústrias e Profissões**

(Español para o aniversário do CORREIO DA LAVOURA)

Correio da Lavoura, neste a deslizar sobre os oceanos do tempo, que, tranquilo, são os seus — os seus amigos.

Commemora nesta data o CORREIO DA LAVOURA o 19º. anniversario de sua fundação.

Nestes quasi quatro lustros de proficua existencia, toda consagrada ao progresso do uberrimo municipio de Iguaçu, quantas vezes Silvino de Azeredo, o heróico tinoneiro, não teve de deffrontar-se com a furia de um mar proceloso?

Quantas vezes o ribombar nos espacos não o impelliu a retroceder ao porto de partida ou demandar a esquadra do Desanimo, ante periclitante naufragio?

Caracter firme e resolute, plantado de seus actos uma man severa das normas, vem superando todas as barreiras, enfrentando todos os escolhos, como um exemplo vivificante do trabalho e da perseverança.

Marinheiro audaz, não reosa os ventos, — e a sua querida nau — O CORREIO DA LAVOURA — ao revelar das ondas, de vento em popa, regata com rara galhardia a chegada ao porto da Esperança. A sua viagem não ha de soffrer interrupção, com a graça do supremo Creador do Universo. Jamais lhe foram regateados os applausos, os incentivos, de quantos almejam o engrandecimento deste — só bendito — já o disse o poeta:

Esperanza, sonho fundo,  
Um bem que raro se alcança,  
Até que a mão do mundo  
Não não puzer a Esperança!

SILVINO SILVEIRA

**Trabalhos typographicos**  
Nas officinas deste jornal

**Polpa de Tamarindos**  
para infusões e sorvetes de Alice Salsinha

**Advertencia opportuna**

Que 2 annos ha (olado-prosperidade), a criança cresce muito, e com grande actividade muscular e desportiva adquirindo resistencia e doçura. Por isso, neste periodo, deve a alimentação ser muito cuidadosa. — PPS.

Fonte: Correio da Lavoura, 28 mar. 1935, ed. 940, p. 1.



Figura 8 - Correio da Lavoura em 1943

# Correio da Lavoura

DIRETOR-GERENTE: AVELINO DE AZEREDO

Fundador: Silvino de Azeredo

DIRETOR-SECRETÁRIO: LUIZ DE AZEREDO

Registado no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP)

ANO XXVII Nova Iguaçu (Estado do Rio), Domingo, 28 de Março de 1943 N. 1358

## A LAPIS...

### Espinhos do caminho

*Silvino Silveira*

Comemoramos, com o presente número, a nossa efeméride jornalística. E' mais um marco da trajetória do CORREIO DA LAVOURA concebida com honestidade e entusiasmo.

A vida deste jornal constitui, de etapa em etapa, uma série de novas conquistas pela Verdade, pela Justiça, pelo Bem — na reafirmação sublime do programa traçado pela pena adamantina de Silvino de Azeredo, nosso inesquecível Diretor.

Os filhos, como bem dissera Vieira, são duas luas do corpo, são dois laços do alma.

E' com os olhos voltados para a imagem do saudoso Chefe e Companheiro de jornada, num — tributo de elevada estima pela sua inconfundível personalidade e de admiração pela obra fecunda, — que se vem realizando, há mais de cinco lustros, com rara abnegação e desinteresse, que prosseguimos a marcha, com o pulso das expressões do nosso "lapis". São acúleos os espinhos do caminho!

Pouco a pouco, insensivelmente, o CORREIO DA LAVOURA, pelo incomparável dinamismo e abnegada disciplina de Silvino de Azeredo, atingiu a situação imprevista de um elemento de cultura, de conhecimentos úteis, de notícias interessantes, de um espelho em que se refletem as mil e uma imagens do progresso da Terra Fluminense.

Luiz e Avelino de Azeredo, nossos prezadíssimos companheiros, estão bem compensados da sacrossanta missão desta folha, na mais refolgante harmonia, na mais inquebrantável comunhão de laços, enfrentando dificuldades, transpondo barreiras, sempre juntos, leais e honestos, para que não desapareça esta obra, orgulho do seu redator-Fundador.

As vitórias fúteis não dão glória ao vencedor! Continuemos a lutar. Regitemos, aqui, estas belas palavras de Florença Santos, confortadoras da esperança da jornada:

"Ora, as pedras e os espinhos do caminho... Pelo bem da tua fidelidade, finge que não estás encorajando, arredando com indiferença, e segue. Para diante sempre. Não te

### A educação através dos séculos ou entre os povos

Pelo Prof. HALIN PHARES, lente do Ginásio Leopoldo II

O terceiro grau da educação que recebem as gerações atuais, é uma educação adquirida no colégio, nos livros ou da boca do professor.

A educação, portanto, foi, desde a origem da civilização, o objeto constante dos legisladores e filósofos.

Falemos agora da educação e da civilização na alta antiguidade.

Os povos antigos eram divididos em orientais e ocidentais; dentre os primeiros notam-se os hebreus, chineses, hindus, egípcios, persas e fenícios; os ocidentais, os gregos e os romanos.

Observando a educação dos povos orientais, com exceção dos hebreus que seguiram um sistema educativo mais apurado, vemos que ela muito diferia da atual. Os seus principais caracteres eram:

- I — Influência religiosa — Eram todos obrigados a ter uma crença ainda que fosse absurda: adoravam objetos, astros e animais.
- II — O predomínio da autoridade — A esta autoridade que, de ordinário, era constituída pelos sacerdotes, deveriam obedecer conjuntamente.
- III — O privilégio da educação — Somente certas classes tinham o direito de ser educados.
- IV — A falta da educação da mulher — No seu modo de ver a esta não era necessária a educação, só deveria aprender os serviços domésticos.
- V — A educação do povo consistia apenas em ensinar ofícios e a arte da guerra às crianças desde pequenas. Logo que comesçassem a fazer seus primeiros gestos, já os pais lhes ensinavam os principais movimentos para que, depois de crescidas, soubessem manejar as armas, a leitura e a escrita tinham para eles muita pouca importância.
- VI — Quando educavam as crianças não visavam formar cidadãos para o serviço de Deus e da pátria, mas sim para bons servos, para imperadores e os serviços dos castos.
- VII — Não havia respeito à dignidade pessoal, só eram respeitadas algumas autoridades, tais como o pai de família e o imperador.

Percorridos os povos orientais, vamos primeiramente os hebreus.

Foram estes um povo escolhido por Deus para conservar as tradições e a crença que já se iam pouco a pouco apagando

### O parque citrícola brasileiro corre grande risco de perecer

#### O Ministro da Agricultura sugere ao Chefe do Governo as medidas necessárias para a defesa da produção da laranja brasileira

Em longa exposição ao chefe do Governo, o ministro da Agricultura declarou que "o parque citrícola brasileiro, que já deu à economia do país Cr.\$ . . . 174.000.000,00 em um ano, corre grande risco de perecer", em face da atual situação internacional, uma vez que a vida deste setor de nossa economia esteve ligada à exportação para os mercados europeus e platinos. "Com o desaparecimento do mercado europeu, — diz o ministro em sua exposição — certa parte da laranja exportável foi absorvida pela fabricação de oleo. O prosseguimento da guerra, entretanto, impedindo o normal escoamento desse produto, afastou de vez o recurso a que se tinham apegado os citricultores. Neste pé, pode-se afirmar fatal o desaparecimento de toda essa riqueza que levamos longos anos a criar, com o prolongamento do conflito mundial, cuja duração ninguém poderá prever. E já se está processando de modo visível e incontestável".

Depois de outras considerações, o ministro declarou: "Impõe-se, portanto, ao poder público amparar toda esta riqueza ameaçada e por isto trago à alta apreciação de Vossa Excelência um plano de defesa financeira, cujos resultados parecem-me conservar para o Brasil, logo após a guerra, o lugar

de destaque que vinha disputando como país citricultor. Neste sentido sugiro a Vossa Excelência as providências necessárias à obtenção, no Banco do Brasil, de um crédito de Cr.\$ . . . 50.000.000,00, a ser movimentado pela Comissão Executiva das Frutas, dentro de seus regulamentos e com prestação de contas a este Ministério. A C. E. F., obedecendo ao espírito do decreto-lei que a criou, maniplaria toda produção citrícola nacional, adquirindo-a do produtor, distribuindo-a aos exportadores, ao comércio interno, aos industriais e utilizando parte em suas instalações de aproveitamento e possíveis desdobramentos".

O ministro passa a expor as linhas gerais do plano de proteção ao novo parque citrícola e conclui: "Para execução deste plano peço autorização a Vossa Excelência para dar instruções à Comissão Executiva das Frutas, a fim de que entre em entendimento com a Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil, estudando com ela as modalidades da obtenção de recursos, a serem depois submetidas à alta decisão de Vossa Excelência".

Na exposição do titular da Agricultura o chefe do Governo exorou este despacho: "Autorizo o entendimento proposto".

**ARTHITISMO • GOTA • RHEUMATISMO**

**LYCETOL**

FRANULADO DE GIFFONI • O MELHOR DISSOLVENTE DO ACIDO URICO

FRANCISCO GIFFONI & CIA - RUA 1 DE MARÇO, 17 - RIO

Fonte: Correio da Lavoura, 28 mar. 1943, ed. 1358, p. 1.

**Figura 9 - *Correio da Lavoura* em 1955**





Portanto, em termos de diagramação o *Correio de Lavoura* apresenta uma leve alteração em seu *layout*. Após a morte de Silvino Azeredo, em setembro de 1939, seus filhos Avelino Martins Azeredo e Luiz Martins Azeredo deram prosseguimento ao trabalho iniciado pelo patriarca, entretanto demonstraram pouca ou nenhuma preocupação em alterar substancialmente os aspectos gráficos do semanário. Pelo contrário, há manutenção no padrão tradicional e conservador em noticiar os principais fatos da cidade para que uma determinada “essência” vanguardista, elaborada pelo fundador, não se perdesse com a modernização. Desta forma, os Azeredo seriam lembrados como bastiões da memória, e não pelo caráter combativo ou moderno.

Mudar graficamente o jornal a fim de ganhar novos leitores não era uma preocupação por parte dos Azeredo. Ao conservar os mesmos anunciantes, publicar matérias com assuntos cíclicos e sustentar vitaliciamente alguns de seus colunistas, o jornal indica que estava mais preocupado em ser um memorial, ou seja, um lugar de memória sobre o cotidiano daqueles que detinham o poder político e econômico. Por tudo isso, posso afirmar que o *Correio da Lavoura* seguiu alicerçado a uma rede de relações firmadas ainda em sua fundação, sem maiores perspectivas de mudança, mesmo com o cenário de concorrência posto nos anos 1950.

Em uma análise minuciosa, essas capas fornecem importantes dados sobre a personalidade do jornal e as razões para sua estabilidade por mais de meio século. Nesse sentido, Laís Guaraldo (2007, p. 37) afirma que o projeto gráfico e o projeto textual não podem ser averiguados em separado, pois são criados em absoluta conformidade, “ou seja, com as definições ideológicas ou filosóficas, quando se aplicam, e definições de público-alvo, assuntos tratados, linguagem e personalidade da publicação”.

Ainda de acordo com a pesquisadora, existe uma “constituição visual”, que legisla “os aspectos visuais, [...] o design ou a diagramação da publicação” (Ibidem, idem). Um conjunto de elementos formais podem explicar a identidade destes jornais, dentre eles estão: formato e tipo do papel, tipografia, cores, logotipo, seções, capa, imagens, ocupação do espaço, colunagem, margens, boxes, fios, sombras e demais itens gráficos como número de páginas, sinalizações etc. Para que se tenha uma percepção mais detalhada sobre os itens descritos acima, elaborei uma tabela para que comparemos capas e conteúdo destas edições.



**Tabela 4 - Comparação dos Itens Gráficos e Editoriais do Correio da Lavoura (1935, 1943 e 1955)**

| <b>Projeto</b>                    | <b>Itens</b>                     | <b>1935</b>  | <b>1943</b>  | <b>1955</b>   |
|-----------------------------------|----------------------------------|--|--|---|
| <b>Identificação do Periódico</b> | Título                           | <i>Correio da Lavoura</i>  | <i>Correio da Lavoura</i>  | <i>Correio da Lavoura</i>   |
|                                   | Subtítulo                        | Órgão Independente   | Ausente  | Órgão Independente fundado em 22 de março de 1917   |
|                                   | Datas-Limites                    | 28 de março de 1935  | 28 de março de 1943  | 27 de março de 1955   |
|                                   | Periodicidade                    | Semanário  | Semanário  | Semanário   |
|                                   | Classificação na Instituição     | Ausente  | Ausente  | Ausente   |
| <b>Projeto Gráfico/Editorial</b>  | Capa                             | Matérias e colunas sobre o 19º aniversário do jornal, presença de alguns anunciantes ao final da página e ausência de imagens, gravuras ou grandes títulos | Uma coluna, matérias sobre educação e campo, presença de anunciantes ao final da página e ausência de imagens, gravuras ou grandes títulos | Três colunas assinadas ocupam toda página, ausência de anunciantes e imagem do fundador no centro da capa seguida de texto        |
|                                   | Partes e Cadernos                | Ausência de Cadernos; cada página sem seções definidas   | Ausência de Cadernos; cada página sem seções definidas   | Ausência de Cadernos; cada página sem seções definidas  |
|                                   | Cadernos Especiais e Suplementos | Ausentes   | Ausentes   | Ausentes  |
|                                   | Edição Comemorativa              | Sim  | Não  | Sim   |
|                                   | Secções                          | Sem secções definidas;   | Sem secções definidas;   | Sem secções definidas;  |
|                                   | Colunas Fixas e Assinadas        | Apenas uma coluna assinada por Silvino Silveira na Capa; Coluna “Vida Social” na segunda página;   | Coluna “A lápis” assinada por Silvino Silveira   | Três colunas assinadas: “A lápis” de Silvino Silveira, Educação e História de Newton Gonçalves de Barros e Daqui e Dali de Arauto |
|                                   | Iconografia                      | Imagem de Silvino de Azeredo na capa e do prefeito Sebastião Arruda Negreiros na   | Ausente  | Presente em evento de inauguração de estabelecimento comercial  |

|  |   |   |  |  |
|--|---|---|--|--|
|  |   | segunda página;   |  |  |
|  | Manchetes, Legendas, Colunagem e Frisos               | Manchetes ausentes; colunagem ao longo de toda edição   | Manchetes ausentes; colunagem ao longo de toda edição  | Manchetes ausentes; colunagem ao longo de toda edição  |
|  | Anúncios e Publicidade                                | Anunciantes locais ao longo da edição   | Anunciantes locais ao longo da edição  | Anúncios grandes e com muitas gravuras ao longo de toda edição;  |
| <b>Produção e Distribuição</b>   | Proprietário, Diretores, Redatores e Colaboradores    | Proprietário e Diretor: Silvino de Azeredo; Diretor Gerente: Avelino de Azeredo; Redatores e Colaboradores Ausentes | Proprietário e Diretor: Silvino de Azeredo; Diretor Gerente: Avelino de Azeredo; Diretor Secretário: Luiz de Azeredo; Redatores e Colaboradores Ausentes | Proprietário e Diretor: Silvino de Azeredo; Diretor Gerente: Avelino de Azeredo; Diretor Secretário: Luiz de Azeredo; Redatores e Colaboradores Ausentes |
|  | Condições Técnicas                                    | Ausentes  | Ausentes   | Ausentes   |
|  | Tiragem e Preço                                       | Ausentes  | Preço presente   | Ausentes   |
|  | Distribuição, Formas de Venda e Espaços de Circulação | Ausentes  | Presente em uma coluna na sexta página;  | Ausentes   |
| <b>Projeto Editorial: Movimentação e Posicionamento Político na Conjuntura</b> | Intervenções na Agenda Pública                        | Matéria sobre a inauguração de hospital   | Matéria sobre citricultura, eletrificação da ferrovia;   | Câmara homenageia aniversário do Correio da Lavoura  |
|  | Principais Temas e Campanhas Gerais                   | Educação, campo, saúde, política local, fatos nacionais e internacionais  | Educação, campo, saúde, política local, fatos nacionais e internacionais   | Educação, agricultura, política local, fatos nacionais e internacionais  |
|  | Posicionamentos Políticos Explícitos                  | Conservador   | Conservador  | Conservador  |
| <b>Perspectiva Histórica</b>   | Construção de Temporalidade                           | Ausente   | Ausente  | Ausente  |
|  | Constituição de Sujeitos Sociais                      | Sim   | Sim  | Sim  |
|  | Proposta de Alinhamentos                              | Ausente   | Ausente  | Ausente  |
|  | Negociação de Pactos Políticos                        | Ausente   | Ausente  | Ausente  |

Fonte: elaboração própria, a partir de consulta às seguintes edições: *Correio da Lavoura*, 28 mar. 1935, ed. 940, p. 1; *Correio da Lavoura*, 28 mar. 1943, ed. 1358, p. 1; *Correio da Lavoura*, 27 mar. 1955, ed. 1984, p. 1.

Os itens dispostos nesta tabela são parte do “Roteiro de Análise da Imprensa Periódica” publicado por Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2008, p. 265). As autoras propõem que a metodologia contemple o conteúdo editorial e gráfico dos jornais, de forma que todas as partes de uma publicação sejam consideradas como dimensões articuladas e simultâneas. Nesse quadro, alguns aspectos ficam evidentes sobre o *Correio da Lavoura*, dentre os quais cito a constância na disposição dos conteúdos divididos por fios, elemento usado para separar itens ou elementos que possam ser confundidos com o texto.

Há mínimas alterações nas fontes usadas, ausência de manchetes, sublinhados ou imagens, sendo o texto escrito a escolha priorizada por seu editor-gráfico, sem nome identificado em nenhum destes três exemplares consultados e analisados. As edições dos anos 1930 e 1940 priorizam temas sobre o campo, a educação e a saúde, entretanto sem chamadas para o conteúdo abordado no interior da edição. No exemplar publicado em 1955, há colunas assinadas e uma distribuição mais homogênea do texto, mas que não discutem assuntos sobre o cotidiano da cidade como violência, problemas de saneamento ou transporte.

Ao olhar para o interior das três edições, identifica-se a ausência de seções definidas ou cadernos, apenas uma certa constância de temas como notas sociais, fatos policiais e publicações assinadas por políticos ou figuras influentes localmente sobre obras literárias, episódios históricos ou fatos de caráter nacional ou internacional. A inexistência de uma coluna para cartas pode estar vinculada ao fato de que leitores e colaboradores sejam as mesmas pessoas, dada a multiplicidade de assuntos tratados em cada edição. Em geral, temas ligados a episódios locais são publicados entre a primeira e a terceira página; as demais se destinam aos inúmeros anúncios, editais e balanços.

O grande espaço dado aos anunciantes locais fica evidente nos três exemplares apresentados na tabela. O investimento no aperfeiçoamento do formato, tamanho, fontes e quantidade de gravuras pode ser notado ao longo das décadas, entretanto o número de páginas dedicadas aos estabelecimentos comerciais, às fábricas e, principalmente, à administração municipal nos indica que a receita adquirida não traduz os enlaces políticos e simbólicos firmados a partir destas concessões. Na edição publicada em 1943, há um box contendo os valores para tornar-se um assinante ou anunciar no *Correio da Lavoura*, todavia os dígitos cobrados permaneceram quase que inalterados por sucessivos anos. Esses dados indicam que as taxas talvez não cobrissem os custos de manutenção e modernização do semanário, uma vez que a receita comercial era mais simbólica do que uma fonte de capital para conservar o funcionamento do jornal.

Tanto as finanças quanto o conteúdo e a diagramação do *Correio da Lavoura* pressupõem que a folha se manteve em uma relação clientelista com agentes detentores do poder político e econômico, em detrimento do lucro ou da possibilidade do semanário tornar-se uma empresa. Publicar sobre os mesmos assuntos, editar longas notas sociais e se manter distante de conflitos com pares da imprensa local confirmam os relatos de membros da família sobre a preocupação dos Azeredo em ser um jornal “neutro”, atento ao “bem comum” e sem envolvimento em situações que não lhes conferissem prestígio.

Heloisa de Faria Cruz e Maria do Rosário da Cunha Peixoto (2008) e Maria Helena Capelato (2015) reiteram que toda informação não é neutra e que um pesquisador atento deve averiguar se esta é verdadeira, pois a maneira como um jornal constrói a notícia e a expõe graficamente pode ocultar dados por trás da imparcialidade, conceito implementado a partir da concepção de imprensa-empresa na primeira metade do século XX. Portanto, a manutenção de um padrão menos sofisticado graficamente pelo *Correio da Lavoura* foi, antes de tudo, uma escolha editorial e comercial por aqueles que o dirigiam.

Na próxima seção deste capítulo veremos como o semanário concorrente investiu na modernização gráfica desde sua fundação e seguiu na contramão do jornal mais antigo de Nova Iguaçu. O *Correio de Maxambomba* fez notícia em padrões gráficos diferenciados, mas sem perder sua conotação política e criticidade ao modelo de cidade projetado pelo *Correio da Lavoura*. Com base em algumas de suas capas, traçaremos um perfil do estilo editorial e gráfico implementado por Dionísio Bassi nos anos 1950 e 1960, de forma que nos atenhamos também à primeira página de cada edição, item que concentrou boa parte dos recursos de persuasão, utilizados para que o jornal se vendesse e, com isto, ganhasse espaço entre os leitores.

### **3.3 *Correio de Maxambomba***

A passagem da imprensa opinativa e política para um modelo empresarial se deu em periódicos como *O Globo*, jornal fundado por Irineu Marinho na capital federal no início do século XX. Maria Helena Capelato (2015, p. 122) destaca que este movimento fez com que proprietários “justificassem suas opiniões e intervenções políticas como representativas da “opinião pública”. Ainda de acordo com a historiadora da USP, na era moderna a imprensa foi:

considerada instituição pública, desempenhou um papel político relevante na transformação das instituições de poder. Não se pode negar que o direito à

informação – informação pública – é fundamental para o funcionamento de todo processo democrático. No entanto, as empresas jornalísticas podem ser representadas, simbolicamente, como uma moeda de duas faces: uma pública, que as coloca na condição de intermediárias entre os cidadãos e os governantes, e outra privada, que defende os interesses econômicos e políticos das empresas.

Dada a linha tênue entre interesses privados e públicos, Capelato afirma que a vida dos proprietários sempre se confundiu com a história de seus jornais, por isso os pactos firmados por Silvino de Azeredo e Dionísio Bassi nunca deixaram de existir, mesmo que os jornais passassem por um processo de modernização, dada a capitalização do setor. O contexto em que se deu a fundação do *Correio de Maxambomba* não fez com que seu diretor fosse menos direto ao publicar notícias que atendiam compromissos firmados por ele com agentes e instituições locais. Neste sentido, os periódicos iguaçuanos, especialmente o *CM*, optaram por uma escrita dotada de imparcialidade, combativa e claramente concorrente ao *Correio da Lavoura*.

Na verdade, o semanário de Bassi assumiu uma postura em defesa do desenvolvimento da cidade e de críticas à “velha política” local, sob o rótulo de “opinião necessária” e prestação de serviço à população iguaçuana. Como explicitado, todo jornal é composto por um conjunto de elementos internos e externos que revelam seus fins, no caso do *Correio de Maxambomba* estes itens foram sistematizados em forma objetiva, sem “esconder” a finalidade para que foi criado: ser um arauto das reivindicações da Baixada Fluminense.

Diferentemente do *Correio da Lavoura*, o jornal, fundado por Dionísio Bassi em 18 de dezembro de 1955, “escancarava” em texto e imagem o que seu concorrente fez mais implicitamente em cinco décadas. Seu trânsito na imprensa carioca evidencia o quanto sua trajetória no jornalismo o capacitou para a fundação do próprio jornal. Notas e cartas de jornalistas e representantes de instituições como a ABI exemplificam sua influência junto aos pares:

Saudação da A.B.I ao Correio de Maxambomba  
Outras Mensagens e Congratulações pelo Transcurso Do Nosso Segundo Aniversário

Do sr. Herbert Mosse presidente da Associação Brasileira de Imprensa recebemos a seguinte mensagem por motivo de aniversário dêste jornal transcorrido no dia 8 último:

“Prezados confrades do CORREIO DE MAXAMBOMBA:

Ao assinalar- mais um aniversário do CORREIO DE MAXAMBOMBA, órgão que, sob a direção do confrade Dionísio Bassi, se edita na cidade de

Nova Iguaçu, - próspero Município fluminense, a Associação Brasileira de Imprensa e seu Presidente saudando a grata efeméride, enviam cumprimentos e votos de prosperidade. HEBERT MOSSE”.

Os srs. Francisco Assis Melo (Queimados) e Geraldo Luciano da Silva (de Areia Branca), estiveram pessoalmente nesta redação, para apresentar ao nosso diretor, vereador Dionísio Bassi, os seus cumprimentos pelo transcurso do segundo aniversário dêste jornal  
(*Correio de Maxambomba*, 22 dez. 1957, ed. 109, p. 1, 7, grifo meu).

**Figura 10 - Correio de Maxambomba em 1956**

Nesta edição apresentada acima, publicada em 01 de abril de 1956, o *Correio de Maxambomba* reúne um conjunto de elementos gráficos adotados pela imprensa nos “anos dourados”. De acordo com José Ferreira Junior (2003, p. 15), as reformas editoriais feitas por jornais cariocas, dentre os quais o *Jornal do Brasil*, processaram reformulações que sucederiam outras experiências décadas depois: “Introduziu-se, com esse projeto, a noção de que o suporte da linguagem não é neutro e pode ser um elemento do alfabeto visual da página impressa”. Na imagem, as mudanças gráficas descritas pelo autor ficam evidentes e despontam aspectos importantes, como a influência dos periódicos cariocas na imprensa da região e a conexão do meio urbano com o projeto visual adotado pelo *Correio de Maxambomba*. Nas palavras do autor, é como se a diagramação dos jornais passasse a transparecer na linguagem escrita “as paisagens urbanas” deste contexto dos anos 1950 e 1960.

Assim como há textos e imagens a serem “decifrados” nesta Nova Iguaçu, repleta de novos sentidos socioeconômicos, políticos e culturais provenientes do seu processo de periferização, o semanário também traduziu esses novos sentidos sobre a cidade em suas páginas. O município, até então ligado à perspectiva única da lavoura, passou por profundas mudanças a partir dos anos 1950, por isso a primeira página deste jornal reúne informações de uma maneira e não de outra. Nas palavras de Ferreira:

A importância do espaço urbano para a definição de uma cultura, cujo grau de assimilação e renovação alcança uma velocidade jamais experimentada, pressupõe algum entendimento acerca do desenvolvimento das relações entre as obras de arte e o entorno citadino. Lança-se a população urbana, por conseguinte, a uma prática observadora em cujo cerne uma inquietação do olhar desbravador sobre um objeto que se reconstrói a cada dia (Ibidem, p. 56).

A “materialização da visualidade urbana” – espalhada por toda cidade em suportes muito distintos como jornais, placas e outdoors – reflete o que o autor denomina signos da paisagem urbana, fruto do design, conceito fundamentado a partir do universo da industrialização e da urbanização. Com base em Ferreira, é possível afirmar que o vínculo orgânico entre o design e a cultura do urbano, uma vez que a criação de peças visuais como as realizadas pelo *Correio de Maxambomba* acompanharam a movimentação desta cidade,



fazendo com que houvesse “uma seleção de manifestações, certamente criativas, trazendo consequências extraordinariamente relevantes para o contexto urbano” (Ibidem, p. 61).

Portanto, o projeto gráfico do *Correio de Maxambomba* estabeleceu uma nova relação entre o código verbal e visual, de forma que a capa traduzisse uma composição até então única e inovadora na imprensa iguaçuana. A disposição da capa publicada em 1956 demonstra a renovação em seu arranjo de cores, textos e fotografias. Notem que os títulos em azul e a caixa alta direcionam o olhar do leitor para as matérias que os editores desejam destacar, assim como a disposição das informações em colunas e caixas distribuídas em posições e alturas distintas. O jornal usa do jogo de espaço e de volume com a intenção de afrontar em uma só página elementos simétricos ou não, verticais e horizontais.

Até o fechamento deste capítulo, não identifiquei outro jornal iguaçuano que tenha mesclado tantos elementos como imagens, cores e textos em uma capa. Destaco a profundidade e o tom de azul aplicado no título “SUPER LOTADAS AS ESCOLAS!” e o uso de imagens do grupo escolar em uma conjuntura de consolidação do fotojornalismo. Encerrando a leitura desta matéria, o leitor é direcionado para o conteúdo sobre a II Exposição Industrial do município, ao mesmo tempo em que observa a imagem de Dionísio Bassi ao lado do texto que diz “Exame público da atuação dos vereadores iguaçuanos”.

A forma com que o cabeçalho é posto chama atenção pelo tamanho e descentralização dentro da página. Optou-se pela colocação de dados centrais como nome, responsáveis e data, em tamanho proporcionalmente menor àquele das notícias e imagens, isto traduz a inquietação em posicionar o projeto gráfico em um lugar fora do óbvio. É provável que a reforma gráfica promovida por periódicos como o *Jornal do Brasil* tenha influenciado homens da imprensa como Bassi, pois:

Passe-se, portanto, de uma “ordem” gráfica acentuadamente simétrica, na qual se tinha uma anulação quase completa das possibilidades visuais do suporte da linguagem, para uma outra realidade, em que a disposição da mancha gráfica contemplava um arranjo do qual faziam parte outros componentes visuais (valorização do espaço da página, utilização do recurso fotográfico, limpeza de adornos desnecessários, por exemplo), tornando mais “orgânicas” as relações entre os subsistemas que compunham a capa (FERREIRA JUNIOR, 2003, p. 84).

A “limpeza de inspiração concretista” influenciaria para sempre o *layout* do *JB* e de outros jornais do Rio de Janeiro, como o *Última Hora*. A proximidade com a imprensa carioca fez com que Dionísio Bassi aplicasse as novas referências gráficas ao *Correio de Maxambomba*, a fim de que o semanário se distinguisse dos concorrentes inclusive na banca

de jornal, no momento de exposição que antecedia a compra pelo público-leitor. Isso se perpetuaria nos anos seguintes, quando a folha deixou suas edições ainda mais complexas em termos editoriais e gráficos.

Figura 11 - *Correio de Maxambomba* em 1958

**A C. T. F. Assinou Dia 23 Contrato Com a Siemens Do Brasil Para a Instalação De 5.000 Telefones Automáticos Em N. Iguaçu**

VINTE E DUAS PESSOAS DISSERAM ALGUMA COISA SOBRE O ANO QUE ESTÁ MORRENDO

**CORREIO de Maxambomba**  
DIRETOR: DIONÍSIO BASI  
ANO IV • NOVA IGUAÇU, 27/12/1958 • Nº 162

**Desde Junho a Prefeitura Não Paga Às Professôras Municipais**

**Decretada a Prisão Preventiva Dos Matadores De Antônio Cunha**

**Fala Ao Repórter Com Mágoa Do Modo De Vida Americano**

**FORÇA DE VONTADE DE UMA FAMÍLIA ESTÁ DERROTANDO A POLIOMIELITE**

**VOTOS DE BOAS FESTAS**

**NOVA IGUAÇU FICOU SEM COMUNICAÇÕES COM O RIO**

Fonte: *Correio de Maxambomba*, 27 dez. 1958, ed. 162, p. 1.





Quando analisamos os dados destas capas, percebe-se o quanto o semanário esteve alinhado às mudanças em curso na imprensa da capital federal. A pluralidade das informações, associada à variedade de imagens, explora uma assimetria disposta a acompanhar o ritmo de uma cidade em crescimento e em permanente estado de mudança. Para Rafael Souza Silva (1985, p. 26), no jornalismo impresso:

poderíamos traduzir como experiência estética o que pressupõe uma atitude ao mesmo tempo contemplativa e atenta, no sentido de estabelecer uma relação direta com a obra. No jornalismo impresso, o texto transmite a informação semântica através dos seus signos compreensíveis, mas ao mesmo tempo produz uma informação visual de reforço estético através dos símbolos gráficos que atuam na sensibilidade do receptor.

De forma sistemática, cada uma destas capas desenvolve uma comunicação intencional, pois o receptor deve captar a mensagem no exato significado que lhe atribuiu o emissor, ou seja, há um código-comum nestas edições que deve ser entendido. Se compararmos os itens dispostos nestes exemplares, algumas observações sobre essa mensagem em comum devem ser consideradas.

**Tabela 5 - Comparação dos Itens Gráficos e Editoriais do *Correio de Maxambomba* e *Correio da Semana* (1958 e 1963)**

| Projeto                           | Itens                            | 1958  | 1963  |
|-----------------------------------|----------------------------------|---|---|
| <b>Identificação do Periódico</b> | Título                           | <i>Correio de Maxambomba</i>  | <i>Correio da Semana</i>  |
|                                   | Subtítulo                        | Ausente   | Ausente   |
|                                   | Datas-Limites                    | 27 de dezembro de 1958  | 18 de dezembro de 1963  |
|                                   | Periodicidade                    | Semanário   | Semanário   |
|                                   | Classificação na Instituição     | Ausente   | Ausente   |
| <b>Projeto Gráfico/Editorial</b>  | Capa                             | Instalação de telefones automáticos; não pagamento de professoras municipais; prisão dos matadores do vereador Antônio Cunha, famílias e a poliomielite | Associação Comercial e Industrial de Nova Iguaçu (ACINI); desmatamento; austeridade na administração municipal; |
|                                   | Partes e Cadernos                | Ausentes  | Ausentes  |
|                                   | Cadernos Especiais e Suplementos | Ausentes  | Ausentes  |
|                                   | Edição Comemorativa              | Não   | Não   |
|                                   | Secções                          | Algumas secções definidas como vida social e esportes;  | Algumas secções definidas como vida social e esportes;  |
|                                   | Colunas Fixas e                  | Na fila – Sonilton Campos;  | Uma batalha que dura  |

|  |   |   |   |
|--|---|---|---|
|  | Assinadas   | Políticos & Cia – Mano Zeca; Novo Ano, Nova Esperanças – Dionísio Bassi; Ronda Social da Baixada – Elzio Torlonia | oito anos – Dionísio Bassi; Fatos & Idéias – Sem autoria; Notícias – Elzio Torlonia |
|  | Iconografia   | Sete imagens na capa  | Quatro imagens na capa  |
|  | Manchetes, Legendas, Colunagem e Frisos               | A capa contém todos estes elementos   | A capa contém todos estes elementos   |
|  | Anúncios e Publicidade                                | Inúmeros anunciantes locais   | Inúmeros anunciantes locais   |
| <b>Produção e Distribuição</b>   | Proprietário, Diretores, Redatores e Colaboradores    | Diretor Dionísio Bassi  | Diretor Dionísio Bassi  |
|  | Condições Técnicas                                    | Ausentes  | Ausentes  |
|  | Tiragem e Preço                                       | Sem tiragem Cr\$ 2,00   | Sem tiragem Cr\$ 10,00  |
|  | Distribuição, Formas de Venda e Espaços de Circulação | Não dados além do valor de venda avulso CR\$ 2,00   | Não dados além do valor de venda avulso CR\$ 2,00                                   |
| <b>Projeto Editorial: Movimentação e Posicionamento Político na Conjuntura</b> | Intervenções na Agenda Pública                        | Pagamento de professoras atrasado   | Montes Paixão diz que o prefeito tem poderes para reprimir os desmatamentos         |
|  | Principais Temas e Campanhas Gerais                   | Educação, Violência, Saúde, Política, Telecomunicações  | Instalação dos Telefones; Progresso e Industrialização                              |
|  | Posicionamentos Políticos Explícitos                  | Centro-Esquerda   | Centro-Direita  |
| <b>Perspectiva Histórica</b>   | Construção de Temporalidade                           | Ausente   | Ausente   |
|  | Constituição de Sujeitos Sociais                      | Sim   | Sim   |
|  | Proposta de Alinhamentos                              | Indefinida  | Indefinida  |
|  | Negociação de Pactos Políticos                        | Indefinida  | Indefinida  |

Fonte: *Correio de Maxambomba*, 27 dez. 1958, ed. 162, p. 1; *Correio da Semana*, 18 dez. 1963, ed. 418, p. 1.

O tamanho e a não centralidade do cabeçalho tradicional chama atenção pela sua intencionalidade em tornar a notícia e o nome do periódico o cerne da capa. Nas palavras de Rafael Souza Silva (1985, p. 46), a padronização gráfica de um jornal representa sua identidade, pois

A primeira página de um jornal representa a embalagem de todo produto. É importante que esta página reúna características e atrativos individuais para que o leitor possa identificar o jornal através dela.

[...]

Este padrão gráfico deve ser antes de tudo um fundamento filosófico do dono da empresa jornalística, que será aliado a uma estrutura gráfico-editorial. Esta padronização representará para o consumidor (leitor) a imagem do jornal.

O percurso feito pelos olhos do leitor, da esquerda para direita, ou seja, no padrão ocidental, faz com que a leitura passe obrigatoriamente pelo meio da página, por isso o chamado centro ótico deve ser tão bem preenchido com elementos atrativos, para que o público leia de maneira ordenada, confortável e, ao mesmo tempo, veloz. A padronização dos caracteres gráficos, margens, fios, colunas, boxes e principalmente ligações entre foto-texto, texto-título e título-foto se mantiveram no *Correio de Maxambomba* mesmo após a mudança do nome, para que se estabelecesse uma relação de “fidelidade” ao modelo e ao consumidor das informações. A manutenção de um estilo composto por “blocos quadrados de composição, utilizando a horizontalidade arranjos tipográficos, enquanto a verticalização desses arranjos é, mas recomendável, pois provoca um melhor aproveitamento e racionalidade da leitura” (Ibidem, p. 51) fez com que essa simetria conferisse seriedade e compromisso com o que havia de mais importante sobre a cidade.

As capas exemplificam como a leitura deveria ser confortável da primeira até a última página de cada edição. Melhorar a comunicação com imagens, textos e chamadas “lançou” uma nova mentalidade gráfica na imprensa iguaçuana, de forma que o comportamento visual fosse um diferencial. Além do aspecto gráfico, matérias, colunas e seções também marcaram a circulação do *Correio de Maxambomba*. Ao tratar de temas populares como falta d’água, ausência de saneamento, greves e atraso no pagamento de servidores municipais, Dionísio Bassi aproximou-se do eleitorado, que o levaria ao primeiro mandato como vereador.

O passado comunista e a proximidade com a causa operária nos anos 1940 fizeram com que ele ganhasse respaldo junto a moradores de distritos e bairros carentes de serviços básicos, por isso os conteúdos “dramaticamente” veiculados com imagens de moradores e obras inacabadas rechearam as páginas do *Correio de Maxambomba* em seus primeiros anos de circulação. Marcada por discursos acalorados, a primeira vereança lhe conferiu o capital político necessário para seguir na máquina pública em 1955. Sua entrada definitiva no campo

jornalístico, em dezembro do mesmo ano, lhe deu o espaço necessário para barganhar novas benesses junto aos que detinham o poder econômico e político local.

As edições do jornal foram tecidas com informações sobre os “mais pobres” e os feitos daqueles que dirigiam o comércio, a indústria e a citricultura em Nova Iguaçu. Em tom populista, Dionísio Bassi fez de seu jornal uma vitrine para as mudanças em curso nos anos 1950. Com publicações sobre grilagens de terra, loteamentos, episódios de violência e acusações aos pares políticos, o jornalista fez com que os feitos e as denúncias do segundo mandato reverberassem a potencialidade necessária para que o semanário se mantivesse ativo e popular na imprensa local. Até aqui, apurou-se que o *Correio de Maxambomba* ganhou espaço no campo jornalístico, dado o trânsito de seu diretor no meio político e a aproximação de setores em crescimento como o comércio e a indústria.

A circulação de Bassi em instituições como a ACINI e o NICC se reflete nos quatro primeiros anos de existência do periódico. Fundado em 1958, o NICC foi um dos espaços associativos mais divulgados pelo *Correio de Maxambomba*, antes e depois de sua inauguração. Anúncios de terceira e quinta página sucederiam edições com o objetivo de que outros membros da “society iguaçuana” integrassem o empreendimento destinado à recreação, ao esporte e ao bem-estar das “distintas” famílias locais. Contudo, locais como o Country Club também passaram a reunir figuras *outsiders*, como o próprio Dionísio Bassi e outros em ascensão na dada conjuntura. O site do NICC diz que:

O Nova Iguaçu Country Club surgiu junto a uma nova sociedade que despontava após o “ciclo da laranja”. Era o finzinho dos anos 50 e a cidade acompanhava o surto de desenvolvimento industrial que tomava conta de todo o país. Uma nova sociedade emergia, próspera, arrojada e com interesses voltados para a família, o convívio social, a prática de esportes e o lazer saudável dos filhos. Em 8 de setembro de 1958, o Deputado Federal Domício Barreto<sup>71</sup>, proprietário do terreno de 32 mil metros quadrados no alto da Rua Barros Júnior, lançou a proposta do “Clube dos Trezentos”, com quadro social restrito a 300 sócios. Um ano depois, a diretoria presidida por Domício Barreto e integrada pelo vice Alvarino Coutinho, o Secretário Marcel Bridi, o tesoureiro Renato Pedrosa e os diretores Carlos Acioly, Paulo Froés Machado, Manoel Florence, Pedro Paulo Barbosa e Walter Borghi, realizou na tarde de 18 de outubro de 1959 a “apresentação oficial à sociedade” do Nova Iguaçu Country Club NOVA IGUAÇU COUNTRY

<sup>71</sup> Domício Gondim Barreto nasceu em Areia (PB) no dia 12 de julho de 1922, filho de Gutemberg Barreto e de Edite Gondim Barreto. Empresário, industrial e engenheiro, em outubro de 1958 candidatou-se a deputado federal pela Paraíba pela legenda do PSD, obtendo apenas uma suplência (27/07-31/08/1959). No pleito de outubro de 1962, elegeu-se suplente do senador João Agripino pela Paraíba, desta vez filiado à UDN. Em 1964, filiou-se à Aliança Renovadora Nacional (Arena) e se reelegeu em 1970, participando de várias comissões. Deixando esposa e seis filhos, faleceu em 05 de junho de 1978 (*Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*, 2001).

CLUB. “História”. In: *Página oficial do Nova Iguaçu Country Club*, sem data, grifo meu).

O NICC confirma a rede política e comercial firmada por Dionísio Bassi a partir da imprensa. O jornal estava visivelmente comprometido com as demandas deste grupo dos *outsiders*, formado por engenheiros, empresários, comerciantes e administradores não oriundos da “era citricultora”. Infelizmente, não há maiores estudos sobre a relação entre as tradicionais elites locais e os *outsiders* nos anos 1950 e 1960. No entanto, os anúncios e matérias sobre este último confirmam o financiamento e o apoio político dado ao semanário recém-criado. As tensões no exercício do jornalismo iguaçuano serão analisadas na próxima seção, a partir de um quadro comparativo entre as publicações feitas pelos “Correios” concorrentes, por isso a última parte deste capítulo identifica os pontos de convergência e distanciamento de ambos, bem como as razões desses conflitos e aproximações.

**Figura 13 - Anúncio do Nova Iguaçu Country Club "seja sócio proprietário"**

A cidade ganha o seu ponto de atracção social

**NOVA IGUAÇU**  
COUNTRY CLUB o mais moderno do E. do Rio

É UM OÁSIS PARA A CIDADANIA!  
Um lugar, onde a cultura, o esporte, o lazer, o descanso, o convívio, o prazer, o bem-estar, o conforto, o luxo, o requinte, o estilo e a elegância se encontram em uma única expressão.

É UMA OPORTUNIDADE PARA VOCÊ!  
Alguns, não a um lugar, mas a um ponto de encontro, de lazer, de diversão, onde se encontra a melhor qualidade local!

**seja sócio proprietário**

o terreno dono de um patrimônio de valorização imediata e garantida.

34.000 m<sup>2</sup> de área total, em plena zona da cidade!  
1.540 m<sup>2</sup> de área construída, com: piscinas, quadras de tênis, campos de futebol, quadras de esportes, estacionamento privado para 200 carros.

**Esporte! Diversão! Cultura!**

Visite hoje mesmo o Nova Iguaçu Country Club e peça informações aos corretores autorizados.

**NCI**

**NOVA IGUAÇU COUNTRY CLUB**  
Rua Barros Junior, 862 - Nova Iguaçu  
Rua Bernardino Melo, 1933 - Salas 501-502  
Rua Getúlio Vargas, 124 - Sobrado

**PISCINA**  
Para relaxar e refrescar o corpo em um ambiente agradável.

**RESTAURANTE**  
Um lugar para se encontrar, para se divertir, para se conhecer.

**CINEMA**  
Para assistir a filmes de primeira mão.

**ESPORTES**  
Para praticar esportes e manter-se em forma.

**SALA DE BAILE**  
Para se divertir e conhecer novas pessoas.

**TEATRO**  
Para assistir a peças de teatro e de dança.

Fonte: *Correio de Maxambomba*, 25 out. 1958, ed. 153, p. 6.



### 3.4 *Correio da Lavoura versus Correio de Maxambomba (1957-1959)*

Mau, falso e mentiroso

Com um pedido de publicação, recebemos do esforçado chefe da Limpeza Pública e suplente de vereador na legenda do PSD, sr. Benjamin Chambarelli, a seguinte carta em que nos vem prestar a sua integral solidariedade.

“Nova Iguassú, 17 de março de 1957

Ilustre amigo, jornalista Luiz de Azeredo. Ao tomar conhecimento do ataque que te fazem, num artiguête, onde a falta de ética e mesmo de decência jornalística é flagrante, não me admirei da linguagem, dos termos etc., mas da personagem escolhida para sofrer o ataque.

Todos conhecem o homem, o jornalista e o cidadão portador do nome honrado de: Luiz de Azeredo! Os ataques e “picuinhas” do Maxambomba são demonstrações de desespero nas próprias malhas, malhas da intriga e corrupção; é o medo do julgamento da sociedade.

A lama que te atiram de tão baixo, vem cair sobre quem a atira, como quem cospe para cima.

Os iguassuanos já tomaram conhecimento do amontoado de sandices que habilmente da à luz o jornal vermelho e poucos deixam de empregar melhor seus Cr\$ 1,50 dando-os de esmola a um pobre. Assim, as baboseiras do vermelho não têm curso, não atingem homens limpos.

Também tenho sido atacado. Revido-os com o desprezo, deixo-os latir, mas revolta-me ver o defensor dos fracos e injustiçados, o home culto e modesto, o “brilhante em jaça do jornalismo iguassuano” tentando macular pelo ódio e frustração.

Teu jornal, o tradicional e conceituado CORREIO DA LAVOURA, por não empregar semelhantes métodos, é lido e apreciado há 40 anos nos lares iguassuanos, e sua linha e conduta e elevados propósitos por demais conhecidos.

Externando minha repulsa que creio se a de todo o povo iguassuano, envio-te, com minha integral solidariedade, [...] forte abraço.

Do Patrício e amigo,  
BENJAMIN CHAMBARELLI”

(*Correio da Lavoura*, 31 mar. 1957, ed. 2089, p. 11, grifo meu).

Injuria gratuita à Sociedade Iguacuana!

INCAPAZ contestar concretamente as serias acusações que temos feito a respeito de sua tão decantada pureza de princípios posta abaixo no dia em que recebeu, da Prefeitura, 5.000 cruzeiros correspondentes a exemplares que nunca chegou a imprimir o diretor do Correio de “Mandioca” apelou para o recurso, bem mais fácil, da injuria.

Assim é que no domingo passado, depois de ter sido apontado como um reles plagiário, portador de inegável talento de cola e tesoura, o sr, Luiz

Azeredo, em coluna intitulada “Notas e Fatos”, afirma que este jornal está sendo deixado de quarentena pelas “famílias honradas de Nova Iguaçu”.

Ora, a nossa circulação, a cada semana que passa, cresce cada vez mais. Em todos os círculos sociais, tanto na sociedade como nos bairros populares, as nossas reportagens e notícias são objetos de debates de comentários.

Logo, dizer que somos um jornal de quarentena, que não está sendo lido pelas famílias honradas é um insulto grosseiro aos nossos leitores do “Mandioquinha” – que são poucos, é verdade, mas antigos e honrados. Referimo-nos, é evidente, aos leitores, mas não aos atuais patronos políticos da senil fôlha, recrutados no que há de pior nos “bas fond” e na política locais.

Em nome dos nossos leitores, existentes em tôdas as camadas sociais, o que prova a nossa popularidade, devolvemos integralmente ao sr. Lulu Coisinha, a injúria graciosa – que não diz bem, aliás, da inteligência daquele confrade. Pois, comentando uma notícia por nós publicada, afirmar, em seguida, que as famílias honradas não lêem o CORREIO DE MAXAMBOMBA. É atribuir grave pecha – pecha que repelimos – sobre a sua própria família

(*Correio de Maxambomba*, 14 abr. 1957, ed. 72, p. 2, grifo meu).

Atas das sessões da Câmara evidenciam que desde sua fundação, em dezembro de 1955, o *Correio de Maxambomba* foi motivo de debate entre os vereadores, seja pelos posicionamentos acerca da administração municipal, seja pelos conflitos com o seu concorrente *Correio da Lavoura*. Infelizmente, apenas um exemplar de 1956 foi localizado na ABI. Por esta razão, há um importante hiato sobre os primeiros anos de sua circulação, contudo, as discussões travadas entre Bassi e seus colegas de tribuna revelam como o jornal fundado pela família Azeredo foi razão para a troca de “farpas” até que o jornalista fundasse o seu próprio jornal em 1955.

A existência dos exemplares do *Correio da Lavoura* entre os anos de 1955 e 1956<sup>72</sup> apontam que Luiz Azeredo acompanhou os debates da Câmara Legislativa e escreveu suas impressões em uma coluna, assinada sob o pseudônimo Arauto. Em 16 de março de 1955, o futuro diretor do *Correio de Maxambomba* se mostrou incomodado com o texto publicado pelo *Correio da Lavoura* três dias antes da nona sessão ordinária daquele ano. Dionísio Bassi falou sobre um artigo lesivo escrito sobre a “casa do povo” inserido no *Correio da Lavoura* e afirmou que “êsse jornal estava divorciado do Legislativo e [que] nem mantia aqui um representante” (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 16 de março de 1955, Livro: 8, p.94v e 95v).

No artigo “Entre quatro paredes...” Luiz Azeredo afirmou que:

<sup>72</sup> Os exemplares do *Correio da Lavoura* que datam de 18 de março de 1956 a 24 de março de 1957 não puderam ser localizados por esta pesquisa.

Realmente não se compreende que a Câmara Municipal, sendo a <<casa do povo>> formada pelos seus representantes, ponha em debate os nossos principais problemas, mas em tudo divorciada dos munícipes que muito poderiam auxiliá-los os vereadores pela compreensão de seu trabalho, pelo estímulo que precisam no desempenho do seu mandato, pelo apóio moral que teriam na defesa da coletividade. Aliás, tem sido um erro lamentável da Câmara o fato de elaborar suas leis sem prévio e amplo debate da matéria, de modo a interessar toda gente, sobretudo os que lhe pudessem oferecer valiosa colaboração. Procedimento idêntico tem-se observado da parte do Executivo, que toma medidas sem prestar os esclarecimentos que os munícipes merecem e esperam, às vezes para criticar honestamente, outras vezes para aplaudir e ajudar na sua execução (*Correio da Lavoura*, 13 mar. 1955, ed. 1982, p. 1).

A rispidez entre Dionísio Bassi e o *Correio da Lavoura* prosseguiria naquele mês. Em matéria publicada em 21 de março do mesmo ano, Luiz Azeredo afirmou, em seu artigo intitulado “A imprensa e os problemas municipais”, que:

A linha de conduta que este jornal tem mantido, inabalável, desde sua fundação pelo inesquecível jornalista Silvino de Azeredo, há precisamente 38 anos, empenhado na solução dos problemas de <<saúde, educação e produção>>, é o fator preponderante do largo conceito que ele goza não só neste Município, mas ainda muito além dos seus limites. Dificultando muitas vezes por seguir sua trajetória à margem da política partidária, para não se perder pela paixão e os excessos, mesmo assim nunca deixou de acompanhar a vida iguaçuana em todos os setores de sua atividade, colaborando sempre para que as iniciativas partissem de onde partissem, tivessem pleno êxito, desde que visassem o progresso deste Município e a felicidade do povo iguaçuano. [...] E porque não temos abdicado dessa função primordial da imprensa, com ponderação e espírito de justiça, o conceito deste jornal é um fato que conforta. [...] Somos benevolentes em nossas críticas, sempre construtivas e jamais de má fé, pretendendo dificultar a solução dos problemas municipais. Daí não vemos razão para alguém se irritar com os comentários deste jornal, a não ser que se considere muito superior, um saberente infalível, e não admita uma palavra sequer contrária à sua conduta e aos seus atos (*Correio da Lavoura*, 20 mar. 1955, ed. 198, p. 1, grifo meu).

Depois dessa publicação, Dionísio Bassi discorreu sobre o texto publicado no *Correio da Lavoura* e o classificou como “‘malicioso e irônico’, pois o referido artigo, em termos menos apurados, usando ‘júria’, se referia a uma intervenção sua nesta Casa”. Bassi findou sua fala na tribuna afirmando que se o referido jornal desejasse descrever o que se passava na câmara, que mandasse para a Casa um representante credenciado, que teria a acolhida necessária pela 1ª Secretaria, sob sua responsabilidade. As dissidências da política iguaçuana se intensificaram ainda mais com a fundação do *Correio de Maxambomba*, que se deu no final daquele ano (CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 21 de março de 1955, Livro: 7, p. 98f - 99v).

Mesmo parecendo “apenas” um conflito de conotação política, é preciso ponderar a existência de uma disputa mais profunda pelo campo jornalístico da cidade. Quem detivesse o poder da palavra poderia elaborar uma outra perspectiva sobre essa Nova Iguaçu em transformação, ou seja, redefinir o que seria notícia ou não sobre este território até então liderado pelas vozes de patrícios como os Baronis, Guimarães, Raunheittis, Chambarellis etc. Dito isto, o debate estabelecido por Dionísio Bassi e Luiz de Azeredo nestes jornais fizeram com que a imprensa iguaçuana inaugurasse uma importante disputa conteudista e de edição até então nunca vista.

A indisponibilidade dos exemplares publicados pelo *Correio da Lavoura* e seu concorrente em 1956 não permite que as tensões firmadas entre ambos sejam mapeadas. Contudo, os anos seguintes evidenciam o quanto Dionísio Bassi catalisou a disputa jornalística com sua segunda vereança. A cassação de seu mandato repercutiu em consecutivas edições de seu jornal, enquanto o semanário dirigido por Luiz de Azeredo veiculou uma única matéria sobre o assunto. A disparidade entre o tom de cada publicação exemplifica a inferência de interesses políticos na imprensa iguaçuana:

Sob a responsabilidade de suas assinaturas, pelas colunas do “Correio da Lavoura” os vereadores Norberto Finamore Marques, Joaquim Alves de Freitas e José Nain Fares lançaram acusações as mais graves, contra o colega Dionísio Bassi. Não seria lícito à Câmara Municipal mostrar-se indiferente ou cruzar os braços ante as ocorrências. Incumbia-lhe com serena inflexibilidade, numa demonstração dos seus elevados propósitos de lutar pelo interesse do Município e, no sentido de seu próprio decôro, apurar até onde a verdade não se confundia com a paixão e, conseqüentemente, a exata extensão dos fatos imputados ao Vereador acusado. [...] As acusações espraiavam-se em dois sentidos. Em primeiro lugar, que o vereador acusado vinha praticando atos incompatíveis com o decôro do mandato municipal. Ao depois, que proprietário e exclusivo responsável do jornal “Correio de Maxambomba” mantinha contrato com a Prefeitura Municipal, para a publicação remunerada dos seus atos, sendo o mesmo concessionário do referido serviço. Fixavam-se, assim, na combinação do art. 53, n. III, com o art. 45 da Lei Orgânica da Municipalidades, e artigos 24, I, <<a>>, e 31 <<b>>, do último diploma legislativo. [...] Nada menos de quatro Vereadores acusaram Dionísio Bassi de tentar chantagem com o aumento de subsídios. [...] O Vereador acusado ter-se-ia aproximado desses colegas e impusera. De duas, uma: ou concordavam em que o aumento do primeiro mês se revertesse em favor do seu jornal, ou então iria desencadear a mais violenta campanha verificou-se. [...] Duas outras acusações a Comissão as têm como provadas. Primeira, a advocacia administrativa, feita para a instalação de luz elétrica nas ruas do Encanamento, Caçapava e Martins e da qual usufruía vantagens econômicas. Segundo, a manutenção indébita, durante mais de dois anos, e importância pertencentes à Caixa Beneficente dos Servidores Públicos Municipais. De cada uma delas ocupar-nos-emos

em seguida (*Correio da Lavoura*, 24 mar. 1957, ed. 2088, p. 7, 8, grifos meus).

Infelizmente, não há edições anteriores a essa, mas em 03 de março de 1957 o *Correio de Maxambomba* publicou matéria intitulada “Querem, com a ilegal cassação do meu mandato, vingar-se do vereador e do jornal que combateu o aumento dos subsídios”, na qual Dionísio Bassi se defendeu das acusações proferidas e afirmou que a justiça faria com que seu mandato fosse recuperado:

Começo pela alegada tentativa de chantagem contra os vereadores. Trata-se de uma mentira descabelada, grosseira, de um autêntico acinte à inteligência do povo e de todos os colegas. Para que essa apregoada tentativa de chantagem fôsse verdadeira, era preciso, Sr. Presidente e srs. Vereadores que eu a tivesse praticado contra todos os demais vereadores. Eu pergunto à bancada da UDN: - Alguma vez exigi de V. Exas. o pagamento de subsídios, para que o jornal que dirija ficasse calado a respeito do assunto”? O vereador Antônio Cunha, da UDN, respondendo a interligação do orador afirmou que não. A resposta só pode ser: não! [...] Além do mais, se tivesse havido realmente tentativa de chantagem, então, por que os autores da nota do “Correio da Lavoura” não disseram isto na mesma noite em que o aumento foi votado contra o meu voto? Nenhum momento mais propício para desmascarar a chantagem do que aquele. Homens de bem convencidos da justeza da causa que defendiam, teriam apontado, de pronto, a chantagem e o seu autor. [...] Uma dessas invencionices é a alegação constante dos depoimentos prestados pelos mesmos perante a Comissão de Inquérito segundo a qual eu teria exigido ou recebido dinheiro da Cia. Mercantil e Industrial Ingá para apresentar o projeto que permutava terrenos encravado nas dependências daquela indústria. Devo dizer à Casa que apresentei aquele projeto por sugestão do deputado Getúlio Moura chefe do Partido Social Democrático. Cumpri assim um dever partidário e procurei servir como sempre tenho procurado servir ao progresso econômico de Nova Iguaçu. [...] Nêsse caso da Ingá em vez de alegar a minha atuação de vereador sempre preocupado em apresentar projetos exequíveis e de alegar a minha comprovada honradez de homem que nunca trocou seu voto por fogões à gás, nem que tampouco “vende mercadorias de estabelecimentos do Govêrno a terceiros nem que nunca andou associado com malandros, ladrões e assassinos – eu prefiro apelar para o simples bom senso dos meus nobres colegas (*Correio de Maxambomba*, 03 mar. 1957, ed. 66, p. 3).

O caso da cassação renderia muitas outras matérias, principalmente no *Correio de Maxambomba*. A maneira com que o tema foi tratado pelos jornais evidencia o quanto seus diretores se dispuseram a discutir o conflito, a contar pelas vezes em que o assunto foi abordado por ambos. O *Correio da Lavoura* publicou matéria na penúltima página de sua edição, enquanto o concorrente estampou a capa com uma manchete sobre o caso do mandato cassado. Além dos conflitos de caráter partidário, Dionísio Bassi e Luiz Azeredo trocaram

“farpas” sobre a prática dos semanários, dado o número de publicações em tom ácido redigidas pelos jornalistas sobre a forma de noticiar fatos sobre a cidade e suas figuras públicas.

Pelos escritos de seus colaboradores e diretores, o *Correio da Lavoura* veiculou publicações sobre o não comprometimento de “seus concorrentes” com a verdade e a respeitabilidade do jornal junto aos seus leitores, pois a folha fundada pelo capitão Silvino de Azeredo era um órgão independente, acima das “paixões políticas” e, principalmente, preocupado com a região. De maneira parcimoniosa, Luiz de Azeredo expôs sua leitura sobre as inferências causadas por “forasteiros” como Dionísio Bassi e mirou no exemplo de figuras expoentes. Na defensiva, mas atenta ao avanço do “infortúnio Maxambomba”, a direção do jornal mais antigo de Nova Iguaçu não deixou de se posicionar, pois seu lugar na memória local não seria ocupado por “aventureiros”:

Tem recebido todo o apoio do apoio do Prefeito e, portanto, seria injustiça atacá-lo

Esteve ontem nesta redação o sr. Erotides José do Santos, 1º Secretário da Sociedade Beneficente Pró-Melhoramentos Vila Jurema – Fazenda Sossêgo, em Austin. Veio dizer-nos de sua revolta contra a reportagem do “Correio de Maxambomba” que lhe deturpara inteiramente as palavras proferidas quando da festa de aniversário da Escola 21 de Abril, na Chatuba. Lá êle estivera realmente integrando uma comissão da Sociedade Beneficente Pró-Melhoramentos, em nome da qual falara, mas de maneira alguma nos temos divulgados pelo jornal em referência. Adiantou o sr. Erotides que êle e a Sociedade de que faz parte têm recebido todo o apôio do prefeito Ari Schiavo e que, portanto, seria injustiça atacá-lo. S. excia. Já forneceu 20 carteiras e designou professora para escola daquela Sociedade de Austin que, por sinal, está funcionando há um mês. Ficou revoltado o sr. Erotides com as mentiras publicadas pelo “Maxambomba”, menos por êle que é um trabalhador, pai de 9 filhos e residente há 5 anos em Austin, mas pelo povo daquela localidade que êle defende, e luta com persistência e lealdade para que suas reivindicações sejam atendidas (*Correio da Lavoura*, 05 maio 1957, ed. 2.094, p. 2, grifos meus).

De maneira combativa, o *Correio de Maxambomba* circulou matérias e colunas comumente assinadas por Dionísio Bassi. Sarcástico, o diretor usou termos como “Correio de Mandioquinha” ou “Lulu Coisinha” para criticar o posicionamento de seu concorrente. Nas palavras de Bassi, a folha fundada pela família Azeredo estaria a serviço da “velha política” iguaçuana e seria tão atrasada quanto a forma de fazer política na cidade. Por diversas vezes, Dionísio Bassi comparou os jornais e exaltou a imparcialidade do *Maxambomba*, dada sua “coragem” em expor “a realidade”, encoberta por alguns colegas de profissão. O ano de 1957,

por exemplo, reuniu diversas matérias em que Bassi investe contra os Azeredo e demarca sua posição no campo jornalístico. No artigo “Indústria do silêncio”, o jornalista carioca reverberou que seu concorrente estava a serviço de empresários e banqueiros, sem se ater aos fatos sobre o caso da cassação de seu mandato:

REDUZIDO à condição de lulu de dato, de obediente cachorrinho de balaio, o honrado e impoluto direto do “Correio de Mandioca”, que invoca a todo instante um patrimônio moral que parece ser pra consumo interno, apenas e que não se exterioriza na missão social que a imprensa possui e deve exercer sempre – o honrado diretor do “Correio de Mandioca”, com o seu renitente e sabido silêncio diante do aumento dos subsídios, atirou na lata do lixo, como imprestáveis, à ocasião, as seguintes palavras: “Em muitos municípios, como por exemplo, em Nova Iguaçu, falta um procurador decidido e intrépido como o de Niterói, para dar fôrças ao prefeitos no sentido de cortarem as asas aos vereadores, que não guardam a tradição nem respeitam a lei, legislando em causa própria, como no caso do aumento dos seus subsídios. O que se passa em Nova Iguaçu não é diferente de Niterói, e talvez seja mais grave, pois não é diferente nem se viu publicada – é incrível! – a deliberação que dobrou o antigo subsidio de 3 para 6 mil cruzeiros mensais” (Correio da Mandioca de 8-11-53). QUANDO o prefeito era udenista, era assim que escrevia o arauto de araque de hoje. [...] AGORA em troca da cumplicidade do silêncio – numa chantagem autêntica caracterizada pelos fatos e pela recompensa material efetiva – o “Mandioquinha” recuperou e o termo é bem apropriado, o monopólio da publicação dos atos oficiais. E o seu diretor tem à vista um prometido lugar de redator de debates na Câmara Municipal (*Correio de Maxambomba*, 23 mar. 1957, ed. 69, p. 7, grifos meus).

A disputa pela escrita da narrativa oficial do município de Nova Iguaçu nos anos 1950 e 1960 estava definitivamente posta. *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba* refletem os conflitos entre partidos, lideranças locais, instituições e movimentos, mas principalmente o ganho político e simbólico destes jornais com estas disputas em curso. Antes estritamente rural, a região cedeu “espaço” para a rodovia e para as indústrias, que trouxeram consigo outros investimentos e personagens, sem que esses prontamente se submetessem ao “crivo” dos patrícios oriundos da era citricultura.

Neste contexto, vozes como a de Dionísio Bassi emergiriam com outras possibilidades de ler a cidade. A estratégia de modernizar o fazer jornalístico se apresentou como caminho necessário, dada a crescente complexidade desta região, hoje entendida como Baixada Fluminense. As emancipações, a presença do setor industrial e o avanço da periferização tiraram o *Correio da Lavoura* do seu lugar-comum, ou seja, o que o manteve “a salvo” até metade do século XX não assegurava mais sua estabilidade enquanto único veículo de imprensa. Circular informações apenas dos pares tradicionalmente conhecidos, em uma

conjuntura de rearranjo de forças políticas e econômicas, talvez não assegurasse seu predomínio.

Escrever sobre temas populares, usar o fotojornalismo e investir na mão de obra profissional deram ao *Correio de Maxambomba* o tom de modernidade ausente no concorrente. A forma com que ambos noticiavam as mesmas notícias evidencia o lugar ganho por Bassi com a fundação de um semanário como este. Temas emblemáticos para a região, como a instalação da indústria química Bayer S/A, exemplificam de que forma as folhas lidaram com esse novo lugar ocupado pelos industriais. As coberturas dadas pelos semanários são completamente distintas e demonstram o quanto cada um deles estava disposto a se aproximar desta nova realidade que surgia.

Em 08 de junho de 1958, o *Correio da Lavoura* sintetizou em dez linhas a “Inauguração da Bayer do Brasil”. A implementação do parque industrial, no então distrito de Belford Roxo, ocupou nada mais que uma nota no topo da segunda página da edição. Na contramão do concorrente, o *Correio de Maxambomba* não poupou espaço ao publicar a inauguração da multinacional alemã na Baixada Fluminense.

**Figura 14 - Inauguração da Bayer do Brasil**



Fonte: *Correio da Lavoura*, 08 jun. 1958, ed. 2051, p. 2.



Figura 15 - Gigantesca indústria de base plantada em Nova Iguaçu (I)

# GIGANTESCA INDÚSTRIA DE BASE PLANTADA EM NOVA IGUAÇU



Flagrante tomado quando falava aos presentes, em português, o professor dr. Ulrich Haberland, diretor-geral da Bayer, que visitou o nosso país pela segunda vez.

**Inaugurado terça-feira, em Belford Roxo, novo conjunto de fábricas da Bayer Indústrias Químicas S. A. \* Passo decisivo e extraordinário na industrialização do nosso país \* Grande plano de expansão futura \* Presentes o Presidente da República e o Governador do Estado \* Discurso do diretor-geral da Bayer — (Texto na sétima página)**



Após a inauguração do novo conjunto de fábricas da Bayer do Brasil o engenheiro dr. Gustavo G. S. Silva Filho demonstrou, diante da planta das novas instalações, em Belford Roxo, o vulto da obra realizada, nos seus mínimos detalhes.

DIRETOR: DI

## CORREIO de Maxambomba

ANO III \* NOVA IGUAÇU

### O DESASTRE DA E.

O UM-72 chocou-se com  
Duas vítimas apenas, em  
composição \* Só a Provi-  
dências dos per-

Quando chegava à curva  
de Engenheiro Pedreira, pro-  
cedente de Japeri, o trem de  
passageiros UM-72 chocou-se  
com um carro de carga, o  
G-922.

Eram 15 horas, ainda à luz  
do dia, portanto.

No combóio sinistrado via-  
java com a filha Norma  
Marcel dos Santos, a moça Do-  
ralice dos Santos e o neto

Fonte: *Correio de Maxambomba*, 14 jun. 1958, ed. 134, p. 1.



**Figura 16 - Gigantesca indústria de base plantada em Nova Iguaçu (II)**



A presença de uma multinacional na cidade não foi um evento qualquer, haja vista o contexto nacional desenvolvimentista em curso no país naquele momento. A política de abertura ao capital estrangeiro, implementada pelo então presidente Juscelino Kubitschek, chegou à região e trouxe consigo novas perspectivas socioeconômicas e políticas. De acordo com Maicon Sérgio Mota Carvalho (2015, p. 26-27):

Nos anos de 1950, o Brasil se desenvolvia, a CIDASA, que era a representante da Bayer em território brasileiro, também não conseguia atender a expansão da demanda. Verifica-se a necessidade de um complexo maior, no qual houvesse possibilidades de ampliações e instalação de novas unidades. A empresa demonstrava interesses em investir no país, o momento brasileiro como demonstrado anteriormente era de atrair o capital estrangeiro e com isso impulsionar a industrialização brasileira. Dessa forma, o presidente Juscelino Kubitschek fez uma visita oficial ao professor Haberland na sede da Bayer, em Leverkusen, dando início aos entendimentos entre a empresa e o governo brasileiro.

Carvalho ainda lembra que “A fábrica de ácidos comprada pela Bayer em 1956, começara a funcionar em 1950. Foi o primeiro grande empreendimento da região de Belford Roxo e ocupava 347 mil m<sup>2</sup>, produzindo 30 toneladas diárias de material” (Ibidem, idem). Além do reaproveitamento da antiga fábrica, outros fatores, como a proximidade da Rodovia Presidente Dutra, o acesso à água potável, energia elétrica e a topografia plana da região contribuíram para que a indústria se instalasse no distrito de Belford Roxo.

A opção pela publicação de uma simples nota ou de matéria completa exemplifica as distintas escolhas destes grupos editoriais, ou seja, indica maior ou menor proximidade com os grupos emergentes nesse território em processo de fracionamento. Em termos gráficos, o uso de fotografias em uma manchete no topo da capa confirma o quanto Dionísio Bassi queria fazer um jornalismo moderno, que o aproximaria de novos investidores, anunciantes e principalmente o permitiria ser parte integrante desta rede de possibilidades postas pela industrialização. No primeiro momento, o *Correio da Lavoura* preservou sua posição, mesmo que publicasse anúncios de empresas anos depois. Naquele momento, contudo, aguardou pelo posicionamento das lideranças políticas locais em um cenário ainda de muitas incertezas.

Segundo Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006, p. 64), a grande base empresarial da imprensa erguida no início do século XX se consolidaria no pós Segunda Guerra Mundial “momento em que se infiltraram – em movimento que não cessou até o

presente – não só o capital e a ideologia política, mas também o modelo norte-americano de fazer jornal e tocar a imprensa”. Além disso,

Data dessa época a substituição da tradição francesa de nosso jornalismo em favor das práticas jornalísticas norte-americanas, influência que vinha na esteira das agências de publicidade e de informação, dos primeiros cursos de jornalismo no Rio de Janeiro e São Paulo, recém-criados na década de 1940 e da experiência de jornalista que haviam estagiado nos Estados Unidos. A influência norte-americana no meio jornalístico tornou-se incontestável, acentuadas nos anos seguintes (Ibidem, p. 78).

No caso iguaçuano, não havia um modelo empresarial similar ao dos jornais das cidades do Rio de Janeiro e de São Paulo, contudo, há por parte do *Correio de Maxambomba* uma aproximação do modelo de fazer notícia, pois uma cidade em desenvolvimento na segunda metade do século passado precisava de um veículo que atendesse à nova realidade. As assinaturas não sustentavam a sobrevivência de um jornal, mas sim a verba proveniente de seus anunciantes e a venda de espaço publicitário. Dionísio Bassi conseguiu que seu jornal fosse símbolo de progresso, ao mesmo tempo em que tecia uma importante rede que mantinha o semanário em funcionamento. O *Correio do Lavoura* seguiu com um discurso ligado à tradição, que manteve a renda necessária para seu funcionamento, mas sem posicionamento em relação às grandes causas do período, como industrialização, conflitos de terra e greves.

A cobertura dos festejos pelo dia dos trabalhadores elucidada, mais uma vez, o quanto Dionísio Bassi esteve disposto a investir juntos às camadas populares, seus eleitores, nas páginas do seu semanário. Em publicação de 05 de maio de 1962, o agora *Correio da Semana* publicou na edição 337 o artigo “Foi comemorado em todo o município o 1º de maio”. A notícia ocupou o centro do exemplar com duas imagens, a primeira composta por trabalhadores no palanque discursando, e a segunda contendo o público que assistia às falas das lideranças. Na sequência, há um breve texto intitulado “O Dia do Trabalho foi comemorado com manifestações pacíficas de operários em Nova Iguaçu”.



Figura 17 - "Foi comemorada em todo o município o 1º de Maio"



Fonte: *Correio da Semana*, 05 mai. 1962, ed. 337, p. 1.

No ano anterior, o jornal também havia publicado uma extensa matéria sobre a comemoração do 1º de maio em Nova Iguaçu e nos demais distritos. Outras publicações sobre movimentos grevistas, disputas judiciais e sindicatos foram constantemente veiculadas, enquanto o *Correio da Lavoura* pouco tratava de fatos sobre trabalhadores e assuntos

correlatos. Homenagens, saraus, celebrações e episódios sobre a administração municipal sintetizam a maior parte das colunas e matérias veiculadas em suas páginas. Em comparação com o *Correio da Semana*, a cobertura fotojornalística dos Azeredo foi ínfima, especialmente sobre grandes eventos. Apenas nos anos 1970 o uso da imagem enquanto parte da prática de cobertura jornalística se intensificou, mas de forma ainda tímida.

Definitivamente, o *Correio da Semana* era parte deste projeto de modernização da imprensa dos anos 1950. Assim como os jornais da capital federal, o semanário dirigido por Dionísio Bassi tornava-se símbolo da modernidade jornalística na Baixada, permitindo que a imagem da folha estivesse atrelada a essa Nova Iguaçu em desenvolvimento, em prol da expansão comercial e da indústria. O CS é, portanto, o representante iguaçuano destas mudanças gráficas e editoriais. Contudo, chamo atenção para o caso do *Luta Democrática*,<sup>73</sup> periódico liderado por Tenório Cavalcanti no município de Duque de Caxias.

Fundado por Natalício Tenório Cavalcanti de Albuquerque e Hugo Baldessarini em 03 de fevereiro de 1954, o jornal veiculou ideias em “favor dos menos afortunados” e logo se tornou uma “tribuna da imprensa dos pobres”. Com “um jornal de luta feito por homens que lutam pelos que não podem lutar” o impresso fez oposição à “corrupção” do governo federal e com Tenório Cavalcanti no comando fez sua história entre os anos 1950 e 1970. Segundo o *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930* (2001), o *Luta Democrática* abraçou um modelo “escandaloso e malicioso”, pois o “homem da capa preta” afirmava que a primeira página de um jornal era responsável pela sua venda, daí o investimento em manchetes enormes e inúmeras fotografias, que ensejavam ao político caxiense a defesa de causas populares.

---

<sup>73</sup> O jornal está disponível no Instituto Histórico de Duque de Caxias, sediado na Câmara Municipal de Duque de Caxias. Infelizmente, não encontrei outros periódicos fundados nos municípios de Nilópolis e São João de Meriti.

**Figura 18 - *Luta Democrática* em 1957**



Fonte: *Luta Democrática*, 03 fev. 1957, ed. 1, p. 1.

De acordo com Carla Vieira de Siqueira (2002, p. 56), “A análise do perfil editorial destes jornais revela a interseção entre a política populista, a cultura popular e as técnicas da indústria cultural”. O *Luta Democrática* e o *Correio da Semana* elegeram temas em comum para suas reportagens e exploraram graficamente suas capas, com notícias e imagens sobre

municípios vizinhos, ausência de saneamento básico e fornecimento d'água em bairros populares, atuação política de seus fundadores, ataques aos seus opositores, questões trabalhistas, greves, colunas destinadas aos leitores, suplementos esportivos, literários e, principalmente, inúmeras publicações marcadas pelo grande apelo moral. Claudio Araujo de Souza e Silva (2012, p. 115) revela que a relação entre imprensa e política fez com que o *Luta Democrática* elaborasse “formas de adesão popular que ajudaram Tenório Cavalcanti a construir a imagem de defensor do povo”.

Tendo como pano de fundo a transição da imprensa, esses jornais se aproximaram de posicionamentos políticos modernizantes, mesmo que não se conformassem plenamente com o modelo empresarial, o que revela as tendências da imprensa na Baixada Fluminense e o papel desempenhado por seus intelectuais na promoção do campo jornalístico (ABREU, 1996). Semanários como o *Correio da Semana* indicam de que forma jornais periféricos sedimentaram as transformações “que já vinham sendo implementadas desde a primeira década do século e que encontra na conjuntura da história dos anos 1950 eco favorável ao discurso de neutralidade” (BARBOSA, 2007, p. 150).

Para Marialva Barbosa, esse momento de autonomização do campo jornalístico legitimou a profissão e fez com que as reformas dos jornais fundamentassem um jornalismo moderno e “permeado por uma neutralidade fundamental para espelhar o mundo” (Ibidem, idem). Com a mítica objetividade, intérpretes como Dionísio Bassi idealizaram sua profissão e seu papel de mediadores entre a informação e o público. Esse processo de transformação do jornal iniciado nos “anos dourados” se consolidaria de vez na década posterior, dadas as condições políticas postas pelo golpe civil militar de 1964 e a censura à imprensa.

No Capítulo 4 analiso, por último, o posicionamento tomado pelos dois semanários no ano de instauração da ditadura no Brasil. Com base em matérias e na produção gráfica, averiguo a postura adotada por seus diretores, a presença da censura e o impacto disto na veiculação de informações sobre o cotidiano político da cidade. Além do aspecto jornalístico, o mapeamento destas informações também conferirá um panorama histórico do município pelo prisma da imprensa.



## Capítulo 4 – O golpe na imprensa iguaçuana: o ano de 1964 nos semanários *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana*

### 4.1 A Imprensa e a Ditadura Civil Militar

**Figura 19 - Valcir Almeida e Dionísio Bassi em comemoração do segundo ano do *Jornal de Hoje***



Fonte: *Jornal de Hoje*, 13-16 out. 1973, ed. 144, p. 3.

JORNAL DE HOJE reuniu elite fluminense na festa de seu II aniversário Country

O salão de festas de Nova Iguaçu Country Clube esteve totalmente tomado pelo grande número de personalidades convidadas para as festividades comemorativas do segundo aniversário de atividades do JORNAL DE HOJE, quando este órgão homenageou várias pessoas e entidades, com a concessão de Diplomas de Ouro, num gesto de carinho e reconhecimento por tudo o que lhe foi dispensado nestes dois anos. Após a entrega dos Diplomas de Ouro, foi servido um coquetel, seguindo de baile, animado pelo conjunto de Peter Thomas. As mais representativas personalidades estiveram presentes, incluindo representação federal nas pessoas dos deputados José Haddad e o Daso Coimbra e estadual pelos deputados Jorge Lima e Jorge Bedran, destacando-se, ainda, a pessoa do suplente de Senador e presidente da Junta Comercial do Estado do Rio de Janeiro, Dr. Cordolino Ambrósio (*Jornal de Hoje*, 13-16 out. 1973, ed. 144, p. 2).

“Dois capitães da imprensa: Dionísio Bassi e Valcir Almeida”. Assim está legendada a imagem publicada em edição comemorativa de dois anos do *Jornal de Hoje*. Em texto assinado pelo fundador e proprietário Valcir Almeida é dito que:

Dizíamos, então da possibilidade de termos um parque gráfico próprio e de expandirmos, cada vez mais, o JH, para transformá-lo no porta-voz regional

das classes empresariais e deste operoso povo, o mais das vezes esquecido, quando não vilipendiado. SENTIMOS, desde nossos primórdios, a necessidade de transmitir a imagem real de uma região que cresce, não apenas em termos demográficos, mas sem força econômica, representando um conjunto, a quarta no contexto nacional. Não podíamos ver apenas, nos órgãos de comunicação, notícias negativas sobre uma terra que ajuda o Brasil a crescer, que tem seus produtos consumidos em todo o país e no exterior, que tem filhos em posição de destaque na vida nacional e que tem um empresariado adulto, em todos os setores de atividades (Ibidem, idem).

A circulação de um jornal que defendia os interesses do empresariado e do corpo político iguaçuano nos anos 1970 nos revela uma estreita relação entre a imprensa, o Estado e o setor privado nas décadas que sucederam o golpe civil militar de 1964. O mundo do jornalismo da Baixada analisado neste estudo pode contribuir para a bibliografia sobre imprensa e ditadura militar, que tem avançado consideravelmente nos últimos anos, mas que ainda tem foco sobretudo na realidade das grandes metrópoles, como Rio e São Paulo.

Dentre os estudos mais recentes, a tese de Pedro Henrique Pedreira Campos (2012, p. 289) destaca o quanto o empresariado da construção civil demonstrou interesse “pelos veículos de comunicação de ampla circulação”, pois os “construtores são importantes anunciantes e usaram jornais e similares como meio para atingir certos objetivos, geralmente relacionados ao Estado e às políticas públicas”. Por isso, ele afirma que:

A imprensa brasileira, como em outras partes do mundo, tem vínculo histórico com empresas interessadas na difusão de suas ideias, valores e projetos e no uso do veículo como instrumento político junto a agências do aparelho estatal. [...] Empresários da construção influíam na imprensa de maneira pontual, em certas matérias, para pressionar por obras ou pagamento de débitos do governo, porém alguns empreiteiros deram um salto nas suas relações com esses veículos, tornando-se proprietários de empresas de comunicação (Ibidem, p. 291).

Nem todos os periódicos serviram ao regime militar, mas deve-se considerar aspectos históricos importantes sobre a aproximação da imprensa a partir de 1964. Com a instauração da ditadura civil militar no país, uma relação de proximidade entre periódicos, empresários e forças militares não deixou de existir, mesmo com o endurecimento da censura nos anos 1970. Isto desmitifica a ideia de que proprietários de jornais assumiram um posicionamento totalmente contrário à ditadura e pela liberdade de expressão. A relação entre construtoras e jornais exemplifica as nuances entre os campos empresarial e jornalístico, por isso a história da imprensa pós-1964 deve ser analisada com cautela.

Neste sentido, Ana Luiza Martins e Tania Regina de Luca (2006, p. 110) afirmam que a oposição à censura não significou que os proprietários de jornais se orientaram por uma simples “resistência”, por isso elas reforçam que “foi exatamente durante o período militar que os grandes jornais modernizaram-se. Importaram novas máquinas e equipamentos, construíram sedes, em grande parte com recursos oficiais”. A estruturação da grande imprensa carioca e paulista nos anos 1970 se fez entre o limiar da censura e da publicidade gerada por incentivos fiscais e financiamentos.

Contudo, destaco que esta não foi uma realidade para todos os jornais, especialmente para os alternativos e interioranos, como o *Correio da Lavoura* e o *Correio da Semana*. Nesse sentido, Marialva Barbosa (2006, p. 227) destaca que a censura à imprensa, sobretudo após o Ato Institucional nº 5, “não atinge de maneira equânime toda a grande imprensa. Aliás, apenas uma pequena parcela dos meios de comunicação sofre diretamente com a ação da censura prévia”. O discurso *a posteriori* fez com que jornalistas se colocassem na posição de bastiões da liberdade, dada a consolidação do campo jornalístico nos anos que antecederam o golpe de 1964. Logo, este quadro estabeleceu uma linha tênue entre os meios de comunicação e o regime militar, de modo que os jornais daquele momento podem ser entendidos como:

uma empresa que procura aferir lucros e ganhos simbólicos, a imprensa se defronta entre a construção de um discurso que a coloca num lugar heroico e a sua própria sobrevivência no mercado jornalístico e de bens simbólicos (Ibidem, p. 228).

Portanto, as matizes entre a defesa da total da liberdade e o completo apoio ao regime de exceção precisam ser ponderadas, sobretudo quando olhamos para localidades afastadas das capitais, dado o ínfimo volume de pesquisas que tem esses “jornais periféricos” por objeto ou como fonte. Até o fechamento deste estudo, não identifiquei produções científicas sobre jornais produzidos em Nova Iguaçu nos anos 1970, pois as pesquisas sobre a Baixada Fluminense pós-1964 centram-se nos diários cariocas, de maneira que o conhecimento constituído sobre a região, mais uma vez, é geralmente narrado por vozes que não residem nela.

Os principais estudos sobre a imprensa são datados do final da década de 1990 e início dos anos 2000 e os mais recentes a usaram para tratar de temas concernentes à região durante a ditadura militar (ENNE, 2002; SENRA & ANDRADE, 2013; SENRA & ANDRADE, 2017). Pesquisas sobre o golpe de 1964 na Baixada Fluminense cresceram nos últimos anos, dada a expansão dos programas de pós-graduação nos municípios que circunscrevem a cidade

do Rio de Janeiro, contudo ainda são ínfimas as investigações sobre a historicidade de periódicos nos anos de chumbo, mesmo a região tendo concentrado diversos e importantes movimentos sociais e lideranças políticas expoentes neste período (BERNARDES, 1983; SIMÕES, 1993; SILVA, 1993; ALVES, 2003).

A produção compreendida entre 2003 e 2014 concentra a maior parte dos estudos sobre ditadura militar principalmente nos últimos cinco anos, dado o contexto de criação da Comissão Nacional da Verdade, através da Lei 12528/2011, e a promoção de eventos em decorrência dos 50 anos de instauração do golpe civil militar, em abril de 2014 (BATISTA, 2019; COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE, sem data). Teses e dissertações sobre Igreja Católica (NASCIMENTO, 2007; SERAFIM, 2013; SILVA, 2014; GOMES, 2017), movimentos sociais (SÓTENOS, 2013), forças político-partidárias (SIQUEIRA, 2014; RIBEIRO, 2018), bem como detalhes sobre decisões tomadas pelas esferas de poder no âmbito federal, estadual e municipal (BATISTA, 2014; BEZERRA, 2018) elucidaram questões circunscritas a este momento da história fluminense.

Mesmo não contemplando a imprensa em si, as discussões sobre o movimento de organização de moradores, lideranças religiosas, inferências e tensões causadas pelo regime militar nos poderes locais usaram de alguns dos jornais em circulação neste período, como *Correio da Lavoura*, *Correio de Maxambomba*, *O Dia*, *Jornal de Hoje*, *Jornal da Baixada*, além de periódicos de origem religiosa como a *Folha*, impresso produzido pela Diocese de Nova Iguaçu. Em certa medida, as pesquisas focadas na ditadura militar e em sua relação com o território da Baixada mencionam as transformações urbanas em curso na região, pois isso, de certo modo, pressagia os destinos do jornalismo.

Neste sentido, a produção de notícias pelos semanários *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana* pode detalhar mais sobre o golpe de 1964 no país, já que ambos reúnem informações sobre a relação entre imprensa local e instituições/sujeitos durante a instauração do regime militar. Delinear o comportamento editorial e gráfico destes periódicos revelará se a conduta dos proprietários estava alinhada às forças políticas e empresariais apoiadoras do golpe e se este posicionamento fez com que os jornais recebessem benesses financeiras, que ampliassem sua capacidade técnica e de circulação, assim como ocorria com impressos da grande imprensa carioca.

#### 4.2 1964 nos semanários *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana*

Robinson de Azeredo (2018), neto do proprietário-fundador do *Correio da Lavoura*, afirmou que a família rodou o próprio jornal até a década de 1990, momento em que a impressão foi terceirizada para o sistema *offset*. Nas palavras do entrevistado, o semanário deixou o modelo “gutenbergiano” apenas em 1994, dados os escassos recursos para sua manutenção. Mesmo funcionando ininterruptamente após setenta anos de fundação, Robinson sinalizou a não valorização do jornal pela comunidade, pelos poderes municipais e pelas forças empresariais da região. Isto fez com que a folha, dirigida pelo clã, não tomasse a propulsão econômica e social necessária para se manter na liderança do campo jornalístico iguaçuano na segunda metade do século XX.

Na mesma entrevista, ele também afirmou que edições do *Correio da Lavoura* foram montadas de forma manual até o uso do *offset* nos anos 1990, além disto a composição editorial do jornal não acompanhou as mudanças em curso na cidade, pois matérias e colunas veiculadas nos anos 1960 e 1970 permaneceram atreladas a personagens e instituições de uma Iguaçu idealizada, existente apenas no plano das ideias de colaboradores do semanário, vinculados a grupos como a Arcádia Iguaçuana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico de Nova Iguaçu, ambos fundados no final dos anos 1950.

A produção de manchetes sobre criminalidade, de matérias de cunho político e de cadernos especiais não teve destaque nas páginas do *Correio da Lavoura*, mesmo o semanário contando com a concorrência do consolidado *Correio da Semana*, antigo *Correio de Maxambomba*, e do *Jornal de Hoje*, folha diária fundada em 02 de outubro de 1971 por Valcir Almeida. O descendente do capitão Silvino de Azeredo afirma que outros jornais circularam nos anos 1970, contudo foram tão “aventureiros” quanto seus donos, por isso a efêmera existência destes. *O Povo* e *O Pontual* foram citados pelo diretor, sendo o primeiro dirigido por Silvino de Azeredo Filho, tio de Robinson de Azeredo.

Graficamente, o jornal é similar ao *A Crítica*, folhetim literário e noticioso administrado por seu irmão Avelino Martins de Azeredo. Exemplares publicados nos anos 1940 e 1950 estão no acervo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, contudo após essas décadas não foi mais veiculado. Na FBN localizei *O Pontual*, periódico dirigido por Manoel Góes Telles nos anos 1970, em Nova Iguaçu. A publicação contou com o trabalho de jornalistas influentes como Arthur Cantalice,<sup>74</sup> profissional oriundo do *Imprensa Popular*, jornal

---

<sup>74</sup> “Morre o jornalista Arthur Cantalice”. In: *Página oficial da Associação Brasileira de Imprensa*, 15 abr. 2008.

tradicionalmente conhecido pelo seu alinhamento com o Partido Comunista. Durante o levantamento na FBN, edições deste jornal revelaram seu teor político, sobretudo acerca do papel da imprensa em tempos de exceção.

Durante a entrevista, Robinson de Azeredo (2018) também sinalizou a existência do *Correio de Maxambomba*, folha dirigida pelo “capitão Brito”, periódico já mencionado por Adriana Serafim em sua pesquisa sobre a “Guerra do Riachão” nos anos 1980, entretanto sua fala sobre o *Jornal de Hoje* chama atenção, dada a conexão com a ditadura militar e o campo jornalístico da cidade. Segundo o entrevistado, o jornal fundado por Valcir Almeida modernizou-se por conta de sua proximidade com as forças político-partidárias durante a ditadura militar. Vereador eleito nos anos 1960, o fundador e proprietário do diário iguaçuano teria consolidado a produção gráfica do jornal com o apoio de figuras políticas e empresariais da região. Nas palavras de Robinson de Azeredo:

o jornal de hoje, dos anos 1960, final dos anos 1970, está entendendo que marcou Nova Iguaçu e agora está em situação, dizem, muito difícil, mas marcou. O dono já faleceu, faleceu há uns quatro anos atrás, Valcir Almeida, que foi um jornal que também marcou a sua época e o Valcir era um camarada [inaudível] dos homens aí de da época e geralmente naquela época era ditadura que estava dominando o país e todo grupo político de Nova Iguaçu agregado ao poder militar deu um grande apoio financeiro a ele. Eu não tive essa boa vida, essa benesse. Montaram a oficina dele toda está entendendo? Desde a máquina datilográfica até a rotativa, correto? Botaram dinheiro para ele fazer tudo isso, incluir veículo para distribuição de jornais e encher ele de dinheiro e ele se aproveitou bem disso por um determinado tempo. Depois isso foi secando, secando, mas isso demorou muito.

O depoimento de Robinson de Azeredo expõe dados importantes sobre o campo jornalístico iguaçuano e sobre a ditadura militar na Baixada Fluminense. O proprietário do *Jornal de Hoje* foi vereador em Nova Iguaçu entre os anos de 1963 e 1966 pela ARENA, mas entrou na imprensa após seu mandato, mais precisamente enquanto esteve na ACINI. Nas palavras do filho Walceyr Azevedo Almeida (2015, p. 10), Valcir Almeida aproximou-se deste universo por incentivo de amigos na cidade do Rio de Janeiro, sem mencionar a influência de militares, mas exalta o pai como um homem de ideias:

que ele conheceu uma pessoa chamada Sandoval de Oliveira que tinha uma revista no Méier e se chamava Méier News. Eu não sei qual foi o caso que eles se conheceram, sei que o Sandoval veio a Nova Iguaçu, conheceu o meu pai e ele viu a revista do Sandoval. E na hora ele perguntou ao Sandoval se ele tinha interesse de abrir uma revista em Nova Iguaçu também. Aí ele falou pro meu pai “Oh, fazer a revista é fácil, difícil é você ter um comercial que sustente a revista”. Aí ele na mesma hora disse assim “Não, eu arrango os anúncios. Eu tenho condições de arranjar os anunciantes porque eu tenho

um bom relacionamento aqui com os contadores, com as empresas”. Aí ele incentivou o meu pai a fazer o primeiro número, que seria a *Iguaçu News* e ele viu que o meu pai tinha muito potencial e mesmo já no primeiro número a revista se pagou pelos três números a frente. E ele começou a incentivar, mas como ele não tinha tempo de se dedicar a Nova Iguaçu, ele foi, deixou meu pai seguir sozinho nessa empreitada, nesse ideal.

Lançada em 1968, a revista *Iguaçu-News*<sup>75</sup> fez com que o patriarca se afastasse de outras atividades para dedicar-se totalmente à publicação. De acordo com Walceyr Almeida, o sucesso do periódico motivou Valcir a lançar uma nova publicação que circulasse informações sobre a cidade mais rapidamente:

[...] A revista ficou com um resultado muito positivo e logo em seguida ele viu a necessidade de se lançar um produto com mais dinâmica, com mais frequência para o público, porque a revista era mensal. Aí, ele foi e teve a ideia de lançar o jornal semanal, que era o *Jornal de Hoje* junto com a revista. Ele continuou com a revista e lançou o jornal. E como o jornal também foi um sucesso na época, ele quis fazer o jornal mais que uma vez por semana, aí lançou o jornal duas vezes por semana. Em seguida, ele já começou a querer fazer a gráfica aqui em Nova Iguaçu, que ele fazia a impressão do jornal no Rio de Janeiro, lá na Gamboa. Aí chamou o dono da gráfica para montar uma gráfica aqui, porque ele queria o jornal três vezes por semana. Porque ele viu que tinha potencial para isso. Aí o sócio, senhor Castro, que era o dono da gráfica resolveu ser sócio dele na empresa e montar a gráfica, foi quando ele montou a gráfica em 73. Em 75, o jornal já era diário, rodado em oficina própria. Em 76, ele resolveu importar uma rotativa na máquina *offset* que na época... (Ibidem, p. 11).

Nas palavras de Walceyr Almeida, o uso da máquina *offset* revolucionou a maneira de fazer jornal, pois era um sistema completamente distinto da tipografia. O entrevistado disse que tinha dezoito anos quando o pai definiu que ele deveria aprender a operar o equipamento, por isso ele precisou de deslocar até Niterói para apreender sobre o sistema, implementado a partir de 1977:

Então essa transição, eu tive que sair de Nova Iguaçu e ficar visitando um jornal de Niterói, a noite toda eu ficava lá com um grupo de cinco funcionários. Quatro funcionários, comigo cinco. Nós íamos todo dia pra Niterói ficar lá a madrugada todinha nos ambientando com o sistema *offset*, como funcionava, cópia de chapa, fotolito, montagem do fotolito, elaboração das matérias da redação. Então, isso tudo foi um momento de muita riqueza de novidade e de muito trabalho naquela época. Até que nós conseguimos

---

<sup>75</sup> Composta por trinta e uma edições, a coleção *Revista Iguaçu-News* reúne notícias sobre os meios empresarial e político, bem como a respeito de festividades e associações locais. Esta revista circulou mensalmente entre o final dos anos 1960 e o início dos anos 1970. Com aproximadamente vinte páginas, sua composição gráfica contempla imagens e textos de forma bem estruturada (“*Revista Iguaçu-News*”. In: *Repositório Institucional do Centro de Documentação e Imagem*, sem data).

fazer a transição e aos pouquinhos o jornal deixar de rodar em tipografia, passar rodar em *offset* e dali foi embora (Ibidem, p. 14).

Quando perguntado sobre a relação do *Jornal de Hoje* com o *Correio da Lavoura*, Walceyr Almeida afirmou que os periódicos nunca tiveram problemas, pois o CL foi impresso em sua oficina por muitos anos. O entrevistado também afirmou que o *Jornal de Hoje* não concorreu com o *Correio da Lavoura*, pois a folha fundada por seu pai apenas atendeu à demanda por um veículo de comunicação que circulasse diariamente, ou seja, havia espaço para que coexistissem sem maiores “conflitos”. O diretor também relatou a existência de um periódico chamado *Correio Diário*, dirigido pelo jornalista Dionísio Bassi. De acordo com o entrevistado:

Antes do Jornal de Hoje circular existia um jornal que circulou durante pouco tempo, se eu não me engano acho que foram dois anos só, chamado Correio Diário. Então, era um jornal diário que era de um jornalista chamado Dionísio Bassi. Montou oficina, montou rotativa. Não rotativa *offset*, mas uma rotativa de equipamento e que não deu certo, mas ficou uma lacuna ali. E eu lembro que meu pai se espelhou muito nele, no *Jornal Diário*. Ele sempre falava que queria ter um jornal diário que Nova Iguaçu não tinha. Em 1977, não existia jornal diário. Existiu esse *Correio Diário*, mas não existia (Ibidem, idem, grifo meu).

Corretamente, Walceyr Almeida atrelou o jornalista Dionísio Bassi à circulação do *Correio Diário*, contudo este “findou” a participação de Bassi à frente de um jornal rodado em terras iguaçuanas. O *Correio de Maxambomba* tornou-se *Correio da Semana* em 1961 e perdurou como semanário até 15 de novembro 1971, data em que passou a circular como *Correio Diário*. Com o slogan “Um jornal positivamente jovem para a defesa dos interesses da Baixada Fluminense”, Dionísio Bassi convidou seus leitores a inaugurarem uma nova etapa de seu periódico. De acordo com seu fundador:

Este jornal apresenta várias singularidades, por isso. A primeira é que é nôvo e tradicional, nasce com 16 anos de vida, sem uma falha sequer na circulação do semanário, em cujo ventre se gerou, até vir à luz, sólido. A outra é que é o único diário, surgido nos últimos 20 anos, no Grande Rio, dotado de oficinas próprias, isto é, não depende de gráfica alheia para circular. Outra, e está surpreendente, é que nasce e se firma numa área populacional e geoeconômica definida em que não há imprensa diária. Na verdade, não há nenhuma cidade do Brasil, talvez do mundo civilizado, com mais de 100 mil habitantes – como Nilópolis, com meio milhão como Duque de Caxias e com essa espantosa cifra de 800 mil, como Nova Iguaçu – que não tenha um ou até dois e três matutinos ou vespertinos. Evidentemente, esta situação não pode perdurar mais, é absolutamente intolerável (*Correio Diário*, 14-15 nov. 1971, p. 1).



Ao final do texto, Dionísio Bassi afirmou que o diário preencheu uma lacuna na imprensa iguaçuana graças ao apoio do empresário Arinos Affonso Botelho, proprietário do *Diário de Petrópolis*. Informações coletadas no Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro indicam que a disputa entre os membros da sociedade responsável pelo jornal fez com que o *Correio Diário* não durasse mais do que dois anos. Em dezembro de 1973, uma ação de nulidade de contrato<sup>76</sup> movida por Francisco Canelas Teixeira contra Dionísio Bassi contestava a sociedade firmada em torno da Sociedade Anônima-Gráfica e Editora Correio Diário. Não pretendo adentrar na disputa judicial travada entre os sócios, mas destaco que os dados localizados por esta pesquisa na base de periódicos da Biblioteca Nacional corroboram com o declínio do projeto em 1972.

Em 16 de março de 1974, *O Fluminense* publicou que o parque gráfico do *Correio Diário* estava completamente destruído, dado o abandono e a irresponsabilidade de seus proprietários. De acordo com a matéria, “A rotativa, arrancada e arrebatada a picareta e marteladas, foi reduzida à sucata e, no ferro-velho não deve ter valido um vigésimo do que foi gasto na sua montagem” (*O Fluminense*, 16 mar. 1974, s/p). O texto ainda afirmou que o galpão localizado no bairro Chacrinha, município de Nova Iguaçu, reuniu maquinário suficiente para rodar 48 páginas de jornal em cinco corres de uma única vez. Infelizmente, seus administradores teriam renegado “a paternidade” do projeto e deixado funcionários à própria sorte junto ao parque gráfico em ruínas.

Mesmo mal sucedido, o projeto coordenado pelo jornalista Dionísio Bassi fornece dados valiosos sobre a profusão de jornais diários como o *Correio Diário* e o *Jornal de Hoje* durante o regime militar. O fato de ambos circularem nos 1970 não expressa uma mera coincidência, mas indica uma possível aproximação de seus diretores com as lideranças políticas e empresariais locais ligadas ao golpe. O crescimento da imprensa local pode esclarecer de que maneira jornais foram fortalecidos ou “menosprezados”, conforme os interesses internos e externos ao campo jornalístico. Por isso, proponho que se investigue comparativamente como os jornais *Correio da Semana* e *Correio da Lavoura* se portaram a partir do fatídico 31 de março de 1964:

---

<sup>76</sup>ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Departamento Autônomo de Ordem Política e Social do Estado do Rio de Janeiro (DOPS RJ), DRJ.O. INPOL, LIN. 1924-20, 05 de fevereiro de 2019.

Não resistiu vinte e quatro horas o presidente João Goulart

As Fôrças Armadas repuseram o País numa nova ordem de paz e democrática

Na presidência da República o sr. Ranieri Mazzilli – Getulio Moura na chefia do Gabinete Civil – Nova Iguassú como cidade abandonada – Incendiários presos

A vitória das Fôrças Armadas, apoiadas por governadores dos maiores Estados da Federação, por correntes políticas poderosas recebeu-o o povo delirantemente, sobretudo em Belo Horizonte, S. Paulo e Rio de Janeiro, tanto mais que não houve sangue derramado de brasileiros numa guerra civil, para repor, afinal o Brasil numa nova ordem democrática, que é paz e trabalho e honestidade que precisamos para garantir a integridade e grandeza de nossa Pátria.

Parecia Nova Iguassú uma cidade abandonada

Nova Iguassú amanheceu – a cidade e o povo – sob uma onda de boatos os mais desconstruídos que provocam confusão e intranquilidade. Parou a cidade, com todo o comércio e repartições públicas fechados, trens e ônibus paralizados. Apenas algumas pessoas nas ruas, umas assustando, outras no vão esforço de procurar alguma coisa para comprar, porque sua despensa estava vazia.

Autuados e encaminhados á DOPS seis incendiários

Levavam bombas e pretendiam incendiar e destruir o comércio de Engenheiro Pedreiro.

Elementos do Exército e da Polícia têm feito diligências neste Município, resultando em diversas prisões de perturbadores da ordem, como aconteceu com os seis incendiários de Engenheiro Pedreira, cujo comércio pretendiam destruir com as bombas que levavam  
(*Correio da Lavoura*, 05 abr. 1964, ed. 2455, p. 1.).

O *Correio da Lavoura* estampou sua capa com diversas notícias sobre o golpe civil militar de 1964, principalmente sobre os efeitos do fato no cotidiano da cidade. Sem usar imagens e títulos apelativos, o periódico transpareceu “tranquilidade” e “manutenção da ordem” diante da crise política do país. Em sua primeira edição pós golpe, o jornal posicionou-se ao lado da “democracia e da liberdade” e contra as forças subversivas locais. Na segunda página, Bolívar G. Assumpção, então presidente da Câmara Municipal de Nova Iguaçu, pediu que a população se mantivesse calma, pois até aquela data todos os vereadores seguiam atentos aos fatos, a fim de que as providências cabíveis fossem tomadas, se assim fosse necessário. A capa não fez uso de elementos gráficos que direcionassem o olhar do

público para as manchetes, pelo contrário, manteve a “sobriedade” característica do seu editorial.

Na contramão do seu concorrente, o *Correio da Semana* investiu em uma capa cheia de grafismos, fotografias e manchetes sobre o golpe. Comparativamente, o jornal dirigido por Dionísio Bassi usou do tom apelativo e imediatamente relacionou o episódio ao setor empresarial e político da cidade. No alto da primeira página, mais precisamente no canto superior esquerdo, consta “A ACINI e a queda do Governo”. A manchete esboça um breve histórico dos “acontecimentos que abalaram o país” e afirma que classes produtoras de Nova Iguaçu, representadas pela ACINI, não se ausentaram da conjuntura em questão. Também há uma imagem de Domício Barreto, senador e fundador do Nova Iguaçu Country Club, ao lado da manchete que dá prosseguimento na terceira página:

Foi nessa atmosfera asfíxica que a ACINI entrou em ação, sob a liderança de Hugo Marques Lins, João Batista Lubanco, Senador Domício Barreto, Mário Pedrosa, Edgar Coutinho, Ari Dâmaso, Dionísio Bassi, José Coelho e outros. O Senador Domício Barreto tomou a iniciativa de estabelecer contato com os sindicatos obreiros. Na sua exposição à Assembléia da ACINI, revelou ter discursado aos trabalhadores, a respeito da necessidade de se fazer ao máximo no sentido de se evitar danos ao Município. Com grande satisfação de todos os líderes da ACINI informou ainda Domício Barreto ter obtido dos líderes operários o compromisso de cooperar em defesa da ordem municipal e evitar prejuízos à comunidade iguaçuana. Merece elogios também a atuação enérgica, mas comedida, do Dr. Stênio de Matos Ferreira, delegado de polícia com os seus comissários e investigadores evitando os excessos que geralmente ocorrem nessas situações. Também digna de louvores as forças do Exército que ocuparam a estação local. A Câmara dos Vereadores permaneceu vigilante, enquanto o prefeito Aluísio de Barros tudo fazia para minorar os sofrimentos do povo, pondo caminhões em serviço para o transporte de populares e tomando outras medidas adequadas. Graças a esse feliz conjunto de circunstâncias em Nova Iguaçu os acontecimentos propriamente ditos não passaram do campo das emoções (*Correio da Semana*, 05 abr. 1964, ed. 434, p. 1, 3, grifos meus).

A proximidade de Dionísio Bassi com as forças apoiadoras do golpe em Nova Iguaçu fica evidente nesta matéria e reverbera em sua coluna na mesma edição:

#### O Rio Encontrou Nôvo Leito

A aspiração máxima de todas as pessoas sensatas agora é um rápido retorno à normalidade democrática. É isso o que deseja este jornal, a indústria, o comércio, a lavoura e todos os que necessitam de trabalhar para viver. Nenhuma acha de lenha a mais na fogueira da inflação! Nenhuma interrupção às atividades produtivas! Os caminhões devem continuar trafegando pelas rodovias, as fábricas devem continuar produzindo, os lavradores devem prosseguir nas suas fainas. A vida deve, em suma,

continuar. Que novas sejam as estradas, mas solução de continuidade na caminhada para o futuro é que não devo haver. Traidor da Pátria agora será quem tentar interromper êsse processo. O rio arranhou um nôvo leito, mas às águas terão de continuar a fluindo para o Oceano. O perigo maior que se ergue contra nós nesse momento é o gerado pela inflação. E o único meio seguro de combatê-lo agora é intensificar as atividades produtivas de bens materiais. [...] Temos confiança na sensatez das camadas políticas e dirigentes do nosso país. O terrível flagelo que temos pela frente a combater agora se chama inflação. Não haverá vitória para ninguém enquanto essa terrível doença não fôr dominada. Se não for pelo menos controlada, a inflação gerará inevitavelmente outras situações terríveis em que o bom senso brasileiro talvez não possa prevalecer. Precisamos de paz para trabalhar. Precisamos de trabalho para produzir. E precisamos de produção para conter o surto inflacionário (Ibidem, idem).

O posicionamento do jornalista reflete o contínuo apoio dado às “classes produtoras” desde seu segundo mandato como vereador. O alinhamento a personagens políticos e empresariais locais sugere que Dionísio Bassi preferiu manter-se em “cena” a se indispor com aqueles que lhe conferiam receita publicitária e o mantinham em um círculo de cidadãos iguaçuanos “de bem e respeitáveis”. A conjuntura também impôs condições que lhe reforçaram a austeridade e diminuíram sua combatividade, essa última característica tão presente nos textos publicados até mesmo após a instauração do golpe. Tendo a supor que isto tenha se dado pela sua exoneração do cargo de Agente Fiscal do Estado, em 18 de abril de 1964, mais precisamente em decreto publicado pelo governador Badger da Silveira com Base no Ato Institucional nº 1.

Os longos levantamentos produzidos pelo Estado durante os anos 1970 justificavam a exoneração do jornalista. A linha temporal, elaborada pela polícia política durante a ditadura civil militar, reúne episódios da vida pública de Dionísio Bassi desde o Estado Novo e o rotulam de subversivo falsamente “convertido à democracia” e apoiador da “revolução” (ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Serviço Nacional de Informações - BR\_DFANBSB\_V8: 1967-1999. Rio de Janeiro, 1977, f. 1-18).

Em um dos relatórios encaminhados pelo Serviço Nacional de Informação SNI ao governador do estado do Rio de Janeiro em 14 dezembro de 1977, consta que o investigado era parte do conselho fiscal da ACINI e que fizera constantes ataques ao regime nos anos que sucederam a “revolução de 1964”. Proprietário do *Correio da Semana*, o jornalista teria fugido após o golpe: “Embora tenha sido procurado pelo DOPS do estado do Rio, retornou à Nova Iguaçu, continuando suas atividades jornalísticas” (Ibidem, p. 10). Os dados descritos pela polícia política dão pistas importantes sobre como o jornalista se portou nos meses que

sucederam o golpe civil militar, por isso as matérias publicadas nas edições seguintes a 05 de abril de 1964 podem elucidar posicionamentos desta personagem da imprensa local.

Na edição seguinte ao golpe, os semanários dirigidos por Dionísio Bassi e Luiz Azeredo veicularam manchetes sobre uma Nova Iguaçu em “combate ao perigo vermelho”. Em 12 de abril de 1964, os jornais noticiaram a cassação de mandatos na Câmara de Vereadores, bem como o movimento liderado pela ACINI para que a ameaça comunista fosse afastada. O *Correio da Lavoura* noticiou a convocatória do legislativo para reunião extraordinária e enalteceu o papel da ACINI contra o aumento abusivo dos preços, com o título “Atuante a Associação Comercial e Industrial – Combate aos extremistas, e a permanente vigilância para que se evitasse a alta excessiva dos gêneros”. A série de medidas para controlar o aumento dos preços também destaca o papel da instituição contra “elementos” ou ações que promovessem ações subversivas.

Por sua vez, o *Correio da Semana* de Bassi estampou imagens e títulos em negrito, destacando a apreensão de materiais subversivos e a convocatória do Legislativo Municipal para decidir-se sobre a cassação do mandato de “vereadores comunistas”. Nesta edição também se publicou carta da ACINI, contendo um manifesto em favor da população e contra o comunismo que emergiu em todo país, e na qual a classe produtora diz que:

AO COMÉRCIO, À INDÚSTRIA E AO POVO

[...] Tôdas as atitudes que se impunham foram adotadas por esta Associação visando impedir a subversão da ordem dentro de uma posição de equilíbrio e ponderação indispensável à contenção de excessos pois jamais advogou a adoção de medidas que importassem em desrespeito à dignidade do ser humano em depredações e prisões indiscriminadas valendo acentuar, porém, que deu e dará ampla solidariedade ao Delegado de Polícia do Município propiciando-lhe todos os meios necessários à consecução das tarefas que lhe incumbem. Manifestando sua esperança de que o comunismo será banido totalmente dêste grande município que precisa de paz e tranquilidade para realizar seu trabalho em prol do engrandecimento da Pátria, esclarecer ao povo iguaçuano que não dará cobertura a comerciantes que desrespeitem as tabelas de preços vigorantes [...]

(*Correio da Semana*, 12 abr. 1964, ed. 435, p. 3).

O vínculo de Dionísio Bassi com a ACINI estreitou-se nos anos 1950 e 1960, dado o espaço ganho pela instituição nestas décadas. A consolidação do comércio e da indústria neste período fizeram com que membros e figuras vinculadas à associação adquirissem proeminência, principalmente se estivessem atrelados ao poder municipal ou à imprensa, como no caso de Bassi. De acordo com Márcia Domingues (2016, p. 26), os pleitos realizados

entre os anos de 1947 e 1962, sobretudo este último, fizeram com que forças petebistas adquirissem novos lugares no poder legislativo iguaçuano. Nas palavras da autora:

Nas eleições de 1962, a cidade elegeu pela primeira vez um prefeito do PTB, Aluísio Pinto de Barros, que tinha sido eleito como vice no pleito anterior 28. Na Câmara Municipal, entre os três vereadores eleitos pelo PST, estava o comunista Ismael Ramos. Para a Assembleia Legislativa do Estado, o partido também elegeu um comunista, o deputado estadual, Elzio Ramalho.

A proximidade de Ismael Ramos e Elzio Ramalho com o Partido Comunista e com as reformas de base fizeram com que ambos estivessem na mira das forças políticas tradicionais iguaçuanas. A “sombra do comunismo” fez com que os vereadores eleitos incomodassem o meio político e o poder empresarial da cidade, mais especificamente a ACINI. Os conflitos gerados dentro da associação se intensificaram durante o pleito de 1962, dada a participação de Ismael Ramos no grupo empresarial e seu histórico “por realizar reuniões de cunho subversivo no interior da Farmácia São Jorge, de sua propriedade, em Nova Iguaçu” (Ibidem, p. 31). Com o novo Código Tributário proposto em 1959, a relação entre o vereador e a ACINI ganhou novas fissuras, de maneira que a associação travou uma verdadeira luta contra a Prefeitura Municipal.

Representantes do comércio, da indústria, da educação e do funcionalismo público mobilizaram-se contra os aumentos tarifários e o déficit orçamentário do Poder Executivo, entretanto as manifestações realizadas em protesto ao “monstrengo” código fizeram com que “os comunistas [fossem] acusados de incitar o “quebra-quebra” contra os mercados varejistas que estariam escondendo, em estoque, produtos de primeira necessidade, tabelados pelo governo para tentava coibir o aumento abusivo” (Ibidem, p. 36). Na ocasião, Silvio Coelho, proprietário da Indústrias Granfino S.A, era presidente da ACINI e um dos:

proprietários do Mercado São José, que sofreu depredação. A partir daí, iniciou-se uma contenda. De um lado, os “comunistas” que animavam o povo contra os empresários “gananciosos”; de outro, os empresários “gananciosos” descontentes com o prejuízo em seus estabelecimentos e a desordem popular provocada pelos “comunistas”. [...] fica evidente que a questão do conflito é a disputa pela representação política entre o presidente da ACINI e o candidato comunista Ismael Ramos, que estava em campanha eleitoral para vereador naquele momento da contenda (Ibidem, p. 37).

O novo código tributário revelou uma complexa disputa política entre o empresariado local, representado pela figura de Silvio Coelho, e o perigo comunista, vinculado ao vereador Ismael Ramos. Os mantenedores da “ordem e do progresso” econômico da cidade viram seu

poder de barganha questionado mediante a pressão popular no episódio narrado, por isso o golpe civil militar de 1964 afastou a possibilidade de que medidas populares ou reformas fossem encaminhadas dentro do município. O destaque dado à ACINI pelos jornais *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana* denotam o quanto a imprensa esteve alinhada ao posicionamento das chamadas classes produtoras. Em 19 de abril de 1964, os semanários veicularam a cassação de Ismael Ramos e Elzio Ramalho e prosseguiram destacando a importância da revolução para o povo iguaçuano.

“A Câmara Municipal cassou o mandato do edil Ismael Ramos – Perde também o mandato o deputado Elzio Ramalho, que é substituído pelo ex-prefeito deste município, sr. Ari Schiavo” ou “O movimento familiar cristão de Nova Iguaçu convida o povo iguaçuano para assistir à missa em Ação de Graças pela vitória do Brasil - para que Deus ajude a nossa pátria. Dia 21 - às 7 horas na igreja de Nossa Senhora de Fátima” são algumas das manchetes publicadas nos jornais iguaçuanos nas semanas que sucederam o golpe (*Correio da Lavoura*, 19 abr. 1964, ed. 2457, p. 1; *Correio da Semana*, 19 abr. 1964, ed. 436, p. 1). A forma com que ambos trataram o tema o longo de todo o ano também chama atenção, pois no caso do *Correio da Lavoura* havia um investimento em temas menos “polêmicos” ou engajados, enquanto o *Correio da Semana* mostrava-se igualmente comprometido com as questões cotidianas da cidade.

Ao longo dos meses de março e abril, mencionados anteriormente, a editoração dos jornais *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana* traduziu em imagens, matérias e colunas como a imprensa lidou com o meio político e empresarial no “combate a um inimigo comum: o comunismo”. Algumas das capas dimensionam a influência do quarto poder na produção de sentidos sobre o golpe, bem como a reciprocidade entre ele e lideranças e ou instituições como a ACINI, a Igreja Católica e movimentos sociais. Por tudo isso, as capas publicadas pelos dois semanários em 05 de abril de 1964 merecem destaque:

Figura 20 - O golpe civil militar no Correio da Lavoura

**Não resistiu vinte e quatro horas o presidente João Goulart**  
**As Forças Armadas repuseram o País numa nova ordem de paz e democrática**  
**Na Presidência da República o sr. Ranieri Mazzilli - Getúlio Moura na chefia do**  
**Gabinete Civil - Nova Iguassú como cidade abandonada - Incendiários presos**

O governo do sr. João Goulart, ultimamente arrastado por uma série ininterrupta de agitações e crises em todos os pontos do País, dando aos observadores políticos nítida impressão de tempestade iminente, chegou ao fim quarta-feira, dia 1º, precipitando certamente pelos acontecimentos verificados no Rio de Janeiro com os marinheiros rebeldes que ficaram impunes.

Forças militares tomaram atitude pronta e energética, principalmente em Minas e S. Paulo, levando à rendição, em menos de 24 horas, os núcleos de resistência favoráveis a Jango, aos seus métodos reformistas e às suas tendências esquerdistas com base nos sindicatos de classe.

Não teve o Presidente como resistir, abandonando o governo e tomando destino ignorado.

A vitória das Forças Armadas, apoiadas por governadores dos maiores Estados da Federação, por correntes políticas poderosas, recebeu-a o povo delirantemente, sobretudo em Belo Horizonte, S. Paulo e Rio de Janeiro, tanto mais que não houve sangue derramado de brasileiros numa guerra civil, para re-que é paz e trabalho e honestidade que prevaleçam para garantir a integridade e grandezas de nossa Pátria.

**Parecia Nova Iguassú**  
**uma cidade abandonada**

Nova Iguassú amanheceu — a cidade e o povo — sob uma onda de boatos os mais desencontrados, que provocavam confusão e intranquilidade. Parou a cidade, com todo o comércio e repartições públicas fechados, trens e ônibus paralisados. Apenas algumas pessoas nas ruas, umas assustadas, outras no vão esforço de procurar alguma coisa para comprar, porque sua despesa estava vazia. A corrida às padarias, às que mantiveram por algum tempo meia porta aberta, foi grande. E depois foi comer pão e ouvir a cadeia da legalidade, ora do Rio, ora de Belo Horizonte ou S. Paulo.

**Na presidência, provisoriamente, o deputado Ranieri Mazzilli**

O presidente da Câmara dos Deputados, Ranieri Mazzilli, foi empossado imediatamente como Supremo Mandatário da Nação, e assim aguardará o seu substituto eleito brevemente pelo Congresso Nacional para cumprir o restante do mandato, isto é, até 1968. Desejam as figuras exponenciais do movimento vitorioso que o Presidente, a ser eleito o mais breve possível pelos congressistas, seja um cidadão apertado, enérgico e digno, capaz de conduzir este País em segurança pelo caminho da democracia e da liberdade, oferecendo desse modo a todos os brasileiros o direito ao trabalho, à conquista de sua prosperidade.

**Getúlio Moura, distinguido para a chefia do Gabinete Civil**

Uma vez na Presidência da República, o sr. Ranieri Mazzilli escolheu os seguintes Ministros Militares:

Exército — Gen. Artur da Costa e Silva.  
 Marinha — Almirante Augusto Rademaker Grunwald.  
 Aeronáutica — Brigadeiro Francisco Correia de Melo.

**Riquezas nacionais**

Falando na sua linguagem lapidária sobre as bases da política de enriquecimento do Brasil, seu primeiro Ministro da Fazenda do regime republicano, Rui Barbosa, já pontificava: "Nenhuma coisa reusar talvez, nos seus recursos naturais, proporções tamanhas e tão variadas como este país para o desenvolvimento de indústrias poderosas e opulentas". Disse-se a palavra mágica do profeta, que se encheu em lidas as suas páginas céticas o que seria no futuro este gigante possuidor de todos os meios de grandezas para admiração do mundo.

Não há por onde esquecer que Rui, nessa condição, foi um eterno exultador orgulhoso de seu país, sempre preocupado em promover a riqueza nacional, já então premonido a política desenvolvimentista, sempre há pouco tempo empreendida e adotada pelas nossas autoridades. Conhecia o grande brasileiro os problemas vitais de seu país, para cujo debate nunca deixou de convidar e desafiá-los seus pares, fazendo de seu exílio compensação e adaptação com o que se passava e se realizava na Europa e nos Estados Unidos, porém, lamentavelmente, quase que não conseguiu definir sua situação, nem trazer firmes e seguros meios de orientação, porque seus contemporâneos julgavam-no adiantado de mais nas suas opiniões, sendo até imprudente, por exageradas as teses defendidas pelo grande brasileiro. Agora, os técnicos, os mais renomados financeiros confessam que aquelas idéias estavam inerentes à prudência do sábio, o profundo conhecimento do estudioso, nunca a eloquência faz de seu imenso ou impetuoso de um inconformista. Ficou sem os discípulos segundo os conselhos do mestre eremita, no reino das finanças, e sua política de enriquecimento, como na parte do direito, certamente estava a coberto das imprudências que embargam ou retardam o marcha do progresso nacional. Os estudiosos oligarcas e práticos no manejo da coisa pública confirmam e sentem

**Autuados e encaminhados à DOPS seis incendiários**  
**Levavam bombas e pretendiam incendiar e destruir o comércio de Engenheiro Pedreira**

Elementos do Exército e da Polícia têm feito diligências neste Município, resultando em diversas prisões de perturbadores da ordem, como aconteceu com os seis incendiários de Engenheiro Pedreira, cujo comércio pretendiam destruir com as bombas que levavam.

Os referidos agitadores, autuados e conduzidos à DOPS, em Niterói, são: Batápio Silva, 56 anos, oficial reformado da Marinha, morador no Parque Santos, 6; Washington Luiz Leite, 39 anos, rua 6, s/n.; Mário Ribeiro da Silva, 42 anos, funcionário público, rua 2, s/n.; e os irmãos Emílio Rosa Mota, 34 anos, pedreiro, rua B, 49; Nilson Rosa Mota, 30 anos, servente de pedreiro, rua 6, 20; e Wilson Rosa Mota, 33 anos, funcionário do MEC, rua B, 2, sendo este último o líder do grupo, que não escondeu seus propósitos subversivos.

**Monitoras de Educação Física**

Com a presença de seis monitonas modernas e cultas, esta última sob o comando do prof. Otávio Rother, Cláudio Norma Gama, Márcia Maria B. da Cunha e Vanete de Lima —, entre as 213 formandas do Curso de Formação de Monitonas de Educação Física, promovido pelo Departamento de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro, realizado no Rio de Janeiro, no dia 30 do mês p. findo, segunda-feira, nas dependências do "Colégio Marista", a solenidade de encerramento do referido Curso. A cerimônia teve início às 19h, contando com vários números de dança, ginástica, recreação da Amarel.

**Demitiu-se o Chefe da Divisão de Viação e Obras**

Em face dos acontecimentos políticos, o sr. Frederico Fernandes Pereira, chefe da Divisão de Viação e Obras, pediu exoneração de suas funções e o prefeito Aluizio Pinto de Barros aceitou-a.

A fim de responder pela DVO, já foi designado municipal exercendo o cargo de chefe da Divisão de Viação e Obras, cargo na administração pediu exoneração de suas funções e o prefeito Aluizio Pinto de Barros aceitou-a.

**Combate sem trégua à tuberculose**  
**Da física à tuberculose — Descrita por Hipócrates, pintada por Botticelli, romantizada por Byron, difundida pela Revolução Industrial, a tuberculose transformou-se na mais importante doença social**

A tuberculose já era conhecida pelos médicos da antiguidade e até pelos poetas, pois é mencionada nas obras de Homero, Hipócrates, que primeiro a descreveu, chamou-a de "tísica", palavra derivada de um verbo grego que significa "secar". Galeno (séculos do 120-200 da era cristã), outro pai da Medicina, prescreveu remédios para a doença. Avicena (980-1037), "príncipe dos médicos" e autor do "Cânone da Medicina", julgava que a doença evoluía em três fases, o Ferrari de Paris escreveu um "Tratado da Tísica".

**Doença da Renascença e dos Românticos**

O pintor Botticelli perdeu seu modelo predileto, Simonetta Cattarina Vespucci, bela florentina, arrebatada pela tísica aos 16 anos de idade. Ainda hoje os apreciadores da pintura admiram o belo retrato que dela fez o pintor, mostrando-lhe as faces emaciadas, o pescoço frágil e os ombros caídos.

O romântico típico tinha corpo magro e faces que a febre avermelhava, e morria escarando sangue nos lábios. Foi nessa época que George Sand e o italiano Chopin fugiram de Málrova a um hotel de Barcelona reclamando indenização pela cama em que dormira o músico depois de uma noite de insana paixão. A doença castigou By-que a política a mandava exilar. A doença castigou By-que a política a mandava exilar. A doença castigou By-que a política a mandava exilar.

Edgard Allan Poe nunca esqueceu sua sogra, Virgínia, que morreu tísica aos 34 anos. Dumas declarou, em suas memórias: "Todos eram tísicos — especialmente os poetas; era de bom tom escarar sangue em consequência de uma emoção". Maria Baobkirkell, a famosa pintora de uma emoção".

(Continua na 2ª página)

Fonte: Correio da Lavoura, 05 abr. 1964, ed. 2455, p. 1.



Figura 21 - O golpe civil militar no Correio da Semana

# Getúlio Moura na Chefia da Casa Civil

## A ACINTE

### A QUESA DO GOVÊRNO

**Tenente Quer Mal. O Denys Como Presidente**

O tenente Getúlio Moura, que chegou a ser o primeiro a ser nomeado para a chefia da Casa Civil, não conseguiu manter a posição por muito tempo. O seu nome foi substituído pelo de Getúlio Moura, que chegou a ser o primeiro a ser nomeado para a chefia da Casa Civil, não conseguiu manter a posição por muito tempo.

### "Somos o Povo Que Libertamos"



### DESPEZA NÃO FOI RACHADA

A despesa não foi rachada, o que significa que o dinheiro não foi dividido entre os envolvidos. Isso pode ser uma referência a uma situação política ou financeira da época.

### PAGOS SEM DEDUÇÃO "SEUS TALOES" NO RJ

Pagos sem dedução, os seus talões no RJ. Isso pode se referir a pagamentos feitos sem a devida documentação ou em uma determinada região.

### DOM FÉLIPPE

Dom Felippe, um nome que pode estar relacionado a uma figura religiosa ou política da época.

### Pedaco de Nirvana em Nova Iguaçu

Pedaco de Nirvana em Nova Iguaçu, sugerindo um local de descanso ou um ponto de interesse turístico.



**Sec. de Segurança e a Ordem Pública**

### HOSPITAL AGUARDA AMBULANCIA PEDIDA AO MINISTERIO DA SAUDE

Hospital aguarda ambulância pedida ao Ministério da Saúde. Uma notícia sobre a falta de serviços de emergência em um hospital.

### ARRECAÇÃO FEDERAL EM NOV A IGUAÇU

Arrecadação federal em Nova Iguaçu. Uma notícia sobre a arrecadação de impostos ou contribuições.

### 500 Milhões de Cruzeiros no 1º Trimestre de 1964

500 milhões de cruzeiros no primeiro trimestre de 1964. Uma notícia sobre a arrecadação financeira.

### AOS NOSSOS LEITORES

Aos nossos leitores, uma mensagem ou uma seção dedicada aos leitores da publicação.

### ESOTERICOS CONSTROEM TEMPLO EM NOVA IGUAÇU

Esotéricos constroem templo em Nova Iguaçu. Uma notícia sobre a construção de um templo por grupos esotéricos.

### Mazzilli Traça no Ministério da Guerra os Rumos do Seu Governo

Mazzilli traça no Ministério da Guerra os rumos do seu governo. Uma notícia sobre a atuação de Mazzilli no ministério da Guerra.

### Coronel Magalhães de Almeida

Coronel Magalhães de Almeida, uma referência a uma figura militar ou política.

### ESOTERICOS CONSTROEM TEMPLO EM NOVA IGUAÇU

Esotéricos constroem templo em Nova Iguaçu. Uma notícia sobre a construção de um templo por grupos esotéricos.

### Mazzilli Traça no Ministério da Guerra os Rumos do Seu Governo

Mazzilli traça no Ministério da Guerra os rumos do seu governo. Uma notícia sobre a atuação de Mazzilli no ministério da Guerra.

### Coronel Magalhães de Almeida

Coronel Magalhães de Almeida, uma referência a uma figura militar ou política.

Ambas dispunham de formas distintas seus elementos textuais e gráficos, sobretudo através do uso de imagens e do reposicionamento de elementos como títulos, para que o leitor obtivesse uma nova percepção da informação. O *Correio da Lavoura* manteve sua tradicional formatação, mesmo com novos aspectos gráficos sendo incorporados pelos jornais desde os anos 1950, talvez isso se explique pelo fato de seus dirigentes não deterem o capital econômico necessário para a modernização dos equipamentos para rotação do semanário. Já o *Correio da Semana* não limitou o número de linhas para narrar a deposição do presidente João Goulart e a subida das forças militares ao poder. Mais do que o periódico dos Azeredo, o jornal dirigido por Bassi explorou extensivamente elementos concernentes ao golpe. Na capa, há uma fotografia à direita, com o título “Somos o povo que libertamos” e na sequência a legenda:

Em meio ao delírio e emoção do povo que o recebeu com aplausos e cantando hinos patrióticos, o general Olímpio Mourão Filho participou da Marcha da Família com Deus pela Liberdade e disse no palanque, com o braço direito para o alto fazendo o <<V>> da vitória (foto) que somos o povo que nós libertamos. Mas, a cada palavra que proferia era interrompido pela multidão que o consagrava como o militar pioneiro da luta, cujo triunfo da liberdade e da democracia, pertenceu a todos (*Correio da Semana*, 05 abr. 1964, ed. 434, p. 1).

Há um investimento da imprensa local em tranquilizar a população sobre a deposição da presidência e a manutenção da ordem. As publicações feitas pelos jornais nos dias 19 e 26 de abril de 1964 possuem matérias gemelares, como o apoio dado à ACINI por José Haddad, então candidato a deputado estadual pela ARENA. Novamente, o posicionamento a favor do empresariado local aparece como prioridade a ser coberto pelo campo jornalístico. Em carta publicada no *Correio da Lavoura*, o candidato discorre sobre “a vitória da revolução” e faz um apelo ao comércio iguaçuano:

Firmando no propósito sadio de concorrer, na qualidade de representante do povo fluminense na Assembleia Legislativa e, mais particularmente, como representante do povo iguaçuano, para o fortalecimento do movimento militar, impedindo a frustração de seus legítimos e patrióticos objetivos, formulo veemente apelo ao comércio deste Município, notadamente o de gêneros de primeira necessidade para que se atenha dentro das tabelas de preços baixadas pelas autoridades competentes, respeitando a fórmula C.L.D a fim de que os consumidores, enfim o povo, não suponham que as novas diretrizes nacionais têm o dom de acobertar e contemplar os mais favorecidos em prejuízo da míngua bolsa popular, que já não mais dispõe da capacidade aquisitiva, face à espiral inflacionária que devora os salários e desmoraliza qualquer previsão orçamentária. O apelo que ora formulo tem, antes de tudo, o sentido de prevenir responsabilidades e evitar que uns poucos comerciantes desavisados, aventureiros no meio de uma classe

honestas e trabalhadoras, venham criar situações de desmoralização para toda coletividade, envolvendo a todos indistintamente. Quero, também, e por fim, asseverar que visio beneficiar os próprios comerciantes, mas que, na hipótese de não ser atendido em minha solicitação, que se coaduna e coincida com o pronunciamento da Associação Comercial e Industrial de Nova Iguassú, enviarei todos os esforços que se tornaram necessários à coibição do abuso, dentro das normas legais vigentes, através das autoridades da SUNAB e da Delegacia de Economia Popular.

Nova Iguaçu, 10 de abril de 1964  
José Haddad – Deputado Estadual

(*Correio da Lavoura*, 05 abr. 1964, ed. 2455, p. 1, grifos meus).

O *Correio da Semana* também publicou a mesma carta, assim como faria com outros documentos e comunicados. Em 26 de abril de 1964, o jornal dirigido por Dionísio Bassi estampou “PREFEITO IGUAÇUANO AO POVO: DEMOCRACIA E TRANQUILIDADE”. Na sequência, o semanário divulgou a correspondência enviada à imprensa pelo prefeito Aluísio Pinto de Barros, em favor da manutenção da liberdade e das instituições democráticas:

E manifesto-me dentro do paradigma que sempre me norteou. Paradigma de democracia, de liberdade; paradigma de respeito às instituições democráticas. Nunca, quer por ator, quer por pensamentos quer por formação, coonestei procedimentos contrários à nossa tradição democrática. E, por isso, principalmente por isso, sinto-me muito à vontade para manifestar-me publicamente. Em meu governo, por exemplo, procurei cercar-me de auxiliares requisitados no melhor de nossa sociedade, pessoas capazes e honestas, com passado a respeito do qual nenhuma dúvida poderia preocupar. Minhas atitudes, à frente da Prefeitura, foram sempre em busca de solução para os graves problemas municipais. Preocuparam-me sempre os problemas administrativos e não os políticos, daí a razão do apoio que venho recebendo das diversas correntes políticas nesta terra. E espero contar sempre com esse apoio, na ânsia de bem encaminhar a administração, pautando nossa atitude dentro do melhor sentido democrático, longe, distante das doutrinas extremistas que visam a solapar a democracia em nossa terra.

Nova Iguassú, 20 de abril de 1964  
ALUIZIO PINTO DE BARROS  
Prefeito

(*Correio da Semana*, 26 abr. 1964, ed. 435, p. 2).

O campo político iguaçuano permaneceu estremecido, dada a trajetória de Aloízio Pinto de Barros junto ao PTB. Para Allofs Daniel Batista (2016), os quase vinte mil votos atrelados ao apoio dos vereadores eleitos pelo PST e PTB fizeram com que o chefe do executivo enfrentasse desafios para além da administração municipal. Batista, ao refletir sobre

a tênue relação firmada entre os prefeitos e a política partidária sucessora ao golpe civil militar de 1964, indica que o processo de afastamento de Aloizio Pinto de Barros, por exemplo, foi coberto pela imprensa e evidencia o quanto seu posicionamento se manteve desalinhado aos interesses das forças militares para a região. Em 08 de agosto de 1964, o *Correio da Semana* publicou “Câmara ameaça tornar setembro difícil para o prefeito: tem se desmandado!”, matéria em que se narra um não comprometimento do gesto com a cidade e com a votação de projeto, que diziam respeito às demandas da população. Nas semanas seguintes, o *Correio da Lavoura* veiculou que Nova Iguaçu teria um novo prefeito até o afastamento de Barros, em outubro daquele mesmo ano. Em 08 de novembro de 1964, o jornal trouxe considerações de Antônio Joaquim Machado, quarto prefeito pós-golpe, sobre a deposição de Aluizio Barros e sua possível “infidelidade” partidária, pois ninguém se elegia sozinho em um pleito eleitoral. João Luiz do Nascimento tomaria posse em seu lugar até 1966, quando aconteceria a primeira intervenção federal, e a segunda ocorreria em 1969:

Nos dois casos, a prefeitura enfrentava um período de instabilidade motivado por eventos políticos relacionados a denúncias contra os prefeitos e funcionários diretamente ligados a eles. Denúncias que partiam da Câmara Municipal de Nova Iguaçu (CMNI). Nosso objetivo é examinar esse processo, associando-o um projeto que transferia o Poder Executivo municipal do partido de oposição para o partido do governo. [...] No caso estudado, os dois interventores eram civis e haviam sido atuantes nos cargos de vice diretor ou de diretor do Instituto de Educação Rangel Pestana ou do Colégio Municipal Monteiro Lobato, ou de ambos. Ou seja, os substitutos eram atores sociais ligados de alguma forma à sociedade iguaçuana e de municípios limítrofes (BATISTA, 2016, p. 131-132).

Batista ainda discorre sobre medidas tomadas pela Câmara Municipal imediatamente após o golpe de 1964, e constata que lideranças políticas se aproveitaram do momento para promover grupos e personagens derrotados anteriormente durante o regime democrático. A repressão de figuras progressistas e a cassação de “mandados comunistas” também permitiram que opositores fossem retirados de cena. Por isso, o historiador argumenta que a composição do campo político pós-1964 se deu após a decisão dos caciques Mário Guimarães, ex-UDN, de se filiar à ARENA, e de Getúlio Barbosa de Moura, ex-PSD, de se alinhar ao MDB. A disputa estabelecida a partir do bipartidarismo fez com que o Poder Executivo fosse ocupado por onze lideranças diferentes. Entre idas e vindas, Batista contabilizou a presença de dois interventores, Joaquim de Freitas e João Ruy de Queiroz Pinheiro, ambos da ARENA. Em todos os casos, o processo seguiu o rito de denúncia,

afastamento e cassação do mandato. Contudo, o trabalho destaca que nos anos 1970 “Nova Iguaçu foi governada por três prefeitos que compunham o campo político ao lado governo, eleitos após atuarem como interventores na cidade [...]” (Ibidem, idem). Por isso, Allofs Daniel Batista conclui que:

Se na segunda metade dos anos 1960, os projetos ainda eram favoráveis à oposição ao regime, revestida de aspectos formalmente democráticos, nos anos 1970 viram-se totalmente submetidos ao projeto governista e arenista. Um misto de demandas políticas locais e de interesses mais gerais do regime, reforçado pelas medidas extremamente redigidas contidas no aparato legal de exceção como o AI-5, acabou por transformar a vida política na cidade.

Portanto, houve uma reconfiguração político-administrativa que permitiu que as Forças Armadas mantivessem o controle sobre o município e sobre a região como um todo. Cassações, processos de investigação política e vigilância permanente da Baixada Fluminense, sobretudo de Nova Iguaçu, também deixaram suas “marcas” na imprensa local. Dados do Serviço Nacional de Informação revelam que Dionísio Bassi teve sua carreira no funcionalismo público “interrompida” meses após o golpe. A documentação enviada pelo então governador do estado do Rio de Janeiro, Floriano Faria Lima, ao Ministro-Chefe do SNI, o general João Batista de Figueiredo, descreve atividades do jornalista desde 1947:

Comunista há cerca de 33 anos fez parte da cúpula intelectual comunista em Nova Iguaçu, por isso uma tendência a se justificar a exoneração de Bassi do cargo de Agente Fiscal do Estado por Decreto do Governador Badger da Silveira, com base no Ato Institucional nº 1. O dossiê continua com “em 1966 foi apontado em uma informação do I Exército como agitador comunista; [...] em 1968 foi preso por atividades comunistas, sendo solto por nada ter sido provado contra ele [...] (ARQUIVO NACIONAL (Brasil), 1977, p. 6).

O texto prossegue dizendo que, mesmo com um passado subversivo, observou-se a atuação de seu jornal, o *Correio da Semana*, a favor da “revolução”:

Nos assentamentos do Sindicato consta que em 1970 o Comandante da 1ª Brigada de Infantaria, Gen. ARGUS LIMA, dirigiu-se ao Gen. CARLOS ALBERTO FONTOURA, então Chefe do Serviço Nacional de Informações, recomendava a readmissão do Sindicato, em face do seu trabalho à frente do semanário "Correio da Semana", divulgando e difundindo os atos da Revolução. Entendia o Gen. ARGUS LIRA que o Sindicato estava reabilitado. O Gen. CARLOS ALBERTO FONTOURA respondeu que estudara a documentação do Sindicato, tendo encaminhado Informação a respeito ao Ministro da Justiça. O I Exército, em 1970, difundiu Informe, confirmando a cooperação do Sindicato com as autoridades militares. Em 18 de dezembro de 1974 o indicado foi reintegrado no cargo de Agente Fiscal

classe AP-3, do Quadro Permanente, em cumprimento à decisão judicial (Ibidem, p. 5-6, grifo meu).

O histórico também incluía detalhes da trajetória pública de Dionísio Bassi como vereador, seu desligamento do Partido Comunista e sua demissão do cargo de agente fiscal, “registros do DOPS do antigo estado do Rio e já incorporados ao nosso acervo informativo”. Dados oriundos da chamada área militar apuram que entre os anos de 1964 e 1966 o jornalista foi “elemento-chave de ataques sistemáticos ao Governo [...] Considerado perigoso agitador comunista”, por isso teria fugido do Brasil pós “revolução” e ficado foragido por cinco meses.

A perseguição imposta a figuras como Dionísio Bassi reitera o quanto imprensa, associações e personalidades permaneceram no radar da polícia política. Matéria publicada em 23 de maio de 1964 anunciou que comissões investigariam atividades subversivas no funcionalismo estadual, o que muito provavelmente indica que Dionísio Bassi teve seu cargo no Estado caçado neste movimento de investigação:

NITEROI – Diversas repartições estaduais já iniciaram as investigações determinadas pelo governador Paulo Tôrres para apurar atividades subversivas no governo fluminense esvaziando, ainda, algumas Secretarias por designar as comissões de inquérito devido, principalmente à recusa de funcionários em participar da comissão que segundo alguns, <<coloca o funcionário mal diante de seus colegas>> Foram instaladas as comissões de inquérito das Secretarias da Agricultura, Comunicações e Transportes (duas – DER e DPN) Saúde, Finanças, Administração Geral, Energia Elétrica (dividida em quatro subcomissões) e no gabinete civil do governador, tendo os membros dos órgãos de expurga (inelegível) de 15 dias para encerrar os trabalhos (*Correio da Semana*, 23 maio 1964, ed. 441, p. 3).

O quadro imposto pelo regime militar fez com que sua estabilidade enquanto funcionário público fosse posta à prova, junto à liberdade de publicação de conteúdo no *Correio de Semana*. Em 1964, o jornal refletiu muito pouco sobre as mudanças políticas em curso no país e tratou de maneira objetiva as idas e vindas no Poder Executivo, bem como as discussões sobre projetos encaminhados à Câmara Legislativa. Dentre os temas mais tratados, figuraram a inauguração de empreendimentos comerciais, o avanço da industrialização, a moralidade e o ensino, investimentos na Baixada Fluminense e, principalmente, o papel dos militares à frente do Executivo federal.

“Os EUA consideram o govêrno do presidente Castelo um dos melhores da História do Brasil”, chamada de matéria do dia 31 de outubro de 1964, foi uma das publicações feitas pelo semanário ao mesmo tempo em que, por exemplo, enaltecia a relação entre o ensino

técnico e o progresso do país. Por este motivo, há uma preocupação em relacionar o desenvolvimento industrial/comercial ao papel da “classe produtora” iguaçuana. Evidencia-se isso em matérias como “O grupo da indústria e o ensino profissional”, publicada no segundo semestre de 1964:

Publicamos em números recentes entrevistas com os líderes da indústria iguaçuana srs Luis Carlos Peixoto e Erich Karl Viktor Buschle. Há um ponto em que as opiniões de ambos coincidem. Escassês de mão de obra especializada. É um problema de todo o país, mas que só se revela agudo nos municípios de intensa industrialização. Exatamente o caso de Nova Iguaçu. Em nossa comuna, como em tôda a Baixada da Guanabara, existe excesso de mão de obra chegada de tôda parte dos país. Mas, para as indústrias que estão se desenvolvendo não basta que haja mãos de qualquer espécie. [...] Mas não só o Grupo da Indústria deve preocupar-se com isso. A ACINI também. Entre outras porque a ACINI tem contato mais amplo com os meios educacionais de onde pode partir algumas iniciativas apreciáveis. E por que não arrastar alguns políticos como Getulio Moura, Edésio Nunes, José Haddad e outros para êsse movimento? Não seria de bom aviso desprezar-se a experiência que adquiriram no trato da coisa pública, pois a maioria dos problemas econômicos exigem atuação política. Por que não pressionar-se o governador e a Assembleia Legislativa? Em tudo isso, é claro que a liderança deve caber aos industriais por serem êles os mais interessados e os que mais conhecem o problema. De qualquer maneira o Grupo à Indústria tem que se mexer. São homens práticos e não hão de querer ganhar a fama de inoperantes. Nomeie-se uma boa comissão para tratar do assunto e teremos meio caminho andado (*Correio da Semana*, 14 nov. 1964, ed. 466, p. 1-2).

A relação entre Dionísio Bassi e o empresariado local estreitou-se ainda mais nos anos 1960, dado o número de publicações, cadernos especiais, anúncios publicitários e entrevistas com representantes da indústria e do comércio iguaçuano. Havia uma preocupação para que a parceria entre imprensa, progresso e membros da ACINI permanecesse em evidência, ao mesmo tempo em que figuras políticas tradicionais fossem evocadas. A proximidade do jornalista com administradores e empresários foi registrada pelo Serviço Nacional de Informação, que levantou muitas das benesses conseguidas pelo proprietário do hebdomadário. De acordo com o SNI, Dionísio Bassi conseguiu importante apoio em 1968 para que o seu jornal se tornasse diário:

É o homem forte da Prefeitura e já recebeu milhões de cruzeiros antigos para tecer loas a respeito da nova ordem imperante no município [...] (Informe nº 522-CR/68, do I Ex) “Conseguiu levantar - fundos através de ações, com vistas a transformar o jornal *Correio da Semana* numa publicação diária com o nome *Correio Diário*”. O *Correio da Semana* de Sete de Setembro publicou uma relação de acionistas, entre os quais figuram personalidade de destaque na política fluminense, tais como: "Governador do Estado, Prefeito







Os dados reunidos pelo SNI podem ser corroborados pela matéria “BAIXADA TERÁ JORNAL DIÁRIO AINDA EM 1968”. Publicada em 07 de setembro 1968, a matéria de capa integra um conjunto de imagens e textos significativos. Em “Uma nova etapa”, Dionísio Bassi justifica a expansão do jornal dada a geração de empregos e consolidação do campo jornalístico e empresarial da “Baixada Fluminense e do Grande Rio”. Paralelamente ao escrito do jornalista, um segundo texto defende a relevância em se ter um jornal matutino e sinaliza o apoio recebido de personalidades como Dom Adriano Hypólito, bispo da Diocese de Nova Iguaçu (1966-1994). Com uma imagem a rotativa adquirida se encerra a matéria de capa afirmando:

Em ampla reportagem na terceira página, contamos o que já é o único jornal que se instala com a maquinaria própria no <<Grande Rio nos últimos 15 anos, a atestar, assim, desde já, a seriedade e a pujança do empreendimento industrial- jornalístico que é a edição de uma fôlha dêsse tipo (*Correio da Semana*, 07 set. 1968, ed. 666, p. 1).

No interior desta edição, a publicação “CORREIO DA SEMANA vai virar diário para melhor servir ao estado do Rio” discorre sobre o papel do matutino e da “magnífica” gráfica que rodará “jornais, livros, revistas, publicações e impressos em geral”. A publicação descreve detalhes sobre o empreendimento, compra de equipamentos, diretoria, perspectiva de público e listagem contendo os acionistas da S.A Gráfica e Editôra CORREIO DIÁRIO. Dentre eles, estão nomes como Dom Adriano Hipólito, Ari da Silva Vigné, Fabio Raunheitti, Evanil – Empresa. V. Autom. Nova Iguaçu, Casas Sendas Com. e Ind. S.A, Valcir de Almeida, dentre tantos outros. Alguns dos colaboradores listados são oriundos de tradicionais famílias iguaçuanas ou de jornais concorrentes como Valcir de Almeida, diretor e proprietário do *Jornal de Hoje* nos anos 1970.

O jornal tornou-se diário apenas dois anos depois, e a mobilização em torno do projeto evidencia a capacidade operacional e política de Dionísio Bassi em fundar uma editora, montar um parque gráfico e agregar figuras oriundas das “classes produtoras” e da esfera religiosa como Dom Adriano Hipólito. O ano de 1964 expressa o quanto distanciar-se do passado comunista tornou-se necessário para Dionísio Bassi. Apresentar-se enquanto sujeito “regenerado” e preocupado em colaborar com o progresso da cidade lhe traria “menos problemas” e mais benesses, por isso estar ao lado dos “donos” do capital econômico e político foi tão fundamental.

Esse quadro fez com que o Serviço Nacional de Informação trocasse cartas sobre a readmissão de Dionísio Bassi, pois o jornalista estaria colaborando com a “revolução”. Em 31 de março de 1970, o Comandante da 1ª Brigada de Infantaria informa o seguinte ao general-chefe do SNI:

PREZADO AMIGO CARLOS ALBERTO. Aqui volto eu com um novo problema. Após um estudo da presente documentação, mas sem conhecer outros detalhes que poderiam modificar minha interpretação, penso que seria justo atender as pretensões do Sr. DIONÍSIO BASSI que concerne à reintegração na função que exercia. [...] O Sr. DIONÍSIO BASSI vem realizando, à frente de seu semanário "Correio da Semana", um trabalho integrado à Administração do Interventor Federal de Nova Iguaçu, Doutor RUI QUEIROZ e às autoridades militares responsáveis pela segurança da área, -divulgando e defendendo os atos da Revolução. Embora não desconhecendo ter pertencido ao PC, quando na legalidade, julgo tratar-se de elemento recuperado, que nos poderá ser de grande utilidade (ARQUIVO NACIONAL, 1977, p. 13).

Em maio do mesmo ano, o general-chefe do SNI respondeu nestes termos:

PREZADO AMIGO ARGUS. Em mãos a carta datada de 31 de março do corrente, que trata da apreciação do ato que demitiu DIONÍSIO BASSI das funções de Agente Fiscal do Estado do Rio de Janeiro. Participo ao prezado amigo que determinei que o assunto fosse detidamente estudado, colhendo como resultado uma minuciosa informação, que acabo de encaminhar ao Ministro da Justiça. Com um abraço (Ibidem, idem).

O general Carlos Alberto da Fontoura, chefe do SNI, respondeu em 07 de outubro, após saber que em 22 de setembro Dionísio Bassi prestou uma série de declarações, dentre elas que:

g) É elemento integrado na Revolução de Março de 1964, sendo que, a de 31 de março 1964 foi um dos que cerrou fileiras ao lado dos revolucionários que ocuparam a ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE NOVA IGUAÇU, entre eles o Dr. LUBANCO, atual Interventor Federal em São João de Meriti, que pode atestar tal fato; h) Tem atualmente, pelas suas atitudes e conceito, o integral apoio das empresas privadas da Baixada Fluminense, o que lhe permitiu a montagem das novas rotativas que proporcionarão a circulação de um jornal diário naquela área; [...] j) Que foi um dos ferrenhos e combativos adversário do Sr. ARY SCRIVAO, recentemente cassado (Ibidem, p. 15).

O relato do general finda ao dizer que “O Sr. DIONÍSIO BASSI tem realmente cooperado com as autoridades militares na área desta Agência, particularmente através das páginas de seu Jornal”, pois nele divulgava informações de interesse da “revolução”. Esse quadro fez com que se reconsiderasse a reintegração de cargo do jornalista, por isso:

IV- Em 18.12.1974, em cumprimento de decisão judicial proferida na apelação cível no 33.040-Niterói, de acordo com os artigos 78 e 79 da Lei nº 6702/71, DIONISIO BASSI foi reintegrado no cargo da classe AF-3 da carreira de Agente Fiscal, do Quadro Permanente, em vaga originária do falecimento de Augusto Tinoco (D.O.de 19.12.74).

A presença de Dionísio Bassi na imprensa iguaçuana revelou nuances inexploradas sobre a ditadura na Baixada Fluminense. A vida pública constrangida pelo bipartidarismo oficial não impediu que o jornalista se redefinisse estrategicamente, pelo contrário, Bassi testou seu capital político em um contexto de repressão e cerceamento da liberdade. Aproximar-se da máquina pública fez com que contratos sociais fossem firmados, de maneira que instituições e sujeitos lhe dessem o respaldo necessário para que mantivesse seu jornal aberto e sua circulação entre empresários, políticos e grupos responsáveis firmasse seu status de cidadão iguaçuano, mantedor da ordem e a serviço da “revolução”.

Sem o “rearranjo” da sua imagem, Dionísio Bassi poderia ser afastado de suas atividades, assim como o vereador Ismael Ramos ou lideranças ligadas a movimentos pela terra na região. Integrar a ACINI e o NICC referendou seu papel na manutenção da ordem e no combate ao comunismo. A produção de cadernos sobre empresas locais, promoção de eventos sociais e religiosos de personagens apoiadores do golpe de 1964 permitiram que o jornalista se mantivesse na vida pública e fosse readmitido ao cargo de agente fiscal do estado do Rio de Janeiro. Em menor escala, o *Correio da Lavoura* também seguiu dando espaço a informações sobre a “revolução”, contudo discussões sobre o tema deixaram de transparecer detalhes e nuances dados por seu concorrente. Matérias, seções e anunciantes vinculados a grupos e indivíduos apoiadores do golpe não foram veiculados, de maneira que o jornal foi alvo de retaliações.

Segundo Robinson de Azeredo (2018), o *Correio da Lavoura* manteve determinada imparcialidade sobre temas tratados pelo redator Luiz de Azeredo. Nas palavras do entrevistado, o jornalista era parte de uma geração de escritores mantedores de tradições e costumes da Nova Iguaçu do início do século XX, ou seja, seu tio esteve mais preocupado em manter uma boa relação com os velhos pares, mantedores das assinaturas e das verbas publicitárias do semanário gerido pela família.

Assim como Dionísio Bassi, o *Correio da Lavoura* promoveu o comércio e a indústria local, contudo com investimento gráfico menor do que seu concorrente. Em comparação com o *Correio da Semana*, a presença de antigos e pequenos anunciantes permaneceram povoando

as páginas do jornal dirigido pela família Azeredo. Alguns detalhes, como a propaganda das lojas Ponto Frio veiculada em maio de 1964, chamam a atenção quando observamos conteúdo e espaço dado a esse tipo de propaganda nos dois jornais.

Figura 23 - Anunciantes do *Correio da Semana* em 1964

**REVOLUÇÃO!**

**PRAZO COM DESCONTO! À VISTA: MAIS DESCONTO AINDA!**

**TELEVISOR SEMP**  
Modelo Plástico. Gabinete em plástico ou madeira. Seleção na cor e de grande sensibilidade. Cinescópios automáticos de imagem e das duas telas.  
**DE 518.900, POR 312.700,**  
entrada e mensalidades de 26.950

**GELADERA CLIMAX VITÓRIA**  
8,5 pés. 324 litros. Amplo congelador horizontal. Pronto para servir. Fácil utilização. Economiza energia.  
**entrada e mensalidades de 11.500,**

**SOFA-CAMA LUX XV JUNIOR**  
Tudo em nápo e nápo estofamento em algodão e lã. Molas espirais entrelaçadas com molas helicoidais.  
**DE 91.900, POR 82.800,**  
entrada e mensalidades de 6.610.

**POLTRONA LUX XV JUNIOR**  
Também em nápo e nápo, com todas as características em do sofá-cama, completa um harmonioso conjunto.  
**DE 49.900, POR 38.500,**  
entrada e mensalidades de 3.100.

**TROQUE**  
No Ponto Frio você sempre encontra as melhores condições para trocar os seus móveis e aparelhos usados por outros novos dos melhores fabricantes.

**SAL A CONTOUR CONJUGADA**  
8 peças em Formica. Búteis em laminado cerâmico claro. Cristaleira espolhada. Bar com 2 portas de correr. 4 gavetas sendo 1 facheiro. Mesa elástica e 6 cadeiras.  
**DE 308.900, POR 248.000,**  
entrada e mensalidades de 19.450.

**Ponto Frio**

**Novo Iguazu: Av. Amaral Peixoto, 75-79**

CENTRO: Rua Uruguiana, 134 e 140. Rua da Assembléia, 28 e 30. — MADUREIRA: Rua Carolina Matoso, 412 a 420. — CAMPO GRANDE: Rua Coronel Aguiar, 101 e 103 A-B. — VICENTE DE CARVALHO: Estr. Vicente de Carvalho, 730 (Loja de Cerveja). — BARRAS: Rua Uruguiana, 100. — NITERÓI: Rua da Consolação, 79. — CAXIAS: Av. Nilo Peçanha, 340 a 350. — SÃO CRISTÓVÃO: Rua São Luiz Gonzaga, 3120. — S. A. DE MERITI: Rua da Mariz, 205. — NOVA IGUAÇU: Av. Gov. Américo Peixoto, 75 e 79. — BOMBA: Rua Prefeito Olimpio de Melo, 1845.

Assista sábado às 20h15h na TV Excelsior Canal 2

PONTO RIO Um show do Rio Zona Norte - Zona Sul

Fonte: *Correio da Semana*, 24 mai. 1964, ed. 441, p. 7.



Fonte: *Correio da Lavoura*, 31 mai. 1964, ed. 2463, p. 7.

Publicados em maio de 1964, os anúncios apresentados acima ocuparam a sétima página de ambos os jornais, entretanto alguns detalhes devem ser notados. No *Correio da Semana*, a propaganda do Ponto Frio preencheu a extensão de toda folha com eletrodomésticos e um texto que diz “REVOLUÇÃO! PRAZO COM DESCONTO! À VISTA: MAIS DESCONTO AINDA!”. A peça publicitária circulou em edições anteriores e seguintes a essa, mas em alguns casos apenas o termo revolução era anunciando junto ao nome da loja. No *Correio da Lavoura*, o anúncio destacou produto ofertado, valor, nome do estabelecimento comercial, mas sem o uso do mesmo texto. A sutileza com que essas informações foram postas ou omitidas nos jornais revela o quanto as direções de ambos os jornais se predispuseram a expor uma determinada posição sobre os fatos desencadeados depois de março de 1964.

Pautas sobre o comércio e a prestação de serviços preencheram as edições do *Correio da Lavoura* nos meses seguintes ao golpe. Mesmo sem um editorial marcado por grandes capas e marco fotográfico, o jornal dirigido por Luiz de Azeredo cedeu ainda mais espaço a instituições como a ACINI e figuras atreladas às forças militares na Baixada. Em 1967, o jornalista foi convidado pelo prefeito Ary Schiavo a compor seu governo como oficial de governo (*Correio da Lavoura*, 25-31 mar. 2017, ed. 5.079, p. 3).

Este personagem da política iguaçuana foi o candidato que se elegeu por duas vezes para o cargo de chefia do Executivo. Segundo Allofs Daniel Batista (2014, p. 110), na “ocasião do golpe de 1964 o então deputado Ary Schiavo já havia sido prefeito da cidade na década de 1950, oportunidade na qual governou a governara entre 31 de janeiro de 1955 e 30 de janeiro de 1959”.

O jornal dispôs de grande espaço para o candidato e então deputado estadual Ary Schiavo, bem como para seu vice, Antônio Joaquim Machado. Vencido o pleito eleitoral de 1966, o candidato contou com uma ampla bancada de seu partido, o MDB, na Câmara Municipal. Isto fez com que os ânimos entre o prefeito e o Legislativo fossem abalados nos cem primeiros dias da gestão de Schiavo. “Após ter passado por calamidades em decorrência de fortes chuvas, a cidade tinha muitos problemas e o prefeito encaminhou à câmara o pedido de aprovação do estado de calamidade pública e de abertura de crédito extraordinário” (Ibidem, p. 117). Sem o apoio da maioria dos vereadores, o prefeito seria afastado do cargo cinco meses depois. Segundo Allofs Batista:

O *Correio da Lavoura* se mostrará posicionado a favor do prefeito contra as ações da Câmara em oposição àquele, mesmo após a consumação da cassação e a absolvição do vice-prefeito, que passará a assumir a prefeitura. Seu primeiro texto nesta postura é o da capa da mesma edição citada acima, onde expressa seu desgosto contra o que classificou por fatos lamentáveis ocorridos na Câmara (Ibidem, p. 118).

Neste contexto, o *Correio da Lavoura* passou a noticiar diversas visitas do prefeito Ary Schiavo às obras e às principais ações da sua administração. Ficou evidente a inclinação do periódico a favor do então gestor, mesmo diante do seu afastamento e das denúncias. Até sua cassação em outubro de 1968, o semanário publicou:

uma série de textos, a maior parte na coluna principal da capa que é assinada pelo pseudônimo de Arauto, sempre visando a defesa do prefeito e atacar os vereadores pelo seu erro. A tônica é a reiterada acusação, por parte do articulista, de que os vereadores não tinham provas para cassar o prefeito, bem como da legitimidade daquele por ter ascendido pelo voto popular (Ibidem, p. 120).

Arauto era o pseudônimo do jornalista Luiz de Azeredo, então investido no cargo de oficial de gabinete de Ary Schiavo. Segundo Batista “[n]ão foram poucas as colunas, notas e manchetes denunciando, cobrindo ou apontando o estado em que se encontrava o caso da cassação do prefeito Ary Schiavo” (Ibidem, idem). Em 1968, inúmeras matérias, colunas e publicações sinalizam a negatividade gerada para o progresso da cidade, após a saída do prefeito.

O caso deste prefeito demonstra a imbricação de interesses de agentes políticos e de Luiz de Azeredo. O cargo atribuído ao jornalista lhe conferiu o respaldo para tomar partido, mesmo em um contexto ditatorial. A relação entre Luiz de Azeredo e o meio político se manteria nos anos seguintes, mais precisamente durante o governo do prefeito João Batista Lubanco<sup>77</sup> (1975-1977). Segundo Allofs Batista, ao suceder a Joaquim de Freitas em 1976, o chefe do Executivo tinha:

Experiência em quatro atividades distintas: Interventor Federal, Vice-Prefeito, Prefeito e Deputado Estadual, no entanto só foi eleito para exercer os cargos de Vice-Prefeito e Deputado Estadual, acendendo aos outros dois mandatos de maneira indireta. Primeiramente foi nomeado como interventor em São João do Meriti, onde atuou a primeira vez na política da Baixada Fluminense em cargo que podia ser alcançado por eleição e depois como prefeito de Nova Iguaçu, em decorrência do afastamento do prefeito eleito, como tornaremos a relatar com mais detalhes (Ibidem, p. 73).

---

<sup>77</sup> João Batista Lubanco nasceu em 10 de outubro 1932, no município de Itaperuna. Kursou Direito e tornou-se funcionário da Câmara de Deputados do Estado do Rio de Janeiro nos anos 1950.

Coligado à ARENA, Lubanco iniciou e encerrou sua vida política durante o regime militar. Era um político de perfil tecnocrata, ou seja, “voltado às questões administrativas como reformulação da estrutura governamental da Prefeitura de Nova Iguaçu e transformação no plano de cargos e salários durante sua gestão à frente do executivo municipal” (Ibidem, p. 74). Neste sentido, Luiz de Azeredo se fez presente mais uma vez no gabinete do prefeito junto ao colaborador Gilberto Alves dos Santos.

Mesmo sem maiores detalhes, cogita-se que o jornalista tenha exercido atividades burocráticas, pois o amigo e gestor

João Batista Barreto Lubanco pode ser percebido como peça importante no cumprimento de um projeto de modernização da administração municipal, papel que pode desempenhar em duas prefeituras da Baixada Fluminense durante a década de 1970 (Ibidem, p. 94).

Ambos atuariam na prefeitura até os anos 1990, momento em que Nova Iguaçu perdeu mais quatro distritos em um novo movimento emancipatório. Belford Roxo (1990), Queimados (1990), Japeri (1991) e Mesquita (1999) se desmembraram e geraram outras memórias e disputas das quais Luiz de Azeredo mais uma vez faria parte (SILVA, 2005).

À frente do *Correio da Lavoura*, o jornalista também manteve uma posição de austeridade e fez com que o semanário caminhasse na “imparcialidade”, mesmo estando a serviço do poder executivo municipal durante os anos de chumbo. Entretanto, em entrevista à revista *Equipe*,<sup>78</sup> na edição de fevereiro/março de 1979, Robinson Belém de Azeredo narrou a proximidade do *Correio da Lavoura* com forças políticas repressoras. Perguntado sobre ameaças diretas ao jornal da família, o entrevistado afirmou:

Muito pelo contrário. O Governo Ruy Queiroz se deu até muito bem com o *Correio da Lavoura*, se manteve muitas publicações. Talvez por esperteza, o Ruy Queiroz como interventor e querendo cair nas boas graças da sociedade local e não um filho de Nova Iguaçu, apesar de que nasceu em Nilópolis numa época em que Nilópolis ainda pertencia a Nova Iguaçu, evidentemente o Ruy Queiroz namorou o *Correio da Lavoura*. Ele trabalhou com muita gente que era muito ligada ao *Correio da Lavoura*. O falecido Ruy Matos que era nosso vizinho, amigo velhíssimo da nossa família, o Márcio Caulino participou da administração Ruy Queiroz. Então independente dele ser um

---

<sup>78</sup> Produzida por Adalberto Cantalice e Enock Cavalcanti, a revista *Equipe* circulou em municípios da Baixada Fluminense durante os anos 1970. Contendo a produção literária de autores da região, o periódico esboça um importante panorama da cultura e seus agentes durante o regime militar. Agradeço ao colega de pesquisa Jonatan Magella da Silva pela generosa partilha desta fonte, que muito contribuirá nesta e em futuras investigações. A documentação é parte do acervo reunido pelo poeta iguaçuano Moduan Matus, pseudônimo de Edgard Vieira Matos.



homem de fora, nós tivemos muitos amigos na Prefeitura (AZEREDO, Robinson Belém. “Ruy Queiroz chegou a Nova Iguaçu montado no cavalo da repressão”. In: *Equipe*, Nova Iguaçu, 25 fev. a 25 mar. 1979, ano II, n. 11, p. 3).

O depoimento confirma a proximidade da família Azeredo com figuras atreladas ao golpe de 1964. Em certa medida, isso configurou uma rede capaz de sustentar politicamente o jornal, mas não financeiramente. Diferentemente do *Jornal de Hoje*, a direção do *Correio da Lavoura* não fez uso do capital simbólico para ampliar sua capacidade circulação na Baixada Fluminense, entretanto averiguações revelam que o Serviço Nacional de Informação se manteve atento à produção de conteúdo do semanário, sobretudo nos anos 1980, período em que a região concentrou lideranças religiosas e político-partidárias consideradas subversivas pelo regime. Dados do SNI revelam que Robinson de Azeredo figurou nos levantamentos feitos sobre a circulação do *Correio da Lavoura*. A produção de jornalistas progressistas como Enock Cavalcanti, Arthur Cantalice<sup>79</sup> ou de lideranças religiosas, como Dom Adriano Hipólito, também estiveram no radar da censura.

Publicar suas reflexões e seus posicionamentos em periódicos da igreja e da grande mídia fez com que o bispo diocesano também assinasse artigos em jornais iguaçuanos, dentre os quais o semanário *Correio da Lavoura*. Inaugurada em fevereiro de 1982, a coluna “Nossa Diocese” reuniu textos, notícias, informações e assuntos sobre a Igreja Católica até 16 de janeiro de 1993, data em que seu autor deixou de ser colunista do semanário.

Cabe dizer que os dados sobre imprensa e ditadura militar revelam muitas nuances entre censura e liberdade. O golpe civil militar fez com que os jornais *Correio da Lavoura* e *Correio da Semana* se alinhassem, por motivações distintas, a sujeitos e instituições apoiadoras do regime. O *CL* se manteve ao lado da força política tradicional local, reconfigurada pelo bipartidarismo. Isto fez com que o semanário não perdesse o lugar de porta-voz dos representantes da base eleitoral constituída nas décadas anteriores.

Já o *CS* também estreitou relações com membros do jogo político iguaçuano, pois, ao lado das forças autoritárias, Dionísio Bassi afastou do jornal a possibilidade de fechamento, dada a sombra de seu passado comunista. Estando a serviço dos interesses da “pátria” e da população iguaçuana, ambos os periódicos contribuíram para a constituição de uma imagem em que mazelas socioeconômicas e políticas se sobrepuseram a aspectos positivos como a

---

<sup>79</sup> Ver: ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Serviço Nacional de Informações - BR DFANBSB V8. Rio de Janeiro, 1986, f. 1-6.

produção cultural, o associativismo e movimentos populares produzidos por quem residia na Baixada Fluminense.

O processo de modernização da imprensa interiorana não se deu do mesmo modo que na grande imprensa, em especial por conta da fragmentação política do município de Nova Iguaçu, do avanço de sua periferização urbana e do declínio do projeto ruralista que o sustentava. Enquanto folhas como o *Jornal do Brasil* e *O Globo* estabeleciam novos parâmetros de fazer notícia, publicações como as dirigidas por Luiz de Azeredo e Dionísio Bassi “lutavam” para que se mantivessem abertos face à periferização de uma cidade como Nova Iguaçu.

## Considerações finais

Este estudo teve como objetivo analisar o jornalismo de Nova Iguaçu e suas relações com distintas visões da cidade entre os anos 1946 e 1964. Ao tomar por objeto dois semanários locais da cidade – *Correio da Lavoura* e *Correio de Maxambomba*, nas décadas de 1950 e 1960 – e as trajetórias político-intelectuais de seus proprietários, a pesquisa discutiu os nexos entre jornalismo, política e grupos sociais tradicionais e emergentes do município.

A pesquisa mostrou que a relação entre jornalismo e cidade na Baixada seguiu caminhos distintos ao traçado na capital da República. Enquanto a imprensa da capital federal conhecia desde o final do século XIX a modernização do jornalismo – dada a instauração do regime republicano, a crescente urbanização e a aceleração das relações de trabalho impostas pelo fim da escravidão –, o distrito-sede iguaçuano e suas demais localidades estavam imersos em uma realidade ainda fortemente agrícola, voltada para a produção citricultora, em que o acesso às letras ainda era um desafio a ser enfrentado.

No Rio de Janeiro, uma nova percepção sobre o indivíduo moderno influiu na produção de notícias, de modo que sujeitos da imprensa carioca ganhassem a posição de “empreendedores culturais”. O conjunto de mudanças supracitadas no parágrafo anterior fez com que homens como Irineu Marinho tornassem seus jornais um negócio capitalista, em que a suposta imparcialidade da informação fosse um importante ativo.

No caso iguaçuano, o sentido de modernização esteve atrelado à mecanização do campo e à instrumentalização do lavrador para o desenvolvimento de uma região historicamente constituída pelo mercado da terra. Deste modo, o investimento em personagens e organizações que promovessem um discurso a favor da política ruralista fez com que o *Correio da Lavoura* estabelecesse uma narrativa hegemônica sobre esse processo, bem como sua atuação enquanto principal veículo de comunicação da cidade na primeira metade do século XX.

Ao investigar o papel do *Correio da Lavoura*, também analisei como a família Azeredo abriu um caminho sem precedentes para desconstrução de estereótipos sobre o ser negro em um território estigmatizado pela memória do cativo. As fotografias destes homens e mulheres revelam outros caminhos para os negros e negras no pós-abolição, pois a circulação de textos e semblantes de sucesso contrapuseram a lógica de que esses sujeitos não poderiam constituir famílias, se instruírem ou seguirem uma carreira profissional não braçal. Mesmo sem consolidarem um movimento político em defesa da negritude na cidade de Nova

Iguaçu, os Azeredo estrategicamente negociaram seu protagonismo pelo domínio da palavra e da imagem ao fundarem o jornal (ZUBARAN, 2016). Portanto, a inserção do clã na elite local foi tecida de maneira que a cor tivesse seu lugar assegurado e fosse positivamente aceita entre a branquitude.

Entretanto, essa trajetória ímpar não eximiu a família de lidar com os desafios das mudanças em curso na imprensa, o que implicou negociar o seu estilo de fazer jornal. Tradicionalmente ligado a personalidades literárias locais, o jornal dirigido pela família Azeredo se manteve atrelado ao modelo de imprensa francês décadas após sua fundação. Mais do que publicar notícias, tinha por objetivo promover indivíduos e grupos que soubessem “a história da cidade”, pois “valores e práticas” de um grupo historicamente constituído deveriam ser preservados por meio de obras literárias, institutos históricos e imprensa. Ser reconhecido pela produção de saberes deveria ser mais importante do que ser o periódico mais popular e vendido no campo jornalístico.

A região originalmente agrícola permaneceu liderada pelos mesmos setores tradicionais há pelo menos meio século, que tiveram no *Correio da Lavoura* o espaço necessário para reverberar o discurso que justificasse sua permanência, ainda que o projeto citricultor não mais sustentasse a cidade. Por sua vez, a família Azeredo permaneceu integrada a esse grupo, mesmo que o seu prestígio não fosse o suficiente para manter a receita do jornal em dia. Além disso, estar sob o guarda-chuva dos caciques da política iguaçuana fez com que o *Correio da Lavoura* não rompesse a tradicional forma de fazer jornal, o que eventualmente abriu espaço para Dionísio Bassi ocupar espaço e por lá fazer história.

A prática quase literária do *Correio da Lavoura* fez com que Dionísio Bassi ganhasse o público ignorado pelos Azeredo. Bassi fez com que seu jornal incorporasse a agilidade do modelo americano, de forma que o *Correio de Maxambomba* refletisse uma Nova Iguaçu em progresso, ou seja, pautada no desenvolvimentismo, nas demandas urbanas e nas reais necessidades de quem vivia nessa cidade em transe. Incorporar distintas práticas jornalísticas, como reportagens, entrevistas e fotojornalismo fez com que o semanário operasse uma verdadeira “revolução” na forma em que se consumia notícia no município. Distante de uma linguagem literária, o semanário seguiu na contramão estilística do *Correio da Lavoura*.

Sendo funcionário público, o carioca do estado da Guanabara fez de sua carreira no funcionalismo um trampolim para a vida pública. Vereador e jornalista, Dionísio Bassi enxergou nas mudanças em curso a oportunidade de se aproximar de velhas figuras da política partidária e empresarial, mas sem cerrar as portas para que novas redes fossem firmadas. Sua

influência constituiu-se pelos interesses de lideranças da indústria e do comércio de um município igualmente carente de políticas públicas para uma população em exponencial crescimento. Estes fatores fizeram com que o *Correio de Maxambomba*, depois *Correio da Semana*, tivesse um editorial popular capaz de transitar entre as demandas de seus anunciantes e os interesses dos que viviam nos bairros proletários.

O semanário dirigido por Dionísio Bassi também veiculou matérias sobre os distritos do município, graças à presença de correspondentes nestes locais, evidenciando um padrão de informação mais ágil e americano, ao passo que o *Correio da Lavoura* se manteve atrelado a um padrão francês de interpretar e reescrever a informação. Por meio de um texto mais ornamental e menos factual, seus diretores e colaboradores tinham o “hábito de comentar a informação que publicavam e misturavam fatos com opiniões pessoais” (FERREIRA JUNIOR, 2003, p. 3).

Assim, a pesquisa mostrou como o lugar ocupado pelo *CL* desde sua fundação, em março de 1917, estava simbolicamente ameaçado pelas mudanças impostas pelo modelo implementado por Dionísio Bassi e seu semanário *Correio de Maxambomba*, posteriormente *Correio da Semana*, nos anos 1950 e 1960, tensão que expressava disputas mais amplas sobre os rumos de Nova Iguaçu e da própria Baixada Fluminense. Em meio ao jogo político partidário, imposto pelo desmembramento das emancipações e pelo contínuo processo de retalhamento de terras pelos migrantes oriundos de outras regiões do país, situava-se a imprensa iguaçuana, que narrava as incertezas do que Nova Iguaçu se tornaria dali por diante. Para além de um conflito econômico ou político, instaurou-se uma disputa ideológica em torno desses fatos, sendo Dionísio Bassi e Luiz de Azeredo os portadores da palavra escrita que apresentavam diferentes visões de cidade.

Tanto os Azeredo como Dionísio Bassi procuravam reafirmar seus lugares sociais por meio da inserção em diversos espaços associativos locais. A família fundadora do *Correio da Lavoura* fez das fotografias, logradouros e associações de caráter esportivo e literário instrumentos para que sua imagem estivesse vinculada a importantes fatos da história local. A manutenção de colunas sociais no jornal fundado pelos Azeredo exemplifica como a “aristocracia iguaçuana” foi perpetuada, independentemente das mudanças em curso nos anos 1950 e 1960. Na contramão disto, Bassi rompeu com a lógica produzida em torno do culto à memória da laranja, de modo que sua vida pública fosse parte de uma “Nova” Iguaçu, ditada pelo apito da fábrica e pela velocidade com que os trabalhadores iam e vinham de trem.

A imprensa iguaçuana permite entrever a presença de uma elite ruralista forjada no Oitocentos, imersa em uma conjuntura em que o discurso das belas letras não mais correspondia à realidade imposta pelas mudanças macroeconômicas e sociais. A linguagem inacessível, rebuscada e distante da realidade foi uma escolha do jornal *Correio da Lavoura* para que o capital político e cultural fosse mantido nas mãos de Luiz de Azeredo e de seu clã.

Após o golpe de 1964, ambos os jornais tiveram que ajustar seus estilos e suas visões. O *Correio da Lavoura* manteve sua linha editorial centrada no campo político, em especial por conta da proximidade dos Azeredo com a administração municipal de então. Na figura de assessor de gabinete, Luiz de Azeredo fez com que o jornal defendesse as iniciativas promovidas pelos dirigentes locais. Assim, o *CL* não explorou visualmente em suas capas elementos que evidenciavam problemas mais profundos, impostos pela periferialização da cidade, o que permitia ao semanário noticiar os fatos sem causar “incômodos” ao regime.

O *Correio da Semana*, por sua vez, explorou graficamente a cronologia dos fatos da ditadura militar, pois estando a serviço dos interesses da “revolução”, o jornal promovia o seu fundador como um símbolo do combate a possíveis “elementos” infiltrados na sociedade iguaçuana. O uso da imprensa no combate à “subversão” também chama atenção pela constituição de memórias, no mínimo antagônicas, durante a ditadura militar, pois o mesmo jornal poderia saudar os “líderes da pátria” em sua capa e publicar a coluna de uma liderança considerada progressista, como Dom Adriano Hipólito, na terceira página. É possível supor que o envolvimento de Dionísio Bassi com as forças políticas e empresariais apoiadoras do regime permitiu que sua folha se tornasse diária nos anos 1970.

Na verdade, essa aparente contradição faz com que tenhamos cuidado ao tratar da imprensa depois do golpe de 1964, visto que a linha entre censura e apoio ocultou nuances que poderiam definir o fechamento ou continuidade de um impresso. Ter um veículo de comunicação circulando na Baixada Fluminense durante a ditadura militar, mesmo com limitações, era melhor do que não se ter qualquer registro sobre os acontecimentos em curso na região.

Ao final dessa história, é possível dizer que as duas visões de cidade não floresceram por completo. A comunidade imaginada bucólica, das tradicionais elites do mundo da laranja, não prosperou diante do avanço da industrialização. Contudo, a memória da Nova Iguaçu lírica permaneceu sendo evocada por esse grupo, reconfigurado em um território agora periférico. A manutenção do discurso em torno do ideário ruralista fez com que o *Correio da*

*Lavoura* seguisse o processo de acomodação das lideranças políticas e empresariais iguaçuanas nos anos 1970.

A moderna Nova Iguaçu dos empresários e trabalhadores, sonhada por Bassi, também não conheceu destino democrático. O “progresso” sustentado pelo padrão jornalístico de seu semanário foi substituído por um modelo de desenvolvimentismo pautado no autoritarismo militar, em que o sufocamento da vida associativa local e o padrão periférico de urbanização se tornou a regra. Mesmo assim, o trabalho historiográfico ajuda a localizar no passado desse território elementos potentes para pensar a cidade e a democracia de hoje.

## Referências bibliográficas

ABREU, Alzira Alves de (org.). *A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 50*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1996.

ABREU, Alzira Alves de; LATTMAN-WELTMAN, Fernando; ROCHA, Dora (orgs.). *Eles mudaram a imprensa: depoimentos ao CPDOC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003.

ALBUQUERQUE, Afonso de; SILVA, Marco Antônio Roxo da. “Preparados, leais e disciplinados: os jornalistas comunistas e a adaptação do modelo de jornalismo americano no Brasil”. In: *E-Compós*, Brasília, v. 9, 2007, p. 1-30. Disponível em: <https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/172>. Acesso em: 02 mar. 2021.

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *A educação pelo quarto poder: um olhar sobre a coluna do jornalista Luiz Martins de Azeredo (Nova Iguaçu - 1945-1948)*. 2013. 66f. Monografia (Licenciatura em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2013. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/228>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. *Um cenáculo de letrados: sociabilidade, imprensa e intelectuais a partir da Arcádia Iguassuana de Letras (AIL) (Nova Iguaçu, - 1955-1970)*. 2015. 203f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/bitstream/jspui/4354/2/2015%20-%20Maria%20Lúcia%20Bezerra%20da%20Silva%20Alexandre.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

ALEXANDRE, Maria Lúcia Bezerra da Silva. “Uma Baixada, muitos sentidos: as representações da região a partir da imprensa (Nova Iguaçu, 1957-1962)” In: ROCHA, André Santos da (org.). *Baixada Fluminense: estudos contemporâneos e (re)descobertas histórico-geográficas*. Duque de Caxias: ASAMIH, 2020.

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões do extermínio: uma história de violência na Baixada Fluminense*. Duque de Caxias: APPH Clio, 2003.

ANDREWS, George Reid. “Democracia racial brasileira 1900-1990: um contraponto americano”. In: *Estudos Avançados*, v. 11, n. 30, maio/ago. 1997, p. 95-115. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40141997000200008](https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141997000200008). Acesso em: 04 mar. 2021.

ARAÚJO, Marcos Paulo Mendes. “Iguassu e sua Guarda Nacional”. In: *Revista Pilares da História*, Duque de Caxias, 2010, p. 61-66.

ARQUIVO DE MEMÓRIA OPERÁRIA DO RIO DE JANEIRO. *Guia AMORJ – 20 anos*. Coordenação Geral: Elina Gonçalves da Fonte Pessanha; Regina Lúcia de Moraes Morel. Organizadores do guia: Maria Candida Rodrigues Gonçalves; Júlia Proença de Araújo. Rio de Janeiro: AMORJ/Petrobras, 2007. Disponível em: <http://www.amorj.ifcs.ufrj.br/arquivos/FUNDO%20PCB.pdf> Acesso em: 19 fev. 2019.



ASSIS, Renata Machado de. “A educação brasileira durante o período militar: a escolarização dos 7 aos 14 anos”. In: *Educação em Perspectiva*, v. 3, n. 2, jul./dez. 2012, p. 320-339. Disponível em: <https://periodicos.ufv.br/educacaoemperspectiva/article/view/6512>. Acesso em: 05 mar. 2021.

AZEREDO, Luiz Martins de. *Padre João Apóstolo do Bem em Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: Diocese de Nova Iguaçu, 1980.

AZEREDO, Luiz Martins de. “Silvino Hipólito de Azeredo”. In: QUARESMA FILHO, Rodolpho (org.). *Primeira antologia do escritor iguaçuano*. Nova Iguaçu: PROEPLA, s/d, pp. 55-64.

AZEREDO, Luiz Martins de. *Casal – Silvino Azeredo/Avelina – Matrimônio = 22 de junho*. Sem editora: sem local, sem data.

AZEVEDO, Thales de. *As elites de cor numa cidade brasileira: um estudo de ascensão social*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1955.

BAHIA, Juarez. *Jornal, História e Técnica*. São Paulo: Ática, 1990 (Vol. 1, História da Imprensa Brasileira).

BARBOSA, Marialva. “Imprensa e poder no Brasil pós-1930”. In: *Em Questão*, Porto Alegre, v. 12, n. 2, jun./dez. 2006, p. 215-234. Disponível em: [seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/23/8](http://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/download/23/8). Acesso em: 01 mar. 2021.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

BARROS, Alexandre. “Compagnie Générale Aéropostale (Brasil)”. In: *Portal Aviação Brasil*, 26 jun. 2008. Disponível em: [https://www.aviacaobrasil.com.br/Compagnie\\_Generale\\_Aerospotale\\_Brasil/](https://www.aviacaobrasil.com.br/Compagnie_Generale_Aerospotale_Brasil/). Acesso em: 20 out. 2018.

BARROS, Surya Aaronovich Pombo de; BEZERRA, Amália Cristina Dias da Rocha. “Não brancos(as) e periféricos(as): histórias da docência no Brasil” In: *Revista Brasileira de Educação*, v. 25, 2020, p. 1-26. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782020000100235&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-24782020000100235&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 03 mar. 2021.

BASSO, Eliane Corti. “A modernidade na imprensa brasileira”. In: *Revista Imes*, jan./jul. 2004, p. 51-54.

BATISTA, Allofs Daniel. *Onze prefeitos em onze anos: o campo político iguaçuano nas páginas do Correio da Lavoura (1964-1975)*. 2014. 168f. Dissertação (Mestrado em História Social). Escola de História, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/handle/unirio/12063?show=full>. Acesso em: 10 mar. 2021.

BATISTA, Allofs Daniel. “Onze prefeitos em onze anos: das vitórias do MDB à hegemonia arenista – 1964/1965.” In: SALES, Jean; FORTES, Alexandre (orgs.). *A Baixada Fluminense*

*e a ditadura militar: movimentos sociais, repressão e poder local*. Curitiba: Prismas, 2016, p. 129-167 (Vol. 1).

BATISTA, Alofs Daniel. “A Baixada Fluminense na ditadura militar”. In: NASCIMENTO, Álvaro Pereira; BEZERRA, Nielson Rosa (orgs). *De Iguassú à Baixada Fluminense: histórias de um território*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2019, p. 273-298.

BELOCH, Israel. *Capa preta e Lurdinha: Tenório Cavalcanti e o povo da Baixada*. Rio de Janeiro: Record, 1986.

BERNARDES, Júlia Adão. *Espaço e movimentos reivindicatórios – o caso de Nova Iguaçu*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1983.

BEZERRA, Luiz Anselmo. *As transformações nas redes de financiamento das grandes escolas de samba do Rio de Janeiro (1984-2005)*. 2018. 302f. Tese (Doutorado em História). Instituto de História, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2018. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/2041.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

CAMPOS, Pedro Henrique Pedreira. *A Ditadura dos Empreiteiros: as empresas nacionais de construção pesada, suas formas associativas e o Estado ditatorial brasileiro*. 2012. 584f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012. Disponível em: <https://www.historia.uff.br/stricto/td/1370.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CAPELATO, Maria Helena. “A imprensa como fonte e objeto de estudo para o historiador”. In: VILLAÇA, Mariana; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *História das Américas: fontes e abordagens historiográficas*. São Paulo: Humanitas/CAPES, 2015. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4889467/mod\\_resource/content/1/Historia%20das%20Americas.%20Fontes%20e%20Abordagens%20historiográficas.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4889467/mod_resource/content/1/Historia%20das%20Americas.%20Fontes%20e%20Abordagens%20historiográficas.pdf). Acesso em: 01 mar. 2021.

CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

CARVALHO, Maicon Sérgio Mota. *A greve da Bayer Belford Roxo: ascensão e crise de uma indústria multinacional na Baixada Fluminense (1958-1989)*. 2015. 122f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2015. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/4376>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CARVALHO, Maria Alice Rezende de. *Irineu Marinho: imprensa e cidade*. São Paulo: Globo Livros, 2012.

CHALABY, Jean. “O jornalismo como invenção anglo-americana: comparação entre o desenvolvimento do jornalismo francês e anglo-americano (1830-1920)”. In: *Media & Jornalismo*, n. 3, 2003, p. 29-50. Disponível em: <https://docplayer.com.br/17413831-O-jornalismo-como-invencao-anglo-americana-comparacao-entre-o-desenvolvimento-do-jornalismo-frances-e-anglo-americano-1830-1920.html>. Acesso em: 01 mar. 2021.

COMISSÃO NACIONAL DA VERDADE. “A CNV”. In: *Página oficial da Comissão Nacional da Verdade*, sem data. Disponível em: <http://cnv.memoriasreveladas.gov.br/institucional-acesso-informacao/a-cnv.html>. Acesso em: 28 nov. 2020.

COSTA, Carlos Eduardo Coutinho. *Faltam braços nos campos e sobram pernas na cidade: famílias, migrações e sociabilidades negras no pós-abolição do Rio de Janeiro (1888-1940)*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2020.

COSTA, Frederico Lustosa da. “Brasil: 200 anos de Estado; 200 anos de administração pública; 200 anos de reformas”. In: *Revista de Administração Pública*, Rio de Janeiro, v. 42, n. 5, set./out. 2008, p. 829-874. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rap/v42n5/a03v42n5>. Acesso em: 08 mar. 2021.

CRIVELLO, Natália Azevedo. “Fotografias na ‘Cidade Perfume’: reflexões sobre as transformações da cidade de Nova Iguaçu na década de 1930”. In: *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, ano 2, n. 3, ago./dez. 2012, p. 106-125. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/303>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CRUZ, Heloisa de Faria; PEIXOTO, Maria do Rosário da Cunha. “Na Oficina do Historiador: conversas sobre história e imprensa”. In: *Projeto História*, São Paulo, n. 35, dez. 2007, p. 253-270. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/2221>. Acesso em: 01 mar. 2021.

CUNHA, Mafalda Soares da. “Redes sociais e decisão política no recrutamento dos governantes das conquistas, 1580-1640”. In: FRAGOSO, João; GOUVÊA, Maria de Fátima (orgs.). *Na trama das redes: política e negócios no império português, séculos XVI-XVIII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010, p. 118-147.

D’ARAUJO, Maria Celina Soares (org.). “Apresentação”. In: D’ARAUJO, Maria Celina Soares (org.). *As instituições brasileiras da Era Vargas*. Rio de Janeiro: Editora UERJ; Editora FGV, 1999, p. 7-12.

D’ARAUJO, Maria Celina Soares. *O Estado Novo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DA VIOLA, Paulinho. *Amor à Natureza*, 1975.

DÁVILA, Jerry. *Diploma de brancura: política social e racial no Brasil – 1917-1947*. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. “Partidos políticos e frentes parlamentares: projetos, desafios e conflitos na democracia” In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). *O Brasil Republicano: o tempo da experiência democrática. Da democracia de 1945 ao golpe civil militar de 1964*. 6ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016, p. 5-432 (Vol. 3).

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. 2012. 338f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2012.

DIAS, Amália. *Entre laranjas e letras: processos de escolarização no distrito-sede de Nova Iguaçu (1916-1950)*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Quartet/Faperj, 2014.

DOMINGUES, Marcia de Fátima Villar Moreira Pinto. *A sombra comunista na cidade de Nova Iguaçu: Ismael Ramos e sua atuação política nos anos de 1950 e 60*. 2016. 70f. Monografia (Licenciatura em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2016. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/bitstream/1235813/4819/1/DOMINGUES%2C%20Marcia%20de%20Fátima%20Villar%20Moreira%20Pinto.%20A%20sombra%20comunista%20na%20cidade%20de%20Nova%20Iguaçu.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

DOMINGUES, Petrônio. “O recinto sagrado: educação e antirracismo no Brasil”. In: *Cadernos de Pesquisa*, v. 39, n. 138, set./dez. 2009, p. 963-994. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300014&script=sci\\_abstract&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742009000300014&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 04 mar. 2021.

*Encontro Regional da ANPUH*, Rio de Janeiro, 2010, p. 2-12. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277294268\\_ARQUIVO\\_ResumoetextoANPUH2010OServicodeAlimentacaodaPrevidenciaSocial\\_SalvoAutomaticamente\\_.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277294268_ARQUIVO_ResumoetextoANPUH2010OServicodeAlimentacaodaPrevidenciaSocial_SalvoAutomaticamente_.pdf). Acesso em: 03 mar. 2021.

ENNE, Ana Lúcia. *Lugar, meu amigo, é minha Baixada: memória, representações sociais e identidades*. 2002. 502f. Tese (Doutorado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em: [http://www.praticasmidiaticas.com.br/uploads/biblioteca/143/otamanhodomundo\\_valterfile.pdf](http://www.praticasmidiaticas.com.br/uploads/biblioteca/143/otamanhodomundo_valterfile.pdf). Acesso em: 30 jul. 2018.

EVANGELISTA, Ana Maria da Costa. “O Serviço de Alimentação da Previdência Social (SAPS): trabalhadores e políticas públicas de alimentação (1940-1967)”. In: *Anais do XIV Encontro Regional da ANPUH-Rio – Memória e Patrimônio*, Rio de Janeiro, jul. 2010, p. 2-12. Disponível em: [http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277294268\\_ARQUIVO\\_ResumoetextoANPUH2010OServicodeAlimentacaodaPrevidenciaSocial\\_SalvoAutomaticamente\\_.pdf](http://www.encontro2010.rj.anpuh.org/resources/anais/8/1277294268_ARQUIVO_ResumoetextoANPUH2010OServicodeAlimentacaodaPrevidenciaSocial_SalvoAutomaticamente_.pdf). Acesso em: 08 mar. 2021.

FERNANDES, Florestan; BASTIDE, Roger. *Branços e negros em São Paulo: ensaio sociológico sobre aspectos da formação, manifestações atuais e efeitos do preconceito de cor na sociedade paulistana*. 3ª edição. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.

FERNANDES, Rui Aniceto Nascimento. *Historiografia e identidade fluminense. A escrita da história e os usos do passado no estado do Rio de Janeiro entre as décadas de 1930 e 1950*. 2009. 272f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Centro de Ciências Sociais, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: [https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15474/15474\\_1.PDF](https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/15474/15474_1.PDF). Acesso em: 03 mar. 2021.

FERREIRA, Lusirene Celestino França. *Nas asas da imprensa: a repercussão da abolição da escravidão da província do Ceará nos periódicos do Rio de Janeiro (1884-1885)*. 2010. 132f. Dissertação (Mestrado em História). Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de São João Del-Rei, São João Del-Rei, 2010. Disponível em: <https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/pghis/Dissertacao%20Lusirene.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2021.

FERREIRA JUNIOR, José. *Capas de jornal: a primeira imagem e o espaço gráfico visual*. São Paulo: Senac, 2003.

FLEISCHER, David V. “Dimensões do Recrutamento Partidário”. In: FLEISCHER, David V. *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília: UNB, 1981, p. 45-63.

FORTE, José Matoso Maia. *Memória da Fundação de Iguassu. Comemorativa do primeiro centenário da fundação da Villa em 15 de janeiro de 1833*. Rio de Janeiro: Typografia Jornal do Comércio, 1933.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sobre o regime da economia patriarcal*. São Paulo: Círculo do Livro, 1980.

GOMES, Alexander de Souza. *Religião e política: construção da memória de Dom Adriano Hypólito*. Curitiba/Rio de Janeiro: Appris/Livraria Eireli, 2017.

GOMES, Angela de Castro. “Ideologia e trabalho no Estado Novo”. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 53-72.

GUARALDO, Laís. *A construção da linguagem gráfica na criação de ilustrações jornalísticas*. 2007. 132f. Tese (Doutorado em Comunicação e Semiótica). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/4988>. Acesso em: 08 mar. 2021.

HEINZ, Flávio M. (org.). *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HOCHMAN, Gilberto; FONSECA, Cristina M. O. “O que há de novo? Políticas de saúde pública e previdência, 1937-45”. In: PANDOLFI, Dulce (org.). *Repensando o Estado Novo*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999, p. 73-93.

HOCHMAN, Gilberto. “Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)”. In: *Educar*, Curitiba, n. 25, 2005, p. 127-141. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n25/n25a09.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

LIMA, Aline Mendes. “Ofereço minha foto como recordação”: representações negras em álbuns familiares (Pelotas 1930-1960). 2009. 129f. Dissertação (Mestrado em História). Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/2320/1/418215.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MARQUES, Alexandre dos Santos. “Baixada Fluminense: da conceituação às problemáticas sociais contemporâneas”. In: *Revista Pilares da História*, Duque de Caxias, vol. 4, n. 6, 2006, p. 7-16.

MARTELETO, Regina Maria. “Análise de redes sociais – aplicações nos estudos de transferência da informação”. In: *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, jan./abr. 2001, p. 71-81.

MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina de. *Imprensa e cidade*. São Paulo: UNESP, 2006.

MARTINS, Marcelo Thadeu Quintanilha. *A civilização do delegado: modernidade, polícia e sociedade em São Paulo nas primeiras décadas da República, 1889-1930*. 2012. 315f. Tese (Doutorado em História Social). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-21082012-093006/pt-br.php>. Acesso em: 01 mar. 2021.

MATTOS, Hebe Maria. “Memórias do cativo: narrativas e etnotexto”. In: *História Oral*, v. 8, n. 1, 2005, p. 43-60. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php?journal=rho&page=article&op=view&path%5B%5D=115>. Acesso em: 03 mar. 2021.

MATTOS, Hebe Maria. *Escravidão e cidadania no Brasil Monárquico*. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

MATTOS, Marcelo Badaró. “Imprensa comunista e formação de quadros no período de 1954-1964”. In: ROXO, Marco; SACRAMENTO, Igor (orgs.). *Intelectuais partidos: os comunistas e as mídias no Brasil*. Rio de Janeiro: E-Papers, 2012, p. 123-143.

MAUAD, Ana Maria. “Através da imagem: fotografia e história interfaces”. In: *Tempo*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, 1996, p. 73-98. Disponível em: [https://codecamp.com.br/artigos\\_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf](https://codecamp.com.br/artigos_cientificos/ATRAVESDAIMAGEMFOTOGRAFIA.pdf). Acesso em: 05 mar. 2021.

MAUAD, Ana Maria. “Fotografia pública e cultura do visual, em perspectiva histórica”. In: *Revista Brasileira de História da Mídia*, v. 2, n. 2, jul./dez. 2013, p. 11-20.

MELO, A. Borges de; MELO, Carlos. *Uma história de Lutas – ACINI 50 ANOS – Instituição a Serviço de Nova Iguaçu*. Nova Iguaçu: Semana Ilustrada Editorial LTDA, 1997.

MENDONÇA, Carolina Bittencourt. “*Família Compactor*”: A trajetória da Cia. de Canetas Compactor e a relação com os trabalhadores no processo de industrialização de Nova Iguaçu nos anos 1950, 1960 e 1970. 2017. 104f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2017.

MENDONÇA, Sonia Regina de. *O ruralismo brasileiro (1888-1931)*. São Paulo: HUCITEC, 1997.

MENEZES, Lená Medeiros de. “Imigração portuguesa: lembranças de terras distantes. Tijuca e São Cristóvão como estudo de caso”. In: *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, v. 6, 2012, p. 79-95. Disponível em: [http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06\\_a12.pdf](http://wpro.rio.rj.gov.br/revistaagcrj/wp-content/uploads/2016/11/e06_a12.pdf). Acesso em: 01 mar. 2021.

MORAES, Adriano dos Santos. *Federalismo, autonomia e intervenção: o caso da criação da prefeitura de Nova Iguaçu, embates políticos entre poderes municipal e estadual na Primeira República*. 2016. 98f. Dissertação (Mestrado em História Social). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016. Disponível em: <http://www.repositorio-bc.unirio.br:8080/xmlui/bitstream/handle/unirio/12895/MORAES%2c%20Adriano%20dos%20Santos.%20Dissertação%20de%20Mestrado.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 02 mar. 2021.

MOREIRA, Henrique. “A transição do jornalismo partidário para o jornalismo de informação e a formação dos impérios midiáticos no Brasil”. In: *Universitas: Arquitetura e Comunicação Social*, v. 11, n. 1, jan./jun. 2014, p. 49-57.

“Morre o jornalista Arthur Cantalice”. In: *Página oficial da Associação Brasileira de Imprensa*, 15 abr. 2008. Disponível em: <http://www.abi.org.br/morre-o-jornalista-arthur-cantalice/>. Acesso em: 18 dez. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. *Introdução à história dos partidos políticos brasileiros*. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. “Trajetórias de duas famílias negras no pós-abolição. (Nova Iguaçu, século XX)”. In: *Anais do VI Encontro Escravidão e Liberdade no Brasil Meridional*, Florianópolis, 2013, v. 1., p. 1-18. Disponível em: <http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/images/Textos.6/alvaropereira.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do. “Francisco Caetano Madeira: um empreendedor negro no pós abolição (Nova Iguaçu, séculos XIX e XX).” In: NASCIMENTO, Álvaro Pereira do; BEZERRA, Nielson Rosa (orgs.). *De Iguassu à Baixada Fluminense: histórias de um território*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2019, p. 207-226.

NASCIMENTO, Álvaro Pereira do; BEZERRA, Nielson Rosa (orgs.). *De Iguassu à Baixada Fluminense: histórias de um território*. 1ª edição. Curitiba: Appris, 2019.

NASCIMENTO, Rafael Cerqueira do. *Imagens da libertação: a atuação política da Igreja Católica de Nova Iguaçu por meio do jornal A Folha (1974-1981)*. 2007. 182f. Dissertação (Mestrado em História Social das Relações Políticas). Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007. Disponível em: <http://repositorio.ufes.br/handle/10/3443>. Acesso em: 10 mar. 2021.

NICÁCIO, Karina Fernandes. *Escolarização dos imigrantes italianos e seus descendentes em São João Del Rei – Minas Gerais (1888/1914)*. 2018. 172f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte,

2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-AZRLT3>. Acesso em: 05 mar. 2021.

NORD, David Paul. *Communities of journalism: a history of American newspaper and their readers*. Champaign (IL): University of Illinois Press, 2006.

NOVA IGUAÇU COUNTRY CLUB. “História”. In: *Página oficial do Nova Iguaçu Country Club*, sem data. Disponível em: <http://nicc.com.br/historia/>. Acesso em: 09 mar. 2021.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. “O Partido Social Democrático (PSD)”. In: FLEISCHER, David V. *Os partidos políticos no Brasil*. Brasília: UNB, 1981, p. 108-131.

OLIVEIRA, Lucia Lippi. *O Brasil dos imigrantes*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

OLIVEIRA, Luís Eduardo de. “Na Tribuna Popular: a atuação sindical do PCB e o início da luta pelo abono de Natal no Rio de Janeiro (1945-1946)”. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011, p. 13-37.

PESSOA, Valdirene Nunes de Santana. *Entre as pessoas mais gradas do município: a trajetória do Capitão Gaspar José Soares, um político negro no pós-abolição da Baixada Fluminense (1864-1955)*. 2018. 136f. Dissertação (Mestrado em História). Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

PINHEIRO, Marcos Cesar de Oliveira. *Dos comitês populares democráticos (1945-1947) aos movimentos de educação e cultura popular (1958-1964): uma história comparada*. 2014. 257f. Tese (Doutorado em História Comparada). Instituto de História, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: <http://cremeja.org/a7/wp-content/uploads/2019/09/marcos-cesar.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

PINTO, Ana Flávia Magalhães. *Fortes laços em linhas rotas: literatos negros, racismo e cidadania na segunda metade do século XIX*. 2014. 326f. Tese (Doutorado em História Social). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281270>. Acesso em: 01 mar. 2021.

*Polyanthéa Comemorativa ao Primeiro Centenário do Município no Governo De Arruda Negreiros*. Nova Iguaçu: Sem editora, 1933 (Acervo IPAHB).

PREFEITURA DA CIDADE DO RIO DE JANEIRO. *Um jornalismo sob o signo da política*. Rio de Janeiro: Secretaria Especial de Comunicação Social, 2005. Disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4204434/4101422/memoria14.pdf>. Acesso em: 02 mar. 2021.

PRESTES, Anita Leocadia. “Memória do PCB: duas táticas e uma mesma estratégia – do “manifesto de agosto de 1950” à “declaração de março de 1958””. In: *Página oficial do Partido Comunista Brasileiro*, 06 ago. 2013. Disponível em: <https://pcb.org.br/portal2/5195/a-relacao-entre-o-manifesto-de-agosto-e-a-declaracao-de-marco-na-visao-de-anita-prestes/>. Acesso em: 23 fev. 2019.



“Revista Iguaçu-News”. In: *Repositório Institucional do Centro de Documentação e Imagem*, sem data. Disponível em: <http://rima.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/2068>. Acesso em: 10 mar. 2021.

RIBEIRO, Adriana Maria. *Em nome da revolução: a trajetória social e política da Ala Vermelha (1967-1985)*. 2018. 238f. Tese (Doutorado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2018.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart. “Jornalismo, política e literatura: a modernização da imprensa carioca nos anos 1950”. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 1, n. 31, 2003, p. 147-160. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/2186>. Acesso em: 01 mar. 2021.

RIBEIRO, Felipe Augusto dos Santos. *Operários à tribuna: vereadores comunistas e trabalhadores têxteis de Magé (1951-1964)*. 2009. 263f. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Formação de Professores, Universidade Estadual do Rio de Janeiro, São Gonçalo, 2009.

RIBEIRO, Jayme Fernandes. “O Rio de Janeiro na *Imprensa Popular* (1947-1958)”. In: FERREIRA, Jorge (org.). *O Rio de Janeiro nos jornais: ideologias, culturas políticas e conflitos sociais (1946-1964)*. Rio de Janeiro: 7letras, 2011, p. 38-54.

ROCHA, André Santos. ““Nós não temos nada a ver com a Baixada!” – problemáticas de uma representação hegemônica na composição do território”. In: *Recôncavo: Revista de História da UNIABEU*, v. 3, n. 4, jan./jul. 2013, p. 1-22. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1063>. Acesso em: 02 mar. 2021.

RODRIGUES, Adrianno Oliveira. *De Maxambomba a Nova Iguaçu (1833 – 90’s): economia e território em processo*. 2006. 127f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <http://objdig.ufrj.br/42/teses/642909.pdf>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SALES, Jean; FORTES, Alexandre (eds.). *A Baixada Fluminense e a ditadura militar: movimentos sociais, repressão e poder local*. Curitiba: Appris, 2016.

SANTANA, Ivo de. “Vidas de entremeio: negros e ascensão social no serviço público – o caso de Salvador (BA)”. In: *ILHA*, v. 16, n. 2, ago./dez. 2014, p. 147-185. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/ilha/article/view/2175-8034.2014v16n2p147>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SANTOS, Henrique Buy dos. “Os comitês democráticos populares na Baixada Fluminense (1945-1947)”. In: GARCIA, Graciela; SALES, Jean; SILVA, Lúcia (orgs.). *Capítulos da História da Baixada Fluminense – ensino e pesquisa na Licenciatura de História do Campus de Nova Iguaçu*. Seropédica: Ed. da UFRRJ, 2013.

SARLO, Beatriz. *Modernidade periférica: Buenos Aires 1920 e 1930*. Tradução e posfácio de Júlio Pimentel Pinto; prólogo de Sérgio Miceli. São Paulo: Cosac Naify, 2010.

SENRA, Alvaro de Oliveira; ANDRADE, Flávio Anício. “A memória da greve da FNM/FIAT na Imprensa Operária da Baixada Fluminense”. In: *Revista Mundos do Trabalho*, v. 5, n. 10, jul./dez. 2013, p. 145-162. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1984-9222.2013v5n10p145>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SENRA, Alvaro de Oliveira; ANDRADE, Flávio Anício. “Uma narrativa alternativa sobre a Baixada Fluminense: a experiência do *Jornal da Baixada* (1979-1980)”. In: *Antíteses*, v. 10, n. 19, jan./jun. 2017, p. 262-284. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/1933/193351879013.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SERAFIM, Adriana da Silva. *A Missa da Unidade: um ritual entre faixas e crucifixos: hierarquia e política na Diocese de Nova Iguaçu (1982)*. 2013. 112f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2013. Disponível em: <https://tede.ufrjr.br/jspui/handle/jspui/3560>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, Claudio Araujo de Souza e. *A virtude dos sacrifícios versus a ciência das transações: Tenório Cavalcanti e o campo político do Rio de Janeiro*. 2012. 310f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_6f45e861869cc04ca35a88a155c249bb](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_6f45e861869cc04ca35a88a155c249bb). Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Fernando Teixeira; SANTANA, Marco Aurélio. “O equilibrista e a política: o Partido da Classe Operária na redemocratização”. In: FERREIRA, Jorge; AARÃO REIS, Daniel (orgs.). *As esquerdas no Brasil. Nacionalismo e reformismo radical (1945-1964)*. 1ª edição. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 101-140 (Vol. 2).

SILVA, Gabriel do Nascimento. *Um Atentado à paixão do povo: fé e política na evangelização da diocese de Nova Iguaçu nas décadas de 1960 e 1970*. 2014. 127f. Dissertação (Mestrado em História). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

SILVA, Haike Roselane Kleber da. “Considerações e confusões em torno de História Oral, história de vida e biografia”. In: *Métis: História & Cultura*, n. 1, v. 1, jan./jun. 2002, p. 25-38. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/metis/article/view/1037>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. “De Recôncavo da Guanabara à Baixada Fluminense: leitura de um território pela história”. In: *Recôncavo: Revista de História da Uniabeu*, v. 3, n. 5, jul./dez. 2013, p. 47-63. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/1280>. Acesso em: 02 mar. 2021.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. “Arruda Negreiros como Haussmann da Baixada? Citricultura e estrutura urbana no município de Nova Iguaçu (1930/36)”. In: *Recôncavo*:

*Revista de História da UNIABEU*, v. 7, n. 12, jan./jun. 2017, p. 214-232. Disponível em: <https://revista.uniabeu.edu.br/index.php/reconcavo/article/view/2918>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. “As emancipações políticas na década de 1940 e a construção de uma periferia: o caso de Duque de Caxias”. In: *Revista Mosaico*, v. 9, n. 2, Suplementos, jul./dez. 2018, p. 19-25. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1397>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SILVA, Lucia Helena Pereira da. “Hildebrando de Goes e sua leitura sobre História da Baixada Fluminense”. In: *Ágora*, v. 21, n. 1, 2019, p. 107-119. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/agora/article/view/12418>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SILVA, Maria Fatima de Souza. *Das Terras de Mutambó ao Município de Mesquita – RJ: memórias da emancipação nas vozes da cidade*. 2005. 148f. Dissertação (Mestrado em Memória Social e Documento). Centro de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2005.

SILVA, Percival Tavares da. *Origem e trajetória do Movimento Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB) – 1974/1992*. 1993. 340f. Dissertação (Mestrado em Educação). Instituto de Estudos Avançados em Educação, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1993. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/handle/10438/9018>. Acesso em: 10 mar. 2021.

SILVA, Rafael Souza. *Diagramação: o planejamento visual gráfico na comunicação impressa*. São Paulo: Summus, 1985.

SILVA, Rita de Cássia Costa da. *Laranjas doces também azedam: a trajetória de vida de Francisco Baroni (1884/1955)*. 2013. 64f. Monografia (Licenciatura em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2013. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/251>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Movimentos sociais autogestão em Nova Iguaçu*. 1993. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1993.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *A cidade estilhada: reestruturação econômica e emancipações municipais na baixada fluminense*. Mesquita: Entorno, 2007.

SIMÕES, Manoel Ricardo. *Ambiente e sociedade na Baixada Fluminense*. Mesquita: Entorno, 2011.

SIQUEIRA, Carla Vieira de. *Sexo, crime e sindicato: sensacionalismo e populismo nos jornais Última Hora, O Dia e Luta Democrática durante o segundo governo Vargas (1951-1954)*. 2002. 302f. Tese (Doutorado em História). Departamento de História, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002. Disponível em:

<https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=8552@1>. Acesso em: 01 mar. 2021.

SIQUEIRA, Giselle dos Santos. *Getulio Cabral: trajetória e morte de um militante comunista em Duque de Caxias, na Guanabara e em Salvador*. 2014. 98f. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014. Disponível em: [http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ\\_8b1a8feba3b08c012d17b82e09e5b094](http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/UERJ_8b1a8feba3b08c012d17b82e09e5b094). Acesso em: 10 mar. 2021.

SODRÉ, Nelson Werneck. *A História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SÓTENOS, Abner Francisco. *O surgimento do Movimento Amigos de Bairros (MAB) no Rio de Janeiro e a comunidade de informação no período de distensão política (1974-1985)*. 2013. Dissertação (Mestrado em História Social). Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SOUTO, Adriana Branco Correia. *As comissões federais de saneamento da Baixada Fluminense: (1910/1933)*. 2016. 135f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Territorial e Políticas Públicas). Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, 2016. Disponível em: <https://tede.ufrj.br/jspui/handle/jspui/1339>. Acesso em: 04 mar. 2021.

SOUZA, Marlucia Santos de. “Memórias da Emancipação e Intervenção no Município de Duque de Caxias nos anos 1940 e 1950”. In: *Revista Pílares da História*, ano II, n. 3, dez. 2003, p. 37-53. Disponível em: [https://www.cmdc.rj.gov.br/?page\\_id=1474](https://www.cmdc.rj.gov.br/?page_id=1474). Acesso em: 03 mar. 2021.

SOUZA, Ricardo Luiz de. *E os Pomos eram de Ouro: a importância da Citricultura de Nova Iguaçu para a economia fluminense e brasileira nas décadas de 1920 à 1940*. 2015. 53f. Monografia (Licenciatura em História). Instituto Multidisciplinar, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2015. Disponível em: <http://repositorio.im.ufrj.br:8080/jspui/handle/1235813/52>. Acesso em: 03 mar. 2021.

SOUZA, Sonali Maria de. *Da laranja ao lote: transformações sociais em Nova Iguaçu*. 1992. 181f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1992.

“A trajetória inovadora e influente de Alberto Dines”. In: *Revista Pesquisa FAPESP*, 30 maio 2018. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/a-trajetoria-abrangente-e-a-influencia-de-alberto-dines/>. Acesso em: 06 mar. 2021.

ZUBARAN, Maria Angélica. “Pedagogias da Imprensa Negra: entre fragmentos biográficos e fotogravuras”. In: *Educar em Revista*, Curitiba, n. 60, abr./jun. 2016, p. 215-229. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n60/1984-0411-er-60-00215.pdf>. Acesso em: 11 mar. 2021.

## Fontes

### Entrevistas

ALMEIDA, Walceyr Azevedo. Entrevista concedida a Jean Rodrigues Sales, Allofs Daniel Batista e Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre. Centro de Documentação e Imagem, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 05 out. 2015, p. 1-41.

AZEREDO, Luis Eduardo. Família Azeredo. Entrevista concedida a Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre. Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro – Instituto Multidisciplinar, Nova Iguaçu, 13 ago. 2018, 30m37s.

AZEREDO, Robinson Belém de. Família Azeredo. Entrevista concedida a Maria Lúcia Bezerra da Silva Alexandre e Vladir de Paula Silva. Sede do jornal Correio da Lavoura, Nova Iguaçu, 13 set. 2018, 1h04m34s.

### Efemérides Iguaçuanas

*Efeméride Iguaçuana*, 10 maio 1931, p. 34.

*Efeméride Iguaçuana*, 06 mar. 1932, p. 17.

*Efeméride Iguaçuana*, 14 set. 1949, p. 126.

### Periódicos de Nova Iguaçu

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 17 jun. 1920, ed. 170, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 22 mar. 1932, ed. 784, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 15 jan. 1933, ed. 826, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 05 out. 1939, ed. 1.176, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 17 set. 1944, ed. 1.455, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 23 set. 1945, ed. 1488, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 16 maio 1946, ed. 1522, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 02 fev. 1947, ed. 1.559, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 21 set. 1947, ed. 1592, p. 1-2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 12 out. 1947, ed. 1595, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 19 out. 1947, ed. 1596, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 02 nov. 1947, ed. 1598, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 09 nov. 1947, ed. 1599, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 21 nov. 1954, ed. 1966, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 13 mar. 1955, ed. 1982, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 20 mar. 1955, ed. 1983, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 17 jul. 1955, ed. 2000, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 24 mar. 1957, ed. 2088, p. 7-8.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 31 mar. 1957, ed. 2089, p. 11.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 05 maio 1957, ed. 2.094, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 10 maio 1959, ed. 2.199, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 05 abr. 1964, ed. 2455, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 19 abr. 1964, ed. 2457, p. 1.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 08-14 nov. 1997, ed. 4.155, p. 2.

*Correio da Lavoura*, Nova Iguaçu, 25-31 mar. 2017, ed. 5.079, p. 3.

*Correio de Maxambomba*, Nova Iguaçu, 03 mar. 1957, ed. 66, p. 3.

*Correio de Maxambomba*, Nova Iguaçu, 23 mar. 1957, ed. 69, p. 7.  
*Correio de Maxambomba*, Nova Iguaçu, 22 dez. 1957, ed. 109, p. 1 e 7.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 05 abr. 1964, ed. 434, p. 1, 3.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 12 abr. 1964, ed. 435, p. 3.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 19 abr. 1964, ed. 436, p. 1.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 05 abr. 1964, ed. 434, p. 1.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 26 abr. 1964, ed. 435, p. 2.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 23 maio 1964, ed. 441, p. 3.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 31 out. 1964, ed. 464, p. 1.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 14 nov. 1964, ed. 466, p. 1-2.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 07 set. 1968, ed. 666, p. 1.  
*Correio da Semana*, Nova Iguaçu, 22 mar. 1969, ed. 695, p. 1.  
*Correio Diário*, Nova Iguaçu, 14-15 nov. 1971, p. 1.  
*Jornal de Hoje*, Nova Iguaçu, 29 set.–02 out. 1973, ed. 140, p. 3.  
*Equipe* (revista), Nova Iguaçu. 25 fev.–25 mar. 1979, ano II, n. 11, p. 3.

### **Periódicos do Rio de Janeiro**

*Correio da Manhã*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1932, ed. 11442, p. 7.  
*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1934, ed. 022242, p. 10.  
*Diário de Notícias*, Rio de Janeiro, 01 abr. 1936, ed. 02848, p. 9.  
*Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 20 jun. 1945, ed. 026, p. 5.  
*Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 26 out. 1945, ed. 429, p. 8.  
*Tribuna Popular*, Rio de Janeiro, 11 nov. 1945, ed. 147, p. 5.  
*O Fluminense*, Rio de Janeiro, 16 mar. 1974, s. p.

### **Dicionário**

*Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2001. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/dhbb>. Acesso em: 01 mar. 2021.

### **Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IBGE)**

INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICO BRASILEIRO (IBGE). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959 (Vol. XXII)

### **Registros Cartoriais**

1º Ofício do Registro Civil de Pessoas Naturais do Município de Nova Iguaçu: Assento de óbito. Livro 1946, jul. 1948, registro n. 13945, f 73 v.  
 Registro Civil - 1921-1941: Livro de Matrimônios, ago. 1932 - dez. 1934, v. 1-3, 1B-9B, registro n. 30, fls. 66f e 66v.  
 5º Ofício de Registro Civil de Pessoas Naturais do Município do Rio de Janeiro 1829-2012: Assento de Nascimento. Livro 1918 (ago./out.), v. 106-108, registro n. 1697, f. 186.

### **Portal Family Search**

FAMILY SEARCH. Portal. Disponível em: <https://www.familysearch.org/pt/>. Acesso em: 05 mar. 2021.

### **Atas da Câmara Legislativa Municipal de Nova Iguaçu**

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 23 de março de 1948. Livro: 5, p. 21v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 23 de março de 1948, Livro: 5, p. 16-20v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 16 de março de 1955, Livro: 8, p. 94v e 95v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 21 de março de 1955, Livro: 7, p. 98f-99v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 29 de março de 1955, Livro: 7, p. 109v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 18 de outubro de 1947. Livro: 4, p. 2v e 3f.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 27 de outubro de 1947. Livro: 4, p. 3v e 4f.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 13 de novembro de 1947. Livro: 4, p. 30v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 26 de novembro de 1947. Livro: 4, p. 56v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 12 de março de 1948, Livro: 4, p. 144v.

CÂMARA MUNICIPAL DE NOVA IGUAÇU. Ata da Sessão Ordinária do dia 26 de abril de 1948, Livro: 5, p. 50f.

### **Arquivo Nacional**

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Serviço Nacional de Informações - BR\_DFANBSB\_V8: 1967-1999. Rio de Janeiro, 1977, f. 1-18.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Serviço Nacional de Informações - BR\_DFANBSB\_V8. Rio de Janeiro, 1986, f. 1-6.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). Coordenação de Gestão de Documentos. Relação de processos da Divisão de Segurança e Informações [do Ministério da Justiça]: 1955-1987. Rio de Janeiro, 1996.

### **Arquivo Público do Estado do Rio de Janeiro**

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Departamento Autônomo de Ordem Política e Social do Estado do Rio de Janeiro (DOPS RJ), DOPS/ RJ, PSV, NI, 1403, 04 de junho de 1946, f. 4-6.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Departamento Autônomo de Ordem Política e Social do Estado do Rio de Janeiro (DOPS RJ), BR RJAPERJ, XX DRJ.0.PSV.1403-3, f. 44 e f. 44v.

ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (APERJ). Departamento Autônomo de Ordem Política e Social do Estado do Rio de Janeiro (DOPS RJ), BR RJAPERJ, XX DRJ.0.PSV.1403-3, f. 46.